

UNIVERSIDADE DE LISBOA
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação



Construir saberes, reconstruindo as práticas...

Supervisionando as práticas pedagógicas dos estudantes da
formação inicial do Curso de Educadores de Infância

Volume II - ANEXOS

Ângela Maria Cremon de Lemos

Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação

Lisboa

2004

UNIVERSIDADE DE LISBOA
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação



Faculdade de Psicologia
e Ciências da Educação
Universidade de Lisboa
BIBLIOTECA

Construir saberes, reconstruindo as práticas...

Supervisionando as práticas pedagógicas dos estudantes da
formação inicial do Curso de Educadores de Infância

Volume II - ANEXOS

Ângela Maria Cremon de Lemos

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências da
Educação, Área de Formação de Adultos, sob a orientação do
Professor Doutor Rui Canário

Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação

Lisboa, Julho de 2004

Índice

Anexo 1 – Registo Semanal das Práticas Pedagógicas das Educadoras de Infância Cooperantes.....	1
Anexo 2 – Registo Semanal das Práticas Pedagógicas dos Estudantes.....	8
Anexo 3 – Quadros síntese dos episódios semanais.....	15
Anexo 4 – Grelha de apoio à análise interpretativa dos Registos Semanais das Práticas Pedagógicas.....	47
Anexo 5 – Codificação dos Registos Semanais das Práticas Pedagógicas ...	58
Anexo 6 – Frequências absolutas (base de dados)	61
Anexo 7 – Quadros de frequências absolutas dos grupos de pares.....	65
Anexo 8 – Quadros de percentagens das frequências totais dos grupos de pares.....	69
Anexo 9 – Guiões das entrevistas	73
Anexo 10 – Protocolos das entrevistas.....	102
Anexo 11 – Grelha de análise de conteúdo da informação recolhida.....	194
Anexo 12 – Síntese dos conteúdos dos dossiês de estágio dos estudantes	202

Anexo 1

(Registo Semanal das Práticas Pedagógicas das Educadoras de Infância Cooperantes)

Registo Semanal das Práticas Pedagógicas das

Educadoras de Infância Cooperantes

O registo de práticas pretende caracterizar semanalmente as práticas pedagógicas, desenvolvidas pelos estudantes e pelas educadoras de infância cooperantes, ao longo dos dois semestres.

O principal objectivo deste registo é ajudar os intervenientes a tipificar as situações mais frequentes estabelecidas durante os tempos de prática pedagógica, caracterizando os espaços, a gestão dos tempos e as interacções estabelecidas.

Em cada semana é solicitado que seleccione um episódio relevante que deverá ser descrito, mencionando os intervenientes, espaços, tempo...

Toda a informação descrita terá carácter estritamente confidencial e será exclusivamente objecto de análise na investigação que, com o vosso contributo, pretendo desenvolver.

Muito obrigada!

Ângela Lemos

____ª Semana de Prática Pedagógica Instituição _____
 ____/____ a ____/____ Educadora de Infância Cooperante _____

Caracterize a semana de prática pedagógica, recorrendo à escala que lhe é apresentada indicando a frequência com que ocorreram as seguintes situações. Utilize a escala da seguinte forma:

- 1 Situações que raramente ocorreram (ou seja, ocorreram 1 vez durante a semana)
- 2 Situações que ocorreram algumas vezes (ou seja, ocorreram 2 vezes durante a semana)
- 3 Situações que ocorreram muitas vezes (ou seja, ocorreram 3 vezes durante a semana)
- 4 Situações que ocorreram quase sempre (ou seja, ocorreram 4 vezes durante a semana)
- N. O. Situações que não ocorreram (ou seja, nunca ocorreram durante a semana)

1. As actividades desenvolvidas ao longo da semana decorreram

	1	2	3	4	N.O.
▪ Só com as crianças	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com as crianças e o/a estudante	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com as crianças e a equipa da sala	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com as crianças de outras salas	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com as crianças e adultos de outras salas	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Outras _____	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

2. Espaços onde se desenvolveu a prática pedagógica

	1	2	3	4	N.O.
▪ Sala de actividades	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Outro(s) espaços da instituição	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Exterior (recreio)	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Exterior (comunidade)	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Outros espaços _____	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

3. Reflexão (planeamento/avaliação) da prática pedagógica**Na Instituição**

	1	2	3	4	N.O.
▪ Individualmente	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com o/a estudante	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com a equipa da sala	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com outros elementos da instituição	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com a docente que acompanha a prática	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

Fora da Instituição

	1	2	3	4	N.O.
▪ Individualmente	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com o/a estudante	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Outros _____					

4. Espaços onde se desenvolveu a reflexão da prática pedagógica

	1	2	3	4	N.O.
▪ Sala/espço de reuniões	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Sala de actividades	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Outro(s) espaços da instituição	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Casa	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ E.S.E.	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Outros espaços _____					

5. Ao longo da prática pedagógica, para além das actividades planeadas e desenvolvidas durante a semana, decorreram situações em que interagiu com diferentes actores. Indique a frequência com que estabeleceu essas interacções.

	1	2	3	4	N.O.
▪ Com as crianças	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com a equipa da sala	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com o/a estudante	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com outros elementos da instituição	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com os pais	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Outros _____					

Anexo 2

(Registo Semanal das Práticas Pedagógicas dos Estudantes)

Registo Semanal das Práticas Pedagógicas
dos Estudantes

O registo de práticas pretende caracterizar semanalmente as práticas pedagógicas, desenvolvidas pelos estudantes e pelas educadoras de infância cooperantes, ao longo dos dois semestres.

O principal objectivo deste registo é ajudar os intervenientes a tipificar as situações mais frequentes estabelecidas durante os tempos de prática pedagógica, caracterizando os espaços, a gestão dos tempos e as interacções estabelecidas.

Em cada semana é solicitado que seleccione um episódio relevante que deverá ser descrito, mencionando os intervenientes, espaços, tempo...

Toda a informação descrita terá carácter estritamente confidencial e será exclusivamente objecto de análise na investigação que, com o vosso contributo, pretendo desenvolver.

Muito obrigada!

Ângela Lemos

____ª Semana de Prática Pedagógica

Instituição _____

____/____ a ____/____

Estudante _____

Caracterize a semana de prática pedagógica, recorrendo à escala que lhe é apresentada indicando a frequência com que ocorreram as seguintes situações. Utilize a escala da seguinte forma:

1 Situações que raramente ocorreram (ou seja, ocorreram 1 vez durante a semana)

2 Situações que ocorreram algumas vezes (ou seja, ocorreram 2 vezes durante a semana)

3 Situações que ocorreram muitas vezes (ou seja, ocorreram 3 vezes durante a semana)

4 Situações que ocorreram quase sempre (ou seja, ocorreram 4 vezes durante a semana)

N. O. Situações que não ocorreram (ou seja, nunca ocorreram durante a semana)

1. As actividades desenvolvidas ao longo da semana decorreram

	1	2	3	4	N.O.
▪ Só com as crianças	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com as crianças e a educadora de infância cooperante	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com as crianças e a equipa da sala	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com as crianças de outras salas	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com as crianças e adultos de outras salas	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Outras _____	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

2. Espaços onde se desenvolveu a prática pedagógica

	1	2	3	4	N.O.
▪ Sala de actividades	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Outro(s) espaços da instituição	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Exterior (recreio)	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Exterior (comunidade)	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Outros espaços _____	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

3. Reflexão (planeamento/avaliação) da prática pedagógica

<u>Na Instituição</u>	1	2	3	4	N.O.
▪ Individualmente	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com outros colegas (estudantes)	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com a educadora de infância cooperante	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com a equipa da sala	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com outros elementos da instituição	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com a docente que acompanha a prática	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

<u>Fora da Instituição</u>	1	2	3	4	N.O.
▪ Individualmente	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com a educadora cooperante	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com outros colegas (estudantes)	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

4. Espaços onde se desenvolveu a reflexão da prática pedagógica

	1	2	3	4	N.O.
▪ Sala/espço de reuniões	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Sala de actividades	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Outro(s) espaços da instituição	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Casa	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ E.S.E.	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Outros espaços _____	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

5. Ao longo da prática pedagógica, para além das actividades planeadas e desenvolvidas durante a semana, decorreram situações em que interagiu com diferentes actores. Indique a frequência com que estabeleceu essas interações.

	1	2	3	4	N.O.
▪ Com as crianças	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com a equipa da sala	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com a educadora de infância cooperante	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com outros elementos da instituição	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com outros colegas	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Com os pais	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
▪ Outros _____	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

Anexo 3
(Quadros síntese dos episódios semanais)

Educadora de Infância Cooperante – Alice

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
1ª semana	- Ed. Inf. Coop.; - Estudante.	- Sala de reuniões	- Reflexão diária	Durante a reflexão diária com a estudante, esta referiu um episódio ocorrido durante a manhã, sobre o qual gostaria de reflectir – uma criança caiu no exterior riscando os seus óculos, durante o almoço lembrou-se do sucedido e recomeçou a chorar, tendo a educadora resolvido a situação com uma intervenção cuidada. <i>A estudante mencionou que esta atitude lhe parecera muito importante porque a criança, inicialmente assustada, acalmou gradualmente e ficou mais tranquila. Referiu também como significativo o facto de a minha preocupação com o bem-estar da criança não ter diminuído apesar de ter passado algum tempo desde a queda...Mencionou ainda com sendo muito importante o "ter levado a sério" a angústia da criança.</i>	<i>A estudante demonstrou capacidade de análise ao procurar ver para além de uma acção aparentemente linear: uma criança chora, o adulto consola-a. Reflectiu... analisou a situação... foi capaz de identificar como intencional a estratégia usada, descortinando os motivos que lhes estavam subjacentes.</i>
2ª semana	- 7 crianças da sala; - Estudante.	- Refeitório	- Almoço	Dinamização, pela estudante, do tempo de espera após o almoço, recorrendo a um jogo com as crianças de uma mesa, aproximando-se outras posteriormente.	<i>A estudante verificou, após alguns dias de observação, que existia um tempo de espera para algumas crianças entre o final da refeição e o momento de ir para a sala. Então, identificado o problema, usou uma estratégia para minimizar o seu impacto: criou um jogo simples... e envolveu todas as crianças da mesa, mantendo-as unidas em torno de um objectivo comum e divertido, ao mesmo tempo que suavizou a transição entre dois momentos da rotina. Demonstrou capacidade de observação e de iniciativa, bem como de improviso...</i>

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
3ª semana	- Grupo de crianças da sala; - Ed. Inf. Coop..	- Sala de actividades	- Tempo de grande grupo	A educadora recorreu a uma estratégia para dinamizar o tempo de grande grupo enquanto distribui os chapéus para as crianças irem para o exterior – uma criança que frequenta o jardim de infância com uma baixa assiduidade ajuda a distribuir os chapéus acertando com êxito no nome de todas as crianças.	As minhas expectativas eram baixas quando iniciei o jogo, porque através de outras observações já realizadas, tudo apontava para que a criança não soubesse os nomes das outras crianças, ou pelo menos, da grande maioria.... Mas ele conseguiu, o que me levou a reflectir sobre a minha postura de observadora e sobre como os meus próprios filtros podem afectar o meu desempenho. <i>Esta observação... obrigou-me a reavaliar a minha postura como observadora e principalmente como educadora cujas crenças e expectativas podem influenciar positiva ou negativamente as crianças com quem trabalha.</i>
4ª semana	- Grupo de crianças da sala; - Estudante.	- Sala de actividades	- Tempo de recordar	A educadora estava a ajudar uma criança a terminar a prenda para o dia do pai enquanto a estudante dinamizava o grande grupo questionando sobre o que tinham feito no tempo de trabalho. Uma criança aproxima-se e mostra um desenho à estudante, esta interrompe o Recordar e pede à criança para mostrar o desenho encorajando-a a partilhar com todo o grupo, após este momento explica à criança o que se estava a passar no grande grupo antes da sua chegada e convida-a a participar, retomando o tempo recordar.	Ao deparar-se com uma interrupção inesperada a estudante... opta por dar atenção à criança que se tinha dirigido a ela, ouvindo-a, dialogando com ela, aceitando a partilha que ela lhe oferecia... incluiu-a no processo, mas de um modo activo, pois foi-lhe dada uma escolha... <i>A estudante conseguiu adequar a sua intervenção a uma situação imprevista: atendeu a uma solicitação inesperada e que não se enquadrava na actividade que se estava a desenrolar, sem no entanto, descurar nem o grupo, nem a própria actividade. À qual deu continuidade.</i>
5ª semana	- Ed. Inf. Coop.; - Grupo de crianças da sala.	- Sala de actividades	- Dinamização de uma actividade (sementeiras)	No dia da Primavera as crianças fizeram sementeiras de amores-perfeitos. A actividade foi planeada e programada em grande grupo, definindo algumas regras para o bom funcionamento da actividade. Durante o decorrer da actividade gera-se algum reboiço tendo uma criança sugerido ...Vamos fazer uma fila e espontaneamente o grupo organiza-se...	Esta observação revela... autonomia e capacidade de decisão por parte do grupo... foi um comportamento que demonstra uma grande maturidade social, na medida em que, mediante um problema, é criado um conjunto de regras justas e democráticas... que todos respeitam e seguem... Os adultos não foram solicitados a tomar nenhuma decisão, o que... demonstra uma certa autonomia afectiva, pois as crianças sentiram-se suficientemente seguras para tomar decisões sem procurar a orientação ou aprovação dos adultos da sala.

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
6ª semana	- 1 criança da sala; - Ed. Inf. Coop.	- Sala de actividades	- Tempo de planejar	No tempo de planejar uma criança que está muitas vezes ausentes fez o seu planeamento com sucesso, conseguindo identificar para que área queria ir brincar e com que materiais.	<i>A Sandra [uma criança] ... tem tido uma adaptação lenta, dificultada por uma certa irregularidade nos seus horários de chegada, o que faz com que perca frequentemente o Tempo de Planejar. Até então ... a sua atitude era meramente observadora, recusando-se a participar... Desta vez, não só elaborou um plano, como decidiu mostrar o jogo com que queria jogar. Foi uma forma ainda mais explícita de planejar e que demonstrou um grande avanço no sentido de uma verdadeira integração no grupo e nas actividades da sala.</i>
7ª semana	- 2 crianças; - Estudante.	- Sala de actividades	- Tempo de trabalho	Duas crianças planearam ir para a Área do Escritório, brincar com o computador. No início do tempo de trabalho inicia-se <i>uma disputa pelo teclado</i> . Nesta altura a estudante dirige-se a esta área no sentido de ajudar a resolver o conflito, conseguindo-o.	<i>... mais do que a forma como o conflito foi resolvido, realço o modo como foi abordado e a intencionalidade das acções físicas da estudante. Enquanto ia tentando perceber o que se passava, procurava apoiar as crianças na resolução do problema... foi tentando acalmar a criança que chorava, colocando-se ao seu nível, falando num tom de voz calmo e tranquilizados e confortando-a fisicamente através do toque. ... a estudante não tomou uma decisão precipitada, baseada apenas no facto de haver uma criança a chorar. Aproximou-se, fez com que ela se sentisse segura, mas procurou saber o que se tinha passado, sem tirar conclusões imediatas.</i>

Observações:

A educadora refere a importância das reflexões informais que decorrem durante o desenvolvimento das actividades *há também os momentos de reflexão informais, principalmente no que se refere à equipa da sala, porque há uma reflexão diária relativa às actividades, aos comportamentos das crianças, aos comportamentos dos adultos, ..., e apesar da reflexão realizada na reunião semanal ser muito mais estruturada, aquelas que se fazem diariamente em contexto mais informal são também muito importantes, principalmente no que concerne à avaliação de comportamentos e à reafirmação de estratégias.*

A educadora refere que entende por trabalho de equipa um trabalho alargado a funcionárias que não apenas as da sala *as conversas informais que mantemos diariamente com as colegas que "visitam" a sala, nomeadamente as funcionárias responsáveis pela limpeza, e que se interessam sempre pelo que as crianças estão a fazer e pelas actividades que propomos. Normalmente conversamos sobre o que estamos a fazer no momento e até sobre os nossos objectivos ao fazê-lo. Encaro isto como parte do trabalho em equipa.*

Existiam muitos momentos de *planeamento/reflexão informais realizados no período de descanso, que partilhamos com as estudantes. Durante esse tempo eram discutidos momentos da prática... que devido à dificuldade em encontrar tempo para os discutir formalmente, representava os únicos momentos de planejar e reflectir em conjunto.*

Educadora de Infância Cooperante - Sara

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
1ª semana	- 1 criança da sala; - Ed. Inf. Coop.; - Estudante.	- Sala de actividades	- Tempo de trabalho	Durante o tempo de trabalho uma criança brincava com um carrinho de bebe. Durante o "passeio" uma roda desencaixou-se. A criança segurou a roda e disse: "Olha! Saiu!". O estudante e a educadora cooperante dirigiram-se em seu auxílio. Fomos lançando soluções, estratégias, remetendo sempre a resolução do problema para a criança. Após a resolução do problema ambos os adultos regressaram às suas tarefas e a criança continuou o seu "passeio".	... todo o processo foi realizado e pensado pela criança. Os adultos eram uma espécie de "corpo presente" apoiando quando necessário.
2ª semana	- Grupo de crianças da sala; - Ed. Inf. Coop.; - Auxiliar; - Estudante.	- Sala de movimento	- Sessão de movimento	Durante a semana a educadora e o estudante planificaram uma sessão de movimento que iria decorrer no final da semana. As crianças foram sendo sensibilizadas mas... ... as coisas não correram como esperávamos. Foi complicado! Não conseguimos o envolvimento das crianças tal como esperávamos (expectativas elevadas). Tivemos que improvisar mil e uma estratégias, umas resultaram, outras nem tanto! Aquilo que para nós adultos parecia estar "controlado" e tinha tudo para correr bem perdeu o propósito a que se destinava: uma sessão de movimento "organizada"! Nem sempre as coisas correm como nós pensamos. A mim parece-me que quanto mais queremos "controlar", menos "controlamos" e acontece precisamente o contrário, acabamos por ser "controlados"! ... eu juntamente com o estagiário, estivemos a reflectir e surgiram algumas questões... Conseguimos algumas respostas... [esta situação] ... fez-me pensar qual é realmente o nosso papel enquanto apoiantes das crianças em acção? ...é sempre bom pensar e reflectir...
3ª semana	- Auxiliar; - 2 crianças da sala.	- Sala do piano	- Tempo de grande grupo	Enquanto estavam em grande grupo, gera-se o conflito entre duas crianças. Uma das crianças bate à outra e esta não reage. A auxiliar intervém dizendo Bate-lhe também! A criança aceita a sugestão. Quando a educadora entende que a situação se tornava inadequada interveio terminando o conflito.	... este pequeno episódio ... aconteceu na presença de todo o grupo e do estagiário e, em última análise, serviu para ele se aperceber de como NÃO RESOLVER CONFLITOS, ou seja, que modelo deu a auxiliar quando disse para ela lhe bater também?... Que coerência existe nas nossas atitudes com aquilo que defendemos? ... eu consigo estabelecer um diálogo aberto com a minha auxiliar. Naquele momento não a desautorizei ... mas posteriormente conversámos sobre a incoerência dos seus actos e palavras.... Não podemos esquecer nunca que somos o modelo e que situações como estas não podem acontecer. Temos que trabalhar nesse sentido...

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
4ª semana	- 2 crianças da sala.	- Sala de actividades	- Tempo de recordar	Durante o tempo de recordar uma criança quis mostrar o seu desenho a todo o grupo e descreveu-o contando uma história com base no desenho. Posteriormente outra criança que também tinha feito um desenho quis também contar a sua história.	<i>... esta situação remete-nos para a questão do apoio da linguagem e da literacia. É importante falarmos com as crianças acerca das suas experiências tirando assim prazer da linguagem... O adulto deve estar sempre disponível para ouvir e sentir o que a criança está a dizer, respeitando-a.</i>
5ª semana	- 3 crianças da sala; - Estudante.	- Sala de actividades	- Tempo de grande grupo	Durante o tempo de planejar o estudante conversou com as crianças sobre os livros que estão na biblioteca e que estão estragados.... À medida que as crianças vão falando, vão-se registando as suas ideias e sugestões... Durante o tempo de trabalho o estudante dedicou-se à área da biblioteca e juntamente com o grupo que ali se encontrava registaram o processo que iria seguir para renovarem aquele espaço. No tempo de grande grupo foi transmitido a todas as crianças o que tinham decidido.	A renovação do espaço da biblioteca surgiu no âmbito do projecto de investigação do Filipe que tem a ver com a renovação e reaproveitamento da área da biblioteca. Pretende-se dar uma nova dinâmica à mesma levando as crianças a reflectir, analisar e procurar soluções.
6ª semana	- 2 crianças da sala; - Ed. Inf. Coop..	- Área dos jogos	- Tempo de trabalho	A educadora foi solicitada a jogar com uma criança que inventou um jogo de cartas a que deu o nome do jogo <i>de puxa a orelha</i> e definiu ela mesma a forma de jogar, sem implementar qualquer tipo de regra, apenas referindo que quem ganhasse tinha que puxar a orelha dos restantes jogadores. A este par juntou-se uma outra criança que também jogou, após cada jogada a criança que inventou o jogo ganhava sempre e as suas parceiras reclamavam, ao que ela respondia <i>No meu jogo é assim! Eu ganho! Eu jogo assim!</i> Aproximando-se uma terceira criança questiona-a: <i>- Ganhaste o quê? - Ganhei o jogo do puxa a orelha! E agora vou ter que puxar a orelha a alguém.</i> E decidiu puxar a orelha da educadora.	<i>É interessante ver as crianças criarem as suas próprias regras/opções.... Foi extremamente divertido o jogo do puxa a orelha. Penso que existia uma "regra" já estabelecida desde o início pela criança – puxar a orelha à educadora!! (às vezes merecemos!! Neste caso penso que não!).</i>

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
7ª semana	- 3 crianças; - Ed. Inf. Coop..	- Área da garagem e construções	- Tempo de trabalho	<p>Perante um conflito na área da garagem e construções entre duas crianças que brincavam com as mesmas peças, e após as crianças se terem agredido mutuamente com murros, a educadora interveio no sentido de ajudar a resolver a situação.</p> <p><i>Conseguimos chegar a um acordo e o Simão não se importou de dar a peça que o Ricardo queria. No fim eu [a educadora] expliquei que existem outras maneiras de resolver os nossos problemas sem ser a bater – devemos saber conversar, bater magoa muito.</i></p>	<p>... senti necessidade de falar sobre a resolução de conflitos, uma vez que, de há uns tempos para cá, na sala, as crianças têm demonstrado alguma dificuldade em resolver os seus problemas sem ser através da agressão física....</p> <p><i>... tento sempre mostrar as consequências negativas dos seus actos, mas tem sido extremamente complicado para mim lidar com estes constantes actos de agressividade... por vezes sinto-me impotente, quase sem forças, triste, angustiada... e penso muitas vezes "Mas porquê? Porquê?". Como tal senti necessidade de me "agarrar" aos livros a fim de saber qual a opinião, nomeadamente dos outros profissionais que também lidam com estes problemas no dia a dia...</i></p>

Observações:

A educadora cooperante Sara recorre com muita frequência a citações que a ajudam a ilustrar e/ou compreender os episódios que relata.

Educadora de Infância Cooperante - Lúcia

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
1ª semana	- Grupo de crianças da sala; - Ed. Inf. Coop.; - Estudante; - Auxiliar.	- Sala de actividades	- Tempo de grande grupo	No dia da chegada da estudante a educadora promoveu um jogo de apresentações facilitando quer a sua integração, quer o seu conhecimento das crianças.	Uma actividade simples para estabelecer os primeiros laços ... <i>É importante o conhecimento de todos, é importante estarmos atentos aos outros. Pretendi sensibilizar a estagiária para a importância do grupo e sobretudo a cada criança por si, como elemento desse grupo. Por outro lado, as crianças começam a perceber que aquele elemento que entrou de novo está "dentro" do grupo.</i>
2ª semana	- Grupo de crianças da sala; - Estudante.	- Exterior (teatro)	- Passeio ao teatro (tarde)	Para estabelecer as regras durante o passeio e o adulto responsável por cada grupo de crianças, foi feito um jogo antes da partida. Assim, todas as crianças tinham um adulto responsável a quem se dirigir, no final do dia ganhava o grupo que tivesse cumprido sempre a regra. <i>A estagiária teve uma boa relação com as crianças e vice-versa. O "jogo" foi cumprido. Houve um bom desempenho em todo o passeio. No teatro a Marta trocou impressões com as crianças sobre o espectáculo...</i>	<i>As crianças foram distribuídas pelos adultos através de um jogo para não corrermos o risco de ninguém querer ir com a Marta, visto ser um elemento novo. Utilizei esta estratégia como facilitadora da integração da Marta e de aceitação por parte das crianças. ... como a Marta me disse que nunca tinha vivenciado este tipo de experiência [um passeio] achei ser a altura ideal para lhe lançar o desafio, para que ela pudesse sentir as implicações das saídas ao exterior com um grupo (cuidados, gestão do grupo, combinar regras, possíveis enjoo no transporte, idas ao WC, chamada de atenção para o que fomos ver, perceber como as crianças estavam a viver esta experiência).</i>
3ª semana	- Ed Inf. Coop; - Estudante; - Grupo de crianças da sala.	- Exterior (recreio)	- Tempo de trabalho	Durante uma actividade que se realizava no exterior e em que os materiais estavam todos ao alcance do adulto e das crianças, combinadas as diferentes etapas e quem participaria, a educadora solicitou à Marta que ficasse responsável por um dos grupos.	<i>Gerou-se alguma confusão na medida em que todos queriam fazer ao mesmo tempo e a Marta parecia um pouco aflita. Interferi... tudo se resolveu e a actividade continuou de forma divertida. O que falhou? Não terei posto demasiado expectativas na estagiária? Será que não lhe pedi mais do que aquilo que ela poderia dar? Ou pelo contrário, estes desafios fazem crescer e reflectir? Não deveria ter interferido e deixar a Marta resolver sozinha?...</i>

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
4ª semana	- Estudante; - Ed. Inf. Coop.; - Grupo de crianças da sala.	- Sala de actividades	- Tempo de grande grupo	No início da manhã a educadora solicita à estudante que dinamizasse o "jogo das cadeiras". Esta fê-lo mas gerou-se muita confusão e a educadora teve necessidade de intervir no sentido de acalmar o grupo, para tal a educadora recorreu ao jogo simbólica e imitando ser uma borboleta ...depois a borboleta adormeceu... não a podemos acordar... vamos arrumar a sala sem acordar a borboleta...	<i>Sinto algum desinteresse na Marta, depois de todo este tempo ainda deixa as coisas correrem sem agir. A nossa "magia de ser Educadoras" tem que despertar no estágio e crescer ao longo da vida. Tenho que reflectir como transmitir este meu sentir à Marta.</i>
5ª semana	A educadora não descreveu nenhum episódio neste registo semanal				<i>A vivência da Páscoa, a execução de trabalhos ... o fazer a "prendinha" tão esperada pelas famílias e a necessidade de dar uma atenção mais individualizada a cada criança, deixou-me menos disponibilidade para observar e registar situações.</i>
6ª semana	- Grupo de crianças da sala; - Ed. Inf. Coop.; - Estudante.	- Sala de actividades	- Tempo de trabalho	Exploração de uma actividade de modelagem de barro com as crianças. A estudante ofereceu um modelo de um gato, a educadora de um cesto e esta lançou um desafio ... quem é capaz de fazer coisas diferentes? ... e ... em conjunto com as crianças e a Marta foram-se encontrando soluções para as construções das crianças.	<i>Reflecti com a Marta o porquê de não ter feito 6 ou 7 gatos iguais. O importante é ajudar a passar a dificuldade procurando soluções, inventando, criando de forma a apoiar as produções individuais.</i>
7ª semana	- Grupo de crianças da sala; - Ed. Inf. Coop.; - Estudante; - Auxiliar.	- Exterior (recreio)	- Sessão de movimento	Realização de uma sessão de movimento no exterior dinamizada pela educadora.	<i>Pedi à Marta que reflectisse sobre esta sessão...</i>

Educadora de Infância Cooperante - Laura

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
1ª semana	- Grupo de crianças da sala; - Ed. Inf. Coop.	- Sala polivalente	- Tempo de trabalho	Realização de uma história com sombras chinesas, primeiro por parte da educadora e depois com as crianças que tinham decidido participar naquela actividade. <i>Os adultos ajudaram explicitando algumas ideias mais concretas. Enquanto se contava a história as crianças iam escolhendo as personagens que mais gostavam...</i>	<i>As crianças estavam entusiasmadas com a proposta das sombras por ser uma actividade nova para elas. A história, o diálogo, a partilha de ideias e opiniões e a escolha das personagens provocaram-lhes muito interesse... Este espaço foi muito importante para que as crianças se confrontassem com os seus receios, dificuldades e também com as suas capacidades de saber esperar pela sua vez, estar atento, partilhar com os outros, assim como concretizar um objectivo que era apresentar o teatro às outras crianças.</i>
2ª semana	- 3 crianças do grupo de ATL; - 3 crianças do grupo de jardim de infância.	- Área dos jogos calmos	- Tempo de trabalho (organização de um teatro)	Realização de um teatro pelas crianças recorrendo a uma cassette áudio, tendo estas que mimar a história. É descrito a forma como as crianças se organizaram para a realização desta actividade.	<i>... a actividade deveria ter sido pensada e organizada com maior intervenção dos adultos para que resultasse melhor... ... a actividade de representação não foi bem sucedida pela falta de conhecimento antecipado do adulto ... [o que] provocou alguma "discussão" entre o adulto e uma criança...</i>
3ª semana	- 4 crianças da sala; - Ed. Inf. Coop..	- Área dos jogos calmos	- Tempo de trabalho	Durante o tempo de trabalho as crianças vêm-se confrontadas com algumas dificuldades relativamente aos jogos escolhidos por elas. A educadora intervém no sentido de apoiar as crianças, estimulando-as a apoiarem-se mutuamente.	<i>O mais importante é que a criança possa ir entendendo ou tomando consciência que o mais difícil é lidar com o que desconhecemos passando a dominar quando conhecemos melhor...</i>
4ª semana	- 2 Ed. Inf.; - Auxiliares; - Estudante.	- Área da plástica	- Reunião de equipa	Realização de uma reunião em que é referido como aspecto importante a reflexão sobre as atitudes dos adultos, nomeadamente as atitudes para com as famílias. <i>... a equipa reflectiu sobre algumas das atitudes dos adultos e reflectiu sobre as suas possíveis consequências...</i>	<i>... foram discutidos outros assuntos, mas a questão central... serviu para debater mais uma vez: a necessidade de se ter atenção e bom senso nas intervenções com as famílias; distinguir os "temas" mais polémicos e sensíveis, que não devem ser objecto de comentários "levianos" ou menos cuidados e pensados; ter cuidado com as atitudes a ter com as famílias, no sentido de não prejudicar a continuidade do trabalho já realizado e da relação estabelecida.</i>

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
5ª semana	- 5 crianças da sala; - Ed. Inf. Coop.; - Estudante.	- Sala de actividades	- Reunião de grande grupo	Conversa em grande grupo sobre a Primavera, discutindo-se sobre o regresso de alguns pássaros (andorinhas) e sobre os seus ninhos. O diálogo estabeleceu-se entre as crianças, a estudante e a educadora cooperante.	A conversa em grande grupo é um momento privilegiado tanto na troca de saberes como no aprofundamento dos mesmos, já que as crianças têm oportunidade de transmitir umas às outras o conhecimento que têm sobre as coisas.
6ª semana	- 2 Ed. Inf. Coop.; - Auxiliares; - Técnica da divisão social da Câmara.	- Área da plástica	- Reunião de equipamento	Esta reunião serviu para explicitar à técnica da divisão social responsável pelo equipamento do pedido de melhoramento do espaço exterior. Serviu ainda para avaliar a actividade realizada no dia do pai. <i>Fizemos a avaliação da actividade do dia do pai onde foi referido por toda a equipa o êxito da mesma, incluindo a exposição de fotografias dos pais quando eram pequenos proposta pela estagiária do 3º ano. Foi também referido o sucesso da actividade desenvolvida pela estagiária do 4º ano (leitura e dramatização de uma história para as crianças e os pais) e valorizadas as suas capacidades de comunicação e expressão.</i>	<i>... a equipa valorizou a intervenção das estagiárias, a dinâmica dos pais, a relação, o convívio e o entusiasmo de todos.</i>
7ª semana	- E. Inf. Coop.; - Auxiliar; - 1 criança.	- Área da biblioteca	- Tempo de trabalho	Durante o tempo de trabalho uma criança desenhava com lápis de carvão e a educadora interpelou-a no sentido de esta estar a utilizar este tipo de material, tendo então uma auxiliar referido que já tinha recomendado que usasse lápis de cor, mas a educadora reforça a decisão e a opção da criança em utilizar o lápis de carvão.	<i>... a relação de cumplicidade estabelecida entre alguns adultos e as crianças minimizam os constrangimentos que alguns diálogos dos adultos possam provocar. As atitudes [dos adultos] são regularmente discutidas com toda a equipa para que possamos corrigir e melhorar a nossa intervenção pedagógica, no entanto, apesar de todas estarmos de acordo, reconhecemos os nossos erros e propomos alterações, torna-se difícil evitar que algumas situações aconteçam, no fundo o importante é podermos reflectir sobre as nossas próprias atitudes.</i>

Educadora de Infância Cooperante - Irene

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
1ª semana	- Ed. Inf. Coop.; - Estudante; - Empregada de serviços gerais.	- Área da casa	- Tempo de trabalho	Apresentação de todo o espaço da instituição e do pessoal que nela trabalha. Faz uma referência especial à empregada de serviços gerais que devido ao seu horário entra mais tarde e como tal não esteve presente no início do dia. Devido a problemas pessoais esta funcionária <i>queixa-se</i> frequentemente do trabalho que faz e a educadora valorizou o seu trabalho.	<i>Eu considero que esta apresentação foi muito especial. (...). Eu considero que valorizar o seu trabalho é uma forma de ajudá-la a sentir-se melhor. Chamar-lhe a senhora responsável por ter a "ARTE" bem cheirosa e a brilhar de tão limpinha foi a maneira que encontrei para a valorizar na sua função, que todos sabemos ser deveras importante...</i>
2ª semana	- Grupo de crianças da sala; - Ed. Inf. Coop.; - Auxiliar - Estudante	- Mini autocarro	- Percurso de ida e volta à Ludoteca	As crianças e toda a equipa deslocaram-se num mini-autocarro à ludoteca para assistirem a uma peça de teatro. <i>para algumas crianças era a primeira viagem naquele meio de transporte.</i> No dia anterior foram definidas regras para andar de autocarro, a educadora refere as estratégias que foram utilizadas durante todo o percurso com o intuito de se cumprirem essas mesmas regras – canções, jogos, adivinhas... A educadora refere a tomada de iniciativa da estudante durante a viagem.	<i>As estratégias utilizadas possibilitaram que o tempo do percurso e, conseqüentemente, o tempo de espera até chegar à ludoteca não fosse um "tempo morto", mas sim preenchido por uma dinâmica divertida onde todos foram participantes activos e onde as crianças desenvolveram capacidades a diferentes níveis...</i>
3ª semana	- Grupo de crianças de 3-4 anos da sala; - Ed. Inf. Coop.; - Auxiliar; - Estudante.	- Sala de actividades	- Despertar do repouso	Participação da estudante no despertar do tempo de repouso, rotina habitualmente realizada pela educadora e pela auxiliar. A estudante prontificou-se a participar e dinamizar este tempo, demonstrando interesse e autonomia.	<i>Para a criança despertar e receber uns maminhos é uma forma de reabastecer a dose de estabilidade afectiva para lidar com o resto da tarde até os familiares a virem buscar. A Dulce teve grande à vontade para improvisar diferentes maneiras de cativar o grupo e este foi um despertar bem agradável e tranquilo.</i>
4ª semana	- Duas crianças; - Ed. Inf. Coop.	- Sala de actividades	- Tempo de trabalho	Chegada a hora de as crianças comerem a meio da manhã, uma das crianças recusou-se a comer quando a educadora lhe propôs que o fizesse. Uma outra criança apercebeu-se do facto e prontificou-se a ajudar ao que a criança acedeu, comendo e por proposta da educadora as crianças foram comer para a área da casa.	<i>A criança revelou uma grande capacidade em se tentar pôr no lugar da outra. Por outro lado, verbalizou com facilidade a sua vontade em prestar auxílio ao amigo... Ela foi uma líder na situação ... definindo papéis, tomando decisões e crescendo enquanto indivíduo portador de um autoconceito positivo.</i>

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
5ª semana (2 episódios)	<ul style="list-style-type: none"> - Ed. Inf. Coop.; - Auxiliar; - Estudante; - Nove crianças; - Uma mãe. 	<ul style="list-style-type: none"> - Área da biblioteca - Área da arte 	<ul style="list-style-type: none"> - Planeamento - Início do tempo de trabalho 	<p>No tempo de planear surgiu a proposta das crianças fazerem pintura de diversas formas. Era necessário preparar as tintas. A auxiliar propôs que a actividade se realizasse no exterior e a estudante considerou muito boa ideia partilhando a sua opinião com a equipa.</p> <p>A preparação das tintas foi feita na área da arte com a educadora e a estudante, durante este período foram chegando algumas crianças à sala e a auxiliar foi dinamizando o grupo que não estava a preparar as tintas.</p> <p>Durante a preparação das tintas uma criança entornou um copo de tinta sujando o chão, uma mãe, a auxiliar e uma criança. A educadora tratou da limpeza do chão, a auxiliar apoiou a mãe e a criança e a estudante continuou a apoiar o grupo que estava a preparar as tintas.</p> <p>Após estas tarefas cumpridas a educadora retoma o trabalho com o grupo de crianças e a estudante e verifica que as tintas estão muito líquidas, tendo que as ajudar a terminar esta tarefa para poderem iniciar a pintura no exterior.</p> <p>A actividade de pintura/carimbos decorreu no telheiro e foi combinado com as crianças quais as regras para que a actividade decorresse da melhor forma. Inicialmente a educadora e a estudante ficaram responsáveis por um grupo cada, mas após se verificar a necessidade de apoio de um adulto na lavagem das mãos, a estudante ficou sozinha a gerir a actividade.</p>	<p><i>O facto da auxiliar ter colaborado comigo no lançamento desta proposta foi uma das muitas formas de dinamizar o nosso trabalho em equipa... ... foi ela [a auxiliar] quem desenvolveu um maior trabalho com a família (...) era ela quem trocava informações sobre a criança e esta comunicação é essencial para uma continuidade pedagógica entre o jardim de infância e o lar da criança. ... a estagiária foi um elemento empenhadamente colaborante na dinâmica da actividade...imprevistos e mudanças fazem parte do trabalho do educador. No decorrer da situação observei... a aparente vontade da Dulce em continuar a dinamizar a realização das tintas. ... em relação a este aspecto, na altura fiquei indecisa... Pensei "deixo a Dulce gerir as crianças ou peço-lhe ajuda para a limpeza do chão? É que ainda não combinámos a quantidade de água"... Deixei-as explorar... aprendizagem activa! Dulce e crianças descobriram que não era preciso tanta água. E eu descobri que habitualmente ajudo as crianças a contar a dextrina e o guache, mas pomos a água "a olho"....</i></p> <p><i>Na altura, por um lado, decidi só colocar uma mesa de trabalho, pois considerei que, tendo eu que deixar a Dulce a gerir a actividade, para ir mudando a água, ser-lhe-ia mais fácil gerir uma única mesa. Por outro lado, considerei essa uma boa estratégia para desenvolver nas crianças a capacidade de espera e de lidar com a consequente frustração de não poder carimbar logo. Ainda, por outro lado, achei mais importante proporcionar às crianças um momento onde imperassem as explorações sociais...</i></p> <p><i>... uma mesma actividade proporciona à criança o exercício de diferentes experiências-chave e as estratégias utilizadas pelo educador devem surgir sempre em função dos seus objectivos pedagógicos e não ser resultado de um fazer por fazer. Cabe, então, ao técnico ser um observador participante em todo o processo.</i></p>
	<ul style="list-style-type: none"> - Ed. Inf. Coop.; - Estudante; - Grupo de crianças da sala. 	<ul style="list-style-type: none"> - Exterior – telheiro anexo à sala 	<ul style="list-style-type: none"> - Tempo de trabalho 		

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
6ª semana	<ul style="list-style-type: none"> - Ed. Inf. Coop.; - Estudante; - Grupo de crianças da sala; - Auxiliar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Área da biblioteca e dos jogos 	<ul style="list-style-type: none"> - Grande grupo (tarde) 	<p>Uma criança da sala trouxe um livro para a sala e a estudante foi interpolada por uma criança no sentido de contar a história. A estudante acedeu ao pedido e a estratégia utilizada decorreu com sucesso. A estudante não terminou a história por esta ser demasiado longa, tendo negociado com as crianças terminarem no dia seguinte.</p>	<p><i>A Dulce tentou dispor o grupo em meia lua, com o objectivo de facilitar o visionamento das imagens a todas as crianças. Mas é hábito da sala sentarmonos em círculo e acho que as crianças não perceberam a mensagem...</i></p> <p><i>O ideal teria sido a Dulce ler para si a história, antes do tempo de grande grupo, mas foi apanhada de surpresa por uma criança. Apesar disso, o facto de ler as imagens e dar uma vista de olhos pelo texto foi uma boa ideia... A estagiária teve também o cuidado de ir virando cada página para todas as crianças, facultando assim a observação dos desenhos a todos os participante naquele momento de leitura. O facto de recorrer a diferentes tons de voz e a diversas expressões faciais e corporais ajudou a captar/focalizar a atenção das crianças. Também considero que combinar terminar a história no dia seguinte foi uma boa estratégia pois o grupo já estava a dispersar... Desta forma foram atendidas as necessidades do grupo...</i></p>
7ª semana	<ul style="list-style-type: none"> - Ed. Inf. Coop.; - Ed. Inf. Coop. de outra sala; - Ed. Inf. De outra sala; - 2 Estudantes; - Grupo de crianças com 5/6 anos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Sala dos finalistas; - Percurso pedestre entre a instituição e a escola do 1º ciclo do ensino básico da zona - Sal do 1º ano do 1º ciclo do ensino básico 	<ul style="list-style-type: none"> - Período da manhã 	<p>Os adultos reuniram-se com as crianças e explicaram-lhes que à visita só iriam as crianças do grupo dos finalistas, mas que nos anos seguintes todas teriam oportunidade de visitarem a escola. As três educadoras da instituição e as duas estagiárias acompanharam as crianças nesta visita. O percurso foi realizado a pé e já na escola as crianças contactaram com um grupo de crianças do 1º ano e com a sua sala. As crianças ofereceram uma prenda às crianças da escola. Posteriormente foi realizada uma visita às instalações da escola.</p>	<p><i>Tive muita pena desta não poder ser uma actividade inclusiva, onde todas as crianças pudessem ter visitado a escola. (...) Mas fomos condicionadas pela disponibilidade da escola... estas visita ajuda a desenvolver nos finalistas um pré sentimento positivo de segurança face ao futuro que as espera!</i></p> <p><i>... os finalistas puderam conhecer um contexto escolar, observar e analisar o espaço, ouvir a resposta para as suas questões e partilhar saberes e criações com os outros.</i></p>

Estudante - Marta

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
1ª semana	A estudante não entregou este registo semanal				
2ª semana	A estudante não entregou este registo semanal				
3ª semana	A estudante não entregou este registo semanal				
4ª semana	- Grupo de crianças da sala; - Ed. Inf. Coop.; - Ed. de apoio.	- Sala de actividades	- Tempo de trabalho	Durante o tempo de trabalho a educadora de apoio dá apoio a um grupo de quatro crianças experimentava uma nova técnica de pintura. Ainda que a técnica utilizada fosse ... <i>um pouco complicada</i> ... as crianças estavam a realizar os seus trabalho tendo a educadora de apoio adoptado uma atitude ... <i>de manipulação</i> ... incentivando as crianças a copiarem o modelo do livro que lhes era apresentado.	... a educadora de apoio é uma boa profissional, incentiva as crianças, apoia se necessário, desafia-as fazendo perguntas e actividades... mas a situação por mim observada não foi de muito apoio mas sim de manipulação, talvez sem querer... ... <i>como bons educadores temos que apoiar e não criticar ou dizer que está mal pois pode levar a criança a sentir-se frustrada com o trabalho que achava estar bem...</i> <i>Não sei se a educadora de apoio estava mais preocupada que o desenho da criança ficasse totalmente igual ao do livro, o que é difícil, do que propriamente com o trabalho da criança, a sua criação, a sua "obra".!</i>

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
5ª semana	- Grupo de crianças da sala; - Estudante; - Ed. Inf. Coop..	- Sala de actividades	- Tempo de grande círculo	Proposta de uma actividade sobre o dia do pai. A estudante descreve uma situação em que uma criança enfatiza muito o seu trabalho referindo o carinho que sente pelo pai, bem como o de outra criança que se recusa a fazer o trabalho ... <i>nunca falou e esteve sempre muito séria a ouvir os outros...</i>	A estudante não reflecte sobre a situação, apenas a descreve fazendo algumas inferências.
6ª semana	- Grupo de crianças da sala; - Estudante; - Ed. Inf. Coop..	- Sala de actividades	- Tempo de trabalho	Para a preparação da prenda da Páscoa eram necessários chocolates que a educadora comprou e que trouxe para a sala num saco de compras do LIDL. Uma das crianças reage e a estudante refere que se deve ao facto de os chocolates virem dentro daquele saco e tece alguns comentários sobre a situação mas não reflecte sobre a mesma.	As crianças transmitem tudo o que se passa em casa, mesmo sem terem consciência do seu significado. <i>Os pais ao transmitirem as suas atitudes de descontentamento aos filhos, influenciam-nos e estes começam a ter os mesmos hábitos e a agirem da mesma forma o que é muito mau nestas idades...</i>
7ª semana	- 1 criança da sala; - Ed. Inf. Coop.; - 1 pai.	- Sala de actividades	- Atendimento a um pai	Perante uma situação de conflito constante, então a educadora colocou-o de castigo. Nesse dia a educadora decide falar com a mãe da criança, <i>contando o sucedido e explicando que ultimamente o seu filho anda sempre a bater os colegas e explicou porque é que ele tinha ficado de castigo</i> . No dia seguinte, o pai da criança dirige-se à educadora no sentido de pedir explicações, a educadora sempre mantendo a sua posição fez entender que naquela instituição existem regras para serem cumpridas e uma das principais é não bater e quando não se cumprem, existem castigos... e o senhor sempre com ar arrogante ... <i>quem vai à guerra dá e leva...</i>	<i>... a educadora tentou fazer compreender os pais que no jardim de infância as crianças são todas tratadas da mesma maneira ...</i> <i>No caso destes pais, são pessoas que não se importam muito com os filhos e exigem muito da escola e dos professores achando que estes podem resolver todos os problemas e que é na escola que os filhos devem aprender tudo, sem darem o seu contributo para a educação dos seus próprios filhos. São pessoas que não têm consciência que são eles os primeiros e principais educadores desde a existência da criança no mundo.</i>

Estudante - Filipe

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
1ª semana	- 2 crianças da sala; - Estudante.	- Sala de actividades	- Tempo de trabalho	Durante o tempo de trabalho o estudante dirige-se para a área das construções e questiona uma criança sobre o que está a fazer e esta solicita o seu apoio para terminar a construção que estava a realizar – duas torres. Quando a criança deu as torres por terminadas questionou o estudante sobre qual seria a maior, este não lhe deu a resposta e incentivou a criança a registar de modo a ser ela mesma a descobrir. Entretanto uma outra criança solicita ao estudante que a ajude a fazer a mesma brincadeira, tendo este pedido que esperasse que a outra criança terminasse e que depois a ajudaria. A criança reagiu tendo afirmado que o estudante <i>ajudava todas às crianças menos ela.</i>	Uma das grandes dificuldades que tenho sentido no decorrer deste primeiro momento de estágio é a de “dosear” a minha presença junto das crianças. É como se todas me quisessem ao mesmo tempo, em todo o lado. <i>Sempre que me vejo envolvido numa situação em que várias crianças me solicitam para diferentes actividades, tento explicar-lhes que uma vez aceite uma proposta de actividade de determinada criança, ou grupo de crianças, não a devo deixar inacabada e que após a ter terminado posso, de imediato, iniciar uma outra. Outro factor que tenho tentado explicar-lhes nestas situações é o de se ter de respeitar a ordem sequencial das coisas e que todas têm a sua vez.</i> <i>Pela primeira vez regresssei a casa com um sentimento de culpa ... causado pelas palavras que, tão naturalmente, brotaram daquela criança.</i>
2ª semana	- 3 crianças da sala; - Estudante.	- Refeitório	- Almoço	Durante a hora do almoço e num período de espera o estudante presencia um conflito entre três crianças, num <i>autêntico jogo de empurra e pontapés.</i> <i>Estando eu muito próximo da mesa onde se encontravam as três crianças em conflito, dirigi-me a elas tentando fazer-lhes ver que aquelas não eram atitudes correctas... Desta conversa nada resultou e a situação repetiu-se, cada vez com mais empurrões e pontapés, até à chegada da ajudante de acção educativa que pôs fim ao conflito.</i>	<i>Uma das piores sensações, se não a pior, que uma pessoa pode ter é a de total perda de controlo. Foi o que me aconteceu nesta situação.... Enquanto tentava, em vão, quebrar o conflito, sentia que cada vez mais perdia o controlo de toda a situação, como se na minha cabeça figurasse uma listagem de resolução de problemas que se esgotava, esgotando-se também as palavras, sem que conseguisse obter qualquer resultado prático.</i>

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
3ª semana	- Grupo de crianças da sala; - Equipa da sala.	- Sala de actividades	- Tempo de círculo	Como já acontecera noutras situações, a educadora cooperante deste meu estágio, colocou-me na posição de mediador do grupo no tempo de círculo. Tudo parecia normal... <i>[entretanto]</i> a educadora pediu-me que me levantasse e abrisse a porta da sala onde se encontrava um lindo desenho da minha pessoa elaborado pelas crianças, com uma não menos bonita mensagem de parabéns. Era o dia do meu aniversário. <i>... fui presenteado com uma coroa que, tal como o desenho, havia sido construído pelas crianças.</i>	<i>Mais importante que nos sentirmos bem, aquando do trabalho com as crianças, é sentir que nos fazem sentir bem. Obrigado pelo esforço desenvolvido por toda a equipa da sala!</i>
4ª semana	- 1 criança da sala; - Estudante.	- Sala de actividades	- Tempo de arrumar	Durante o tempo de arrumar o estudante ajudava um grupo de crianças a arrumar e deparou-se com um novelo de lã que tinha sido utilizado mas que não estava enrolado. Quando o tentou enrolar uma criança <i>detinha-o sob o seu pé, tendo-lhe pedido que soltasse o fio, para que o pudesse continuar a enrolar, esta criança dirigiu-se a mim e, sem qualquer tipo de razão aparente, bofeteou-me. Afastei-me por instantes. Quando voltei para junto dela perguntei-lhe se tinha a noção do que tinha feito, tendo obtido como resposta apenas silêncio. Já em grande grupo expus toda a situação... tentei sempre que a criança participasse, tendo sido a própria a revelar o seu acto.</i>	<i>Nunca, em tão pouco tempo, me passaram tantas coisas pela cabeça. Tenha a sensação de que todo o meu corpo tremia. No entanto, o facto de não ter reagido na altura, ajudou-me a pensar no sucedido e, principalmente, a agir sem me precipitar. Ao ter conduzido a situação para o tempo de grande grupo, o que fez com que a criança assumisse o seu acto, fiquei com a sensação de não ter procedido da melhor forma, fiz apenas o que na altura me pareceu mais correcto.</i>
5ª semana	O estudante não descreveu nenhum episódio neste registo semanal				

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
6ª semana	O estudante não descreveu nenhum episódio neste registo semanal				
7ª semana	- Estudante; - Ajudante de acção educativa; - Grupo de crianças da sala.	- Sala de actividades	- Tempo de trabalho (tarde)	O tempo de trabalho no período da tarde, devido ao facto de a educadora cooperante estar a frequentar o complemento de formação, foi em grande parte assumido pelo estudante.	Na tentativa de saber até onde "me podem levar", algumas crianças excedem alguns dos seus comportamentos, parecendo quererem experimentar-me como se eu fosse uma corda, onde o objectivo é saber até onde ela estica. Contudo, mesmo verificando-se algumas alterações no comportamento das crianças, estas respeitam-me e aceitam a minha posição, Ainda que afirmando que não sou eu que mando, que não sou eu o "responsável".

Estudante - Inês

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
1ª semana	- Grupo de crianças da sala; - Ed. Inf. Coop.	- Sala de actividades	- Tempo de trabalho	Durante o tempo de trabalho uma das crianças da sala pede à educadora que coloque música e esta acede ao seu pedido, pelo que as crianças continuam a trabalhar ao som da música. Um grupo de crianças começa a dançar e a cantar e introduzem novas brincadeiras <i>senhor passageiro (jogo), passagem de modelos, colocam e tiram cadeiras...</i> Durante este tempo a educadora assume um papel de observadora não participante, mas vendo a actividade das crianças dirige-se para a aparelhagem e toma a iniciativa de propor às crianças um jogo com a música. As crianças aceitam a proposta e jogam com a educadora que depois de algum tempo as deixa novamente sozinhas a jogar. Chegada a hora de arrumar a educadora menciona que está na hora de terminar a brincadeira e as crianças começam a arrumar.	Parece-me muito importante o papel que a educadora assumiu. Ou seja, ao observar que as crianças (18 no total), com o passar do tempo estavam muito entusiasmadas e animadas, correndo pela sala e saltando umas por cima das outras, procurou agir estrategicamente: não eliminou a alegria e o entusiasmo vivido pelas crianças nem quebrou o ritmo da aprendizagem activa. Mas pelo contrário, agiu na tentativa de mediar/coordenar, introduzindo um pequeno momento em que o adulto apoia as crianças... interagindo também com estas. <i>Realço a preocupação que a educadora demonstrou em respeitar as vontades e interesses daquele grupo de crianças, não assumindo uma atitude directiva /manipuladora, mas intervindo educacionalmente, proporcionado um espaço de aprendizagens significativas através da descoberta...</i>
2ª semana	- Grupo de crianças da sala; - Equipa da sala; - Estudante.	- Sala de actividades	- Planeamento do trabalho pelas crianças	Ao início da manhã as crianças e a educadora reúnem-se em grande círculo com o intuito de planearem o tempo de trabalho que decorrerá durante a manhã <i>as crianças, sentadas em grande círculo, dizem o que pretendem fazer (a educadora procura que as mesmas justifiquem as suas escolhas) ...</i>	Após ter verificado que na rotina não se procede ao tempo de rever, aponte as dúvidas que ressaltaram para poder reflectir em conjunto com a educadora cooperante. Ao reflectir pude perceber que a preocupação da educadora também reside neste facto... <i>Ainda que ... a educadora procure que as crianças justifiquem as suas escolhas, desafiando-as, penso que esta estratégia acaba por perder parte da sua intencionalidade educativa...</i> <i>Espero ... conseguir cooperar com a educadora /equipa da sala para a descoberta de estratégias educativas a assumir, com o intuito de responder mais adequadamente às aprendizagens das crianças pela acção.</i>

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Epsódio	Comentário reflexivo
3ª semana	<ul style="list-style-type: none"> - Coordenadora pedagógica; - 2 Encarregadas de Educação; - Ed. Apoios Educativo; - Terapeuta da fala; - Ed. Inf. Coop.; - Estudante. 	- Gabinete de reuniões	- Reunião de avaliação do PEI (Programa Educativo Individual) de duas crianças	<p>Participação da estudante numa reunião cujo <i>objectivo se centrou na leitura, análise e avaliação, quer da evolução escolar e clínica de duas crianças, bem como do programa educativo a implementar...</i></p> <p>O programa educativo individual a desenvolver com as crianças obteve a <i>concordância dos encarregados de educação e conseqüentemente a homologação da coordenadora pedagógica desta instituição educativa</i></p>	<p>... foi um tempo de reflexão, de descobertas e de muito cansaço a nível psicológico, devido à intensidade e riqueza de conhecimentos...</p> <p>... um outro lado dos educadores cooperantes/instituições educativas, relativamente aos estagiários: o <i>envolvimento destes de forma activa na dinâmica e vida do estabelecimento educativo, proporcionando um clima em que se sintam membros activos desta nova realidade (comunidade educativa).</i></p> <p>A oportunidade de participar na reunião [com a equipa técnica] despertou em mim um olhar mais atento e mais consciente no que concerne à <i>responsabilidade do Educador, a qual não se deve restringir ao interior da instituição, mas dever-se-á alargar ao exterior (comunidade/família).</i></p> <p>Foi uma experiência marcante em que senti, não só ter sido tratada como uma futura profissional de Educação de Infância, mas também como um membro activo do estabelecimento educativo, encarando a grande responsabilidade e complexidade que é estar-se em Educação. <i>Espero colher frutos desta experiência que muito me enriqueceu, quer como pessoa, quer como futura profissional.</i></p>

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
4ª semana	- 1 criança; - Estudante.	- Sala de actividades	- Tempo de trabalho	Uma criança trouxe um livro de casa e durante o tempo de trabalho solicita à estudante que lhe leia a história ao que esta acede. As duas intervenientes vão para a área onde se encontram os livros e a estudante começa a ler a história. Durante o conto aproxima-se uma outra criança que depois de terminada a história vai buscar um outro livro e começou a "ler" a história...	Contar histórias, ler histórias, escrever poemas, escutar poesia, é uma das áreas que mais me apaixonam na vida. E, quando me apercebi que esta vertente poderá e deverá ser respeitada, bem como valorizada em Educação fiquei deveras satisfeita. <i>"Nós somos construtores de significados – todos e cada um de nós: crianças, pais e educadores. Tentar descobrir o significado, construir histórias e partilhá-las com os outros, oralmente e por escrito, é uma parte essencial do ser humano .." (Gordon Wells, 1986)¹. No decorrer da prática pedagógica procurei interiorizar esta filosofia e penso que ... consegui desenvolver/assumir tal atitude: proporcionar oportunidades em que a criança tenha espaço e tempo para o fazer; procurei escutar a criança; desafiei-la; colocar-me ao seu nível físico não impondo a minha presença mas fazendo dela um real apoio. ... sinto que muito ficou por fazer e aprender, ainda que as minhas vivências tenham contribuído para um melhor conhecimento pessoal...</i>

¹ HOHMANN, Mary; WEIKART, David P. (1997) *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp.523.

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
5ª semana	- Ed. Inf. Coop.; - 3 crianças.	- Sala de actividades	- Área dos jogos	Duas crianças encontram-se na área dos jogos e entram em conflito estragando uma peça de um puzzle, pelo que se dirigem à educadora na tentativa de identificarem quem estragou a peça, mas a educadora refere que isso não é o mais importante e sugere que tomem alguma atitude para arranjar a peça e as duas crianças decidem colar a peça com cola, mas como não havia cola na sala, a educadora incentiva-as a resolver o conflito cooperativamente, pedindo-lhes que fossem à sala ao lado, pelo que as duas crianças decidem ir juntas para resolver a situação.	Ser-se educador exige, por vezes, uma revolução do eu, uma descentralização de nós próprios para melhor compreendermos as perspectivas das crianças. <i>... a educadora escutou o que cada criança pretendia dizer, interpretando o seu comportamento em termos de desenvolvimento, aceitando-o como um comportamento exploratório, fazendo ressaltar a construção de saberes (aprendizagem activa). Realço a importância de, a cada momento, sermos autênticos nas nossas relações e acções, reflectindo sobre as mesmas, em busca de melhores intervenções educativas.</i>

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
6ª semana	- Ed. Inf. Coop.; - Estudante.	- Sala de reuniões	- Reunião de reflexão cooperada da prática pedagógica	<p>No período da tarde a educadora e a estudante reuniram-se para reflectirem sobre a prática. Por necessidade da estudante a reflexão centrou-se em si mesma <i>Foi um tempo de reflexão, auto-avaliação, auto-conhecimento, em que as ideias chave permaneceram pela importância e a necessidade de vencermos o medo, ultrapassarmos o nosso próprio obstáculo - insegurança - a qual requer um trabalho interior elaborado e contínuo.</i></p> <p><i>Reflectimos ainda as diferentes estratégias que a educadora cooperante tentou desenvolver face ao meu perfil sem assumir uma atitude passiva. Partilhámos experiências pessoais em que sentimos inseguranças, receios, dúvidas, conscientes de que estes não deverão constituir obstáculo à nossa intervenção educativa, encarando-os e assumindo-os como fontes de aprendizagem.</i></p>	<p>[a reflexão pessoal com a educadora cooperante] <i>foi para mim muito significativa, contribuindo para um auto-conhecimento mais profundo com o esclarecimento de algumas dúvidas internas.</i></p> <p><i>No momento em que os sentimentos, as emoções, os receios, as inseguranças deixaram de ser somente sentimentos isolados e passaram a ser verbalizados contribuíram sem dúvida, para uma (re)descoberta interior, bem como para a consciencialização que estes são processos naturais, sendo fundamental ultrapassá-los através de uma reflexão crítica e construtiva.</i></p> <p><i>... esta conversa não foi fácil para mim visto que me expus mas foi essencial...</i></p> <p><i>... a cooperação, a dedicação, o empenho de em cada dia procurar ser melhor, o pensar, o delinear, o encontrar estratégias que se adequassem, quer ao meu perfil de estudante em formação, quer à minha pessoa, que se adequassem às minhas características e necessidades individuais foram e são competências que me surpreenderam e que muito me engrandeceram enquanto pessoa e enquanto profissional de educação de infância.</i></p> <p><i>... a abertura, a disponibilidade, a transparência da educadora cooperante proporcionou-me uma gradual confiança e segurança pessoal, bem como permitiu uma proximidade em que o respeito e o diálogo foram uma constante. Creio que a forma como fui olhada, respeitada e acarinhada pelo que sou, foi uma fonte saudável onde encontrei algumas forças para combater, por vezes, a minha insegurança. Não me senti apenas mais um adulto com quem as crianças puderam interagir, mas sim, um adulto da sala, que no período da prática pedagógica fez parte da equipa, fui envolvida em toda a sua dinâmica e onde procurei colher a sabedoria das pessoas com mais experiência (colher, seleccionar, reflectir). Um tempo de (re)descoberta interior e um melhor auto-conhecimento.</i></p>

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
7ª semana	<ul style="list-style-type: none"> - Ed. Inf. Coop.; - Ed. Inf. Coop. de outra sala; - Ed. Inf. De outra sala; - 2 Estudantes; - Grupo de crianças com 5/6 anos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Visita à escola do 1º ciclo do ensino básico da zona 	<ul style="list-style-type: none"> - Período da manhã 	<p>Visita à escola do 1º ciclo do ensino básico que será frequentada pela maioria das crianças de 5/6 anos no próximo ano lectivo.</p>	<p><i>No âmbito de uma educação que promova uma igualdade de oportunidades, com respeito à singularidade das crianças, é importante e urgente... desenvolver parcerias entre os diferentes contextos educativos, nomeadamente uma articulação efectiva entre a educação pré-escolar e o 1º ciclo do ensino básico.</i></p> <p><i>... as parcerias são um processo complexo e contínuo que exigem de todos os intervenientes que lhe dão vida, flexibilidade e autenticidade. Creio que esta iniciativa levada a cabo pela ARTE é de louvar pois, o primeiro contacto é muito importante e estas crianças fizeram-no com as pessoas com quem, actualmente, têm uma grande referência: as educadoras. É possível que a transição destas crianças para o 1º ciclo seja menos penosa, visto que já conheceram a escola que as acolherá: falaram com as crianças e professores, observaram o espaço, escutaram as respostas às suas questões.</i></p>

Estudante - Maria

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
1ª semana	- 8 crianças da sala; - Ed. Inf. Coop.; - Estudante.	- Sala de actividades - área de refeições	- Hora da culinária	Por questionamento de uma criança de como se faz os pudins, surgiu a proposta da educadora cooperante para confeccionarem um pudim na "hora da culinária". A estudante descreve a actividade de confecção do pudim.	O papel do adulto revelou-se fundamental pois questionava e provocava as crianças quando estas faziam algumas observações. As crianças colocavam questões/dúvidas às quais o adulto tentava responder, mas sempre recorrendo às próprias crianças, não lhes dava as respostas só com base no seu saber. <i>... estabeleceu-se uma relação de interajuda entre as crianças...</i>
2ª semana	- 2 crianças da sala; - Ed. Inf. Coop.	- Sala de actividades	- Grande grupo	Durante o tempo de grande grupo a educadora dialoga com as crianças no sentido de estas explicitarem o que se tinha passado no dia anterior na hora da refeição e foi discutida a nova organização das crianças à mesa. Uma das crianças pediu para se sentar ao lado de uma outra, tendo esta explicado que não o poderia fazer pois sentava-se sempre ao seu lado impedindo outras crianças de o fazer.	<i>... a Vanessa ao ter aquele comportamento demonstrou algum receio em magoar a amiga... A Mónica, apesar da situação, ... acabou por perceber, embora ao princípio tivesse ficado aborrecida...</i>
3ª semana	- Grupo de crianças da sala; - Ed. Inf. Coop.; - Prof. ginástica.	- Pavilhão dos desportos	- Sessão de movimento	A sessão de movimento, habitualmente dinamizada pelas educadoras da instituição, foi dinamizada por um professor especializado. Durante a sessão o professor teve sempre em atenção a opinião das educadoras presentes. Uma das crianças recusou-se inicialmente a participar na sessão, tendo a educadora aceiteado esta decisão, a meio da sessão a criança pediu para participar tendo este pedido sido aceite pela educadora, pelo professor e pelas restantes crianças.	<i>A vontade do André foi respeitada... embora a educadora o tenha questionado acerca do porquê daquela decisão. A atitude da educadora, penso ter sido correcta, pois esta respeitou a vontade da criança, dando-lhe oportunidade de escolha e após a sua decisão apoiou-a.</i> <i>... é de salientar o apoio que as crianças dão umas às outras quando surgia algum tipo de dificuldade nos exercícios que eram propostos, uma vez que existem crianças de diferentes idades no grupo.</i>

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
4ª semana	- Grupo de crianças da sala; - Ed. Inf. Coop.; - Auxiliar.	- Sala de refeições	- Hora de almoço	Durante a hora da refeição uma das auxiliares apontava o nome das crianças que comiam mais rapidamente. Estas crianças no dia seguinte sentavam-se numa outra área do refeitório, denominada "mesa dos rápidos". A estudante observou uma das crianças quase a chorar e a pedir à auxiliar para a deixar sentar naquela mesa, pois tinha sido dos primeiros a acabar a refeição no dia anterior, mas tinha-se esquecido de dar o nome. Esta situação gerou uma "discussão" entre alguns dos adultos presentes. No entanto, a criança teve que se sentar nas outras mesas pois a mesa dos rápidos já estava cheia. Quando esta criança acabou de comer (a primeira a terminar) foi de imediato dar o seu nome à auxiliar.	<i>Apesar de ser uma estratégia a experimentar, não foi, na minha opinião muito bem sucedida, o que fez com que a educadora fosse deixando "cair no esquecimento" a prática de darem os nomes a uma auxiliar.</i>
5ª semana	- Pais; - Equipa da sala; - Grupo de crianças da sala.	- Sala de actividades	- Dinamização de uma actividade (dia do pai)	Realização de uma actividade no dia do pai com a presença destes.	... o sucesso deste momento foi conseguido através de um bom trabalho de equipa ... e pela boa relação que é mantida com os pais/famílias de modo a favorecer o bem estar das crianças na instituição. <i>... este acontecimento foi muito positivo para todos os intervenientes, pais/equipa/crianças, pois demonstrou e veio reforçar a relação afectiva existente entre a família e a própria instituição.</i>
6ª semana	A estudante não descreveu nenhum episódio neste registo semanal				

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
7ª semana	- Auxiliar; - 1 criança.	- Sala de actividades	- Tempo de trabalho	Durante o tempo de trabalho uma criança realizou um desenho <i>Fez apenas um sol, num canto da folha e escreveu o nome.</i> Quando pediu à auxiliar para o guardar esta questionou a criança acerca do desenho esta disse-lhe que depois o acabaria, mas a auxiliar entendeu que ela teria de o acabar naquele momento.	<i>... neste confronto de ideias apenas prevaleceu a ideia do adulto... a intervenção da auxiliar foi muito directa e o tom de voz não foi, na minha opinião, o mais adequado. É importante que a criança seja auxiliada quando surge alguma dificuldade, ou até mesmo estimulada quando esta perde o interesse pelo que está a fazer. Considero que a auxiliar deveria ter perguntado primeiro porque não queria acabar o desenho e não impor-se do modo que fez, talvez por pensar que estava a agir correctamente.</i>

Estudante - Dulce

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
1ª semana	<ul style="list-style-type: none"> - Grupo de crianças da sala; - Ed. Inf. Coop.; - Auxiliar - Estudante 	- Sala de actividades	- Tempo de grande círculo	<p>Utilização de estratégias diversificadas, por parte da educadora, na entrega de chapéus para as crianças irem para o exterior. Após esta observação a estudante toma a iniciativa para dinamizar este momento, sendo-lhe dada essa oportunidade pela educ. ... <i>tomei a iniciativa e perguntei à educadora se poderia ser eu a dinamizar este momento, obtendo uma resposta positiva...</i></p> <p>Após esta tomada de iniciativa a estudante apercebe-se que por estar há pouco tempo na instituição não sabia o nome de todas as crianças o que dificultou a sua acção. Toma então a iniciativa de pedir ajuda à auxiliar ... <i>estava a prolongar este tempo e as crianças estavam a perder o interesse. Decidi, então, pedir ajuda à auxiliar, que acabou por terminar a tarefa.</i></p>	<p><i>O querer participar e assumir uma atitude activa, permitiu-me a iniciativa...</i></p> <p><i>... fui autónoma e pedi auxílio à auxiliar ...</i></p> <p><i>Foi uma experiência válida e construtiva para mim, pois há detalhes que só na prática pedagógica tomamos consciência da sua existência e da sua importância</i></p>
2ª semana	<ul style="list-style-type: none"> - Grupo de crianças com 5/6 anos; - Ed. Inf. Coop. - Estudante - Ed. Inf. Coop. de outra sala 	- Sala dos finalistas (sala de actividades onde as duas educadoras desenvolvem o trabalho com o grupo de crianças com 5/6 anos)	- Tempo de grande grupo	<p>Participação e observação da dinâmica realizada nesta sala – execução de um projecto; momento de recordar individualmente entre cada criança e as educadoras o como e o porquê da realização do seu projecto.</p> <p>Gestão do grande grupo por parte da estudante <i>fui eu que fiquei sozinha a gerir o grande grupo. Foi um momento para mim bastante importante, pois tive que pensar rapidamente em estratégias para dinamizar o momento.</i></p>	<p>O facto de as educadoras responsáveis pela sala me terem dado a oportunidade de interagir com o grupo de crianças mais velhas, foi para mim um aspecto que revelou confiança destas em mim</p> <p><i>... a possibilidade de ter gerido o grande grupo foi para mim um momento desafiador, onde pus à prova a dinâmica, o improviso e a segurança. Contudo, o grupo de crianças também teve uma atitude muito favorável, pois quando eu não sabia (...) ensinavam-me e explicavam-me todos os passos.</i></p> <p><i>Tentei ser mais um elemento do grupo, onde aprendi muito. Este foi um momento muito importante no meu estágio. Senti a dimensão da coesão interna que é necessário assumir.</i></p>

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
3ª semana	- Ed. Inf. Coop.; - Estudante	- Sala de reuniões	- Reunião de equipa de sala	Comentário da estudante com a educ. coop. pelo facto de durante esta semana não terem reunido para discutir/reflectir sobre o seu desempenho no estágio e que sentia necessidade de o fazer. Facto esse que não aconteceu ... <i>este seria o último dia que iria estar com a educadora este semestre. Comentei com ela que seria muito importante reunirmo-nos ... pois não nos reunimos no dia anterior e os nossos registos para o dossier não estão em dia. A educadora concordou, contudo o dia passou e não nos reunimos.</i>	<i>A situação que aconteceu esta semana deixou-me um pouco triste. Teria sido muito importante que nos tivéssemos reunido para fazermos um "ponto da situação", gostava de ter ouvido críticas, para no futuro melhorar a minha prestação.</i>
4ª semana	- Grupo de crianças da sala; - Ed. Inf. Coop.	- Corredor da instituição	- Tempo dedicado a actividades de exterior (devido ao mau tempo decorreu no interior da instituição)	Devido ao mau tempo as crianças não puderam usufruir do exterior. Foi-lhes, então, proposto que fossem brincar para a sala de recursos, não tendo esta proposta funcionado, a educadora decidiu voltar para a sala. Como se tinham iniciado alguns conflitos, o percurso realizado pelas crianças não decorreu como a educadora tinha pedido. ... <i>Senti que houve um momento de descontrolo e insegurança por parte desta. Disse ao grupo para se sentar no chão e verbalizou a sua resignação para com o comportamento das crianças.</i>	<i>O profissional em educação deve tentar encontrar estratégias para satisfazer as necessidades do grupo de crianças. Senti que a insegurança da educadora se reflectiu nas atitudes das crianças. ... o tempo de exterior é um momento chave para o desenvolvimento das crianças (...) a educadora poderia utilizar, por exemplo, o corredor da instituição para organizar actividades dinâmicas.</i>

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
5ª semana	<ul style="list-style-type: none"> - Uma criança da sala; - Ed. Inf. Coop.; - Auxiliar; - Estudante. 	- Sala de actividades e exterior	- Tempo de transição - arrumar/recordar	<p>Durante uma actividade no exterior a estudante observou que uma criança estava sentada sozinha, na sala de actividades, a chorar compulsivamente. Após esta observação a estudante interviu retirando-a da cadeira, na tentativa de conversar com a criança para perceber o que se estava a passar. Surge, então, a educ. que a repreende referindo-lhe que a criança estava a pensar e que a estudante estava a desautorizar a auxiliar e que não deveria tomar estas atitudes. A estudante voltou a trazer a criança para dentro da sala de actividades, sentando-a na cadeira onde estava anteriormente.</p>	<p><i>Eu desconhecia o facto de que a criança estava "a pensar", ou seja, de castigo, por afirmação da auxiliar. (...) não se devem desautorizar os adultos perante as crianças, mas sim reflectir com os mesmos posteriormente. Ao querer ter uma atitude prestável, fui conduzida para uma situação desconfortável.... A atitude da educadora não foi devidamente ponderada, desautorizando-me também a mim..... Posteriormente reflecti com a educadora acerca desta situação.. penso que a educadora também deveria ter reflectido com a auxiliar sobre a sua atitude, o que não aconteceu.</i></p>
6ª semana	<ul style="list-style-type: none"> - Grupo de crianças 5/6 anos; - Ed. Inf. Coop.; - 2 Estudantes. 	- Sala dos finalistas	- Tempo de "fazer"	<p>Implementação de uma planificação realizada pela estudante relativamente a um dia de trabalho (proposta feita pela equipa de docentes da ESE). O trabalho do grupo de finalistas foi dinamizado pelas duas estudantes que desenvolveram a sua prática pedagógica nesta instituição. A proposta feita às crianças foi o jogo do bingo com letras, durante o jogo, quando a estudante estava a dinamizar, uma das letras rasgou-se e a outra colega, com a educadora cooperante, que se aperceberam da situação colocaram, de imediato, a letra não quebrando o ritmo do jogo e o interesse das crianças pelo mesmo.</p>	<p><i>A atitude da minha colega e da educadora foi de uma extrema sensibilidade e preocupação para que não fosse quebrado o ritmo do jogo. Este foi um exemplo do que é trabalhar em equipa... ... tentei dar o máximo apoio à minha colega, tentei que esta tivesse espaço e oportunidade de intervir com o grupo.... Sem dúvida que o trabalho de equipa é uma das bases para a funcionalidade da educação.</i></p>

	Intervenientes	Espaço	Tempo	Episódio	Comentário reflexivo
7ª semana	<ul style="list-style-type: none"> - Grupo de crianças da sala; - Equipa da sala; - Estudante; - Duas mães. 	- Sala de actividades	- Tempo de grande grupo (manhã e tarde)	<p>Visita de duas mães à sala no âmbito do projecto de investigação-acção que a estudante desenvolveu. Estas mães vieram falar das suas experiências, uma como mãe e na sua condição de grávida falou sobre os "bebes", a outra falou da sua profissão de enfermeira trazendo utensílios que as crianças exploraram.</p>	<p><i>... foram momentos de interacção, onde houve a partilha de informações e abordagem a assuntos diferentes.</i></p> <p><i>...foi importante para a minha formação ter tido oportunidade de observar a interacção das famílias na rotina da sala de jardim de infância.</i></p>

Anexo 4
(Grelha de apoio à análise interpretativa dos Registos Semanais
das Práticas Pedagógicas)

ESCALA :

- 1 Situações que raramente ocorreram (ou seja, ocorreram 1 vez durante a semana)
 2 Situações que ocorreram algumas vezes (ou seja, ocorreram 2 vezes durante a semana)
 3 Situações que ocorreram muitas vezes (ou seja, ocorreram 3 vezes durante a semana)
 4 Situações que ocorreram quase sempre (ou seja, ocorreram 4 vezes durante a semana)
 N. O. Situações que não ocorreram (ou seja, nunca ocorreram durante a semana)

1. **Actividades desenvolvidas ao longo da semana**▪ **Só com as crianças**

Escala	Estudante	Educadora de infância cooperante
3,4	- pouco apoio da educadora de infância cooperante - autonomia - boa relação com as crianças	- pouco (falta de) apoio ao estudante - margem de liberdade na intervenção do estudante - boa relação com as crianças
1,2	- (muito) apoio da educadora de infância cooperante - pouca autonomia - dificuldades na relação com as crianças	- (muito) apoio ao estudante - pouca autonomia dada/e ou conquistada pelo estudante - pouca margem de liberdade na intervenção do estudante com as crianças - dificuldades na relação com as crianças
N.O.	- autonomia - ausência de relação com as crianças	- apoio ao estudante - ausência de relação com as crianças - autonomia dada ao estudante.

▪ **Com as crianças e a educadora de infância cooperante/estudante**

Escala	Estudante	Educadora de infância cooperante
3,4	- (muito) apoio da educadora de infância cooperante - pouca autonomia - necessidade de um modelo (aprendizagem com e pela experiência) - boa relação com a educadora de infância cooperante	- (muito) apoio ao estudante - pouca margem de liberdade na intervenção do estudante - pouca autonomia dada/e ou conquistada pelo estudante - boa relação com o estudante
1,2	- pouco apoio da educadora de infância cooperante - autonomia - dificuldades na relação com a educadora de infância cooperante	- pouco apoio ao estudante - (maior) margem de liberdade na intervenção do estudante com as crianças - dificuldades na relação com o estudante
N.O.	- falta de apoio da educadora de infância cooperante - autonomia - margem de liberdade na sua intervenção - "má"/falta de relação com a educadora de infância cooperante	- falta de apoio ao estudante - margem de liberdade dada à intervenção do estudante - "má"/falta de relação com o estudante

▪ **Com as crianças e a equipa da sala**

Escala	Estudante	Educadora de infância cooperante
3,4	- integração no trabalho de equipa desenvolvido na sala - apoio da equipa - autonomia (facilitação na integração do trabalho de sala) - boa relação interpessoal	- trabalho de equipa desenvolvido na sala - falta de apoio ao estudante - autonomia dada ao estudante para intervir - boa relação interpessoal
1,2	- pouca integração no trabalho de equipa desenvolvido na sala - pouco apoio da equipa e/ou da educadora de infância cooperante - "pouca" autonomia - "dificuldades" nas relações interpessoais	- pouca integração no trabalho de equipa desenvolvido na sala - pouco apoio da equipa e/ou da educadora de infância cooperante - "dificuldades" nas relações interpessoais
N.O.	- não integração no trabalho de equipa desenvolvido na sala - falta de autonomia - "dificuldades" nas relações interpessoais	- não integração no trabalho de equipa desenvolvido na sala - "dificuldades" nas relações interpessoais

▪ **Com as crianças de outras salas**

Escala	Estudante	Educadora de Infância cooperante
3,4	- integração na dinâmica da instituição (apoio ao trabalho desenvolvido) - boa relação com as crianças de outras salas - autonomia (margem de liberdade, dada/conquistada na sua intervenção)	- integração na dinâmica da instituição (apoio ao trabalho desenvolvido) - boa relação com as crianças de outras salas
1,2	- pouca integração na dinâmica da instituição (dificuldades no apoio ao trabalho desenvolvido) - dificuldades na relação com as crianças de outras salas - pouca autonomia	- pouca integração na dinâmica da instituição (dificuldades no apoio ao trabalho desenvolvido) - dificuldades na relação com as crianças de outras salas
N.O.	- não integração na dinâmica da instituição (dificuldades no apoio ao trabalho desenvolvido) - dificuldades na relação com as crianças de outras salas - falta de autonomia - inexistência de trabalho intersalas	- não integração na dinâmica da instituição (dificuldades no apoio ao trabalho desenvolvido) - dificuldades na relação com as crianças de outras salas - inexistência de trabalho intersalas

▪ **Com as crianças e adultos de outras salas**

Escala	Estudante	Educadora de Infância cooperante
3,4	- integração na dinâmica da instituição (apoio ao trabalho desenvolvido) - boa relação institucional - autonomia (margem de liberdade, dada/conquistada na sua intervenção)	- integração na dinâmica da instituição (apoio ao trabalho desenvolvido) - boa relação institucional
1,2	- pouca integração na dinâmica da instituição (dificuldades no apoio ao trabalho desenvolvido) - dificuldades na relação institucional - pouca autonomia	- pouca integração na dinâmica da instituição (dificuldades no apoio ao trabalho desenvolvido) - dificuldades na relação institucional
N.O.	- não integração na dinâmica da instituição (dificuldades no apoio ao trabalho desenvolvido) - dificuldades na relação institucional - falta de autonomia - inexistência de trabalho intersalas/ institucional	- não integração na dinâmica da instituição (dificuldades no apoio ao trabalho desenvolvido) - dificuldades na relação institucional - inexistência de trabalho intersalas/ institucional

▪ **Outras**

2. Espaços onde se desenvolveu a prática pedagógica

▪ **Sala de actividades**

Escala	Estudante	Educadora de Infância cooperante
3,4	- integração na dinâmica da sala	- integração na dinâmica da sala
1,2	- dificuldades na integração na dinâmica da sala	- dificuldades na integração na dinâmica da sala
N.O.	- não integração na dinâmica da sala	- não integração na dinâmica da sala

▪ **Outro(s) espaços da instituição**

Escala	Estudante	Educadora de infância cooperante
3,4	- integração nos espaços da instituição - autonomia dada e/ou conquistada	- integração nos espaços da instituição
1,2	- dificuldades na integração dos espaços da instituição - pouca autonomia	- dificuldades na integração dos espaços da instituição
N.O.	- não integração nos espaços da instituição - falta de autonomia	- não integração nos espaços da instituição - inexistência de trabalho desenvolvido noutros espaços

- Exterior (recreio)

Escala	Estudante	Educadora de infância cooperante
3,4	- integração e/ou intervenção no tempos de exterior - autonomia dada e/ou conquistada	- integração e/ou intervenção no tempos de exterior
1,2	- dificuldades na integração e/ou intervenção no tempos de exterior - pouca autonomia	- dificuldades na integração e/ou intervenção no tempos de exterior
N.O.	- não integração e/ou intervenção no tempos de exterior - falta de autonomia	- não integração e/ou intervenção no tempos de exterior

- Exterior (comunidade)

Escala	Estudante	Educadora de infância cooperante
3,4	- integração e/ou intervenção no trabalho desenvolvido com a comunidade - autonomia dada e/ou conquistada	- trabalho desenvolvido com a comunidade
1,2	- dificuldades na integração e/ou intervenção no trabalho desenvolvido com a comunidade - pouca autonomia	- pouco trabalho desenvolvido com a comunidade
N.O.	- não integração e/ou intervenção no trabalho desenvolvido com a comunidade - falta de autonomia - inexistência de trabalho desenvolvido com a comunidade	- inexistência de trabalho desenvolvido com a comunidade

- Outros espaços

3. Reflexão (planeamento/avaliação) da prática pedagógica

Na instituição

- Individualmente

Escala	Estudante	Educadora de infância cooperante
3,4	- falta de apoio da educadora de infância cooperante (planeamento/avaliação) - capacidade/necessidade de auto-reflexão - autonomia (na gestão das suas necessidades) - inexistência de participação no planeamento e avaliação da acção educativa	- falta de apoio ao estudante - capacidade/necessidade de auto-reflexão - individualismo face ao planeamento e à avaliação da acção educativa
1,2	- apoio da educadora de infância cooperante/ falta de privacidade - pouca capacidade/necessidade de auto-reflexão - pouca autonomia (na gestão das suas necessidades) - participação no planeamento e avaliação da acção educativa	- apoio ao estudante/intensidade na relação com o estudante(falta de privacidade) - pouca capacidade/necessidade de auto-reflexão - alguma integração do estudante no planeamento e à avaliação da acção educativa
N.O.	- muito apoio da educadora de infância cooperante/ falta de privacidade - inexistência de capacidade/necessidade de auto-reflexão - falta de autonomia (na gestão das suas necessidades) - muita participação no planeamento e avaliação da acção educativa	- muito apoio ao estudante/intensidade na relação com o estudante(falta de privacidade) - inexistência de capacidade/necessidade de auto-reflexão - integração do estudante no planeamento e à avaliação da acção educativa

▪ **Com outros colegas**

Escala	Estudante
3,4	- capacidade/necessidade de partilha e/ou reflexão conjunta - necessidade de entendimento das práticas e das atitudes das educadoras cooperantes - pouco apoio da educadora de infância cooperante - necessidade de apoio externo
1,2	- dificuldade de partilha - apoio da educadora de infância cooperante - pouca necessidade de apoio externo
N.O.	- inexistência de colegas na mesma instituição - incapacidade de partilha e/ou reflexão conjunta - timidez , individualismo

▪ **Com a educadora de infância cooperante/estudante**

Escala	Estudante	Educadora de infância cooperante
3,4	- apoio da educadora de infância cooperante - participação no planeamento e avaliação da acção educativa - capacidade de (auto e hetero) reflexão	- apoio da educadora de infância cooperante - integração no planeamento e avaliação da acção educativa - capacidade de (auto e hetero) reflexão
1,2	- pouco apoio da educadora de infância cooperante - pouca participação no planeamento e avaliação da acção educativa - pouca capacidade de (auto e hetero) reflexão	- pouco apoio ao estudante - pouca integração no planeamento e avaliação da acção educativa - pouca capacidade de (auto e hetero) reflexão
N.O.	- inexistência de apoio da educadora de infância cooperante - inexistência de participação no planeamento e avaliação da acção educativa - incapacidade de (auto e hetero) reflexão	- inexistência de apoio ao estudante - não integração no planeamento e avaliação da acção educativa - incapacidade de (auto e hetero) reflexão

▪ **Com a equipa da sala**

Escala	Estudante	Educadora de infância cooperante
3,4	- boa integração no trabalho da equipa de sala - participação no planeamento e avaliação da acção educativa - capacidade de (auto e hetero) reflexão	- bom trabalho de equipa - integração no planeamento e avaliação da acção educativa - capacidade de (auto e hetero) reflexão
1,2	- pouca integração no trabalho da equipa de sala - pouca participação no planeamento e avaliação da acção educativa - pouca capacidade de (auto e hetero) reflexão	- fraco trabalho de equipa de sala - pouca integração no planeamento e avaliação da acção educativa - pouca capacidade de (auto e hetero) reflexão
N.O.	- inexistência de integração no trabalho da equipa de sala - inexistência de participação no planeamento e avaliação da acção educativa - incapacidade de (auto e hetero) reflexão	- inexistência de trabalho de equipa de sala - não integração no planeamento e avaliação da acção educativa - incapacidade de (auto e hetero) reflexão

▪ **Com outros elementos da instituição**

Escala	Estudante	Educadora de infância cooperante
3,4	- boa integração no trabalho de equipa desenvolvido pela instituição - participação no planeamento e avaliação da acção educativa - capacidade de (auto e hetero) reflexão	- bom trabalho de equipa desenvolvido pela instituição - integração no planeamento e avaliação da acção educativa - capacidade de (auto e hetero) reflexão
1,2	- pouca integração no trabalho de equipa desenvolvido pela instituição - pouca participação no planeamento e avaliação da acção educativa - pouca capacidade de (auto e hetero) reflexão	- fraco trabalho de equipa desenvolvido pela instituição - pouca integração no planeamento e avaliação da acção educativa - pouca capacidade de (auto e hetero) reflexão
N.O.	- inexistência de integração no trabalho de equipa desenvolvido pela instituição - inexistência de participação no planeamento e avaliação da acção educativa - incapacidade de (auto e hetero) reflexão	- inexistência de trabalho de equipa desenvolvido pela instituição - não integração no planeamento e avaliação da acção educativa - incapacidade de (auto e hetero) reflexão

▪ **Com a docente que acompanha a prática**

Escala	Estudante	Educadora de infância cooperante
3,4	- muitas visitas da docente que acompanha a prática	- muitas visitas da docente que acompanha a prática
1,2	- poucas visitas da docente que acompanha a prática	- poucas visitas da docente que acompanha a prática
N.O.	- inexistência de visitas da docente que acompanha a prática	- inexistência de visitas da docente que acompanha a prática

Fora da instituição

▪ **Individualmente**

Escala	Estudante	Educadora de infância cooperante
3,4	- falta de apoio da educadora de infância cooperante (planeamento/avaliação) - capacidade/necessidade de auto-reflexão - muita participação no planeamento e avaliação da acção educativa - falta de tempo para reflectir no espaço institucional	- capacidade/necessidade de auto-reflexão - integração no planeamento e avaliação da acção educativa - falta de tempo para reflectir no espaço institucional
1,2	- apoio da educadora de infância cooperante - pouca capacidade/necessidade de auto-reflexão - participação no planeamento e avaliação da acção educativa - falta de tempo para reflectir no espaço institucional	- apoio ao estudante - pouca capacidade/necessidade de auto-reflexão - pouca integração no planeamento e avaliação da acção educativa - falta de tempo para reflectir no espaço institucional
N.O.	- muito apoio da educadora de infância cooperante - inexistência de capacidade/necessidade de auto-reflexão - inexistência de participação no planeamento e avaliação da acção educativa	- muito apoio ao estudante - inexistência de capacidade/necessidade de auto-reflexão - inexistência de participação no planeamento e avaliação da acção educativa

▪ **Com a educadora de infância cooperante/estudante**

Escala	Estudante	Educadora de infância cooperante
3,4	- apoio da educadora de infância cooperante - participação no planeamento e avaliação da acção educativa - capacidade/necessidade de (auto e hetero) reflexão - falta de tempo para reflectir no espaço institucional	- apoio da educadora de infância cooperante - integração no planeamento e avaliação da acção educativa - capacidade/necessidade de (auto e hetero) reflexão - falta de tempo para reflectir no espaço institucional
1,2	- pouco apoio da educadora de infância cooperante - pouca participação no planeamento e avaliação da acção educativa - pouca capacidade/necessidade de (auto e hetero) reflexão - falta de tempo para reflectir no espaço institucional	- pouco apoio ao estudante - pouca integração no planeamento e avaliação da acção educativa - pouca capacidade/necessidade de (auto e hetero) reflexão - falta de tempo para reflectir no espaço institucional
N.O.	- inexistência de apoio da educadora de infância cooperante - inexistência de participação no planeamento e avaliação da acção educativa - incapacidade de (auto e hetero) reflexão	- inexistência de apoio ao estudante de (auto e hetero) reflexão - não integração no planeamento e avaliação da acção educativa - incapacidade de (auto e hetero) reflexão

• **Com outros colegas**

Escala	Estudante
3,4	- capacidade/necessidade de partilha e/ou reflexão conjunta - necessidade de entendimento das práticas e das atitudes das educadoras cooperantes - pouco apoio da educadora de infância cooperante - necessidade de apoio externo - falta de tempo para reflectir no espaço institucional
1,2	- dificuldade de partilha - apoio da educadora de infância cooperante - pouca necessidade de apoio externo - falta de tempo para reflectir no espaço institucional
N.O.	- inexistência de colegas na mesma instituição - incapacidade de partilha e/ou reflexão conjunta - timidez, individualismo - falta de tempo para reflectir no espaço institucional

4. Espaços onde se desenvolveu a reflexão da prática pedagógica

• **Sala/espaço de reuniões**

Escala	Estudante	Educadora de infância cooperante
3,4	- boa ocupação do espaço - necessidade de um espaço próprio/apropriado	- boa ocupação do espaço - necessidade de um espaço próprio/apropriado
1,2	- dificuldades na ocupação do espaço	- dificuldades na ocupação do espaço
N.O.	- inexistência deste espaço - má ocupação deste espaço	- inexistência deste espaço - má ocupação deste espaço

• **Sala de actividades**

Escala	Estudante	Educadora de infância cooperante
3,4	- falta de pessoal - dificuldades de ocupação de um espaço mais apropriado - opção (ex: envolvimento da equipa)	- falta de pessoal - dificuldades de ocupação de um espaço mais apropriado - opção (ex: envolvimento da equipa)
1,2	- boa gestão dos espaços - apoio da equipa - opção (ex: pouco envolvimento da equipa)	- boa gestão dos espaços - apoio da equipa - opção (ex: pouco envolvimento da equipa)
N.O.	- existência de um espaço mais apropriado	- existência de um espaço mais apropriado

• **Outro(s) espaços da instituição**

Escala	Estudante	Educadora de infância cooperante
3,4	- rentabilização de espaços - necessidade de um espaço apropriado (ex: calmo) - integração da equipa - necessidade de um espaço mais apropriado - opção	- rentabilização de espaços - necessidade de um espaço apropriado (ex: calmo) - integração da equipa - necessidade de um espaço mais apropriado - opção
1,2	- dificuldades na rentabilização de espaços - necessidade de um espaço mais apropriado - dificuldades de integração da equipa - opção	- dificuldades na rentabilização de espaços - necessidade de um espaço mais apropriado - dificuldades de integração da equipa - opção
N.O.	- má rentabilização dos espaços - inexistência de "outros" espaços - falta de integração da equipa	- má rentabilização dos espaços - inexistência de "outros" espaços - falta de integração da equipa

▪ Casa

Escala	Estudante	Educadora de infância cooperante
3,4	<ul style="list-style-type: none"> - necessidade/capacidade de auto-reflexão - pouco apoio da educadora de infância cooperante - empenho nas tarefas académicas/institucionais - falta de tempo para reflectir no espaço institucional 	<ul style="list-style-type: none"> - necessidade/capacidade de auto-reflexão - empenho na supervisão das práticas pedagógicas dos estudantes - empenho nas tarefas institucionais - falta de tempo para reflectir no espaço institucional
1,2	<ul style="list-style-type: none"> - dificuldade/ pouca capacidade de auto-reflexão - apoio da educadora de infância cooperante - pouco empenho nas tarefas académicas/institucionais - dificuldades na gestão do tempo para reflectir no espaço institucional 	<ul style="list-style-type: none"> - dificuldade/pouca capacidade de auto-reflexão - apoio ao estudante - empenho na supervisão das práticas pedagógicas dos estudantes - empenho nas tarefas institucionais - dificuldades na gestão do tempo para reflectir no espaço institucional
N.O.	<ul style="list-style-type: none"> - inexistência de capacidade/necessidade de auto-reflexão - muito apoio da educadora de infância cooperante - inexistência de empenho nas tarefas académicas/institucionais 	<ul style="list-style-type: none"> - inexistência de capacidade/necessidade de auto-reflexão - muito apoio ao estudante - inexistência de empenho na supervisão das práticas pedagógicas dos estudantes - inexistência de empenho nas tarefas institucionais

▪ E.S.E.

Escala	Estudante	Educadora de infância cooperante
3,4	<ul style="list-style-type: none"> - aulas de reflexão da prática pedagógica - capacidade de análise/comparação com outros colegas - complemento das reflexões diárias/semanais (capacidade de auto e hetero análise) - complemento da falta de apoio da educadora de infância cooperante 	<ul style="list-style-type: none"> - participação na reunião de educadores cooperantes
1,2	<ul style="list-style-type: none"> - aulas de reflexão da prática pedagógica - pouca capacidade de análise/comparação com outros colegas - complemento das reflexões diárias/semanais (capacidade de auto e hetero análise) - complemento da falta de apoio da educadora de infância cooperante 	<ul style="list-style-type: none"> - participação na reunião de educadores cooperantes
N.O.	<ul style="list-style-type: none"> - falta de presença nas aulas de reflexão da prática pedagógica - inexistência de capacidade de análise/comparação com outros colegas - falta de necessidade de complemento das reflexões diárias/semanais (capacidade de auto e hetero análise) - não existir trabalho em comum com os estudantes neste contexto - falta de tempo para discutir com os colegas, fora das aulas de reflexão da prática pedagógica 	<ul style="list-style-type: none"> - não participação na reunião de educadores cooperantes - não existir trabalho em comum com os estudantes neste contexto

▪ Outros espaços

5. Ao longo da prática pedagógica, para além das actividades planeadas e desenvolvidas durante a semana, decorreram situações em que interagiu com diferentes actores. Indique a frequência com que estabeleceu essas interacções.

▪ **Com as crianças**

Escala	Estudante	Educadora de Infância cooperante
3,4	- boa relação com as crianças - autonomia - pouco apoio da educadora de infância cooperante	- boa relação com as crianças - margem de liberdade face à intervenção do estudante - pouco (falta de) apoio ao estudante
1,2	- dificuldades na relação com as crianças - pouca autonomia - (muito) apoio da educadora de infância cooperante	- dificuldades na relação com as crianças - pouca margem de liberdade face à intervenção do estudante - (muito) apoio ao estudante
N.O.	- ausência de relação com as crianças - autonomia	- ausência de relação com as crianças - apoio ao estudante

▪ **Com a equipa da sala**

Escala	Estudante	Educadora de Infância cooperante
3,4	- boa relação interpessoal - integração no trabalho de equipa - apoio da equipa - autonomia (facilitação na integração do trabalho de equipa)	- boa relação interpessoal - trabalho de equipa desenvolvido na sala - falta de apoio ao estudante - autonomia dada ao estudante para intervir
1,2	- pouca integração no trabalho de equipa - pouco apoio da equipa e/ou da educadora de infância cooperante - "pouca" autonomia - "dificuldades" nas relações interpessoais	- pouca integração no trabalho de equipa - pouco apoio da equipa e/ou da educadora de infância cooperante - "dificuldades" nas relações interpessoais
N.O.	- não integração no trabalho de equipa - falta de autonomia - "dificuldades" nas relações interpessoais	- não integração no trabalho de equipa - "dificuldades" nas relações interpessoais

▪ **Com o/a estudante/educadora de infância cooperante**

Escala	Estudante	Educadora de Infância cooperante
3,4	- boa integração no trabalho da educadora de infância cooperante (realização de tarefas externas à sala ex: contactos planificações, ...) - muito apoio da educadora de infância cooperante - pouca autonomia necessidade de um modelo (aprendizagem com e pela experiência) - boa relação com a educadora de infância cooperante	- boa integração do estudante no trabalho desenvolvido (realização de tarefas externas à sala ex: contactos planificações, ...) - (muito)apoio ao estudante - pouca margem de liberdade na intervenção do estudante - pouca autonomia dada/e ou conquistada pelo estudante - boa relação com o estudante
1,2	- pouca integração no trabalho da educadora de infância cooperante (realização de tarefas externas à sala ex: contactos planificações, ...) - pouco apoio da educadora de infância cooperante - autonomia - dificuldades na relação com a educadora	- pouca integração do estudante no trabalho desenvolvido (realização de tarefas externas à sala ex: contactos planificações, ...) - pouco apoio ao estudante - (maior) margem de liberdade na intervenção do estudante com as crianças - dificuldades na relação com o estudante
N.O.	- falta de apoio da educadora de infância cooperante - autonomia - margem de liberdade na sua intervenção - "má"/falta de relação com a educadora	- falta de apoio ao estudante - margem de liberdade dada à intervenção do estudante - "má"/falta de relação com o estudante

▪ **Com outros elementos da instituição**

Escala	Estudante	Educadora de infância cooperante
3,4	- integração na dinâmica da instituição (apoio ao trabalho desenvolvido) - boa relação institucional - autonomia (margem de liberdade, dada/conquistada na sua intervenção)	- integração na dinâmica da instituição (apoio ao trabalho desenvolvido) - boa relação institucional
1,2	- pouca integração na dinâmica da instituição (dificuldades no apoio ao trabalho desenvolvido) - dificuldades na relação institucional - pouca autonomia	- pouca integração na dinâmica da instituição (dificuldades no apoio ao trabalho desenvolvido) - dificuldades na relação institucional
N.O.	- não integração na dinâmica da instituição (dificuldades no apoio ao trabalho desenvolvido) - "má" relação institucional - falta de autonomia	- não integração na dinâmica da instituição (dificuldades no apoio ao trabalho desenvolvido) - "má" relação institucional

▪ **Com outros colegas**

Escala	Estudante
3,4	- capacidade/necessidade de desenvolver trabalho conjunto - apoio das educadoras cooperantes - necessidade de apoio externo - necessidade de trabalho inter-salas
1,2	- dificuldade em desenvolver trabalho conjunto - falta de apoio da(s) educadora(s) cooperante(s) - pouca necessidade de apoio externo - pouca necessidade de trabalho intersalas
N.O.	- inexistência de colegas na mesma instituição - incapacidade de desenvolver trabalho conjunto - inexistência de trabalho intersalas - timidez, individualismo

▪ **Com os pais**

Escala	Estudante	Educadora de infância cooperante
3,4	- boa relação interpessoal com os pais - integração no trabalho desenvolvido com os pais	- boa relação com os pais - trabalho com pais
1,2	- dificuldades na relação interpessoal com os pais - dificuldades no trabalho desenvolvido com os pais	- dificuldades na relação interpessoal com os pais - dificuldades no trabalho desenvolvido com os pais
N.O.	- inexistência de relações com os pais	- inexistência de relações com os pais

▪ **Outros**

6. Gestão do tempo

As actividades desenvolvidas com as crianças decorreram

▪ **Para além do tempo normal**

Escala	Estudante	Educadora de infância cooperante
3,4	- má gestão do tempo - boa implicação/participação no trabalho desenvolvido - desenvolvimento de trabalhos académicos (ex: projecto de investigação, caract. sala/inst, ...)	- má gestão do tempo - boa integração do estudante no trabalho desenvolvido - implicação no desenvolvimento de trabalhos académicos (ex: projecto de investigação, caract. sala/inst, ...)
1,2	- dificuldades na gestão do tempo - pouco envolvimento/participação no trabalho desenvolvido - desenvolvimento de trabalhos académicos (ex: projecto de investigação, caract. sala/inst, ...)	- dificuldades na gestão do tempo - fraca integração/pouco envolvimento do estudante no trabalho desenvolvido - desenvolvimento de trabalhos académicos (ex: projecto de investigação, caract. sala/inst, ...)
N.O.	- boa gestão do tempo - inexistência de envolvimento/participação no trabalho desenvolvido	- boa gestão do tempo - inexistência de integração no trabalho desenvolvido

As actividades desenvolvidas com os adultos decorreram▪ **Para além do tempo normal**

Escala	Estudante	Educadora de Infância cooperante
3,4	<ul style="list-style-type: none"> - má gestão do tempo - boa implicação/participação no trabalho desenvolvido - desenvolvimento de trabalhos académicos (ex: projecto de investigação, caract. sala/inst, ...) 	<ul style="list-style-type: none"> - má gestão do tempo - boa integração do estudante no trabalho desenvolvido - implicação no desenvolvimento de trabalhos académicos (ex: projecto de investigação, caract. sala/inst, ...)
1,2	<ul style="list-style-type: none"> - dificuldades na gestão do tempo - pouco envolvimento/participação no trabalho desenvolvido - desenvolvimento de trabalhos académicos (ex: projecto de investigação, caract. sala/inst, ...) 	<ul style="list-style-type: none"> - dificuldades na gestão do tempo - fraca integração/pouco envolvimento do estudante no trabalho desenvolvido - desenvolvimento de trabalhos académicos
N.O.	<ul style="list-style-type: none"> - boa gestão do tempo - inexistência de envolvimento/participação no trabalho desenvolvido 	<ul style="list-style-type: none"> - boa gestão do tempo - inexistência de integração no trabalho desenvolvido

Anexo 5
(Codificação dos dados dos Registos Semanais das Práticas Pedagógicas)

Respostas atribuídas

- 0 Situações que não ocorreram (ou seja, nunca ocorreram durante a semana)
- 1 Situações que raramente ocorreram (ou seja, ocorreram 1 vez/semana)
- 2 Situações que ocorreram algumas vezes (ou seja, ocorreram 2 vezes/semana)
- 3 Situações que ocorreram muitas vezes (ou seja, ocorreram 3 vezes/semana)
- 4 Situações que ocorreram quase sempre (ou seja, ocorreram 4 vezes/semana)

Sujeitos - Suj

- XE1 – X Estudante 1ª Semana
- XE2 – X Estudante 2ª Semana
- XE3 – X Estudante 3ª Semana
- XE4 – X Estudante 4ª Semana
- XE5 – X Estudante 5ª Semana
- XE6 – X Estudante 6ª Semana
- XE7 – X Estudante 7ª Semana

X= Nº Estudante (1,2,3,4,5)

- XEIC1 – X Educadora de Infância Cooperante 1ª Semana
- XEIC2 – X Educadora de Infância Cooperante 2ª Semana
- XEIC3 – X Educadora de Infância Cooperante 3ª Semana
- XEIC4 – X Educadora de Infância Cooperante 4ª Semana
- XEIC5 – X Educadora de Infância Cooperante 5ª Semana
- XEIC6 – X Educadora de Infância Cooperante 6ª Semana
- XEIC7 – X Educadora de Infância Cooperante 7ª Semana

X= Nº Educadora de Infância Cooperante (1,2,3,4,5)

1. Actividades desenvolvidas ao longo da semana

- 1A - Só com as crianças
- 1B - Com as crianças e o/a estudante/educadora de infância cooperante
- 1C - Com as crianças e a equipa da sala
- 1D - Com as crianças de outras salas
- 1E - Com as crianças e adultos de outras salas
- Outras

2. Espaços onde se desenvolveu a prática pedagógica

- 2A - Sala de actividades
- 2B - Outro(s) espaços da instituição
- 2C - Exterior (recreio)
- 2D - Exterior (comunidade)
- Outros

3. Reflexão (planeamento/avaliação) da prática pedagógica**Na instituição**

- 3Ains - Individualmente
- 3Bins - Com outros colegas - só para os estudantes
- 3Cins - Com a educadora de infância cooperante/estudante
- 3Dins - Com a equipa da sala
- 3Eins - Com outros elementos da instituição
- 3Fins - Com a docente que acompanha a prática

Fora da instituição

- 3Ains - Individualmente
- 3Bins - Com a educadora de infância cooperante/estudante
- 3Cins - Com outros colegas (estudantes) - só para os estudantes
- Outros

4. Espaços onde se desenvolveu a reflexão da prática pedagógica

- 4A - Sala/espço de reuniões
- 4B - Sala de actividades
- 4C - Outro(s) espaços da instituição
- 4D - Casa
- 4E - E.S.E.
- Outros

5. Ao longo da prática pedagógica, para além das actividades planeadas e desenvolvidas durante a semana, decorreram situações em que interagiu com diferentes actores. Indique a frequência com que estabeleceu essas interacções.

- 5A - Com as crianças
- 5B - Com a equipa da sala
- 5C - Com a educadora de infância cooperante
- 5D - Com outros elementos da instituição
- 5E - Com outros colegas – só para os estudantes
- 5F - Com os pais
- Outros

6. Gestão do tempo

As actividades desenvolvidas com as crianças decorreram

- 6A - Para além do tempo normal

As actividades desenvolvidas com os adultos decorreram

- 6B - Para além do tempo normal

Anexo 6
(Frequências absolutas – base de dados)

SUJ	1A	1B	1C	1D	1E	Outras	2A	2B	2C	2D	Outros	3A	3B	3C	3D	3E	3F	3Af	3Bf	3Cf	Outros	4A	4B	4C	4D	4E	Outros	5A	5B	5C	5D	5E	5F	Outros	6A	6B	
												ins	ins	ins	ins	ins	ins	ins	ins	ins	ins																
1E1	4	3	3	2	1		4	4	4	0		0	1	4	1	2	1	4	2	4		4	0	1	4	0	café	4	4	4	4	4	4		0	4	
1E2	4	3	3	2	1		4	4	1	1		0	1	4	1	2	0	4	2	2		4	0	0	4	0	café	4	4	4	4	4	4		0	4	
1E3	4	3	3	2	1		4	4	1	0		0	2	2	1	1	1	4	1	4		4	0	0	4	0	café	4	4	4	4	4	4		0	4	
1E4	4	4	4	4	4		4	1	1	0		0	0	4	1	1	0	4	1	2		4	1	0	4	1	café	4	4	4	4	4	4		0	0	
1E5	4	4	4	4	4		4	0	3	0		0	1	3	1	0	0	4	1	2		2	0	1	4	1	café	4	4	4	4	4	4		0	2	
1E6	4	4	4	4	4		4	0	4	0		0	1	3	0	1	1	4	1	4		4	0	0	4	1	café	4	4	4	4	4	4		0	1	
1E7	4	4	4	4	4		4	0	4	1		0	1	3	1	1	0	4	1	4		4	0	0	4	1	café	4	4	4	4	4	4	4	cr ad 1º cic	0	0
1EIC1	0	4	4	0	0		4	4	3	0		4		4	4	0	1	4	1			0	4	4	0	0	café	4	4	4	4	4	4		0	0	
1EIC2	0	4	4	0	0		4	4	3	0	ludotec a	4		3	4	0	0	4	1			0	4	4	0	0	café	4	4	4	4	4	4		0	0	
1EIC3	0	4	4	4	4		4	4	3	0		4		4	4	4	0	4	1			0	4	4	0	0	café	4	4	4	4	4	4		0	0	
1EIC4	0	4	4	0	0		4	4	0	0		4		4	4	4	0	4	1			0	4	4	0	0	café	4	4	4	4	4	4		0	0	
1EIC5	0	4	3	0	0		4	4	3	0		4		4	3	0	0	4	1			0	4	4	0	0	café	4	4	4	4	4	4		0	0	
1EIC6	0	4	4	4	4		4	4	4	0		4		4	4	0	1	4	1			0	4	4	0	0	café	4	4	4	4	4	4		0	0	
1EIC7	0	4	4	4	4		4	4	4	1	esc. 1º cic.	4		4	3	4	0	4	4			0	4	4	0	0		4	4	4	4	4	4		0	0	
2E1	4	4	4	3	0		4	4	3	0		0	1	4	1	0	1	4	4	4		4	0	2	4	0	café	4	4	4	4	4	4		0	4	
2E2	4	4	4	3	0		4	4	4	0		0	0	4	1	0	0	4	4	4		4	0	1	4	0		4	4	4	4	1	4		0	4	
2E3	4	4	4	3	3		4	4	2	1		0	4	4	1	4	1	4	0	4		4	0	0	4	0		4	4	4	4	4	4	4	terap/E d. apoio	0	4
2E4	4	4	4	0	0		4	4	1	0		1	0	4	0	0	0	4	0	4		4	0	0	4	0		4	4	4	4	4	4		0	0	
2E5	4	4	4	0	0	at. Erasmu s	4	4	2	0		0	1	4	1	1	0	4	0	4		4	0	0	4	0		4	4	4	4	4	4		0	0	
2E6	4	4	4	4	4		4	4	4	0		3	1	4	1	0	1	4	0	4		4	0	0	4	0		4	4	4	4	4	4		0	1	
2E7	4	4	4	4	4	al. f Ini. 1ºc	4	4	4	1	esc. 1º cic.	4	0	3	1	1	0	4	0	4		3	0	0	4	0		4	4	3	4	4	4	al. f Ini. 1ºc	0	1	

SUJ	1A	1B	1C	1D	1E	Outras	2A	2B	2C	2D	Outros	3A Ins	3B Ins	3C Ins	3D Ins	3E Ins	3F Ins	3Af Ins	3Bf Ins	3Cf Ins	Outros	4A	4B	4C	4D	4E	Outros	5A	5B	5C	5D	5E	5F	Outro s	6A	6B
2EIC1	0	4	4	0	0		4	4	4	0		0	4	4	0	1	4	0				4	4	0	0	0		4	4	4	4	4	4	4	0	4
2EIC2	0	4	4	0	0		4	4	4	0	ludoteca	0	4	4	0	0	4	0				4	4	0	0	0		4	4	4	4	4	4	4	0	4
2EIC3	0	4	4	4	4		4	4	4	0	a	0	4	4	4	1	4	4				4	4	0	0	0	café	4	4	4	4	4	4	4	0	4
2EIC4	0	4	4	0	0		4	4	4	0		0	4	4	4	0	4	0				4	4	0	0	0		4	4	4	4	4	4	4	0	4
2EIC5	0	4	4	0	0		4	4	4	1		0	4	4	0	0	4	0				4	4	0	2	0		4	4	4	4	4	4	4	0	4
2EIC6	0	4	4	4	4		4	4	4	0		0	4	4	4	1	4	0				4	4	0	0	0		4	4	4	4	4	4	4	0	4
2EIC7	0	4	4	4	4		4	4	4	0		0	4	4	4	0	4	0				4	4	0	0	0		4	4	4	4	4	4	4	0	4
3E1	3	3	3	0	0		4	0	3	2		0	0	3	1	1	0	4	2	0		4	2	0	4	0	café	4	2	3	4	0	3	1	3	
3E2	4	3	3	0	0		4	0	3	3		0	2	3	1	0	0	3	2	2		3	1	0	3	0	café	4	3	3	2	3	2	2	2	
3E3	3	3	3	0	0	cr outro JI	4	0	3	2		1	0	3	1	1	1	3	0	0		3	2	0	3	0		4	3	3	2	1	3	vrdiv, chf div soc	0	0
3E4	4	3	4	0	0	teatro	3	0	2	2		3	0	1	1	0	0	3	0	0		1	1	0	3	0		4	3	4	3	3	3	0	0	
3E5	4	3	3	0	0	famílias	4	0	4	2		2	2	2	1	1	0	3	4	2		2	1	0	3	0		4	4	4	4	3	3	pop. comu m.	2	2
3E6	4	3	4	0	0	cr outro JI	4	0	3	2	biblioteca	2	3	4	0	2	1	4	2	1		4	3	0	3	0	café	4	4	3	3	3	4	outros familia res	2	4
3E7	4	3	3	0	0		4	0	4	2		4	2	3	0	1	0	3	0	0		3	2	0	3	0		4	4	4	4	2	4	auxi. outra inst	2	3
3EIC1	4	3	4	0	0		4	0	3	2		2	3	1	1	0	2	2				4	2	0	1	0	café	4	4	3	4	4	4	4	1	4
3EIC2	4	3	4	0	0		4	0	2	3		0	3	1	1	0	1	2				3	1	0	0	0		4	4	3	4	4	4	4	0	0
3EIC3	3	3	4	0	0		4	0	2	2		3	3	1	1	1	1	2				3	2	0	1	2	café	3	3	3	3	3	4	vrdiv, chf div soc	0	1
3EIC4	4	3	4	0	0	teatro	4	0	2	2		1	2	1	2	0	2	0				1	1	0	2	0		4	4	4	4	4	4	4	0	1
3EIC5	4	2	4	0	0	visita picadeiro	4	0	1	2		0	2	1	2	1	0	1				2	1	0	0	0		4	4	4	4	4	4	4	0	3
3EIC6	4	4	3	0	0		4	0	3	2	biblioteca	2	4	4	4	1	1	2				4	3	0	0	0	café	4	4	3	3	4	4	4	0	3
3EIC7	3	3	3	0	0	cr outro JI	4	0	1	2	jardim	1	3	1	1	0	0	0				1	2	1	0	0		4	4	4	4	4	4	4	2	0

SUJ	1A	1B	1C	1D	1E	Outras	2A	2B	2C	2D	Outros	3A	3B	3C	3D	3E	3F	3A1	3B1	3C1	Outros	4A	4B	4C	4D	4E	Outros	5A	5B	5C	5D	5E	5F	Outros	6A	6B		
												Ins	Ins	Ins	Ins	Ins	Ins	Ins	Ins	Ins																		
4E1	4	4	4	0	0		4	4	0	0		0	0	2	0	0	1	2	0	0		0	0	2	3	0		4	4	4	4	0	2		0	2		
4E2	4	4	4	0	0		4	4	0	0		0	0	3	0	0	0	3	0	0		0	2	1	3	0		4	4	4	4	0	2		0	3		
4E3	4	4	4	0	0		4	4	2	0		0	0	3	0	1	1	3	0	0		0	2	1	2	0		4	4	4	4	0	0		0	3		
4E4	4	4	4	4	4		4	4	2	0		0	0	2	0	0	0	3	0	0		0	2	0	0	0		4	4	4	4	0	0		0	2		
4E5	4	4	4	4	4		4	4	2	1		0	0	2	0	0	0	2	0	0		0	2	0	0	0		4	4	4	4	0	0		0	2		
4E6	4	4	4	4	4		4	4	3	0		0	0	1	0	0	1	3	0	0		0	0	2	0	0		4	4	4	4	0	0		0	0		
4E7	4	4	4	4	4		4	4	4	0		0	0	2	0	0	0	3	0	0		0	1	1	0	0		4	4	4	4	0	0		0	0		
4EIC1	4	4	2	0	0		4	2	4	0		0		4	0	0	1	0	0			4	0	0	0	0		4	3	3	2		2		0	4		
4EIC2	4	4	4	0	0		4	1	0	0		0		1	0	0	1	0	0			2	2	0	0	0		4	4	3	0		0		0	4		
4EIC3	4	3	4	0	0		4	1	4	0		0		4	0	0	0	3	0			4	2	0	0	0		4	4	3	2		3		0	4		
4EIC4	4	4	2	0	0		4	0	4	0		2		2	3	0	0	0	0			4	2	0	0	0		4	3	3	0		2		0	2		
4EIC5	4	2	3	0	0		4	0	0	1		3		3	3	0	0	0	0			3	3	0	0	0		4	4	4	0		2		1	0		
4EIC6	4	3	2	0	0		4	2	2	0		0		4	3	0	0	0	0			4	4	0	0	0		4	4	3	3		3		2	3		
4EIC7	4	4	3	0	0		4	2	3	0		0		3	3	0	1	0	0			0	3	0	0	0		3	4	3	2		2		2	2		
5E1																																						
5E2																																						
5E3																																						
5E4	4	2	2	0	0		4	0	3	0		4	0	3	0	0	0	4	0	0		0	3	0	4	0		4	0	0	1	0	2		0	0		
5E5	4	2	2	0	0		4	0	2	0		2	0	2	0	0	0	4	0	0		0	2	0	4	0		4	0	0	1	0	2		0	0		
5E6	4	2	2	0	0		4	0	3	0		2	0	0	0	0	0	4	0	0		0	1	0	4	1		4	0	0	1	0	1		0	0		
5E7	4	2	2	0	0		4	0	2	0		4	0	2	0	0	1	4	0	0		0	4	0	4	0		4	0	0	1	0	1		0	0		
5EIC1	4	4	2	0	0		4	0	3	0		4		1	1	0	0	2	0			1	3	0	2	0		4	2	4	4		4		0	2		
5EIC2	4	4	3	0	0		4	0	4	1		4		2	1	0	0	2	0			1	4	0	3	0		4	4	4	4		4		1	3		
5EIC3	4	4	3	0	0		4	0	4	0		4		2	1	0	0	2	0			1	4	0	2	0		4	4	4	4		4		0	3		
5EIC4	4	4	2	0	0		4	0	4	0		4		2	1	0	0	2	0			0	4	0	2	0		4	4	4	4		4		0	2		
5EIC5	4	4	4	0	0		4	0	4	0		4		2	1	0	0	2	0			1	4	0	2	0		4	4	4	4		4		0	4		
5EIC6	4	4	4	0	0		4	0	4	0		4		3	1	0	0	2	0			1	4	0	2	0		4	4	4	4		4		0	4		
5EIC7	4	4	3	0	0		4	0	4	0		4		3	1	0	1	3	0			1	4	0	3	0		4	4	4	4		4		0	3		

Anexo 7
(Quadros de frequências absolutas dos grupos de pares – exemplo do par 1)

Par 1 – Estudante Dulce, Educadora de infância cooperante Irene

Legenda: Estudante (E); Educadora de Infância Cooperante (EIC)

1. Actividades desenvolvidas ao longo da semana

	Situações que raramente ocorreram		Situações que ocorreram algumas vezes		Situações que ocorreram muitas vezes		Situações que ocorreram quase sempre		Situações que não ocorreram	
	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC
Só com as crianças							7			7
Com as crianças e a educadora de infância cooperante/estudante					3		4	7		
Com as crianças e a equipa da sala					3	1	4	6		
Com as crianças de outras salas			3				4	3		4
Com as crianças e adultos de outras salas	3						4	3		4
Outras										

2. Espaços onde se desenvolveu a prática pedagógica

	Situações que raramente ocorreram		Situações que ocorreram algumas vezes		Situações que ocorreram muitas vezes		Situações que ocorreram quase sempre		Situações que não ocorreram	
	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC
Sala de actividades							7	7		
Outros espaços da Instituição	1						3	7	3	
Exterior (recreio)	3				1	4	3	2		1
Exterior (comunidade)	2	1							5	6
Outros espaços										

3. Reflexão (planeamento/avaliação) da prática pedagógica

Na instituição

	Situações que raramente ocorreram		Situações que ocorreram algumas vezes		Situações que ocorreram muitas vezes		Situações que ocorreram quase sempre		Situações que não ocorreram	
	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC
Individualmente								7	7	
Com outros colegas (só para os estudantes)	5		1						1	
Com a educadora de infância cooperante/estudante			1		3	1	3	6		
Com a equipa da sala	6					2		5	1	
Com outros elementos da Instituição	4		2					3	1	4
Com a docente que acompanha a prática	3	2							4	5

Fora da instituição

	Situações que raramente ocorreram		Situações que ocorreram algumas vezes		Situações que ocorreram muitas vezes		Situações que ocorreram quase sempre		Situações que não ocorreram	
	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC
Individualmente							7	7		
Com a educadora de infância cooperante/estudante	5	6	2					1		
Com outros colegas (só para os estudantes)			3				4			

4. Espaços onde se desenvolveu a reflexão da prática pedagógica

	Situações que raramente ocorreram		Situações que ocorreram algumas vezes		Situações que ocorreram muitas vezes		Situações que ocorreram quase sempre		Situações que não ocorreram	
	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC
Sala/espço de reuniões			1				6			7
Sala de actividades	1							7	6	
Outros espaços da instituição	2							7	5	
Casa							7			7
E.S.E.	4								3	7
Outros espaços	Café (referido 7 vezes) – estudante Café (referido 6 vezes) – educadora de infância cooperante									

5. Ao longo da prática pedagógica, para além das actividades planeadas e desenvolvidas durante a semana, decorreram situações em que interagiu com diferentes actores. Indique a frequência com que estabeleceu essas interações.

	Situações que raramente ocorreram		Situações que ocorreram algumas vezes		Situações que ocorreram muitas vezes		Situações que ocorreram quase sempre		Situações que não ocorreram	
	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC
Com as crianças							7	7		
Com a equipa da sala							7	7		
Com a educadora de infância cooperante/estudante							7	7		
Com outros elementos da instituição							7	7		
Com outros colegas (só para os estudantes)							7			
Com os pais							7	7		
Outros	Crianças e adultos do 1º ciclo - estudante									

6. Gestão do tempo

As actividades desenvolvidas com as crianças decorreram

	Situações que raramente ocorreram		Situações que ocorreram algumas vezes		Situações que ocorreram muitas vezes		Situações que ocorreram quase sempre		Situações que não ocorreram	
	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC
Para além do tempo normal									7	7

As actividades desenvolvidas com os adultos decorreram

	Situações que raramente ocorreram		Situações que ocorreram algumas vezes		Situações que ocorreram muitas vezes		Situações que ocorreram quase sempre		Situações que não ocorreram	
	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC
Para além do tempo normal	1		1				3		2	7

Anexo 8
(Quadros de percentagens das frequências totais dos grupos de pares)

Legenda: Estudante (E); Educadora de Infância Cooperante (EIC)

1. Actividades desenvolvidas ao longo da semana

	Situações que raramente ocorreram		Situações que ocorreram algumas vezes		Situações que ocorreram muitas vezes		Situações que ocorreram quase sempre		Situações que não ocorreram	
	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC
a. Só com as crianças					6%	6%	94%	54%		40%
b. Com as crianças e a educadora de infância cooperante/estudante			12%	6%	32%	20%	56%	74%		
c. Com as crianças e a equipa da sala			12%	14%	25%	23%	63%	63%		
d. Com as crianças de outras salas			9%		9%		32%	17%	50%	83%
e. Com as crianças e adultos de outras salas	9%				3%		32%	17%	56%	83%
f. Outras	Estudantes Erasmus Estudantes da formação inicial do 1º ciclo Visita de crianças de outro jardim de infância Actividades desenvolvidas com as famílias									

2. Espaços onde se desenvolveu a prática pedagógica

	Situações que raramente ocorreram		Situações que ocorreram algumas vezes		Situações que ocorreram muitas vezes		Situações que ocorreram quase sempre		Situações que não ocorreram	
	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC
a. Sala de actividades					3%		97%	100%		
b. Outros espaços da instituição	3%	6%		9%			53%	40%	44%	45%
c. Exterior (recreio)	12%	6%	25%	11%	28%	23%	29%	51%	6%	9%
d. Exterior (comunidade)	15%	11%	19%	17%	3%	3%			63%	69%
e. Outros espaços	Ludoteca Escola 1º ciclo Biblioteca Jardim									

3. Reflexão (planeamento/avaliação) da prática pedagógica

Na instituição

	Situações que raramente ocorreram		Situações que ocorreram algumas vezes		Situações que ocorreram muitas vezes		Situações que ocorreram quase sempre		Situações que não ocorreram	
	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC
a. Individualmente	6%	6%	12%	8%	6%	6%	12%	40%	64%	40%
b. Com outros colegas (só para os estudantes)	25%		12%		3%		3%		57%	
c. Com a educadora de infância cooperante/estudante	6%	6%	25%	20%	34%	26%	32%	49%	3%	
d. Com a equipa da sala	53%	37%				17%		37%	47%	9%
e. Com outros elementos da instituição	34%	11%	9%	6%			3%	23%	54%	60%
f. Com a docente que acompanha a prática	37%	34%							63%	66%

Fora da instituição

	Situações que raramente ocorreram		Situações que ocorreram algumas vezes		Situações que ocorreram muitas vezes		Situações que ocorreram quase sempre		Situações que não ocorreram	
	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC
g. Individualmente	6%	9%		23%	31%	6%	63%	39%		23%
h. Com a educadora de infância cooperante/estudante	16%	20%	16%	11%			9%	6%	59%	63%
i. Com outros colegas (só para os estudantes)	3%		16%				34%		47%	

4. Espaços onde se desenvolveu a reflexão da prática pedagógica

	Situações que raramente ocorreram		Situações que ocorreram algumas vezes		Situações que ocorreram muitas vezes		Situações que ocorreram quase sempre		Situações que não ocorreram	
	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC
a. Sala/espço de reuniões	3%	23%	6%	9%	12%	9%	45%	33%	34%	26%
b. Sala de actividades	19%	9%	25%	17%	6%	11%	3%	60%	47%	3%
c. Outros espaços da instituição	19%	3%	9%					20%	72%	77%
d. Casa		6%	3%	20%	25%	6%	59%		13%	68%
e. E.S.E.	16%	3%							84%	97%
f. Outros espaços	Café (referido 21 vezes - 10 EIC; 11 Estudantes)									

5. Ao longo da prática pedagógica, para além das actividades planeadas e desenvolvidas durante a semana, decorreram situações em que interagiu com diferentes actores. Indique a frequência com que estabeleceu essas interações.

	Situações que raramente ocorreram		Situações que ocorreram algumas vezes		Situações que ocorreram muitas vezes		Situações que ocorreram quase sempre		Situações que não ocorreram	
	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC
a. Com as crianças						6%	100%	94%		
b. Com a equipa da sala			3%	3%	9%	9%	75%		13%	88%
c. Com a educadora de infância cooperante/estudante					16%	29%	72%	71%	12%	
d. Com outros elementos da instituição	13%		6%	9%	6%	9%	75%	73%		9%
e. Com outros colegas (só para os estudantes)	6%		3%		12%		41%		38%	
f. Com os pais	6%		16%	11%	12%	6%	50%		16%	83%
g. Outros	Vereador e chefe da divisão social da Câmara Crianças e adultos do 1º ciclo Terapeuta e educadora de apoio Estudantes da formação inicial do 1º ciclo População da comunidade Auxiliares de educação de outra instituição Outros familiares									

6. Gestão do tempo

a. As actividades desenvolvidas com as crianças decorreram

	Situações que raramente ocorreram		Situações que ocorreram algumas vezes		Situações que ocorreram muitas vezes		Situações que ocorreram quase sempre		Situações que não ocorreram	
	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC
Para além do tempo normal	3%	9%	13%	9%					84%	82%

b. As actividades desenvolvidas com os adultos decorreram

	Situações que raramente ocorreram		Situações que ocorreram algumas vezes		Situações que ocorreram muitas vezes		Situações que ocorreram quase sempre		Situações que não ocorreram	
	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC	E	EIC
Para além do tempo normal	9%	6%	19%	11%	12%	17%	22%	37%	38%	29%

Anexo 9
(Guiões das entrevistas)

Guião da Entrevista 1 – Educadora Sara

Tipo: Entrevista semi-estruturada (pretende-se que a partir de uma questão global inicial, a entrevistada produza um discurso livre e espontâneo, com base no seu quadro de referência)

Destinatária: Educadora de Infância Cooperante da ESE de Setúbal, interveniente no processo de supervisão da prática pedagógica do 3º ano da formação inicial do curso de educadores de infância.

Finalidades: Analisar e compreender o processo de supervisão da prática pedagógica dos estudantes do 3º ano da formação inicial do curso de educadores de infância.

Estratégias: Partir da experiência pessoal vivida pela entrevistada, posicionando-se face ao seu grupo de pertença e às funções que desempenhou durante o período de prática pedagógica;

Criar um espaço de conversa em que a entrevistada partilhe os saberes que considera inerentes ao percurso de formação desenvolvido durante a prática pedagógica.

Aplicação: Após o período de prática pedagógica (10/07/2002).

Ponto prévio: Legitimação da entrevista

Apresentação do estudo (linhas gerais e finalidades)

Esclarecimento sobre os objectivos da entrevista

Estabelecimento de contrato (confidencialidade da entrevistada e da informação recolhida, devolução do discurso para, caso sinta necessidade acrescentar e/ou retirar alguma informação).

Tema: Percurso pessoal e profissional.

Objectivo: Conhecer o percurso realizado pelos actores.

Questões	Tópicos
<p>- Fale-me um pouco do seu percurso pessoal e profissional.</p> <p>- Há quantos anos é educadora de infância cooperante da ESE de Setúbal?</p> <p>- Na instituição em que exerce as suas funções existia mais algum estudante a estagiar? E na mesma sala existia outro estudante (mesmo que não seja da ESE de Setúbal)?</p> <p>- Quais as principais razões que a levaram a ser educadora de infância cooperante da ESE de Setúbal?</p>	<p>- Nome; - Idade; - Habilitações académicas e profissionais; - Escola(s) de formação (inicial, complementar); - Anos de serviço;</p> <p>- Funções.</p>

Tema: Práticas de supervisão.

Objectivo: Caracterizar e analisar os modos de regulação das práticas de acompanhamento das educadoras de infância cooperantes.

Questões	Tópicos
<p>- Fale-me sobre a experiência de supervisão em que esteve envolvida durante a prática pedagógica.</p> <p>- Que objectivos e finalidades orientaram a sua experiência de supervisão?</p> <p>- Explícite as suas funções neste processo.</p> <p>- Que tipo de apoio deu ao estudante?</p> <p>- Fale-me acerca da sua intervenção/planeamento/avaliação.</p> <p>- Reflectia sobre a prática pedagógica? Explícite como se realizavam essas reflexões.</p> <p>- As reflexões eram apenas sobre os desempenhos dos estudantes ou também sobre as suas práticas?</p> <p>- Reflectia individualmente sobre a sua experiência? Explícite.</p> <p>- Como foi planeado o trabalho desenvolvido com o grupo de crianças?</p>	<p>- Reflexão, planeamento, avaliação, intervenção; - Organização do trabalho durante a prática pedagógica; - Actividades desenvolvidas.</p> <p>- Com quem? (individualmente, conjuntas); - Com que periodicidade?; - Que temas eram abordados?; - Em que espaços?</p> <p>- Como e quando planeavam a prática educativa?; - Quem participava?</p> <p>- Que tipo de participação o estudante assumiu ou lhe foi permitido assumir?; - Apoiou o estudante?; - Em que momentos da rotina?</p>

Faculdade de Psicologia
e Ciências da Educação
Universidade de Lisboa
BIBLIOTECA

<p>- Existiram momentos de avaliação? Explícite-os.</p> <p>- Foram dadas oportunidades ao estudante para intervir?</p> <p>- Que tipo de autonomia foi dada e/ou conquistada pelo estudante na dinâmica da instituição?</p> <p>- O estudante relacionou-se com frequência com as crianças de outras salas? E com os adultos? Explícite.</p> <p>Vamos conversar sobre as relações interpessoais que se estabeleceram durante a prática pedagógica?</p> <p>- Qual a relação com a equipa da sala? E institucionalmente? O estudante integrou-se? Explícite.</p> <p>- Qual o papel assumido neste processo pelos diferentes intervenientes?</p> <p>- Considera importante existir mais do que um estudante a realizar a prática pedagógica na mesma instituição? Explícite.</p> <p style="padding-left: 40px;">No seu caso, teria sido importante existir, pelo menos, mais um estudante a estagiar nesta instituição? Porquê?</p> <p>- Recorda-se de terem existido conflitos durante a prática pedagógica? Fale-me deles.</p>	<p>- Com quem? (crianças, pais, equipa de sala, outro pessoal da inst., estudantes, ed. coop., docentes, a equipa de sala); - Que balanço faz destas relações?</p> <p>- Estudante, educadora de infância cooperante, pessoal da instituição.</p> <p>- Percurso de formação, modos de resolução.</p>
--	---

Tema: Espaço institucional.

Objectivo: Descrever e analisar as modalidades de gestão e organização do processo de supervisão nas instituições cooperantes.

Questões	Tópicos
<ul style="list-style-type: none">- Fale-me um pouco sobre a inserção do estudante no espaço educativo institucional. - Como foi organizada a acção do estudante? - O estudante teve oportunidades para realizar uma intervenção ao nível institucional? Explícite.	<ul style="list-style-type: none">- Conhecimento e/ou vivência da dinâmica da instituição. - No espaço institucional. Na sala. - Espaços privilegiados; - Envolvimento da equipa.

Tema: Metodologia de supervisão.

Objectivo: Compreender e analisar os modos de acompanhamento das docentes.

Questões	Tópicos
<ul style="list-style-type: none">- Gostaria que fizesse uma apreciação global da metodologia de supervisão proposta pela ESE. - Como desenvolveu o estudante os trabalhos? - Que tipo de acompanhamento realizou a docente? Descreva-o e dê a sua opinião sobre o mesmo.- Considera o horário diário de prática pedagógica suficiente para as exigências da ESE (planear/avaliar/intervir)?- Quais as vantagens e/ou desvantagens que considera estar inerentes a este processo?- Se pudesse alterar algumas coisas, que sugestão gostaria de fazer?	<ul style="list-style-type: none">- Características inerentes ao modelo;- Organização da prática pedagógica;- Relevância das trocas institucionais;- Distribuição temporal da prática pedagógica;- Intervenção dos actores;- Articulação teoria-prática. - Negociação, tomadas de decisão, iniciativa, autonomia;- Pertinência dos mesmos.

Guião da Entrevista 2 – Estudante Filipe

Tipo: Entrevista semi-estruturada (pretende-se que a partir de uma questão global inicial, o entrevistado produza um discurso livre e espontâneo, com base no seu quadro de referência)

Destinatário: Estudante interveniente no processo de supervisão da prática pedagógica do 3º ano da formação inicial do curso de educadores de infância.

Finalidades: Analisar e compreender o processo de supervisão da prática pedagógica dos estudantes do 3º ano da formação inicial do curso de educadores de infância.

Estratégias: Partir da experiência pessoal vivida pelo entrevistado, posicionando-se face ao seu grupo de pertença e às funções que desempenhou durante o período de prática pedagógica;

Criar um espaço de conversa em que o entrevistado partilhe os saberes que considera inerentes ao percurso de formação desenvolvido durante a sua prática pedagógica.

Aplicação: Após o período de prática pedagógica (12/07/2002).

Ponto prévio: Legitimação da entrevista

Apresentação do estudo (linhas gerais e finalidades)

Esclarecimento sobre os objectivos da entrevista

Estabelecimento de contrato (confidencialidade da entrevistada e da informação recolhida, devolução do discurso para, caso sinta necessidade acrescentar e/ou retirar alguma informação).

Tema: Percurso pessoal e profissional.

Objectivo: Conhecer o percurso realizado.

Questões	Tópicos
<p>Fale-me um pouco do seu percurso pessoal e profissional.</p> <p>- A sua prática pedagógica foi desenvolvida em que tipo de instituição (IPSS, Rede pública, Rede Camarária)? Existia mais algum(a) colega a estagiar nessa instituição?</p>	<p>- Nome; - Idade.</p> <p>- Caracterização sumária da instituição e da sala (dimensão da instituição, equipa, número de crianças, ...).</p>

Tema: Práticas de supervisão.

Objectivo: Caracterizar e analisar os modos de regulação das práticas de acompanhamento das educadoras de infância cooperantes.

Questões	Tópicos
<ul style="list-style-type: none">- Fale-me sobre a experiência de supervisão em que esteve envolvido. - Explícite as suas funções no processo de supervisão.- Que tipo de apoio lhe deu a educadora de infância cooperante? - Fale-me acerca da sua intervenção/planeamento/avaliação.- Reflectia sobre a prática pedagógica? Explícite como se realizavam essas reflexões. - As reflexões eram apenas sobre os seus desempenhos ou também sobre as práticas das educadoras de infância cooperantes?- Reflectia individualmente sobre a sua experiência? Explícite.- Como foi planeado o trabalho desenvolvido com o grupo de crianças?	<ul style="list-style-type: none">- Reflexão, planeamento, avaliação, intervenção; _ Organização do trabalho durante a prática pedagógica; - Actividades desenvolvidas. - Com quem? (individualmente, conjuntas);- Com que periodicidade?; - Que temas eram abordados?; - Em que espaços? - Como e quando planeavam a prática educativa?; - Quem participava?; - Que tipo de participação assumiu (ou lhe foi permitido assumir)?; - Que tipo de participação assumiu, ou lhe foi permitido assumir?; - Que apoio recebeu? De quem?

- Existiram momentos de avaliação? Explícite-os.

- Foram-lhe dadas oportunidades para intervir?

- Que tipo de autonomia na dinâmica da instituição lhe foi dada ou como a conquistou?

- Relacionou-se com as crianças de outras salas? E com os adultos? Explícite.

- Vamos conversar sobre as relações interpessoais que estabeleceu durante a prática pedagógica?

- Qual a relação com a equipa da sala? E institucionalmente? Integrou-se? Explícite.

- Qual o papel assumido neste processo pelos diferentes intervenientes?

- Considera importante existir mais do que um estudante realizar a prática pedagógica na mesma instituição? Explícite.

No seu caso, teria sido importante existir, pelo menos, mais uma colega a desenvolver a prática pedagógica nesta instituição? Porquê?

- Recorda-se de terem existido conflitos durante a prática pedagógica? Fale-me deles.

- Em que momentos da rotina?; - Como? - Com quem? (individualmente, em parceria)

- Com quem? (crianças, pais, equipa de sala, outro pessoal da instituição, estudantes, ed. coop., docentes, a equipa de sala); - Que balanço faz destas relações?

- Estudante, educadora de infância cooperante, pessoal da instituição.

- Percurso de formação, modos de resolução.

Tema: Espaço institucional.

Objectivo: Descrever e analisar as modalidades de gestão e organização do processo de supervisão nas instituições cooperantes.

Questões	Tópicos
<ul style="list-style-type: none">- Fale-me um pouco sobre a sua inserção no espaço educativo Institucional em que desenvolveu a sua prática pedagógica. - Como foi organizada a sua acção com a educadora de infância cooperante? - Teve oportunidades para realizar uma intervenção ao nível institucional? Explícite.	<ul style="list-style-type: none">- Conhecimento e/ou vivência da dinâmica da instituição - No espaço institucional. Na sala; - Espaços privilegiados; - Envolvimento no trabalho de equipa.

Tema: Metodologia de supervisão.

Objectivo: Compreender e analisar os modos de acompanhamento das docentes.

Questões	Tópicos
<ul style="list-style-type: none">- Gostaria que fizesse uma apreciação global da metodologia de supervisão proposta pela ESE. - Como foram desenvolvidos os trabalhos? - Que tipo de acompanhamento realizou a docente? Descreva-o e dê a sua opinião sobre o mesmo. - Como considera as sessões semanais de reflexão na ESE? - Considera o horário diário de prática pedagógica suficiente para as exigências da ESE (planear, avaliar, intervir)? - Quais as vantagens e/ou desvantagens que considera estar inerentes a este processo? - Se pudesse alterar algumas coisas, que sugestão gostaria de fazer?	<ul style="list-style-type: none">- Características inerentes ao modelo;- Organização da prática pedagógica; - Relevância das trocas institucionais; - Distribuição temporal da prática pedagógica; - Intervenção dos actores; - Articulação teoria-prática. - Negociação, tomadas de decisão, iniciativa, autonomia; - Pertinência dos mesmos. - Temas abordados; - Metodologia utilizada.

Tema: Saberes profissionais.

Objectivo: Identificar e compreender os saberes profissionais adquiridos pelos diferentes actores.

Questões	Tópicos
<ul style="list-style-type: none">- Considera que esta experiência contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal e profissional?- Quais as principais potencialidades da sua prática pedagógica?- Quais as dificuldades que sentiu? - Que limitações considera terem existido?- Penso que a sua experiência já lhe permite identificar os seus principais problemas. Gostaria de falar sobre isso?- E as principais conquistas? - Considera que ter desenvolvido a prática pedagógica nesta instituição e com esta educadora de infância cooperante teve influência no seu percurso profissional?- Que saberes identifica como adquiridos nesta sua experiência?- Quer acrescentar alguma coisa a esta entrevista?	<ul style="list-style-type: none">- Como? - Identificação de alguma mais frequente; - Identificação da forma como foram ultrapassadas. (sozinho, com a parceria da ed. coop., com apoio dos docentes (que docentes?))

Guião da Entrevista 3 – Estudante Marta

Tipo: Entrevista semi-estruturada (pretende-se que a partir de uma questão global inicial, a entrevistada produza um discurso livre e espontâneo, com base no seu quadro de referência).

Destinatária: Estudante interveniente no processo de supervisão da prática pedagógica do 3º ano da formação inicial do curso de educadores de infância (esta estudante é seleccionada por não ter entregue todos os registos divergindo, deste modo, dos registos da educadora de infância cooperante que supervisionou a sua prática pedagógica).

Finalidades: Analisar e compreender o processo de supervisão da prática pedagógica dos estudantes do 3º ano da formação inicial do curso de educadores de infância.

Estratégias: Partir da experiência pessoal vivida pela entrevistada, posicionando-se face ao seu grupo de pertença e às funções que desempenhou durante o período de prática pedagógica;

Criar um espaço de conversa em que a entrevistada partilhe os saberes que considera inerentes ao percurso de formação desenvolvido durante a sua prática pedagógica.

Aplicação: Após o período de prática pedagógica (15/07/2002).

Ponto prévio: Legitimação da entrevista

Apresentação do estudo (linhas gerais e finalidades)

Esclarecimento sobre os objectivos da entrevista

Estabelecimento de contrato (confidencialidade da entrevistada e da informação recolhida, devolução do discurso para, caso sinta necessidade acrescentar e/ou retirar alguma informação).

Tema: Percurso pessoal e profissional.

Objectivo: Conhecer o percurso realizado.

Questões	Tópicos
<p>Fale-me um pouco do seu percurso pessoal e profissional.</p> <p>- A sua prática pedagógica foi desenvolvida em que tipo de instituição (IPSS, Rede pública, Rede Camarária)? Existia mais algum(a) colega a estagiar nessa instituição?</p>	<p>- Nome.</p> <p>- Idade.</p> <p>- Caracterização sumária da instituição e da sala (dimensão da instituição, equipa, número de crianças...).</p>

Tema: Práticas de supervisão.

Objectivo: Caracterizar e analisar os modos de regulação das práticas de acompanhamento das educadoras de infância cooperantes.

Questões	Tópicos
<ul style="list-style-type: none">- Fale-me sobre a experiência de supervisão em que esteve envolvida. - Explícite as suas funções no processo de supervisão.- Que tipo de apoio lhe dava a educadora de infância cooperante? - Fale-me acerca da sua intervenção/planeamento/avaliação.- Reflectia sobre a prática pedagógica? Explícite como se realizavam essas reflexões. - A reflexão individual fora da instituição acontecia com frequência? Porquê? Explícite esta sua opção/necessidade.- As reflexões eram apenas sobre os seus desempenhos ou também sobre as práticas das educadoras de infância cooperantes?- Como foi planeado o trabalho desenvolvido com o grupo de crianças? - Existiram momentos de avaliação? Explícite-os.- Foram-lhe dadas oportunidades para intervir?- Tinha autonomia na gestão do tempo e das actividades? Explícite.	<ul style="list-style-type: none">- Reflexão, planeamento, avaliação, intervenção; - Organização do trabalho durante a prática pedagógica; - Actividades desenvolvidas. - Com quem?; - Com que periodicidade?; - Que temas eram abordados? - Como e quando planeavam a prática educativa? - Quem participava? ; - Que tipo de participação assumiu (ou lhe foi permitido assumir)? ; - Apoio das iniciativas.

- Vamos conversar sobre as relações interpessoais que estabeleceu durante a prática pedagógica?

- Teve dificuldade em estabelecer relações interpessoais com a equipa de sala? Explícite.

- E com outros elementos da instituição?

- Qual o papel assumido neste processo pelos diferentes intervenientes?

- Existe trabalho de equipa de sala? Estava integrada? Como se processa o planeamento?

- Como descreve a relação que estabeleceu com as crianças? E com a educadora de infância cooperante?

- Considera importante existir mais do que um estudante a realizar a prática pedagógica na mesma instituição? Explícite.

No seu caso, teria sido importante existir, pelo menos, mais um colega a desenvolver a prática pedagógica nesta instituição? Porquê?

- Sentiu necessidade de reflectir/conversar com outros colegas? Explícite.

- Qual a relação estabelecida com os pais (por si e pela educadora de infância cooperante)? Explícite.

- Recorda-se de terem existido conflitos durante a prática pedagógica? Fale-me deles.

- Com quem? (crianças, pais, equipa de sala, outro pessoal da instituição, formandos, ed. coop., docentes, a equipa de sala)

- Que balanço faz destas relações?

- Percurso de formação, modos de resolução.

Tema: Espaço institucional.

Objectivo: Descrever e analisar as modalidades de gestão e organização do processo de supervisão nas instituições cooperantes.

Questões	Tópicos
<ul style="list-style-type: none">- Fale-me um pouco sobre a sua inserção no espaço educativo institucional em que desenvolveu a sua prática pedagógica. - Como foi organizada a sua acção com a educadora de infância cooperante? - Teve oportunidades para realizar uma intervenção ao nível institucional? Explícite.	<ul style="list-style-type: none">- Conhecimento e/ou vivência da dinâmica da instituição - No espaço institucional. Na sala. Exterior (recreio). Comunidade. - Espaços privilegiados. - Envolvimento no trabalho de equipa.

Tema: Metodologia de supervisão.

Objectivo: Compreender e analisar os modos de acompanhamento das docentes.

Questões	Tópicos
<ul style="list-style-type: none">- Gostaria que fizesse uma apreciação global da metodologia de supervisão proposta pela ESE. - Como foram desenvolvidos os trabalhos? - Que tipo de acompanhamento realizou a docente? Descreva-o e dê a sua opinião sobre o mesmo. - Como considera as sessões semanais de reflexão na ESE? - Considera o horário diário de prática pedagógica suficiente para as exigências da ESE (planeamento/avaliar/intervir)? - Quais as vantagens e/ou desvantagens que considera estar inerentes a este processo? - Se pudesse alterar algumas coisas, que sugestão gostaria de fazer?	<ul style="list-style-type: none">- Características inerentes ao modelo; -Organização da prática pedagógica; -Relevância das trocas institucionais;- Distribuição temporal da prática pedagógica; -Intervenção dos actores; -Articulação teoria-prática. - Negociação, tomadas de decisão, iniciativa, autonomia; -Pertinência dos mesmos. - Temas abordados; -Metodologia utilizada.

Tema: Saberes profissionais.

Objectivo: Identificar e compreender os saberes profissionais adquiridos pelos diferentes actores.

Questões	Tópicos
<ul style="list-style-type: none">- Considera que esta experiência contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal e profissional?- Quais as principais potencialidades da sua prática pedagógica?- Quais as dificuldades que sentiu? - Que limitações considera terem existido?- Penso que a sua experiência já lhe permite identificar os seus principais problemas. Gostaria de falar sobre isso?- E as principais conquistas? - Considera que ter desenvolvido a sua nesta instituição e com esta educadora de infância cooperante teve influência no seu percurso profissional? - Que saberes identifica como adquiridos nesta experiência?- Quer acrescentar alguma coisa a esta entrevista?	<ul style="list-style-type: none">- Como? - Identificação de alguma mais frequente; - Identificação da forma como foram ultrapassadas. (sozinha, com a parceria da ed. coop., com apoio dos docentes (que docentes?)).

Guião da Entrevista 4 – Focus group

Tipo: Entrevista semi-estruturada (pretende-se que a partir de uma questão global inicial, os entrevistados produzam um discurso livre e espontâneo, com base no seu quadro de referência)

Destinatários: Actores intervenientes no processo de supervisão da prática pedagógica do 3º ano da formação inicial do curso de educadores de infância:

- 2 Educadoras de infância cooperantes
- 2 Estudantes.

Finalidades: Analisar e compreender o processo de supervisão da prática pedagógica dos estudantes do 3º ano da formação inicial do curso de educadores de infância.

Estratégias: Partir da experiência pessoal vivida pela entrevistada, posicionando-se face ao seu grupo de pertença e às funções que desempenhou durante o período de prática pedagógica;

 Criar um espaço de conversa em que a entrevistada partilhe os saberes que considera inerentes ao percurso de formação desenvolvido durante a sua prática pedagógica.

Aplicação: Após o período de prática pedagógica (16/07/2002).

Ponto prévio: Legitimação da entrevista

 Apresentação do estudo (linhas gerais e finalidades)

 Esclarecimento sobre os objectivos da entrevista

 Estabelecimento de contrato (confidencialidade da entrevistada e da informação recolhida, devolução do discurso para, caso sinta necessidade acrescentar e/ou retirar alguma informação).

Tema: Percurso pessoal e profissional.

Objectivo: Conhecer o percurso realizado pelos actores.

Questões	Tópicos
<p data-bbox="174 319 1426 362">- Falem-me um pouco do vosso percurso pessoal e profissional.</p> <p data-bbox="174 450 319 480">Estudantes</p> <ul data-bbox="174 489 1426 612" style="list-style-type: none">- Por que optaram por este curso?- A vossa prática pedagógica foi desenvolvida em que tipo de instituição (IPSS, Rede pública, Rede privada)? Existia mais algum(a) colega a estagiar convosco nessa instituição? <p data-bbox="174 704 625 734">Educadoras de infância cooperantes</p> <ul data-bbox="174 878 1426 1000" style="list-style-type: none">- Há quantos anos são educadoras de infância cooperantes da ESE de Setúbal?- Na instituição em que exercem as vossas funções existia mais algum estudante a estagiar? E na mesma sala existia outro estudante (mesmo que não seja da ESE de Setúbal)?	<ul data-bbox="1426 319 1961 763" style="list-style-type: none">- Nome;- Idade. - Habilitações académicas e profissionais;- Escola(s) de formação (inicial, complementar);- Anos de serviço;- Funções.

Tema: Práticas de supervisão.

Objectivo: Caracterizar e analisar os modos de regulação das práticas de acompanhamento das educadoras de infância cooperantes.

Questões	Tópicos
- Falem um pouco sobre a experiência de supervisão em que estiveram envolvidas.	- Reflexão, planeamento, avaliação, intervenção; - Organização do trabalho durante a prática pedagógica; - Actividades desenvolvidas.

<ul style="list-style-type: none"> - Quais os objectivos e finalidades que orientaram esta experiência? - Como se desenvolveu o processo intervenção/planeamento/avaliação? - Reflectiam sobre a prática pedagógica? Explicitem como se realizavam essas reflexões. - As reflexões eram apenas sobre os desempenhos das estudantes ou também sobre as práticas das educadoras de infância cooperantes? - Como foi planeado o trabalho desenvolvido com o grupo de crianças? - Foram dadas oportunidades às estudantes para intervir? - Que relações interpessoais que se estabeleceram durante a prática pedagógica? - Qual o papel assumido neste processo pelos diferentes intervenientes? - Consideram importante existir mais do que um estudante a realizar a prática pedagógica na mesma instituição? Explicitem. - Recordam-se de terem existido conflitos durante a prática pedagógica? 	<ul style="list-style-type: none"> - Com quem? (individualmente, conjuntas).;- Com que periodicidade? ;- Que temas eram abordados? - Como e quando planeavam a prática educativa?; - Quem participava? - Em que momentos da rotina?; - Como? - Com quem? (individualmente, em parceria) - Percurso de formação, modos de resolução.
---	---

Tema: Espaço institucional.

Objectivo: Descrever e analisar as modalidades de gestão e organização do processo de supervisão nas instituições cooperantes.

Questões	Tópicos
<ul style="list-style-type: none"><li data-bbox="172 293 1424 424">- Falem-me um pouco sobre a inserção do estudante no espaço educativo institucional. <li data-bbox="172 429 1424 515">- O estudante teve oportunidades para realizar uma intervenção ao nível institucional? Explícite.	<ul style="list-style-type: none"><li data-bbox="1431 293 1957 424">- Conhecimento e/ou vivência da dinâmica da instituição. <li data-bbox="1431 429 1957 515">- Espaços privilegiados<li data-bbox="1431 474 1957 515">- Envolvimento da equipa.

Tema: Metodologia de supervisão.

Objectivo: Compreender e analisar os modos de acompanhamento das docentes.

Questões	Tópicos
<p>- Gostaria que fizessem uma apreciação global da metodologia de supervisão proposta pela ESE.</p> <p>- Como desenvolveu o estudante os trabalhos?</p> <p>- Que tipo de acompanhamento realizou a docente? Descrevam-no e dêem a vossa opinião sobre o mesmo.</p> <p>- Quais as vantagens e/ou desvantagens que consideram estar inerentes a este processo?</p>	<p>- Características inerentes ao modelo.</p> <p>- Organização da prática pedagógica/ distribuição temporal.</p> <p>- Relevância das trocas institucionais.</p> <p>- Articulação teoria-prática.</p> <p>- Negociação, tomadas de decisão, iniciativa, autonomia.</p> <p>- Pertinência dos mesmos.</p>

Tema: Saberes profissionais.

Objectivo: Identificar e compreender os saberes profissionais adquiridos pelos diferentes actores.

Questões	Tópicos
<ul style="list-style-type: none">- Consideram que esta experiência contribuiu para o vosso desenvolvimento pessoal e profissional? - Quais as dificuldades sentidas? - Que saberes identificam como adquiridos nesta experiência? - Gostariam de acrescentar algo a esta entrevista?	<ul style="list-style-type: none">- Como? - Identificação de alguma mais frequente.- Identificação da forma como foram ultrapassadas.

Anexo 10
(Protocolos das entrevistas)

1ª Entrevista (tempo aproximado 2 horas)**10 de Julho de 2002****Local: Instituição em que a Educadora Cooperante exerce as suas funções****Entrevistada: Educadora de Infância Cooperante Sara**

Vamos dar início a esta nossa conversa? Gostava que te identificasses. Podes referir o teu nome que depois eu altero, mantendo o sigilo, a tua idade... No fundo, gostava que me falasses do teu percurso pessoal e profissional.

O meu nome é Sara, tenho 26 anos, vou fazer 27 anos na sexta-feira...

... Ainda bem que não combinámos para 6ª feira...

Portanto já tenho 27. Tirei o curso na ESE de Setúbal em 93, 93-96, por acaso foi uma experiência muito muito positiva, tive algumas quebras porque era o ensino superior, era diferente...

É um curso de bacharelato.

Ainda foi bacharelato. Agora estou a tirar a licenciatura! Já estou a ver quando é que chega ao fim pois estou muito cansada e já estamos em Julho, nunca mais acaba. Quer dizer, já falta pouco!

Em que área Sara?

Na 1ª Infância, no Complemento de Formação em 1ª Infância.

E em que escola de formação?

Também na ESE de Setúbal. Decidi tirar lá porque achei que... identifico-me muito com aquela escola mesmo tudo o que aprendi e aquilo que sou enquanto profissional também devo um bocado ao que aprendi lá, então quis seguir...

Porquê?

(mhmm) Acho que...

Quando tu dizes, tudo o que aprendi, tudo o que eu sou tem a ver com aquela escola ou...

Tem a ver com o que me passaram, com a mensagem que me passaram, eu enquanto pessoa sou assim não é?... Melhorei alguns aspectos, também amadureci, alguns..., bem amadureci, bem também era muito novita (risos) mas agora já passaram uns anitos... mas... amadureci, penso que amadureci e também devido muito ao que aprendi ao que vivi lá, ao que os professores me passaram ao que aprendi com colegas, a tudo... ao envolvimento... penso que foi tão importante que eu não queria ir para mais fado nenhum a não ser a ESE de Setúbal e depois surgiu esta oportunidade e eu concorri... (risos) e cá estou.

Quando dizes... tudo aquilo que aprendestes, achas que está relacionado com a forma como ensinaram, o que te ensinaram, tem a ver mais com o quê?...

Tem a ver com a forma porque às vezes a gente pensa que aprende, mas se o professor for uma pessoa muito... que não se dá muito com o aluno, que... que é aquela postura de distância, nós se calhar desinteressamo-nos um bocado, mas eu acho que os professores se envolvem muito connosco, partilham muito connosco, e isso era muito importante, a professora C. envolvia-se daquela maneira mais... mais... envolvia-se porque ela conhece-nos a todas, ainda hoje sabe o nosso nome, e isso é muito importante! A professora C. foi muito... acho que nos marcou muito a todas, as que tiveram a sorte de trabalhar com ela (sei que agora já lá não está), a professora M., a professora A.B., o professor A., aqueles quatro, parece que nos ficamos para sempre e as palavras deles parece que ainda estão aqui e às vezes vou lá rever algumas coisas que estamos também a dar agora porque tenho muitos professores que foram meus e isso também é muito bom, porque nós sentimo-nos em casa...

O voltar...

É isso o voltar e acho que tem muito a ver com esse envolvimento, com a forma como nos envolveram, como nos passaram a informação, acho que nos influenciou muito, às vezes dou por

mim a lembrar de coisas que dizia o professor A., tipo com a história do lobo mau, e agora voltámos à psicanálise dos contos de fada com a professora M.F. e eu lembrei-me de uma vez ter perguntado ao professor A., enquanto era estagiária, mas nós temos que dizer que o lobo mau morreu? Coitadinhos? Sabes, aquela coisa de nós dizermos coitadinhos das crianças, agora vamos dizer que o lobo mau morreu? Porque nós é que temos dificuldade em lidar com a morte, é muito complicado para nós e eu lembro-me de ele dizer que ele tem de morrer, porque senão já imaginou a criança à noite no quarto a pensar que o lobo está no quarto e que a pode comer? Isto é só um exemplo para mostrar que realmente foi significativo se não fosse se calhar nunca me lembraria disto! Se não fosse se calhar nunca me lembrava do que a professora M. dizia, ou o que a professora C. nos disse... mas isto foi tudo tão significativo que eu pensei, não, não vou para Piaget's, não vou para outra escola, tenho que ir para a ESE de Setúbal e consegui e como estou a trabalhar em Setúbal, ainda melhor... estou aqui a um passinho da ESE.

Há quanto anos é que trabalhas, Sara?

Eu quando acabei em 96 comecei logo a trabalhar, portanto estou no sétimo ano de serviço.

Sempre nesta instituição?

Não, estive dois anos num colégio particular, com crianças de um nível económico mais elevado, quer dizer os pais das crianças tinham um nível económico mais elevado, eu gostei, pessoalmente gostei, só que tive algumas dificuldades com as patroas, coisas com as quais eu não concordava muito, era muito produzir, produzir, produzir, produzir para os pais verem e eu não concordava muito e depois também entretanto casei vim morar para o Pinhal Novo e era muito cansativo o tempo que passava na viagem porque era na Verdizela, perto da Cruz de Pau, entretanto consegui arranjar trabalho no Pinhal Novo e fiquei lá dois anos, numa IPSS. Fiquei lá dois anos e sinceramente acho que foi o local onde o meu trabalho foi mais reconhecido e sentia-me bem, comecei a ganhar mais confiança em mim, porque nos outros dois anos anteriores foi muito difícil, também tinha acabado o curso há dois anos. Apesar das minhas colegas dizerem que eu estava bem, eu achava sempre que não, que era horrível, que nunca sabia fazer nada e que não conseguia fazer nada, que era horrível. Foi nesta instituição que eu dei o "passo" da minha carreira profissional, ainda não acabou, não é? Mas foi lá que eu ganhei confiança e vi o meu trabalho ser reconhecido pelas pessoas, era disso que eu estava a precisar para ganhar aquela confiança e seguir em frente. Entretanto assumi o cargo de coordenadora de pólo e eu não dava para aquilo... porque realmente achava que não conseguia, achava não! Eu não conseguia, nem consegui porque eu estava a coordenar e na sala ao mesmo tempo!

Estavas a acumular funções!

Eu não consegui levar o barco como eles queriam e como eu achava que devia ser, então decidi, porque eu sou uma pessoa assim, não estou ali para ganhar raízes, se não consigo, e não consegui, mudo-me, não consigo estar se não estou bem, não sou como algumas pessoas que não arriscam... Há sempre um sítio para nós irmos... eu sei que é complicado, pelo menos para nós educadoras, mas eu... eu não tinha filhos, do que é que eu estava à espera? Continuar a agir contra os meus princípios? – Não! Então falei com algumas pessoas e pedi à minha cunhada, que também é educadora, vê lá se me arranjas alguma coisa para Setúbal porque eu já não consigo estar aqui. Depois surgiu a oportunidade de vir para o Sol, das experiências mais maravilhosas da minha vida! Estou a adorar, adorar, adorar, com A grande mesmo! Estou a amar estar aqui, porque estes miúdos são mesmo aquilo que eu gosto, são miúdos que... eu também sou muito miminhos e de beijinhos e abraçinhos e eles gostam disso... a parte afectiva é muito importante!
Dás muita importância à relação!

Dou muita importância à relação, acima de tudo! Acima de qualquer coisa é a relação, aqui nós conseguimos conhece-los a todos, como é que possível não é? Nós estarmos aqui e sabermos que aquele gosta de uma maneira o outro gosta de outra e isso só se consegue através de uma relação mais próxima. E como consegui trabalhar muito bem com estes miúdos, fiquei muito contente porque consegui logo pegar no grupo, porque eu fiquei com um grupo com 4 anos, vim para cá o ano passado e fiquei com um grupo com 4 anos.

Então estás nesta instituição desde o ano passado!

Sim e peguei no grupo com 4 anos e como vinham de uma experiência não muito positiva, segundo ouvi, com uma educadora que não privilegiava a relação, era uma pessoa com muitos muitos vícios, já com muitos anos de trabalho e depois se nós não investimos, não evoluímos, deixamo-nos ir por

esse caminho. Há dois caminhos, não é? Mas eu também não quero falar disso porque não o conheço, por isso não posso falar, era o que eu ouvia. Mas fiquei muito contente porque consegui envolver a auxiliar...

Tens trabalhado sempre com a mesma equipa?

Tenho, tenho é uma pessoa excelente, excelente, excelente, acho que tive muita sorte em trabalhar com uma pessoa assim, e consegui envolvê-la a ela e envolver os miúdos, por exemplo naquelas pequeninas coisas que eu dizia vamos experimentar assim, ela dizia ah não sei, acho que... Por exemplo serem eles a porem a mesa, são coisas que eles nunca tinham feito mas que achava que podiam ser eles a porem por exemplo um guardanapinho, um copo de água, um... só que eram coisas que eles nunca tinham feito e começou a partir daí e quando ela dizia que não ia resultar, pronto vamos experimentar, pode ser? E ela dizia está bem...e foi assim que eu fui conquistando a auxiliar aos poucos e poucos. Nós também temos que ser subtis, temos que conseguir levar a água ao nosso pote e eu acho que consegui fazer isso, agora neste momento temos uma equipa excelente, os miúdos estão...

Como é que é a equipa da tua sala?

Sou eu e a auxiliar, a Ana.

Que é uma ajudante de acção educativa.

Sim.

E são quantas crianças?

Vinte e cinco, quer dizer nunca tivemos os vinte e cinco, são vinte e quatro. Esta questão da equipa para nós é muito importante pois se não estamos bem com a pessoa que está na nossa sala, acho que o trabalho não corre tão bem. É essencial as duas pessoas falarem a mesma linguagem, estarem em sintonia.

Tem facilidade em estar com ela?

Tenho muita, muita, falamos muito mesmo dos meninos, brincamos muito com eles, porque acho que é muito importante, eles adoram. Ela é uma pessoa super divertida e depois eu também sou, não é verdade? Como somos as duas muito divertidas todas as pessoas que entram aqui parece que se deixam envolver por esta magia. Porque no fundo se nós formos assim tão rigorosas, eles já vão ter tanto rigor quando forem para o 1º ciclo, ou sei lá para outras escolas, bem sei que cada professora é um mundo, mas acho que elas só têm oportunidade de serem crianças, de brincar, se calhar aqui em casa muitas destas crianças são adultas, mini adultas...

Porque é que dizes isso?

Nota-se que elas em casa têm a responsabilidade de cuidar dos irmãos mais novos, ficam muitas vezes sozinhas que nós temos conhecimento disso, o que eu acho que... até arrepia... temos um menino que se nota mesmo que às vezes não é acessível nalgumas brincadeiras porque está tão habituado a ter aquela responsabilidade, se calhar estou a fazer alguma inferência, mas... parece-nos a nós não é... mas nós também tentamos ter o bom senso de não falarmos dessas coisas à frente deles. Às vezes são os pais que comentam connosco, mas outras vezes nem é preciso dizerem-nos nada só pelo olhar nós compreendemos as situações, eu nem sei explicar isto, só quem vive isto é que consegue compreender, todas as pessoas que têm passado aqui têm comentado que nós as duas parece que já nem precisamos que dizer as coisas e eu acho que isso é essencial para que o trabalho corra bem. Além de que me sinto aqui muito bem, eu acho que só saio daqui se tivesse uma proposta muito, muito boa, e estou a ganhar mal!! (riso), que eu sei disso, estou a ganhar muito, muito mal, mas estou bem, estou bem por dentro o que compensa tudo o resto. Temos chatices como em todos os lados, mas acho que foi dos sítios por onde passei onde realmente me sinto realizada.

Sara há pouco dizias que quando assumiste o papel de coordenadora não te sentias bem, não era um papel que tu gostes de assumir. Quais são as tuas funções nesta Instituição?

Sou educadora responsável por uma sala, este ano lectivo, de 5 anos, o ano passado pelo grupo de 4 anos, portanto acompanhei o grupo...

Vocês trabalham com grupos homogêneos.

Agora sim, mas estamos a tentar mudar para grupos heterogêneos, graças a Deus, porque nós andámos a tentar mudar mas a Direcção tem-nos posto entaves, e eles estão habituados a estarem com os meninos mais pequeninos, os irmãos, e têm essa responsabilidade de levar os mais pequenos, de tomarem conta deles, e nós achamos muito saudável porque incute neles um espírito de responsabilidade e de solidariedade, eles parecem que se transformam quando estão juntos dos mais pequeninos, parece que... aquele sentido de responsabilidade e depois também há uma coisa muito boa, não solicitam tanto o adulto, não é? Porque conseguem resolver entre eles não é? Eles aqui não param de chamar o nosso nome e nós às vezes até dizemos, vai resolver com ele, vai falar com ele, vamos dando assim aquele abano, bem agora já vão fazendo mais isso mas o grupo heterogêneo é, sem dúvida alguma, muito mais saudável. Parece que conseguem partilhar mais entre eles, nós estamos cá, que é o que se pretende, que estejamos cá mas como uma forma de apoio, não tanto de resolvermos as coisas por eles. E explicámos isso ao nosso novo Director que aceitou, bem nós justificámos, fizemos um pequeno documento, com uma fundamentação teórica e achamos que isto agora tem pernas para andar, sabemos que vamos ter mais trabalho realmente mas penso que toda a gente já está convencida, o grande problema é que as auxiliares não queriam, nunca trabalharam dessa forma... bem vamos ver...

Olha Sara, és educadora cooperante da ESE à quantos anos?

Há dois anos.

Só desde que estás nesta instituição?

Sim, quer dizer eu já queria ser há mais anos, mas ninguém queria ir para o Pinhal Novo (risos)...

E porque é que querias ser educadora cooperante, porquê essa vontade de querer ser educadora cooperante?

Eu sinto que aprendi muito ao longo destes seis anos de trabalho, não são muitos, mas, o meu curso marcou-me muito, mas também achava que poderia transmitir algo de positivo a alguém que viesse e, como também fui estagiária, também fiz estágios, também gostei da forma como alguns educadores cooperantes me apoiaram, algumas mais do que outras, cada pessoa tem uma forma diferente de agir e eu sentia que poderia dar algo de mim a essas estagiárias, ou estagiários, não é? Porque eu sinto que quando se acaba o curso não se sabe nada. Não sabemos nada. Sentimos que não sabemos nada, andamos que nem baratas tontas, sentimos que somos horrorosas, pensamos que não conseguimos nada, que nem objectivos sabemos definir, mas nós sabemos, não temos é confiança, é necessário aquele salto de que eu falei há pouco, que só se consegue quando se é reconhecido e eu acho que tenho algo para dar e pensei que gostava de experimentar, porque é uma experiência importante e interessante, poder partilhar, elas poderem ver como é que nós fazemos, sei lá, no fundo é de lhes ensinar qualquer coisa – entre aspas, não é? - Sim porque nós também lhes estamos a ensinar algo, estamos a ser o modelo delas e eu com aquela confiança que ganhei achei que poderia transmitir algo de positivo e... penso que consigo, claro que com os meus erros, pois todos nós erramos, mas penso que ajudei muito também, pelo menos o ano passado, penso que consegui ajudar a estagiária porque também dei muito de mim, porque considero que não devo ir só pelo profissional, vou muito pela pessoa, pela relação e por isso invisto muito na relação com os alunos, eu adoro aquilo que faço e por isso empenho-me muito no meu trabalho, a relação é o centro de tudo e eu quero transmitir isso aos alunos, que é bom nós gostarmos do que fazemos e não tirar o curso apenas para ter uma licenciatura, gostar, essencialmente gostar!

Consideras que só gostar é suficiente?

Eu digo que é um dos principais, gostar e depois ter a sensibilidade como é que eu posso explicar? O gostar é essencial porque se nós não gostarmos do que fazemos, também não conseguimos ...

Mas isso acaba por ser em todas as profissões, ou não?

Sim, em quase todas, mas há pessoas que não se sentem realizadas, tenho conhecimento. É gostar e sentir-se realizada, acho que são a base para nós podermos fazer um bom percurso profissional e evoluir como pessoa, se nos deixarem, se as pessoas estiverem abertas a isso conseguem, se quiserem conseguem (risos), é que o nosso conhecimento vem sempre da relação com o outro, por isso é que eu invisto tanto na relação eu penso que posso sempre dar mais aos estagiários, é o partilhar este gosto que eu tenho pelo que faço e envolve-los nesta dinâmica toda e tentar perceber

se eles também transmitem isso, ainda que às vezes uns sejam mais tímidos que outros, mas é também ter a sensibilidade de envolver a pessoa, de “ver” a pessoa que temos connosco, porque nós não podemos dissociar a pessoa que somos do educador, acho que é muito importante o ser pessoa e o ser educador. E eu acho que consigo captar isso, eu tento captar isso nos alunos. Por isso é que eu aceitei ser educadora cooperante e tem sido uma experiência muito interessante e muito motivadora do meu percurso como educadora de infância.

Falaste da tua relação com a estagiária o ano passado, e este ano, a tua relação enquanto educadora cooperante com o aluno, continua a ser positiva?...

Sim, sim sem dúvida e o facto de ter sido um rapaz ... veio confirmar que realmente faz muita falta um elemento masculino e mais nestas realidades porque muitas destas crianças não têm o elemento masculino em casa, o pai está ausente, por diversas razões e muitos deles viam-no ..., a voz é diferente, a postura é diferente, a altura é diferente, todo ele é diferente não é? E aqui só existem mulheres a trabalhar, somos só mulheres. Só por isso já é positivo. Depois ele é uma pessoa extremamente agradável, lá está a pessoa. Ele até podia ser o máximo e não se relacionar com as crianças, podia ser um profissional que soubesse colocar os objectivos maravilhosamente no papel e soubesse definir muito bem as suas estratégias, saber fundamentar bem a sua prática e depois falhar, não estabelecer relação com os outros e principalmente com as crianças, não dar um beijinho aos meninos, não dar um abraço quando eles solicitassem, mas acho que ele conseguiu isso, apesar de ao nível da escrita ter ficado um pouquinho aquém do que era pedido, mas se calhar a culpa também é minha, não nos juntámos o suficiente.

Não realizaram registos escritos?

Porque tentávamos nos juntar para realizar o que nos era pedido pela ESE ...

Estás a referir-te aos registos semanais?

E dávamos por nós a conversar, conversávamos, conversávamos, conversávamos, conversávamos, conversávamos e escrever nada. Tivemos que nos obrigar a escrever.

Quando tu dizes que conversavam muito isso acontecia no dia a dia ..., quando digo dia a dia, na sala com as crianças durante as actividades, ou tinhas um momento em que estavam juntos especificamente para conversarem?

Tínhamos um momento que era quando eu ia para a minha hora de descanso, que é da uma às duas da tarde, e ele ficava sempre um bocadinho e nós famos conversar, nem que fosse cinco ou dez minutos, que nunca era, era sempre mais. Nós arranjávamos sempre este espaço. Nós pensávamos assim, já que não conseguimos agora escrever, já que é difícil para ambos, pelo menos obrigámo-nos a conversar todos os dias e acho que houve só uma semana, é que não conseguimos, mas conversámos, não conseguimos foi fazê-lo todos os dias, porque aconteceram ... já nem lembro muito bem porquê, mas não foi porque não quisemos, foi porque não conseguimos.

Sentiram mais dificuldade em pôr por escrito a vossa reflexão, do que em reflectir...

Sem dúvida e penso que a relação, que eu privilegio, e que ele privilegiou é fundamental com estas crianças, com estas?! Com todas, não é? Mas principalmente com estas, o passar a mão pela cara, dar uma festinha pelo cabelo, elas já ficam radiantes e ele fazia isso, ele envolvia-se com as crianças e

Ele tem uma grande capacidade de se relacionar, de se envolver com ...

Tem, tem.

Com as crianças e com os adultos...

Sim, sim, mesmo com os adultos...

Qual era a relação que ele tinha com a equipa, portanto contigo, com a auxiliar e ...

Espectacular, espectacular, mesmo espectacular, não estou a abusar da palavra, é espectacular, quer dizer já para os finais do estágio, porque claro como é óbvio no início foi mais difícil, ele teve algumas dificuldades.

Tenta dar alguns exemplos.

Espectacular no sentido que já nós, aquela cumplicidade que eu tinha com a auxiliar, já conseguia ter com ele também e ele com a Ana. Havia o triângulo e nós mesmo quando estávamos em grande grupo com ele certas piadas, ele já dizia as piadas também, já as crianças brincavam com ele também, aquilo que nós fazíamos as duas, conseguíamos fazer com ele também, portanto não o sentíamos como um intruso, não o sentimos com nada, tentámos explicar a razão pela qual ele estava cá, que estava a estudar que ia ser educador, explicámos tudo, porque nós explicamos sempre tudo, conversamos sempre tudo com elas...

Há pouco eu ia a dizer ... quando tu dizes que a relação é muito importante e tens falado muito na tua relação, no fundo numa relação muito afectiva, no carinho, nas festas, a relação é só isso, ou existe algo mais?

Não, não... existe algo mais, também há cumplicidade entre nós, entre nós adultos com as crianças, o falar, conversamos de tudo e sobre tudo, ah... todos os problemas que surgem aqui, pelo menos os conflitos físicos e aqui deparamo-nos com muitos conflitos físicos, houve uma altura em que o Francisco regressou e que era notório esse conflito às tantas nós até já andávamos com as mãos na cabeça, meu Deus o que é que eu faço? Tínhamos que contar até dez, por isso é que temos ali (e aponta para a parede) "Respirar fundo e contar até dez", porque tivemos que encontrar uma estratégia, às vezes era ir até à janela apanhar ar fresco, qualquer coisa que as pudesse acalmar!... E conversávamos sempre, tentávamos sempre resolver através do diálogo, era sempre feito ... a relação também passa por aí, o saber chegar até elas, aliás isso é fundamental, não é só as festas e os beijinhos, que também é importante, mas não é só isso, é o facto de todos os dias de manhã nós nos reunirmos, o facto de tudo ser pensado em função dos interesses delas, nada que pudéssemos, ou disséssemos hoje vamos fazer isto e vamos fazer porque ... e elas perguntarem porquê e nós respondermos "olha porque vamos" e não! Era tudo explicado ...

Achas que a sensibilidade é importante...

Muito e aqui era muito nós sentávamo-nos de manhã e depois, bem tínhamos era uma coisa que tínhamos que fazer que é respeitar a rotina, porque a rotina é importante para elas saberem o que se vai passar a seguir. O que elas sabiam era que tínhamos que marcar o dia, víamos o tempo, cantávamos o "Bom dia" que às vezes elas nem queriam cantar e então já não se cantava, mandávamos só um beijinho, ou qualquer coisa e depois ou contávamos uma história, ou elas contava alguma coisa sobre si ou sobre o grupo, ou cantávamos umas canções que elas escolhiam, colocam ali as canções (e aponta para um dossiê com canções), elas já sabiam isso, chegavam de manhã – Posso trocar as canções? – Podes! E pronto trocam as canções. Às tantas, vinha outra e – Posso trocar as canções? – Não, não que eu já troquei dizia a outra. Elas conseguiam sempre resolver e nós promovemos isso, a flexibilidade que lhes damos também permite que elas se organizem e depois disso escolhiam as áreas, embora tenha ficado um bocado decepcionada, há pouco tempo

Porquê?

Porquê? (risos ...) Porque há limite de crianças nas áreas e eu agora não ia voltar atrás, de qualquer forma quando falámos nisso agora num dos módulos do complementar, nós estávamos num debate, em que um grupo de colegas estava a apresentar um trabalho falaram no limite das áreas e isso foi discutido. Eu até falei que também limitava o número de crianças nas áreas, primeiro porque eu quando "apanhei" este grupo, apanhei um grupo extremamente desorganizado, elas nem sequer sabiam o que era escolher uma área, o que era planear, não sabiam o planear, o recordar, estes conceitos não existiam no grupo ...

Explica-me porque é para ti tão importante estes conceitos. Utilizas alguma metodologia específica?

O C.O.C. (Currículo de Orientação Cognitivista), guio a minha acção pelos seus princípios é nele que acredito, é com este currículo que me identifico e neste currículo existe a experiências chave, também tenho o planear, o recordar está sempre presente todos os dias e elas não tinham este tipo de organização, eu acho que não tinham nada, eu nem sei como é que elas se organizavam e por isso eu senti necessidade de recorrer a este tipo de organização.

Ou seja, de limitar as áreas.

Para elas se organizarem, pensava eu! Não consegui que elas tivessem auto-regulação do grupo, não consegui que se auto-organizassem e como as coisas não funcionavam achei que teria de encontrar algumas estratégias, tinha que organizar este grupo, então foi assim que propus que as áreas tivessem limite de meninos, o grupo envolveu-se muito na organização, já estava tão interiorizado no grupo que estava a funcionar muito bem, eu até achava que não estava a fazer mal. Achei no início, mas depois pensei, pensei e repensei e reflecti e percebi que não era assim tão negativo, porque no fundo elas queriam ir para a casinha mas as outras que lá estavam já diziam ah já não dá para ir e elas optavam por outra quer dizer, havia algumas birras pelo meio

Ainda que fizesses algumas restrições, também havia negociação.

Exacto, por isso é que eu não fiquei a pensar tão mal, por que eu fiquei mesmo abalada com isto ...

Estamos sempre a aprender, não é?

Não a sério que fiquei... Mas como eu já não posso voltar atrás, porque elas nunca iriam interiorizar aquilo a seguir, pensava eu, não sei não experimentei mas eu achava que não tinha muita lógica nesta altura do ano chegar ao pé do grupo e dizer "meninos escolham a área, para onde é que querem ir?". Mas ainda tentei uma vez e o próprio grupo não reagiu muito bem, não sabia com gerir "e agora, ainda podemos ir? Mas já estão lá muitos!". Eu penso que se consegue, eu vou tentar isso para o ano. É um desafio a mim própria e lá está é muito bom voltar à escola, há coisas que agora fazem sentido, principalmente aqueles módulos que se relacionam com a prática, servem mesmo para isso, para nos ajudar a evoluir, para nos ajudar a ajustar a nossa acção..._Do que é que estávamos a falar?

Estavas a falar da importância da relação, da ...

Ah... que não era só os beijinhos e penso que nós conseguimos essa relação através da flexibilidade que lhes damos, porque permitimos (a equipa) que elas se organizem entre si, permitindo também que sejam elas a resolver os seus próprios conflitos, dando-lhes essa responsabilidade.

Existe mais um aspecto em relação ao teu percurso profissional que ainda não abordamos e que eu gostaria de falar contigo, este ano lectivo existiu mais algum estagiário ou estagiária nesta instituição?

Sim ...

Eram estagiários da ESE?

Sim, da ESE.

E como é que desenvolveram o seu estágio? Em que salas? Em que valências?

Tivemos estagiários apenas da ESE, a estagiar na Creche.

Qual é a tua opinião? Consideras importante que exista mais do que um aluno a estagiar na mesma instituição? O ano passado nesta instituição estagiaram três alunos do terceiro ano, este ano apenas o aluno que estagiou contigo, por razões internas à vossa instituição, era do terceiro, os restantes eram do segundo ano, não foi? Como consideras estas opções?

Eu considero muito importante que exista mais do que um estagiário na instituição, até porque facilita a sua integração neste mundo, que para eles é novo. Penso que não importa que sejam do mesmo ano, o que importa é que eles vêm caras conhecidas e sentem-se mais à vontade para circular na instituição, para interagir neste meio. Por outro lado é uma forma de os alunos de anos diferentes se relacionarem mais, eu acho que é importante a trocas de ideias, a troca de saberes que eles estabelecem, mesmo sem se aperceberem, sim porque muitas vezes eles não têm consciência da importância desta relação, aliás até nós muitas vezes não nos apercebemos do quão importante ela é, acho que só agora é que estou a reflectir sobre isso, interessante não é?

Como é a dinâmica da instituição? Permite que eles interajam uns com ou outros, quais são os espaços que eles "habitam"?

Os alunos estão organizados em espaços muito próprios e a creche, pela organização espacial da instituição, fica um bocadinho longe daqui, por isso os estagiários só se encontravam em situações esporádicas, quer dizer, encontravam-se diariamente mas em situações como o almoço, lá em baixo no refeitório ...

O almoço das crianças ou o almoço...

Nosso, dos adultos! Do pessoal e às vezes no recreio, mas muito poucas vezes devido ao facto só pode ir uma sala de cada vez para o exterior.

As crianças não se juntavam no exterior?

Agora juntam.

E na altura em que o estágio decorreu?

Nessa altura não, devido ao facto de nós termos ordens do director da instituição de que, as crianças das diferentes salas não podiam estar juntas no exterior. Agora com o novo director começamos a ir aos poucos e as coisa já estão muito diferentes, e para melhor, pelo menos eu acho!

Então como é que decorria?

la uma sala de cada vez, com um horário mais ou menos predefinido, isso era muito mau, quer para as crianças, quer para o desenvolvimento das actividades e se os alunos se encontraram foi uma vez, só! Se calhar nem isso!

Eu lembro-me dos registos e nós por vezes também conversávamos, eu não tenho agora presente, mas o estagiário, digamos que pela prática da própria instituição teve alguma dificuldade, ou foi-lhe vedada alguma relação com as outras salas!

Sim, o facto de as salas ficarem distantes entre si não favorecia...

Quando dizes distante...

A sala dos cinco anos está afastada da parte da creche, tem um corredor enorme, depois mais uma porta, por isso é que eu digo distante. Mas às vezes passávamos por ali quando fomos para o recreio e a porta estava aberta e dizíamos um olá! E pronto, era só nessas situações.

Portanto não existe um trabalho conjunto.

Penso que não ... nem eles desenvolveram muito devido a isso, também são de anos diferentes, faixas etárias diferentes, grupos diferentes... Penso que isso influenciou um pouco, mas se fomos a analisar bem ...se calhar também houve falhas minhas e depois eles também gostam muito de estar nas "suas salas", envolvem-se com o grupo de crianças e querem estar o máximo de tempo na sala, o máximo de tempo com as crianças e isso também tem influência na ausência de relação com as outras salas. Nós também fomos ao recreio antes do almoço, depois optámos por não ir, também fizemos algumas mudanças no sentido de conseguirmos estar mais tempo juntos.

Vamos agora falar um pouco da tua experiência enquanto orientadora de estágio. Fala-me da tua experiência de supervisão, tenta descrever a tua relação com o estagiário enquanto educadora cooperante e portanto enquanto supervisora do estágio de um aluno do 3º ano do curso de educadores de infância.

Eu tentava sempre não vincar muito esse meu papel e tentei que ele passasse despercebido, não é bem isso. Eu primeiro tentei colocar-me no lugar do aluno, da estagiária que já fui e tentei pensar no que é que eu não gostava que me fizessem e o que é que eu gostava que me fizessem. Uma das coisas em que eu apostei foi na recepção ao aluno, o tentar recebe-lo da melhor forma possível, o primeiro dia foi só mostrar a instituição, não tanto dar-lhe o espaço dele, a sala em que ele iria estagiar, o grupo de crianças ... não, foi recebe-lo da melhor forma, porque era o que eu gostava que me fizessem, porque eu tentei sempre pensar no que é que eu gostava e do que não gostava, pois também já fui estagiária e sei reconhecer que existem muitas dificuldades. Depois dentro da sala, no dia a dia, na dinâmica da instituição, não sei se é isto que me perguntaste...

Sim, sim...

Tentar não marcar o papel de supervisão que eu desempenhava, pois eu é que estava aqui, eu é que estava a ver, a acompanhá-lo. Tentar não marcar este papel para não o intimidar, deixá-lo resolver os problemas que iam surgindo, não interferir muito nessa resolução, dar-lhe espaço para que ele pudesse evoluir, às vezes ele não evoluía mais porque ele não queria! Porque ele dizia-nos que o grupo já estava tão feito a nós, o que é normal, eu até dizia, o facto de ele às vezes Uma das dificuldades dele era em falar no grande círculo, com todas as crianças, era onde eu interferia sempre para o ajudar e falei com ele sobre as suas dificuldades e discutimos este assunto e mais tarde discutimos com a professora orientadora quando ela cá veio visitá-lo proporcionava-se sempre um ambiente tranquilo e proporcionador da partilha, falámos os três e discutíamos, reflectíamos sobre tudo e principalmente sobre as dificuldades que nós sentíamos, sim porque eu também sentia dificuldades, mas era sobretudo sobre ele que reflectíamos. Chegámos à conclusão que ele não conseguia porque eu era tão diferente dele, o grupo estava tão habituado ao meu ritmo, ... ele fala pausadamente, com um ritmo completamente diferente do meu (risos) e às vezes no grande grupo... então eu, de vez em quando "Então agora o Filipe vai ler uma história." (num tom alto e melódico). Mas nem sempre eu o "empurrei" para o grande grupo de surpresa, muitas vezes já tínhamos combinado, pois esta foi a maior dificuldade que eu senti nele. Depois reflectimos sobre estas dificuldades, ele fala pau-sa-da-men-te e eu sou um bocadinho mas acelerada (risos) e o grupo estava habituado a isso e quando por exemplo havia muito barulho eu tentava parar e ouvir o que as crianças tinham para dizer, ou se uma criança começava "Sara, Sara...", eu levantava a mão (fazendo o de "stop") e elas já sabiam que tinham que esperar que eu ou o menino que estava a falar terminasse, essas pequeninas coisas são muito importantes para conseguirmos manter o grupo atento, mas muitas vezes o grupo dispersa, então eu acabo logo com o círculo porque vejo que não está a ter interesse para elas, e isso aconteceu várias vezes com o Filipe quando ele tentava falar alguma coisa, ele falava muito pausadamente e eu tinha que interferir porque ele ficava calado à espera que o grupo se acalmasse. Estas foram as únicas situações em que eu achei que devia interferir, porque de resto só tive que o ajudar na resolução de um ou outro conflito porque o Filipe solicitou "olha eu não consigo, olha qualquer coisa", isto porque a nossa relação permitia que ele me dissesse isso ou que eu lhe dissesse "assim não, ou assim sim..."

Ele tinha autonomia na sala para...

Ele tinha autonomia na sala para intervir mas não a aproveitou ao máximo, ele próprio o referiu nas nossas reflexões, porque pensou que o grupo não iria corresponder Falámos imenso sobre isso e que ele tinha que perceber que o grupo está habituado a esta equipa, ele quando for para uma sala "dele", quando tiver "o seu grupo", "as suas crianças" vai falar pausadamente e as crianças vão estar habituados a ele, ao seu ritmo, e este grupo estava habituado a outro ritmo, por isso é natural que ele se tenha sentido "mal", ou frustrado, o que se calhar acabou por bloquear um pouco a sua acção ... mas esta dificuldade facilitou entre nós um sentimento de cumplicidade bastante forte, por exemplo eu dizia, não por palavras, mas por gestos, que agora era ele que iria contar a história, ou cantar a canção, e ele respondia-me da mesma forma, mas dizendo que ainda não estava preparado, então eu esperava mais ou pouco, ou sentava ao pé dele para lhe reforçar o apoio, ...

No meu papel de supervisão tentei sempre facilitar ao máximo a integração em todas as intenções do grupo de crianças, dos adultos e do próprio estagiário, tentei ser com ele como sou com as crianças, dar-lhe o apoio sempre que ele solicitava, ou quando eu "sentia" que ele precisava de mim

...

Que tipo de apoio?

Apoio do estilo, por exemplo, quando via que ele tinha uma dificuldade eu ia ter com ele e perguntava "está tudo bem?" ou "está a correr bem?" ou "estás a sentir-te bem?" se ele dizia que sim, pronto ia-me embora se ele hesitava ou pedia apoio ficava. Outro aspecto importante que eu tentei passar ao Filipe foi o quão importante é nós estarmos presentes em todo o espaço físico da sala, estarmos em todas as áreas em que as crianças trabalham. Este aspecto foi bastante trabalhado por nós pois inicialmente o Filipe ficava só numa área, na área das artes, todo o tempo de trabalho das crianças, ele participava imenso nos trabalhos das crianças e colaborava muito com elas, comecei a notar que as crianças lhe solicitavam imensas coisas, mas apenas na área das artes e ele ia-se mantendo sempre no mesmo espaço, talvez sentisse uma maior segurança não sei se pelas competências que aquela área exige, se apenas por começar a "controlar" o espaço, existia uma grande dinâmica... A minha opção foi nunca restringir em nada a sua acção mas conversar com ele sobre as melhores opções de trabalho quer para ele quer para o próprio grupo de crianças.

Como é que vocês organizavam o trabalho?

O Filipe dizia-me sempre assim, "eu não sei como é que tu consegues chegar aqui e não teres nada!", quer dizer não era não ter nada porque nós temos sempre uma na manga...

Mas porquê? Tu não costumas...

Não costumo planear o meu trabalho...

Não tens um plano de trabalho?

Não tenho um plano rígido... já fui obrigada a fazer isso, eu já trabalhei assim porque fui obrigada, tinha planos semanais, mensais, tudo no início de cada mês, de cada semana ...

Então como é que organizavas o teu trabalho com ele? E com as crianças?

Eu organizava, ... partia das crianças, partia sempre das crianças

Como é que gerias essa forma de trabalhar com o estagiário?

Ele primeiro tentou perceber como era a dinâmica do trabalho na sala ... mas muitas vezes ele dizia-me "não sei como é que tu consegues chegar aqui e as crianças fazerem sempre qualquer coisa" e eu tentei explicar-lhe que já tinha trabalhado assim, mas que agora, deve ter sido por ter sido obrigada, achei que não devia impor nada, só em alguns momentos é que eu proponho trabalho às crianças para elas realizarem, por exemplo propusemos-lhes umas experiências científicas, mas mesmo esse plano foi discutido com as crianças porque se elas não as quisessem realizar nós deixávamos cair o nosso plano e avançávamos para o plano delas

Então não costumavas fazer propostas de trabalho às crianças?

Eu nunca proponho trabalho, também se deve um pouco ao que já vinha de trás, no início tentei mostrar-lhes o que podiam fazer nas áreas, portanto isto foi aos 4 anos, na expressão plástica "vamos hoje fazer pintura querem experimentar?", uns queriam, outros não, mas estavam lá e viam o que podiam realizar naquela área, comecei assim e posteriormente elas começaram a perceber que podiam escolher e fazer o que quisessem, já faziam colagens, com revistas, jornais, plasticina, desenhos, cosiam botões. O ano passado já as ajudei a descobrir o que podiam fazer e como, este ano decidi que não havia de fazer nada, nem havia de escrever sequer esta semana vamos fazer isto ou aquilo.

Não consideras que é importante a educadora ter os seus objectivos, o seu plano...

É! E eu tenho, no meu projecto de sala, que eu partilhei com o Filipe eu tenho os objectivos para o grupo. São objectivos que nós trabalhamos ao longo do tempo, não posso dizer hoje vamos trabalhar a matemática, 1,2,3,4,5,6,7. Por exemplo quando estamos a marcar o dia, está lá a matemática, os números estão escritos. Portanto está lá tudo, eu faço os registos com as crianças "experimentei" ou "experimentamos" ou "vamos colorir" ou "vamos fazer", tudo era escrito, às tantas dei comigo a transcrever as canções com elas, a escrever tudo o que se fazia na sala. Portanto eu achei que não era um dia específico mas ao longo do ano as crianças pudessem contactar com todos estes estímulos e o contributo vinha de todos, dos trabalhos expostos, do calendário, dos nomes deles, está tudo escrito, a classificação do material, elas tinham estes estímulos todos que as ajudavam a construir o seu próprio processo, que as ajudam a crescer ... Por isso é que eu tenho objectivos específicos relacionados, por exemplo, com o pensamento lógico-matemático, mas a minha forma de trabalhar é no sentido de que sejam as próprias crianças a despertar para a necessidade destes conceitos na sua vida, elas convivem lado a lado com os números, com as letras tudo é natural para elas, muitas vezes acontecia "escreve lá aqui o meu nome!" e depois faziam elas por baixo, "que dia é que é?", "que livro é este?", "como se chama?". Quando trabalhamos com as crianças organizamos pequenos grupos, mas são pequenos grupos organizados por elas, por exemplo este ano recorri muitas vezes às cores para organizar os grupos, os amarelos, os azuis, os vermelhos...

Ou seja acabas por ter a tua acção planeada!

Exacto, tenho, isto não é à balda, não é!?, nós temos que ter sempre um sentido para o que estamos a fazer, se não mesmo as crianças não percebem o que é que andam a fazer.

Já referiste que o Filipe tentou primeiro conhecer para depois se integrar. Vocês tinham momentos em que se juntavam para partilhar, planificar a ...

Tivemos alguns, em que conversávamos, reflectimos mas penso que ..., foram bons momentos de reflexão, o que é muito bom, mas ... não sei se falhei aí! Penso que sim! Sinto que falhei, se calhar podíamos ter feito de forma diferente, mas ele pensava assim, penso que ele pensava assim, como ela não planeia, tipo hoje é massa, hoje é plasticina, ...

Mas não era só isso, é o facto de ele estar por dentro do que tu pretendias desenvolver com as crianças e o que tu pretendias que as crianças aprendessem...

Eu acho que ele estava por dentro do trabalho porque nós já sabíamos o que esperávamos das crianças e até ele já esperava, ele percebeu isso e tentou ver o que surgia das crianças. Mas ele dizia que gostava de ver ... ele até dizia ... não sei um trabalho mais orientado? Mas ele precisava de ver...até para segurança dele... chegou a dizer-me "eu gostava de ser eu a fazer!"...

Quando ele propôs realizar algumas actividades, quando ele te solicitou, ele teve autonomia para experimentar sozinho, como é que vocês?...

Bem era sempre discutido entre nós, ele nunca propôs nada sem me dizer e sem falarmos sobre isso... Ele definia a organização, por exemplo ele ficava com um grupo, eu com outro e a auxiliar com outro. Ele definia a estratégia e discutia-a comigo, claro que me questionava se seria a mais indicada, tinha sempre muitas dúvidas, eu dava-lhe espaço para ele experimentar, mesmo que quando achava que poderia correr melhor com outras estratégia, mas no final discutíamos em conjunto, o que tinha corrido bem, o que tinha corrido mal, como é que podia ter corrido melhor, o que podíamos ter feito de maneira diferente....

Há pouco referiste que consideras que reflectiste muito mas planificaste pouco, mas nas vossas reflexões discutiam sobre quê?

Exacto. As nossas reflexões começavam sempre pelas dificuldades que ele sentia e que eu sentia e isso acabava por nos conduzir a novas estratégias, porque ao definirmos novas estratégias conseguíamos ultrapassar as nossas dificuldades, tentávamos sempre partilhar isto um com o outro, talvez daí o êxito do nosso relacionamento e também de algumas soluções que encontrávamos para o nosso dia a dia. Nós discutíamos casos pontuais de crianças e mesmo de algum conflito que surgisse na sala. Houve uma vez que numa reflexão ele referiu que se sentiu mesmo impotente numa situação no refeitório, em que eu estava presente mas não me apercebi da situação, uma criança apontou um garfo e empurrou mesmo o garfo no pescoço do colega do lado e ele apercebeu-se da gravidade da situação mas não conseguiu agir e virou costas e depois reflectiu este episódio comigo. Para mim foi muito importante pois acho que é reflexo da nossa sinceridade e da sua capacidade de expor as dificuldades, mesmo sabendo que tinha agido mal. Ou seja, penso que através das nossas conversas conseguimos transmitir muitas coisas um ao outros e ultrapassar algumas dificuldades, não tanto como gostaríamos porque por exemplo ele não conseguiu ultrapassar a dificuldade de gerir o grande grupo, mas eu reforcei que ao longo da nossa vida profissional deparamo-nos com muitas dificuldades e que algumas são mais fáceis de ultrapassar que outras e que ele teria que encontrar estratégias para as superar. Apesar de ter ficado preocupada ele já tinha provado que iria ser um bom profissional e que conseguia gerir o grupo no tempo e no espaço. Eu disse-lhe sempre "eu não vou deixar nada por dizer", porque considero muito importante dizer-lhe no momento e na altura certa, é quando as coisas acontecem que temos de reflectir sobre elas e era isso que nós fazíamos, se eu só lhe dissesse no final do estágio ele já não teria oportunidade de ultrapassar as suas dificuldades. E eu disse-lhe muitas vezes, tu quando fores profissional e tiveres o teu grupo, tu vais conseguir. "Eu consegui, tu também vais conseguir, vais ver!", eu dizia-lhe isto muitas vezes.

Já percebi que o Filipe desenvolveu algumas actividades, eram programadas por vocês, ele fazia o plano sozinho, não existia plano, como é que este processo de desenvolveu?

Não programávamos...

Muitas vezes nas instituições existem em dias fixos da semana actividades especiais, nalgumas instituições são desenvolvidas actividades extracurriculares, por exemplo o "dia da ginástica"...

Ah, tínhamos um dia que era à sexta-feira que nós chamávamos dia de movimento, onde tentávamos fazer coisas diferentes e logo no início eu propus ao Filipe que fosse ele a realizar a sessão de movimento e ele sentiu muitas dificuldades porque as crianças não aderiram e depois faltou-lhe aqueles elos de ligação que para nós são muito fáceis e muito óbvios, está tudo a fazer barulho, tudo destabilizado e nós batemos as palmas e dizemos vamos fazer um comboio e conseguimos suscitar o interesse imediato do grupo e esta flexibilidade o Filipe não conseguiu ter, o que é normal. Achei que depois ele não conseguiu agarrar o grupo e então intervi

E porquê?

Porque considero que faz parte das minhas funções, se eu não estava ali para lhe dar apoio, estava para quê? As minhas funções são sempre apoiá-lo, no "bem" e no "mal". Eu interferi sempre que considerei importante e necessário.

Como é que reagia o estudante?

Eu acho que ele se sentia bem com o apoio, ele até dizia que tinha as costas quentes porque sabia que qualquer coisa que acontecesse lá estávamos nos (eu e a auxiliar) a apoiá-lo e falávamos das dificuldades depois de acabar o curso e ele dizia que ia sentir a nossa falta, mas eu sempre o alertei para o facto de, na realidade ele vai sentir muitas dificuldades, mas uma das coisas mais importantes no educador de infância ele já tem, que é a capacidade de se relacionar quer com crianças, quer com os adultos.

Ao longo desta entrevista tens referido que reflectiste muito com o estagiário, ou seja tens referido muito a importância das reflexões conjuntas. Alguma vez sentiste necessidade de reflectir individualmente?

Senti, porque muitas vezes ia para casa a pensar em situações que nós já tínhamos reflectido e que não sabia se a reflexão que tínhamos feito era a mais sensata ou se a estratégia que tínhamos encontrado seria a melhor e sentia isso também da parte do Filipe, porque por vezes ele dizia-me "estive a pensar no que aconteceu ontem e ...", portanto é porque ele também reflectia sozinho sobre o que acontecia na instituição.

Consegues lembrar-te dos temas que vocês abordaram nas reflexões ao longo do estágio?

Falámos da adaptação do Filipe, das crianças, falávamos das crianças, reflectíamos muito sobre as crianças, às vezes casos individuais, outras vezes situações de grupo, da cultura da sala, da organização da sala, até porque eu não falei disso logo, esperei que ele sentisse necessidade de abordar este tema comigo, do currículo que eu tento trabalhar, falamos sempre de coisas diferentes, mas era sempre sobre a sua evolução na prática pedagógica, tentamos sempre transmitir muito sobre os sentimentos, eu em relação a ele e ele em relação a mim, eu acho que ele tinha necessidade de ouvir que estava no bom caminho, porque ele mostrou ser um pouco inseguro e não confiar em si próprio e dizia que tinha muita dificuldade em se avaliar a si próprio, por isso gostava que eu o avaliasse e quando lhe dizia que ele estava a ir bem, não lhe dizia para o agradar mas porque era a verdade. Eu considero que sou exigente com algumas características que considero essenciais e se eu vir que estás a agir mal ou menos bem, eu digo-te logo, porque depois não faz sentido estar a discutir sobre isso, já passou e era sempre assim que funcionava, mas os temas foi a adaptação dele, o que ele sentiu e o que eu senti, foi o estar na sala, situações que tinham acontecido e que iam acontecendo, porque o Filipe ajudou-me imenso, ele ajudou-me imenso a perceber a importância dos registos, ele registava tudo, ele começou por fazer umas torres com as crianças e depois foi buscar papel e começou a registar as construções delas e eu disse-lhe isso a ele, ele deu-me um grande contributo nessa área, foi muito positivo. Mesmo depois do Filipe se ir embora, depois do estágio ter terminado as crianças continuaram a fazer os registos das suas construções, hoje sou eu que também já faço esses mesmos registos.

As vossas reflexões eram mais centradas nos desempenhos dele, enquanto formando ou também reflectiam sobre os teus desempenhos.

Reflectíamos sobre os desempenhos dos dois pois estávamos os dois envolvidos na dinâmica da sala, penso que por força das circunstâncias reflectimos mais sobre os desempenhos dele, mas sobre o meu desempenho, bem como o desempenho da equipa foram sempre muito questionados, de forma a conseguirmos um melhor trabalho e considero que eu e o Filipe conseguimos sempre estabelecer um diálogo crítico sobre a vida da instituição em que nós, obviamente, estávamos implicados. Eu tive sempre o cuidado de lhe dizer que não tivesse problemas em perguntar o que

quer que fosse sobre a instituição, porque muitas vezes ele assistia a certas e determinadas atitudes que não entendia e que eu tentava explicar e quando precisava de alguma informação que eu não conseguia dar, dirigia-me a quem tivesse essa informação.

Penso que mais ou menos já referiste, mas não foste muito explícita, quais foram os espaços que vocês encontraram para reflectir? Ao falares nos espaços, gostava que referisses em que espaços te reunias com o estagiário e em que momentos. Ou seja, onde e quando.

Normalmente reuníamos na sala de acolhimento ou numa das salas do ATL quando estava livre, porque muitas vezes a sala de acolhimento estava ocupada com as crianças do ATL que estava à espera da carrinha para irem para a escola e não dava para nós lá estarmos, por isso tínhamos que nos adaptar um pouco em função da dinâmica da instituição...

Vocês não têm um espaço próprio para reuniões? Um espaço onde se reúnam, sem ser com as crianças?

Não temos... O espaço que existe para reuniões é a sala das coordenadoras e está sempre a entrar e a sair gente e, por outro lado, não temos privacidade ... isto são instalações novas e ainda existe muita coisa para mexer, para alterar, uma coisa que nós já dissemos é que precisamos de uma sala nossa, onde nós possamos reunir com um pai ou com uma mãe, por exemplo, e vamos para aquela sala não temos as condições para receber ninguém, muito menos um pai, nós tentamos sempre adaptar, mas agora só com o tempo. Às vezes também tentávamos reunir na sala, mas é quase impossível, nós por vezes aproveitávamos quando as crianças iam para o exterior, mas estávamos sempre a ser interrompidos, então não dava.

A auxiliar participava nas vossas reflexões?

Não, nunca, nunca! Nunca! Nunca participou!

Porquê?

Não dava, para eu reunir com ele, ela tinha que estar com as crianças. Nós somos só duas na sala! E eu aproveitava muitas vezes a minha hora de descanso, a minha hora de almoço em que ela estava a assegurar o trabalho com as crianças na sala, porque como as crianças dos cinco anos não dormem tem que estar sempre uma de nós com elas. Então nunca, foi uma falha não é? Como o Filipe não tinha transporte próprio, tinha boleia, ficava sempre um pouco mais à espera das colegas que o vinham buscar e isso facilitou muito, porque ele ficava, até para podermos adaptar com a Ana e fazermos essa reunião, mas não dava, como já referi pela própria dinâmica do grupo, ou seja, pela rotina que nós temos com este grupo de crianças, por isso nunca o fizemos....

Mas, institucionalmente tu não tens um tempo para estar com ela? Um tempo próprio para

Temos! Quer dizer, está definido, mas nunca o conseguimos pôr em prática!

Por isso é que nunca conseguiste reunir com o Filipe e com ela? Ou foi uma opção vossa? Uma opção consciente?

Não, não foi por isso, porque eu acho que é extremamente importante e interessante ela estar presente em algumas das nossas reflexões! Aliás tudo o que nós conversávamos eu depois partilhava com ela, em cada bocadinho que nós conseguíamos arranjar, às vezes até era no exterior, "olha hoje discuti isto com o Filipe" ou "hoje falei sobre isto ou sobre aquilo", por norma eu transmitia-lhe tudo de forma que ela também se sentisse integrada no estágio, nas nossas discussões, às vezes existiam certas conversas, certos temas que achava por bem não falar com ela, porque acho que era quebrar a confiança que ele depositava em mim. Mas como já disse nunca conseguimos que ela participasse, com muita pena minha, pois por vezes tinha sido muito interessante ela ter estado presente e ter tido a oportunidade de dar o seu contributo.

Nós temos estado a falar só dos momentos de reflexão. Portanto nesses momentos a auxiliar nunca estava, mas como é que era dentro da sala? No desenvolvimento das actividades diárias, no desenvolvimento diário normal do trabalho do jardim de infância, a auxiliar estava presente? Como era a sua participação neste ritmo diário?

Ela participava sempre em tudo.

Vocês têm funções definidas entre vós?

Nós demarcámos muito o papel de educadora e auxiliar, as crianças sabem e o estagiário também...

Como era com o estagiário? Que tipo de funções lhe eram atribuídas?

Com ele também não! Também não tínhamos as funções do estagiário predefinidas, quer dizer não são funções explícitas, estas são tuas, ou estas são as minhas funções ... Ele tanto me solicitava a mim como solicitava a auxiliar, portanto só nas reflexões é que ele falava mais comigo e aí assumíamos o nosso papel mais profissional, ou seja utilizávamos um linguagem mais técnica, isto não era porque excluíssemos a auxiliar, como já referi, mas também porque temos mais conhecimentos, ou outro tipo de conhecimento, não sei! Eu acho que ela era capaz de discutir conosco os mesmos temas, mas falta-lhe um conhecimento mais técnico! É isso! É um tipo de linguagem diferente! Não sei ... eu utilizo esta linguagem normalmente com ela, ela já está habituada! Mas, na sala nós estávamos sempre aqui os três, no fundo a trabalhar para o mesmo, por isso para quê demarcar as nossas funções? As crianças sabem que nós assumimos diferentes papéis, elas sabem ...

E em relação ao processo de supervisão? Enquanto educadora cooperante quais consideras serem as tuas funções?

Eu ...

Tu tens vindo a referir estas tuas funções, gostaria apenas que as tentasses sistematizar, achas que é possível, que o consegues fazer?

Sim, claro... Eu considero que acima de tudo é dar-lhes o apoio necessário e o apoio necessário é agir na altura própria, no momento certo, por exemplo quando eu sentia que ele estava com alguma dificuldade eu estava lá, não o abandonei, não o larguei ao lobos, como se costuma dizer, tentei estar sempre presente, por exemplo interferia se via que ele ... se estava ... quando ...

A precisar de ajuda?...

É isso mesmo, e... acho que o papel tem que ser essencialmente o apoio. Depois estabelecer uma boa relação. Não é obrigatória uma relação de amizade que dure a vida inteira, mas enquanto estivermos aqui que se consiga estar e trabalhar em harmonia, percebendo a dinâmica da sala. Eu tentei que fosse ele a perceber, depois nas nossas conversas, nas nossas reflexões ele questionava-me e eu dizia-lhe é ou não é assim e falávamos sobre isso. Às vezes eu sentia-me frustrada, sei lá pensava assim, não consegui que ele fizesse isto ... não consegui... serei eu? Eu pensei muitas vezes serei eu a culpada? Será que sou eu que não lhe dou espaço? Será que sou eu que não permito? O dar-lhe espaço é muito importante também! E eu cheguei a falar com ele e "disse-lhe se eu não te der espaço diz-me por favor", porque eu às vezes esqueço-me e falo, falo, falo e não me consigo controlar. Porque como ele era tímido, se calhar ele às vezes queria dizer qualquer coisa e se calhar eu falava e ele já não dizia (risos) e eu comecei a aperceber-me disso e comecei a pensar se calhar vou ter que conversar com ele e dizer-lhe "se tu sentires que eu não te estou a dar o espaço que tu precisas, diz-me!". Depois existiu sempre muito este partilhar que nós percebíamos pelo olhar, existia muita cumplicidade entre nós, permitiu-nos um ambiente muito agradável na sala, por vezes riamo-nos imenso e ele já percebia e começou a conseguir integrar-se nas nossas brincadeiras, muitas vezes as crianças até perguntavam "Vocês aí estão a rir-se de quê? Estão a rir porquê?". No fundo era aquilo que eu há pouco dizia, já conseguimos estar na sala a trabalhar com as crianças estarmos sempre "juntos", já nos entendíamos, não era preciso dizer nada, bastava um olhar. Eu acho que o meu papel era esse mesmo, era estar em sintonia com ele e com todos.

Eu já percebi que o Filipe foi conquistando a sua autonomia, tu foste-lhe dando espaço e ele foi conquistando essa autonomia. De qualquer forma ele tinha autonomia para intervir em qualquer altura do dia ou existiam momentos em que vocês definiam a sua intervenção?

Não! Primeiro o estágio decorreu essencialmente na parte da manhã, depois quando estive da parte da tarde teve oportunidade de assistir e de participar no trabalho de pequeno grupo que ele tinha muita vontade de ver porque ele dizia que nunca tinha estado com nenhum grupo em trabalho de pequeno grupo. Ele mostrava muito interesse...

Tu também não planeias o trabalho de pequeno grupo da tarde?

Planeei, sempre à volta dos números e de uma ou outra coisa que surgia, das experiências, de tanta coisa ... porque eu acho que nós fazemos tanta coisa no nosso dia a dia que podemos aproveitar O facto de eu dizer "vai buscar aquela tesoura azul que está em cima do armário", já estamos a dar noções da cor e do em cima, em baixo, os opostos, o dentro, "está dentro da gaveta" elas sabem onde está tudo, porque a sala está toda organizada por elas. Eu acho que muitas vezes as pessoas se esquecem do dia a dia e querem planejar muito bem o seu trabalho e planeiam fichas e fichas e mais fichas porque acham que têm que ensinar como é em cima e em baixo, quando nós no dia a dia fazemos isso. Por exemplo eu comecei a perceber que as crianças sabiam os nomes das cores mas não as sabiam identificar correctamente, então, investi nesse trabalho e no trabalho de pequeno grupo começamos a trabalhar as cores, eu até comprei um jogo com as cores, mas que é um jogo de lógica que trabalha os conceitos lógico matemáticos, é um jogo espectacular e também deu para fazer um trabalho mais individualizado...

O Filipe participou nesse trabalho?

Uhm... Acho que não! Não! Isto aconteceu na semana das trocas e quem esteve presente foi a aluna das trocas, ela esteve cá uma semana, foi durante a semana das trocas, mas acho que depois ele viu o jogo ... eu aproveitei o jogo e fiz um trabalho mis individualizado, mas podia ter sido de outra maneira, "vai lá buscar o lápis amarelo"... eu acho que é muito assim.

Voltando um pouco atrás como é que o Filipe fazia ... no fundo tu dizes que não planeias mas tens um trabalho planeado, se calhar não o tens é registado. Portanto o estagiário tinha autonomia para se integrar no teu trabalho....

Sim ...

Mas e se ele trouxesse uma outra proposta?

Ele tinha autonomia para agir e para propor um outro tipo de trabalho. Para já isso também tem a ver com o espaço que nós lhes damos e eu acho que ele tinha, ele muitas vezes não o fez, se calhar foi ele que não foi capaz Mas eu tentei se o consegui ou não?!... Eu penso que consegui, até mesmo através das conversas que tivemos, agora eu acho que ele tinha. Se muitas vezes não o fez foi porque se calhar sentiu inseguranças, teve receio, o que é natural não é?

Penso que ficou claro para mim como é que vocês geriram o processo de planejar e reflectir em conjunto, face ao estágio. No entanto, houve uma questão que eu não consegui perceber muito bem e que é ...

Espera um pouco, não respondi à tua questão do espaço...

Ah, sim...

Fazíamos na sala de acolhimento ou na sala do ATL fazíamos de acordo com as disponibilidades e a hora era sempre a hora ... eu disponibilizava a minha hora de almoço e ele também, ele ficava comigo ...

Então ele ficou sempre um pouco mais de tempo do que aquele que lhe era exigido pela ESE?

Sempre, sempre. Todos os dias. Nós não conseguíamos ter tempo durante as manhãs para conversarmos sobre a nossa forma de agir, as nossas atitudes, então todos os dias ele ficava e nós reflectíamos sobre aquele dia, o que tínhamos feito, como tínhamos feito, onde tínhamos agido mal ... sei lá ... era quando tudo estava mais calmo com as crianças que nós tínhamos tempo para nós..

Existe aqui um aspecto que para mim não está muito claro. Como é que ele se integrou na dinâmica da instituição? Ou seja, vocês trabalham muito centrados só na vossa sala, tu na tua sala e não interages com as outras colegas, com as outras educadoras, ou existe algum trabalho comum? E portanto, como é que ele se integrou na vossa dinâmica?

De início foi facilitado, primeiro por ele ser homem e elas todas vieram espreitar no primeiro dia (risos), truz, truz – "Deixa ver o Filipe!", ou uma coisa do género. "Ai um homem, nós precisávamos tanto de um homem neste edifício, ainda por cima novo". Eu ficava toda envergonhada, e ele então! Coitado! Houve muito esse primeiro impacto que facilitou e depois ele também teve que manter alguns contactos com a coordenadora para saber algumas informações para os trabalhos que eram

pedidos e eu acho que o ambiente aqui é muito bom. As pessoas recebem muito bem quem vem, quem chega de novo e eu acho que ele sentiu isso.

Não existem momento da rotina em que vocês estejam em conjunto, em? ...

Não existiram muitos momentos conjuntos durante a prática dele, não! O almoço! O almoço era só o ATL e os 4 anos. Portanto a creche almoça no mini refeitório, aqui era só o ATL e os 4 anos e nós...

Mas ele estava presente!?....

Sim, ele ia muitas vezes ter com as crianças do ATL até porque eu acho que ele se sente mais à vontade com os mais velhos. Ele procurava as crianças independentemente de que sala fossem. Todas as crianças sabiam quem era o Filipe ainda hoje a senhora do Centro de Dia, que é aqui ao lado me pergunta "E o Filipe está bom?" A senhora tem uma paixão por ele.

Quem é a senhora?

É uma utente do centro de dia, uma idosa! Porque para irmos almoçar temos que passar por lá e ela ficou encantada com ele.

A vossa instituição tem as "portas abertas" e ele ...

Ele circulava por todos os espaços, sem restrições. Ele foi adquirindo confiança e no final, nas últimas semanas notava-se um maior à vontade

E relativamente às relações interpessoais que se estabeleceram entre vós? Quer dizer ele apenas estabeleceu relações entre a equipa da sala ou ... Com quem é que ele estabeleceu relações?

Com todas as pessoas ... eu acho que ele conseguiu estabelecer relação com todas as pessoas ...

Vocês são uma instituição muito grande...

Eu própria não conheço algumas das pessoas que trabalham neste edifício, porque isto tem o piso zero, o um e o dois...

E vocês estão no dois, não é?

Sim, estamos no dois. Neste piso ele conseguiu manter relação, quer dizer contacto com todas as pessoas, para o fim já era ele que se metia com elas. Por exemplo se existia alguma tarefa que era preciso fazer ele desempenhava-a com facilidade, sei lá, por exemplo era preciso qualquer coisa do ATL e ele lá ia.

Consideras portanto que ele se integrou muito bem na equipa de sala e

Ele ficou impressionado com a auxiliar, ele gostou muito dela. Às tantas eu até brincava com ele, só falas dela, dela e de mim não falas nada. Ele gostou muito dela, ele realçava muito que achava que o papel dela era muito importante aqui e que a forma como nós gerimos as nossas relações é de extrema importância para as crianças. Lá está é como eu digo é muito importante nós termos uma boa relação com a pessoa que está ao nosso lado, senão anda cada um a remar para o seu lado e ninguém se entende e ele percebeu isso. Ele por vezes até dizia que ficava parado a olhar para a auxiliar para a ouvir falar com as crianças, isso também foi muito importante. Ele envolveu-se literalmente na nossa equipa.

E com os pais? Vocês realizam algum tipo de trabalho com pais? Ele envolveu-se? Teve essa oportunidade?...

Isso é muito complicado, porque nós quase que não vimos os pais, porque eles deixam as crianças no fundo do corredor e depois elas vêm sozinhas para a sala... tem sido uma luta, porque achamos que eles têm que vir até à sala, pelo menos para ver a sala. Os que vinham aqui, nós apresentámos sempre o Filipe, até porque as crianças falavam lá em casa, mas isso só aconteceu com uns cinco ou seis pais que vêm cá trazer os filhos.

Portanto ele teve oportunidade de interagir com esses pais, de...

Teve, teve... Muitas vezes era ele que recebia as crianças e nunca mostrou ter dificuldades, ele não teve problemas em fazê-lo. Eu acho que ele foi um bom estagiário, eu gostei muito dele e de trabalhar com ele.

Olha e conflitos entre vocês durante o estágio? Existiram?

Não, nada, nada. Não, nem da minha parte, nem da dele, pelo menos eu acho que não! Eu acho, não! Não existiram!

De qualquer forma tu já explicitaste que quando achavas que ele não estava agir ou da melhor forma ou que estava com dificuldade tu interferias....

Sim, porque eu considero que devo sempre dizer, é claro que tem que se saber falar com ele, não é chegar ali e dizer foste horrroso porque não falaste, não leste bem a história, não! Eu tentava sempre resolver na altura e depois também começôu a existir essa partilha de parte a parte.

Eu tinha aqui outra questão, mas penso que tu já respondeste, era sobre a inserção dele na instituição...tu há pouco referiste que o Filipe procurou as coordenadoras para obter algumas informações. Foste tu que o encaminhaste ou?...

Não foi ele. Logo no primeiro dia quando fizemos a visita à instituição a coordenadora disponibilizou-se para o que fosse necessário e ele a partir daí sentiu-se à vontade para o fazer e fez. Nem sequer... Partiu dele! Ele dizia-me, "olha vou ali falar com uma das coordenadoras sobre este ou aquele assunto" e ia. Foi sempre muito cuidadoso, mesmo com as crianças, tentava sempre ouvir uma de cada vez. Eu penso que se ele continuava assim, melhorando um ou outro aspecto, ele vai ser um excelente profissional e eu disse-lhe isso.

Tu tens frisado bem ao longo desta tua entrevista que lhe disseste isso. Porquê?

Porque como senti que ele não confiava muito nas suas capacidades, essa insegurança às vezes é um entrave para nós, então disse-lhe, não disse-lhe também assim tantas vezes, não foi nenhum exagero, mas disse-lhe as vezes que eu considere necessárias.

Achas que isso faz parte do teu papel enquanto supervisora?

Também acho que sim, também acho que é importante dizer que está no bom caminho ou dizer que se calhar não está a ir tão bem e que tem que melhorar este ou aquele aspecto não dizer que está mal, porque eu acho que não se deve dizer "estás a fazer mal!", "não é assim que se faz!", porque eu sou assim, mas ele pode não ser, eu tenho os meus valores que podem não ser iguais aos dele eu tenho que os respeitar. Se eu fizesse isso, estava a influencia-lo com os meus valores, os meus ideais e não é assim que eu acho que devo trabalhar. Cada pessoa é única e eu devo respeitá-la como ela é. Eu senti que ele precisava de ouvir e como senti que ele precisava de ouvir, eu senti que devia dizer. Nós gostamos sempre de ouvir quando estamos a ir bem, não é? É sempre um estímulo.

E em relação à metodologia de supervisão proposta pela ESE, esta proposta de realizarem os registos onde fazem as planificações, onde registam a vossa avaliação ... há pouco disseste que tiveste dificuldade em escrever, mas gostava que agora fizesses uma apreciação global da metodologia que é proposta pela ESE e obviamente dizer como é que tu ...

Acho que a metodologia proposta é muito diversificada, ou seja, acho que foi pensada da melhor maneira possível, porque da forma como as práticas estão estruturadas ajudam-me a transmitir o que realizamos na prática, temos tempos para agir e tempos para reflectir, temos algumas "obrigações" para com os estudantes que eu acho que nos ajudam muito que é o termos que escrever, colocar no papel as nossas acções, mas também as nossas dúvidas e as nossas certezas... por isso eu acho que a metodologia proposta assenta muito no nosso desempenho e na forma como os estudantes se apropriam da forma como trabalhamos, depois a equipa de docentes que os acompanha também nos dá algum apoio. Agora eu tive dificuldade em fazer isso... em pôr no papel e ele também, não vou dizer que não tive, não pelo que foi proposto que eu acho que está correcto, é o mais correcto possível... mas eu não consegui...

Mas mesmo não pondo no papel, porque a vossa dificuldade foi em registar...

Foi em registar.

Porque as características inerentes ao modelo, não sei se as consegues identificar...

Não...

Se eu pedisse para as identificar, no fundo aquilo que vos é pedido, que temos vindo a falar...

Eu quando pediam para nós registarmos, às vezes era difícil, por exemplo "O que vai acontecer" (que consta de uma das fichas propostas), para nós era difícil,

Porque não planeias....

"O que aconteceu" muitas vezes..., porque depois nós achamos que temos que escrever só sobre uma criança ou duas, mas se calhar não é isso e a grande dificuldade foi aí. "O que aconteceu" – hoje o P. bateu ao não sei quantos, teve um conflito com o não sei quantos, a educadora reagiu assim, penso que não era isso...

Poderia ser ... são situações que considerem pertinentes, se essa o fosse poderia ser ...

E o que eu senti, para além das dificuldades que eu tenho em registar, também dificultou o não sabermos muito bem o que é que tínhamos que escrever nas fichas "O que aconteceu...", "O que vai acontecer..." A culpa é minha porque quando os professores na ESE fizeram a reunião no início do ano, antes do estágio, e explicaram tudo, perguntaram se existiam dificuldades e ninguém abriu a boca como sempre, portanto se calhar não procurei a equipa de docente e devia ter procurado porque nos puseram à vontade para isso. Disseram para as procurarmos sempre que sentíssemos dificuldades e eu deixei isto ir-se arrastando e não resolvi esta questão. Se eu continuar a ser cooperante vou tentar melhorar este aspecto, não pela metodologia proposta é mesmo uma questão pessoal, de não conseguir escrever. Eu estou a tentar, agora a escola está a ajudar muito, a licenciatura está a ajudar.

E a organização do estágio?

Eu acho que deviam vir cá mais vezes (risos).

Quando dizes mais vezes...

E ser mais prolongado no tempo, porque quando eles se estão a adaptar vão-se embora...

O facto de o modelo propor a alternância entre teoria e prática, portanto eles vêm um período e depois voltam à escola ...

Para reflectir ...

Isso são as reflexões semanais, mas eu refiro-me ao facto de eles terem um período de prática em Janeiro, depois durante os meses de Fevereiro e Março estão na escola onde recolhem alguns elementos teóricos e depois voltam a ter prática. Portanto existe aqui uma articulação teoria-prática, pelo menos existe uma pretensão de articular teoria-prática...

Exacto.

Fala-me um pouco sobre este processo...

Eu acho que devia ser tudo de seguida... mas também acho que a alternância teórico-prática é importante parar para pensar, que se calhar é o que pretendem. Para ver se está a correr bem, para focar um ou outro aspecto, para perceber, em conjunto com os outros estagiários como é que as outras educadoras fazem... também considero que é importante eles reflectirem sobre os aspectos da sua própria prática e articular com aspectos teóricos, acho que é muito importante eles conseguirem fazer isso, articular a teoria com a prática. Agora o tempo de estágio devia ser maior, devia existir na mesma essa alternância, porque na realidade é muito importante envolver a prática com a teoria, mas o tempo de estágio devia ser maior, agora maior como? Depois como é que se faz?

E as trocas de instituição? Como é que as consideras?

Acho que são muito importantes, apesar de a atitude nas trocas ... por acaso não senti isso, este ano não, mas o ano passado senti e muito, a atitude da troca é mais uma de vir observar e escrever tudo até ao mais pequeno pormenor e não se envolver muito com as crianças porque acham que não é muito importante, porque é só uma semana e "como não é esta educadora que me vai dar a nota, estou aqui vou ver o que me pedem". Penso que é muito importante para conhecerem outros locais de estágio, o trabalho de outras educadoras, outras realidades, ... penso que a atitude dos alunos é que tem que ser um pouco diferente, mas também é só uma semana não é? Eu também pensei isso quando fui estagiária. Se calhar se fosse mais tempo... mas não sei, se calhar não...

Ainda há pouco estavas a dizer que eles vêm muito numa postura de recolha de informação para...

Exacto.

Como é que o Filipe, ao longo do ano são-lhes pedidos vários trabalhos...

Não senti, não notei nada! Não senti que ele estivesse a retirar informação para fazer os seus trabalhos...

Retirar como?

Informação, tipo escrever tudo ...

Mas ele não solicitou?

Solicitou, mas fazia-o durante as nossas conversas, as nossas reflexões, não senti como o ano passado que a aluna até as canções que eu cantava gravava, não considero que seja mal, mas... a aluna escrevia tudo, eu é que me sentia observada, mais que observada, só faltava um microscópio para ver tudo ao mais pequeno pomenor...

E este ano?

Este ano não! O Filipe recolheu a informação mas de uma forma muito subtil, mesmo quando escrevia, estava sempre com as crianças, senti mais nos pedidos que ele me fez relativos ao funcionamento da instituição e que eu o remeti para as coordenadoras.

E quanto ao dossiê de estágio?

Ai, dossiê de estágio, vimos no início uma ou outra vez, eu perguntava-lhe como é que estava a correr o dossiê..., ele dizia-me as dificuldades que mais uma vez têm a ver com os registos. Se calhar podia tê-lo ajudado mais, mas decidi não me envolver tanto nisso, não sei, se calhar devia mas o dossiê Às vezes nem sempre estava aí, ou estava? Teve! Mas nem sempre estava, se calhar também por isso não me interessei tanto.

Consideras que os trabalhos que ele, pelo menos os que ele partilhou contigo, consideras que têm sentido no estágio, ou achas que era mais um peso? Como é que vês os trabalhos?

Eu penso que sim, que têm. Até porque são uma forma de exercitar os registos, por outro lado são uma forma de articular a teoria com a prática, uma forma de organizar toda a informação que os rodeia no estágio. Ele ajudou-me muito, com o que trazia da escola, os trabalhos, não é que fossem muitos, não senti que fossem muitos. Eu percebi a importância dos registos, por exemplo ele teve que fazer duas observações com registo e isso fez-me ver o quão importante eles são para o educador e eu não os realizo. Que grande falha, não é? Mas que raio de educadora sou eu? Ele ajudou-me a pensar sobre isto, eu estou a trabalhar isto em mim, a tomar consciência da importância dos registos. Os estagiários são um grande contributo na nossa formação, ele ajudou-me muito, fez-me pensar.

Tu no início da entrevista dizias que o queres ser educadora cooperante era porque tinha muita coisa para lhes ensinar.

Dar.

Muita coisa para dar.

E eles também dão.

Sentes o contrário?

Sinto, sem dúvida alguma, temos é que estar abertas para isso. Se uma pessoa se fecha e pensa que sabe tudo e que não vai aprender mais nada, então se a pessoa pensa que eles não trazem nada ... então, estou-me a lembrar, também foi uma das razões pela qual eu quis ser educadora cooperante, para não perder esse ar fresco...eles trazem um grande contributo ao nosso dia a dia, à nossa vida profissional e não só.

E o acompanhamento da docente?

Eu acho que deviam vir mais vezes. Eles sentem-se muito intimidados, nunca tinha dado conta disso.

Porquê?

Pelos comentários que eles fazem "hoje vem cá a professora!!" (risos) "será que vem hoje?"... Ele confidenciou-me que tinha ficado nervoso com a presença da professora cá, eu não notei "olha não pareceu"...

Quando a professora estava presente como é que era organizado o dia?... Vocês...

Ah, envolvia-se com as crianças, claro que estava a observá-lo. Observava-o mas não o fixava, quer dizer não olhava só para ele, não! Sentava-se com as crianças, envolvia-se e elas questionavam-na, do tipo, "o que é que estás aqui a fazer?", "quem és tu?", "és a mãe da Sara?", diziam elas, "és a mãe do Filipe?", perguntavam assim aquelas coisas óbvias. Depois ela dizia que era a professora do Filipe, "Ai a professora do Filipe!...", bem mas... Portanto, ela ficava aqui connosco na sala, às vezes até tempo demais "vá meninos, estou à vossa espera!", "vamos lá, despachem-se para podermos reunir!" e depois íamos para os tais cantinhos que nós encontrávamos para reflectir ...

A sala de ATL ou a sala de acolhimento ...

E íamos falar um pouquinho do que estava a acontecer, das dificuldades, de tudo, penso que falávamos de tudo e isso fá-los sentirem-se bem, pelo menos ele dizia que se sentia muito bem, que era bom estar com a professora e poder discutir todos os assuntos, eu acho que há uma envolvimento com a professora que facilita, porque partilham tanta coisa deles, o que eles sentem! Não é fácil as pessoas partilharem isso e eles partilham com uma professora! Quer dizer, era aquilo que eu dizia é aquelas boas marcas que nós temos, por isso é que deviam vir mais vezes, para melhorar ainda mais este relacionamento professor-aluno...

Quantas vezes é que a docente veio?

Duas.

Ao longo do ano?

Sim! Duas!

Vou-te pedir que tentes identificar potencialidades e/ou dificuldades deste processo, da forma como decorre...

Da prática? As dificuldades? Se calhar não para mim, sim acho que uma dificuldade no meu desempenho como educadora cooperante é o facto de me expor, expor o meu trabalho, de estar sujeita a críticas, porque estou! Construtivas, destrutivas, qualquer coisa, mas estou! A mim assustou-me um bocado isso, mas depois pensei "Ah, mas eu estou aqui com medo porquê?". Eu sou o que sou, errar é humano, portanto, aceitei este desafio e acho que esta dificuldade se tem vindo a transformar em potencialidade ... "eu sei aquilo que faço, eu sei que sou capaz, acredito em mim, sei que faço bem umas coisas, outras se calhar não faço tão bem mas sei que posso melhorar, não tenho que ter medo de nada e nós como agimos tal e qual quando ele estava cá ou quando ele não estava era igual, só o facto de ele estar altera um pouco o ritmo das crianças, pois é mais uma pessoa na sala, há uma movimentação maior na sala, mas não dificulta o trabalho, nem de longe, nem de perto. E as potencialidades é tudo o que trazem para nós e nós lhes damos e que é

enriquecedor e esta partilha e este crescimento em conjunto, é o que nos ajuda a evoluir como profissionais e como pessoas também ... nós e penso que eles também...

Já falamos de muitos aspectos relativos a todo o processo de supervisão e não só. Se pudesses alterar, modificar alguns aspectos, algumas coisas... ou seja, consegues identificar algum ou alguns aspectos que gostasses de mudar?...

Há! O tempo da prática! (risos) O tempo da prática! E as visitas da docente! Mas eu sei que é complicado!

Sim, mas o que te estou a pedir é a tua opinião!

E o próprio Filipe também achou e nota-se porque as crianças já estão a ganhar aquele ritmo com ele e ... acabou! E depois volta e depois quando volta é o reconquistar o lugar, não é? Eu acho que o tempo é muito ...! O tempo de paragem é muito, eu sei que não dá para fazer de outra forma, mas ... eu acho que podia ser alterado.

Como é que consideras esta tua experiência de supervisão de estágio. O facto de teres estado com o Filipe, contribuiu para o teu desenvolvimento pessoal e profissional?

Sem dúvida.

Como?

Eu já fui dizendo, contribuiu por exemplo no repensar a minha prática e contribuiu com a articulação entre a teoria e a prática, que nós às vezes esquecemos, porque o facto de eu não registar às vezes fazia com que, não é que não pensasse nas coisas, mas nós temos que ter sempre uma base teórica e o ter tido o Filipe na sala ajudou porque ele trazia informação que ou eu ainda não conhecia ou então temas que eu já tinha abordado mas que me tinha esquecido, é sempre muito positivo termos alguém que nos ajuda e nos faz crescer, tanto pessoal como profissionalmente.

E dificuldades?

Senti dificuldade com os registos, senti no início não saber muito bem como é que havia de reagir e senti-me frustrada por não saber se lhe estava a dar o espaço que ele precisava, mas através do diálogo acho que nós conseguimos, mas as dificuldades são em saber como é que eles se sentem, saber o que lhes vai na alma.

Consideras que existiram algumas limitações, independentemente de tu dizeres que tiveste dificuldades no registo ... consideras que existiram limitações?

Não estou a perceber...

O que eu quero dizer é se existiram ao longo do estágio algumas limitações, por exemplo a nível institucional ou mesmo pessoalmente.

A grande limitação foi a paragem, eu até comentei, "agora que nós nos começávamos a entender o Filipe vai-se embora" e isso desmotiva um bocado porque estamos a ganhar confiança e ele vai embora, vai embora também com pena, porque eu senti isso, nós também ficámos e as crianças também elas perguntavam sempre "onde é que está o Filipe?" e termos que lhes explicar isso às crianças também é complicado e depois quando ele voltou, não é que tenha sido difícil mas é como começar tudo de novo, é uma nova adaptação, para ele, para nós e para as crianças, mas como já nos conhecíamos, já sabíamos o que esperar de cada um de nós já foi mais fácil, acho que foi só o tempo de paragem.

Olha, foste identificando alguns dos problemas do Filipe, essencialmente a questão do saber estar, do gerir o grande grupo e conquistas, identificas algumas conquistas realizadas por ele ao longo deste percurso?

Eu acho que ele sentiu... ahmm ... ahmm ... ele se calhar apercebeu-se de uma maneira engraçada de trabalhar. Ele focou só o facto de não ter, de não ter ... ele na troca também falou ...

Ele na semana de trocas esteve numa instituição da rede pública.

Sim da rede pública, ele não falou mal, ele gostou só que referiu que era diferente, a diferença entre mim e a outra educadora, por exemplo ela tinha tudo planeado, ela planeava tudo e é engraçado que ele conseguiu ver as duas partes e eu acho isso muito positivo, daí a importância das trocas. Ele conseguiu ver uma maneira diferente de trabalhar, ele nas trocas viu uma educadora trabalhar com base num planeamento que realizava e em que a educadora propunha e conseguiu ver comigo uma maneira de trabalhar em que são as crianças que propõem acho que isso foi positivo para ele e para mim, porque quando regressou ele falou comigo e referiu aspectos positivos que tinha encontrado e que considerava uma falha, por exemplo, não existir planeamento na minha sala. Isso fez-me reflectir sobre as minhas práticas, fez-me discutir com ele as minhas práticas e nisso acho que as trocas são muito positivas, mas também lhe chamei a atenção para o facto de ele só lá ter estado uma semana... acho que se tem que ter alguns cuidados pois numa semana a observação que se faz pode ser toda deturpada. Agora de resto, toda a vivência nesta realidade é excelente, acho que as crianças têm tanto para lhe dar e nós a elas ... e ele conseguiu chegar até elas através do carinho...

Achas que o teres sido educadora cooperante do Filipe teve influência no teu percurso profissional?

Também teve. O ano passado recebi um elemento feminino, que é sempre não é? E só a diferença marca e ele marcou, marcou imenso as crianças, nós adorámos trabalhar com ele, eu acho que ele adorou trabalhar connosco, as crianças adoraram-no, mais uma vez se provou o quão importante é existirem mais rapazes nesta profissão e acho que...

Só para terminar, gostava que pensasses um pouco e que me dissesesses que saberes é que identificas como adquiridos ao longo desta experiência de supervisão, no papel de supervisora.

Para já o registar é um saber que ficou, que eu quero que fique como adquirido. Pode não ser um saber adquirido, mas esta experiência serviu, sem dúvida alguma, para a minha tomada de consciência da falta de registo no meu trabalho diário. Ele também me veio chamar a atenção para a organização do espaço, ele organizou o espaço da leitura e trabalhou esses aspectos comigo, o que me ajudou ... Eu acho que o saber maior foi realmente nós aceitarmos a diferença de cada um e ...partilhar com as outras pessoas o que é bom e o que é mau... termos a humildade de dizermos que erramos, quando erramos e saber porque é que erramos... eu acho que existiu uma relação tão forte de cumplicidade que eu sentia o que ele sentia, só que ele achava que eu não podia sentir o que ele sentia, ou seja, eu explicava-lhe que eu também me sentia mal quando errava, também me sentia impotente para resolver algumas situações e também precisava de ajuda e a ajuda dele era preciosa. Eu acho que o facto de ser o Filipe foi muito bom, a nossa relação de abertura foi muito boa, ajudou-me muito, porque eu dizia-lhe sempre para ele confiar em mim que eu confiava nele.

Muito obrigada, foi muito importante esta conversa que agora termina.

De nada, gostei imenso, só não sei se respondi ao que me estavas a perguntar, falei muito não falei?

2ª Entrevista (tempo aproximado 2 horas)**12 de Julho de 2002****Local: Escola Superior de Educação de Setúbal****Entrevistado: Estudante Filipe**

Gostava que de começar esta nossa conversa, falando um pouco do seu percurso ... Primeiro terá de se identificar. Esta conversa é confidencial. Pode referir o seu nome, a idade que depois eu altero, mantendo o sigilo. Gostava, então que me falasse um pouco do seu percurso profissional e pessoal, essencialmente pessoal, até chegar a esta escola, até à sua entrada para a ESE.

O meu nome é Filipe, tenho 24 anos. O meu percurso ... ahm... eu quando escolhi ser ... ver se eu me sei explicar, eu quando quis ser educador não escolhi ser educador, esta história é assim, eu quando cheguei ao 12º ano ainda não sabia o que queria, sempre que me perguntavam o que queres ser quando ... ou melhor, mesmo quando, em criança, me perguntavam o que é que queres ser quando fores grande, eu nunca soube dizer o que queria ser ahm... e chegou o 12º ano e eu tinha que decidir, as coisas teriam que ter um rumo, eu teria que traçar um rumo a partir daí, então haviam duas coisas, havia uma paixão e havia uma tentação. Ou seja, havia uma paixão que era a educação e que eu sempre tive, desde, não muito pequeno, mas de há muito tempo e tinha uma tentação que era uma tentação que, pensava eu que era uma coisa que se eu fizesse um bom projecto tinha boas garantias de no futuro, e falo sobretudo em estabilidade de vida, estabilidade monetária, era o que eu pensava na altura e que era a informática, ahm, então tinha a tentação que era a informática e a paixão que eram a educação, ahm aquilo que eu decidi fazer foi, eu não sei se sei de educação, então vou tentar construir o meu projecto de estabilidade e comecei a ... e no 12º ano enveredei por, pelo agrupamento 1 que é o científico-natural, porquê? Porque dá para tudo, então fui para o 1. Então comecei a seguir as disciplinas mais ligadas à informática e depois tive um grande problema, a matemática, a química e a física (risos) posso lhe dizer que nunca tive uma negativa desde que entrei, desde o 5º ano até ao 12º ano, nunca tive uma negativa, nunca chumbei fiz sempre tudo limpinho e tive três anos a fazer o 12º ano, porquê? Por causa da matemática, da química e da física (risos). Entretanto consegui, conclui o 12º ano, porque consegui substituir a física por biologia, consegui fazer química, matemática, substituí a física pela biologia e terminei o 12º ano, ahm... terminei o 12º ano e quando termino o 12º ano sei que nunca devia, tenho a certeza que nunca devia ter ido para ali, o projecto da estabilidade nunca devia ter sido aquele e julgava eu que tinha atirado, tinha jogado uma série de anos ao ar ... foram três, sim três anos... decidi então ir para a paixão e o que é que decidi, tinha que me candidatar à universidade e quanto mais depressa melhor, mas não queria correr o risco de não entrar, porque já levava três anos de atraso e não queria correr o ri... queria ter a certeza que entrava e então já com o 12º ano concluído, volto outra vez à escola para assistir à disciplina de português, para fazer a específica, para me candidatar para a ... na área da educação, ahm. Faço a disciplina, assisto às aulas, tudo bem... e não consigo entrar! Nesse ano, a média rondava os catorze qualquer coisa e eu, pelo exame tinha entrado, mas pela minha média do 12º ano baixei e não consegui entrar ahmm... aqui pensei que o caminho universitário já não me ia valer, estava cada vez mais longe e eu estava cada vez mais longe de conseguir entrar, então comecei a pensar em desistir de entrar para a universidade ou para outra escola qualquer, então comecei a namorar com uma aluna da ESE (gargalhada), com uma aluna da ESE que me começou a ...

Desta ESE?

Desta ESE, da nossa escola, que me começa a dar muita força e decido voltar a assistir às aulas de Português B, que é o português específico do agrupamento 1 e decido ir assistir às aulas de Português A que é o Português que dá equivalência à Literatura Portuguesa, no currículo de 12º ano já não existe Literatura Portuguesa ahmm... e decido fazer isso porquê? Porque começo logo a delimitar o meu espaço, primeiro converso com os meus pais e vejo o campo que eles me abrem e eles dizem, "nós damos-te toda a força para entrares para a universidade, mas não temos capacidade para te termos longe de casa", ahm..., então o meu campo ficou reduzido a Setúbal e a Lisboa, vou-me informar e sei que tenho preferência regional em Setúbal e em Lisboa e que as coisas podem ser facilitadas por aí. Começo a assistir às aulas e tudo mais e faço os exames e espalho-me ao comprido no Português B, que sempre foi o meu Português e tenho uma nota muito boa no Português A e consegui entrar para onde estou agora ... para a ESE. Agora, quando eu disse ao princípio, quando decidi escolher ser educador, não escolhi ser educador, era porque eu não sabia o que é que queria ser, sabia que era na área da educação e havia duas coisas que eu queria, ou era professor do 1º ciclo ou era educador de infância, agora qual delas eu não sei. Então o que eu decidi foi, confrontei as médias de entrada e a que pedia a média mais baixa coloquei em

primeiro lugar. Por ironia do destino, ou não, não entrei para a primeira e entrei para a segunda (risos) e vim parar ao curso de educação de infância onde estou muito bem...

Quando diz que está muito bem, di-lo porquê?

Eu, eu, eu trabalho... eu estou com crianças desde, quer dizer eu estou a trabalhar com crianças sem ser no meio escolar à...sensivelmente três anos, nos escuteiros, trabalho com crianças dos 6 aos 10 anos de idade e o trabalho que eu sempre quis fazer em educação, nunca foi um trabalho ahm... rígrado, ou seja, não queria "passar" coisas, ou seja, não queria que estivessem uma série de pessoas a olhar para mim e eu a "passar" conhecimento, queria..., ou seja, eu não queria estar com eles eu queria ser um deles, é sempre aquilo que eu costumo dizer, eu não quero estar com as crianças, eu quero ser criança com elas ahm... e estas eram as duas coisas que me abriam as portas, no 1º ciclo nuns moldes um pouquinho mais rígridos, se bem que eu... que eu acredito que actualmente existam professores que não fazem os alunos estarem ali sentados todo o dia a ouvir...a adquirir conhecimento que eles "ditam", que eles transmitem ahm..., mas, digo que estou muito bem, porque a educação de infância é a educação que eu sempre quis, que eu sempre quis não! É o tipo de educação em que eu gostava de me envolver... acho que não me estou a explicar muito bem, é aquela educação com que eu mais me identifico, é muito menos formal... o conhecimento adquire-se pela experiência, com a experiência, não é porque nós o transmitimos.... Está a perceber?...

Sim, sim! Para começarmos a falar mais concretamente da sua experiência, tente, por caracterizar minimamente a instituição em que desenvolveu o seu estágio. Que tipo de instituição, por exemplo, se é uma IPSS, a dimensão, se é grande ou pequena, qual a constituição da equipa...

Então...o C.S.N.S.P. é uma IPSS, é uma instituição que neste momento, neste momento é grande, tem ... digo neste momento porque o edifício é novo, muito novo, começou a funcionar este ano, tem valência de infância, tem valência de jovens e tem idosos. Depois tem algumas divisões, ou seja, por exemplo a valência da infância tem creche, creche familiar, jardim de infância e ATL, ahm dos jovens, eu não tenho a certeza mas acho que é só o apoio a jovens mães...

A Jovens mães e a mães solteiras...

Exacto, eu não tenho a certeza se existe mais algum ... Nos idosos existe o Centro de Dia e penso que não existe mais nada... há trabalho com a comunidade, eu não sei se é se é ... é a reabilitação de jovens ou qualquer coisa assim, eu não sei se é onde é que isso funciona, eu não sei se vi os jovens, eu não me lembro...Quanto à equipa da sala...

Sim.

A equipa da sala é a educadora, é composta pela educadora e por uma ajudante de acção educativa. As crianças são ... eu sei que não fazem parte da equipa, mas... o grupo é de 25, mas tem 26 crianças porque uma está ao abrigo... ver se eu me sei explicar...ela ficou retida um ano no pré-escolar...

É uma criança que não transitou para o 1º ciclo?

Exacto, ficou retida e a pedido do projecto de apoio às famílias, do projecto que apoia aquela família a criança está na instituição, não sei se é bem assim, mas penso que sim...

Na instituição existiam mais colegas a estagiar?

Do terceiro ano não, da ESE sim! Duas colegas do segundo ano, que chegaram em alturas diferentes.

Portanto estagiou com mais uma colega da ESE, mas não do seu ano, da sua turma!

Exacto, eu de terceiro e as outras duas colegas de segundo.

Mantinhm relações entre vós ou...

Nós encontrávamo-nos muito pouco, encontrávamo-nos no refeitório e no refeitório...

No refeitório das crianças ou quando iam almoçar!?

Não quando nós... eu não sei como é que elas faziam, mas eu com a Sara apoiávamos o almoço das crianças, mas não almoçávamos com elas. Almoçávamos depois no refeitório do Centro de Dia e elas deviam ter a mesma modalidade, porque eu via-as a almoçar. O único relacionamento que nós tínhamos era basicamente igual ao que temos aqui na ESE, bom dia, como é que as coisas estão a correr? Era uma relação de camaradagem.

Portanto, existia uma boa relação de camaradagem entre vós mas nunca existiu articulação de trabalho, nunca desenvolveu trabalho com elas...

Não, não ...

Fale-me agora um pouco sobre a experiência que viveu naquela instituição. A experiência de supervisão, ou seja, enquanto formando, com uma educadora de infância que o acompanhou, que o apoiou, ou não! Fale-me um pouco sobre isto... como viveu esta experiência?

Eu acho que é importante referir que o ano passado, ou seja, no 2º ano eu já tinha estagiado no Bairro da Boa Vista

Não na mesma instituição?

Não, no ACM. Portanto, eu como já tinha estagiado naquele bairro, eu...eu já sabia, mais ou menos, o que ia encontrar em termos de ambiente exterior à instituição, isso já sabia, não havia dúvida e conversei muito com as minhas colegas que estagiaram o ano passado no edifício antigo e que já me tinham dito algumas coisas.

O C.S.N.S.P. antigo é a mesma instituição?

É a mesma instituição noutras instalações, nas instalações onde funcionavam antigamente. Portanto, elas já tinham falado comigo sobre o trabalho que se fazia e que não se fazia, eu já sabia algumas coisas. Estava muito contente por voltar ao bairro da Boa Vista, porque é um tipo de trabalho que eu gosto. Porque me agrada muito trabalhar em ambientes assim...

Quando diz um ambiente assim, tente explicar melhor

(risos) Gosto de, não... acho que ... tenho muito gosto em trabalhar em ... como é que eu lhe vou explicar?... Não lhe vou dizer que é um ambiente difícil porque não é! Porque é mentira! É um ambiente particular de bairro, eu não sei explicar... a vida no bairro da Boa Vista não funciona como funciona num outro bairro. Não sei explicar, é a especificidade daquele bairro que me atrai.

Voltando à questão que lhe coloquei da supervisão....

Ah! Fiquei contente por voltar ao bairro da Boa Vista e depois do que a Sofia e a Inês tinham dito, comecei a ficar com água na boca por ir estagiar para o C.S.N.S.P., ainda mais por ir estrear uma novas instalações e estava muito curioso em saber como é que as coisas iriam funcionar. Quando cheguei, o primeiro contacto que tive com a educadora cooperante foi muito informal. Cheguei e bati à porta, eu entrei disse quem era e para o que é que vinha, ela já sabia... a Sara já sabia, já sabia o meu nome e antes de termos qualquer tipo de relacionamento mais próximo ela disse "vamos já conversar", mas primeiro deixou-me estar um bocadinho com as crianças, não foi muito tempo, mas fiquei ...

Sentiu-se bem recebido?

Sim, porque eu não fazia, eu já sabia quem era a Sara porque uma vez quando estávamos no intervalo de uma aula, uma das professoras viu a Sara e disse "aquela é a educadora que vai receber o estagiário que vai para o C.S.N.S.P." e eu, quando soube que ia estagiar para lá percebi logo que já sabia quem era a minha educadora cooperante. Fiquei muito satisfeito de ir trabalhar com uma educadora com a idade tão próxima da minha, eu não sabia qual era a idade dela mas parecia-me que ela tinha uma idade muita parecida com a minha. A Sara é mais velha que eu três anos, eu tenho 24 e ela tem 27 anos, por acaso faz hoje 27 anos. Fiquei muito satisfeito de ir trabalhar com uma pessoa com a idade tão próxima da minha, eu já tinha trabalhado com duas educadoras bem mais velhas do que eu e gostava muita de saber como era trabalhar com uma educadora mais nova e fiquei muito satisfeito por isso e acho que o relacionamento que hoje ainda

tenho com a Sara se deve muito à proximidade das nossas idades, acho que se deve muito e que é a consequência da relação que eu tive com a Sara, além disso fiquei também com um relacionamento muito forte com a Ana que é a auxiliar, eu falava muito com a Sara sobre a Ana porque dava gosto vê-la trabalhar, às vezes apetecia-me parar para vê-la trabalhar. Eu gosto muito do trabalho dela e gosto muito dela e é uma pessoa mais velha e... mas acho que fui muito bem recebido, acho que todas as pessoas, no C.S.N.S.P. me receberam bem...

Sentiu-se integrado na instituição?

Senti, talvez no princípio não tanto, mas com o ... com o passar do tempo senti-me bastante integrado na instituição e senti que tinha alguma liberdade de movimentos na instituição, porque não me barravam ... não me barravam... as coisas que eu fazia, ou os caminhos que eu tomava por dentro da instituição que não os do jardim de infância nunca me foram barrados, eu tinha liberdade para andar onde as pessoas da casa andassem e por isso senti-me sempre em casa.

Nesse sentido, conseguiu também desenvolver trabalho fora da sala em que estagiou ou o seu trabalho cingiu-se àquele grupo e àquele espaço?

O trabalho com as crianças foi sempre um trabalho feito com as crianças da sala onde eu estava a estagiar, eu tinha contacto todos os dias com as crianças do ATL e com as crianças de outras duas salas de jardim de infância, tinha contacto todos os dias no refeitório e com alguns, algumas vezes quando havia a transição do espaço exterior, quando elas saíam do espaço exterior e iam para lá outras, porque no C.S.N.S.P. não se pode, não se podia, agora não sei se se pode ou não, mas na altura em que eu estava lá a estagiar não podiam estar mais do que uma sala, nem mais do que uma valência no espaço exterior, na altura da troca às vezes cruzávamo-nos, mas todos os dias só no refeitório ...

Portanto, no exterior nunca contactou com outras crianças?

Não, estive sempre só com as crianças da minha sala.

Não sei se...

Deixe-me só pensar na última semana, nos últimos dois dias tivemos nós com o ATL.

Como é que organizava o seu trabalho com a educadora?

Ahm...

No fundo, como é que organizava o seu dia a dia enquanto esteve na instituição?

A primeira coisa... das primeiras coisas que eu pedi à Sara para nós irmos fazendo nos primeiros tempos de estágio foi ... era arranjar formas, nem que fosse ... era quase sempre ... era troca de informação ela dava-me informação e eu observava como é que as coisas funcionavam dentro da sala, eu primeiro queria saber como é que as coisas funcionavam para me poder movimentar à vontade e não fazer coisas que, não actuar de maneira que desviasse as crianças da forma de elas trabalharem, eu não queria, nem de perto nem de longe, chegar lá e mudar o trabalho que a Sara já tinha feito, eu tinha que continuar aquilo que ela fazia, sentia que tinha que ser assim e então através da minha observação, e depois nós trocávamos ideias ... foi desta forma que eu fui sabendo como é que as coisas funcionavam. Nós nunca tivemos e eu acho que se calhar e a Sara sabe disso, porque nós conversámos muitas vezes sobre isso, foi uma das pedras no sapato do estágio (risos) foi... nós nunca tivemos um planeamento, nunca nos sentámos para dizer, vamos fazer assim, assim desta forma. Nunca o fizemos ...

Porquê?

Não era hábito da educadora, não é seu hábito e nunca foi uma coisa que eu ... eu não consegui inculir isso na Sara, também não o tentei de forma muito acentuada, eu chegava ao pé dela e perguntava ...

Mas achava que isso, enquanto estagiário, também era o seu papel? Tentar alterar algumas coisas?

Não, mas eu, eu quando vou para o estágio tento sempre, quando vou para estágio existem sempre duas vertentes, eu sei que estou lá como estagiário e que tenho um trabalho académico a realizar e

sei que estou lá como profissional e que estou a aprender no terreno e que quero assimilar o máximo de informação e que quero participar ao máximo na vida da instituição, na vida da sala e não acho ... e continuo a achar que o não planear desta educadora faça com que o trabalho que ela desenvolve seja menor ou menos bom do que qualquer outra educadora, não acho! Porque acho que a Sara faz um trabalho muito bom. Sentia eu falta era se calhar para ter qualquer coisa para apresentar, porque se as professoras me pedissem um planeamento eu não tinha para dar, eu não tinha nada para entregar...

Então e o facto de ela não planear, e o Filipe já disse que considera que ela trabalha bem, sentia que o trabalho acontecia ao acaso, ou ...

Não!!! Vamos ver! O trabalho feito dentro da sala, havia moldes diferentes de... ou seja, o trabalho entrava de formas diferentes na sala, ou seja, ou se seguiam datas de festas que existem durante o ano ou se trabalha por esses dias, o dia do pai ... mas esse trabalho não é o tipo de trabalho que tape seja aquilo que for ... quer dizer não se deixa de fazer nada para fazer as coisas para o dia do pai, por exemplo, foi essa a ideia com que eu fiquei da sala, ou melhor da Sara, não ... o que é que eu estava a dizer? ... Não se deixa de fazer nada por causa da prenda do dia do pai e até houve um coisa qualquer que teve que se andar assim muito à pressa para ficar feita, porque se andou a fazer outras coisas e aquela ficou um bocado esquecida... ahm... e depois como é que o trabalho entra? Ou entra por aí ou são sugestões das crianças, das próprias crianças, mas que entram na altura ... ahm... elas quase todos os dias pediam uma história, mas se uma criança pedisse ou dissesse e se fizéssemos uma representação da história, o grupo começava logo a organizar-se nesse sentido: Não era uma coisa que tivesse sido pensada pela Sara e que, por exemplo, eu e ela tivéssemos combinado amanhã se eles pedirem uma historia podíamos contar esta e depois puxar a conversa para a representação, ou seja, leva-los a representarem o que nós queríamos, isso não acontecia, ou era uma proposta das crianças que entrava no momento, ou era uma proposta do adulto que entrava no momento ou era pensada anteriormente mas não era uma coisa muito planeada, ou seja muito "certinha", não se estava muito tempo a pensar eu amanhã tenho que fazer qualquer coisa com as crianças

Na sala, pelo que acaba de dizer, existem poucas propostas do adulto...

Não quer dizer que sejam poucas, não existem é muitas, ahm... por exemplo... eu em conversa com outros estagiários, houve alguém que me dizia "a minha educadora pede-me para trazer muitas actividades" e depois perguntavam e a tua também faz a mesma coisa? E eu respondia que o trabalho que se faz na minha sala não é um trabalho em que se esteja sempre a propor actividades, o trabalho das crianças não é sobrecarregado com actividades propostas que às vezes surgem não se sabe muito bem de onde, ahmm... mas pedem-me... aquilo que me pedem é para participar na vida da sala e se o participar na vida da sala tem de passar por eu trazer actividades, então eu levo-as, mas não me pedem, do tipo por semana estás cá quatro dias, então tens de trazer pelo menos duas...

A organização do seu trabalho, enquanto trabalho de estágio, ou seja o desenvolvimento do seu trabalho de estágio passou pelo desenvolvimento de actividades na sala.

Precisamente.

Que tipo de actividades é que desenvolvia?

As actividades surgiam como, no tempo de planear as crianças escolhiam uma área. Em todas as áreas elas têm a perfeita noção do que podem fazer. Se uma criança escolhe fazer pintura, quer fazer pintura mas não ... e chama-me, por exemplo, "vem fazer pintura comigo!" e eu vou fazer pintura com ela. Se eu tivesse oportunidade de, e às vezes surgiam essas oportunidades, se eu tivesse oportunidade de que a pintura não fosse, por exemplo o pegar no pincel, fazer tintas e molhar e fazer um desenho, se eu tivesse oportunidade e se a criança tivesse disposta a que a pintura passasse por outros moldes, isso acontecia. Se houvesse oportunidade tudo bem, mas as coisas não eram programadas no dia anterior. Eu raramente me colocava no meio da brincadeiras das crianças, ou seja, eu gostava muito e gosto de brincar com elas mas não me forçava a entrar nas brincadeiras, eu durante a manhã circulava pela sala, ia rodando pelas várias áreas da sala, disse à Sara, ao principio disse-lhe que tinha a sensação de estar muitas vezes na expressão plástica e ela disse-me que sim e que eu devia rodar e eu disse-lhe que não era por nada, mas era o sítio em que eu, ao principio, me sentia mais útil

Era também pela dinâmica da equipa? Ou foi o Filipe que considerou ser essa a melhor forma de trabalhar?

Não, é a dinâmica que acontece na sala, eu dou-lhe um exemplo que me lembro muito bem porque foi uma coisa que foi muito interessante, houve um dia que a educadora levou um livro de uma história já conhecida, mas no fim a história tinha coisas para fazer, tinha actividades relacionadas com a história e uma das coisas que lá ensinava a fazer e que propunha fazer, era um, era aqueles moinhos de vento e houve uma criança que disse que gostava de fazer um moinho, mas na altura não se tinha material para ..., aquilo era necessário folhas que pintassem como quisessem e era um punaise para prender e uma palhinha ou uma vara e na altura não havia nada que fizesse de suporte para o moinho, então a Sara disse que a única coisa que se podia fazer era preparar já a parte do moinho e a criança podia pintar e tudo mais, mas não podia acabar porque não existia material, depois até combinei com a Sara e eu é que levei uma série de palhinhas e só no dia seguinte é que a actividade terminou. No primeiro dia houve muitas crianças que aderiram, pintaram o moinho, dobraram, mas só foi concluída no outro dia e acabou por ser uma coisa planeada mas para o dia seguinte, nunca se pensou em agarrar naquele livro para fazer moinhos de vento. Foi uma coisa que partiu das crianças. As actividades mesmo programadas e que eu me sentava com a Sara e dizia "olha Sara eu, eu pretendo fazer isto e isto, ajuda-me lá a apresentar às crianças, como é que eu vou gerir o grupo na sala ...", estas actividades foram as actividades de um dia tipo e que foi uma proposta das professoras e foram as actividades que estavam relacionadas com o projecto de investigação, essas foram as únicas actividades que eu me sentei com a educadora e disse "quero propor isto como actividade para a sala, se puder ser no dia X, agora quero que me ajudes a pensar como é que eu hei-de inserir a actividade na sala, como é que achas que deve ser?" nós falávamos muito e ela ajudava-me muito... outra coisa que existia relacionado com as actividades é que cada vez que existia algo de novo e existia algo de novo quando? Quando algum adulto levava alguma coisa, ou seja, quando existiam por exemplo as actividades do projecto de investigação, por exemplo, uma das coisas que eu fiz no projecto de investigação foi arranjar livros e nós uns dias antes sentámo-nos em grupo, não em grande grupo porque as crianças não estavam todas e eu só fiz com aquele grupo e conversámos sobre o que elas achavam que era preciso para arranjar aqueles livros e elas disseram o material que achavam que era necessário e depois nós arranjámos esse material e nem sequer foi esse mesmo grupo que disse o que era preciso que realizou o trabalho, existiam algumas crianças que tinham estado no outro dia, mas muito poucas. Então as coisas funcionavam, hoje se se lembram, nós estivemos a conversar com um grupo e surgiu este material para arranjar os livros, agora no tempo de trabalho o Filipe vai para a biblioteca com o material e com os livros quem quiser ir ajudar a arranjar os livros escolhe aquela área e vai ter com ele à biblioteca, era assim que as coisas funcionavam. Nós sabíamos que existia qualquer coisa de novo numa determinada área e se elas tivessem vontade de trabalhar com esse material havia sempre algum adulto que se disponibilizava a ir apoiar essa área.

Que tipo de apoio é que a educadora lhe dava?

A minha educadora apoiava-me quase sempre sem eu saber que ela me estava a apoiar, ou seja, ela estava-me sempre a dizer "não tenhas problemas de agir dentro da sala, faz as coisas que achas que deves fazer, porque eu estou sempre a ver as crianças, mas também te estou a ver a ti", ela dizia sempre isto e depois dizia "e se algum dia eu te deixar sozinho na sala sem te avisar não, não fiques com medo, não te enerves...porque eu quero ver como é que tu ficas sozinho na sala", claro que nunca ficava sozinho, ficava sempre com a auxiliar e como eu estava a dizer, a educadora apoiava-me quase sem eu perceber que ela me estava a apoiar, porque ela deixava-me agir como eu achava que devia ser, na sala com as crianças, ela sempre me disse "se fizeres alguma coisa que eu ache grave ou mal feita eu falo contigo na altura", porque eu acho que as coisas devem ser ditas na altura e remediadas na altura, se fizeres alguma coisa menos bem, nós juntávamo-nos no fim do dia e conversávamos. Eu dizia porque é que tinha agido de determinada forma e ela contrapunha, achava que não devia ser assim e justificava o porquê, o apoio que ela me dava era sem eu saber, mesmo sem eu saber ela estava ali para me apoiar....

Sentia-se bem na sala, sentia-se apoiado com esta estratégia da educadora cooperante?

Sentia ... porque sabia que tinha margem de manobra para agir dentro da sala e que se pisasse o risco, não tinha uma marcação serrada em cima de mim, eu podia agir sem receio de errar ...

Não tinha medo de agir...

Não, não tinha medo de agir, foi uma coisa muito boa deste estágio, eu consegui não ter medo de fazer, nunca tive, excepto nos primeiros dias (risos) mas depois as coisas foram evoluindo,

obviamente, e foi uma coisa que eu consegui ganhar neste estágio foi não ter medo de fazer, foi o único estágio, o único estágio, fiz três até agora durante o curso onde eu saí da sala a sentir-me parte integrante da equipa da sala, foi o único estágio onde eu senti isso.

Como é que funciona a equipa da sala?

A educadora e a ajudante são muito cúmplices e têm um tipo de trabalho muito parecido, para já elas trabalham muito bem juntas é algo... Quando se entra na sala e se olha para a educadora e para a ajudante vê-se que elas cá fora são amigas e que lá dentro trabalham muito bem, não é preciso estar muito tempo a olhar para elas, ahm, pelo menos foi aquilo que eu senti...

Sentiu que fez parte dessa equipa....

Senti, no fim do estágio quando me vim embora, pela primeira vez num estágio da ESE senti que fazia parte, ou que fiz parte de uma equipa de uma sala, elas têm um trabalho que... por exemplo eu dizia muitas vezes à Sara que eu gostava muito, gosto muito da Ana e gosto muito do trabalho dela, mas acho que ela tem comportamentos que nem parecem, eu gosto muito dela, mas às vezes parece que deixo de gostar por coisas que ela faz e que eu acho que não devem ser nada assim e conversava imenso com a educadora sobre isso...

Consegue lembrar-se de um exemplo?

Consigno, dois até! Duas vezes que eu senti que devia fazer qualquer coisa mas que não tinha autoridade para isso. Foi uma vez no refeitório uma criança que estava em conflito com a criança do lado e como as coisas não conseguiram ser resolvidas a... com dialogo a Ana acabou por ... seguiu na criança e obrigou-o a almoçar isolado, completamente isolado do grupo, quando digo isolado é mesmo afastado do grupo e o outro exemplo é uma estratégia que a Ana tem e que a Sara está a lutar para tentar acabar com ela, ... a Sara estava-me sempre a dizer que há muitos vícios que a Ana trás do trabalho anterior e elas, em conjunto, têm vindo a trabalhar para ver se conseguem colmatar alguns desses vícios, um deles é a estratégia do "vai dormir", se não te portares bem vais dormir. Se... vais para a sala dos bebés é uma frase que se houve muitas vezes ao longo do dia, infelizmente, ouve-se muitas vezes por dia da boca da Ana e que me custava muito ouvir porque eu gostava muito dela, gosto muito dela e gosto muito do trabalho dela e uma das formas de trabalho que a Sara e a Ana têm e que eu respeito, obviamente, mas que às vezes acho que ... em algumas ocasiões acho que não devia ser assim porque elas não se desrespeitam uma à outra, ou seja o que uma diz ou faz não é desdito ou desfeito pela outra, seja de quem for, da educadora ou da auxiliar, por exemplo se a auxiliar diz "como te portaste mal vais dormir", por muito que custe à educadora, essa criança vai dormir, pode não ir dormir, mas vai-se deitar e esta eu acho que... é muito saudável que elas não se desrespeitem, mas é muito pouco saudável que aconteçam estas situações, são casos pontuais onde elas deviam quebrar esse acordo, pois considero que as coisas deviam ser resolvidas de outra maneira e era em situações como essa que sabendo que elas não se desrespeitam muito menos ia eu desdizer uma coisa que elas tinham dito.

Claro...

Então sentia-me completamente impotente, o que é que eu podia fazer? Só podia assistir ... a única coisa que eu podia fazer naquelas situações era assistir e depois discutir com a educadora....

Sentiu também no seu trabalho, pelo que estou a perceber, apoio da ajudante. A educadora apoiava-o numa determinada dimensão, mas percebo que a auxiliar também o apoiava. Que tipo de apoio lhe dava a ajudante?

Ela trabalhava muito comigo, ou seja, nós estávamos muitas vezes juntos numa área, nós evitávamos ... evitávamos?! ... Evitava eu porque achava que se a Ana estava numa determinada área, por exemplo na área das construções, a não ser que uma criança quisesse que eu fosse com ela para essa área, porque eu achava que eram muitos adultos só para uma área, então eu escolhia outra, ia para outra área, mas quando acontecia, por exemplo, nós estávamos em áreas diferentes e a criança que estava comigo pedia-me para ir para área onde estava a Ana a fazer qualquer coisa, nós acabávamos por estar juntos nessa área e aí trabalhávamos muito em conjunto e... a Ana ensinou-me muitas coisas que eu não sabia, coisas do fazer, materiais, ensinou-me muitas coisas, conversávamos muito sobre perspectivas de fazer e às vezes eu dizia à educadora que dizia coisas à Ana que tenho medo de ser mal interpretado, porque eu às vezes dizia à Ana "não concordo nada com a estratégia do sim" e depois ouvia quase todos os dias isso da boca dela e às vezes tinha medo de ser mal interpretado e tinha que pensar nas palavras que utilizava com ela para não ser

mal interpretado ou para não a ofender, mesmo por gostar muito dela e era por aí a Ana apoiava-me mais no fazer, a Sara apoiava-me mais no ser...

Tente agora identificar as suas funções enquanto estagiário naquela sala.

Ao princípio era só..., eram só... no início eu achei que devia só ter funções de estagiário, ou seja fazia o que a educadora me dizia para fazer, mas isso aconteceu durante muito pouco tempo. Mas, enfim... A Sara, nós estávamos no círculo, por exemplo, no recordar e se ela ao princípio não me dissesse "olha vai com as crianças lavar as mãos para o almoço" isto ao princípio, nos primeiros três, dois, três dias, foi muito pouco tempo, aconteceu durante muito pouco tempo, se ela não dissesse isso eu... não tinha vergonha, obviamente, mas não tinha a certeza do meu timing ser o timing delas, ou seja, eu não sabia se elas imediatamente a seguir ao recordar queriam que as crianças fossem imediatamente lavar as mãos, então ficava à espera que alguém me dissesse para ir. Com o avançar do tempo, eu passei a ter a tal margem de manobra que já falei e as coisas começaram a funcionar como mais um da equipa Não vou dizer que tinha o mesmo papel da educadora, porque não tinha, nem por muito tempo que lá estivesse nunca iria ter porque a ela tem um relacionamento muito forte com aquelas crianças, mas estava... estava um nível um bocadinho mais abaixo, só um pouquinho de nada abaixo da Ana era por aí e tinha muita liberdade e podia fazer as coisas e se o meu timing não fosse o timing delas, não fosse o timing da equipa da sala não era repreendido por fazer ou se elas quisessem que as crianças ficassem mais cinco minutos sentadas no tapete porque ainda faltava algum tempo para irem para o refeitório, mas se eu me levantasse, se a minha iniciativa fosse leva-las logo para o refeitório não era repreendido por isso e comecei a ganhar o meu espaço...

Tinha autonomia para...

Tinha, tinha autonomia para fazer, para agir naturalmente dentro da sala, nunca me eram impostas barreiras...

Quando refere que tinha autonomia e eu já percebi que se integrou muito bem na equipa, acha que essa autonomia foi sendo conquistada por si, já disse que nos primeiros dias se calhar podia ter agido da mesma forma, não se sentia era tão à vontade, queria ver como é que funcionava... essa relação foi muito conquistada por si, ou foi quase dada de bandeja, faz como tu quiseres, tens autonomia para...

Não, foi, foi um ... como é que eu hei-de dizer? A conquista do meu lugar dentro da sala não foi uma coisa que eu dissesse "eu vou ter que conseguir ganhar um lugar dentro daquela sala!", não foi uma coisa pensada assim e não foi uma coisa que a equipa da sala me dissesse "nós estamos a abrir-te este caminho para tu ganhares um lugar dentro da sala", não foi assim. Foi o relacionamento que eu estabeleci com a educadora e que foi crescendo, o relacionamento que eu estabeleci com a auxiliar e o relacionamento que eu estabeleci com as crianças a minha acção começou a ... foi tudo muito natural ... as coisas aconteciam e ninguém precisou de abrir portas a ninguém, elas foram-se abrindo e quando eu cheguei ao fim do estágio sinto que se lá ficasse outro tanto tempo as coisas não se iam alterar, em termos de conquista de espaço, ou seja a conquista de espaço se eu lá ficasse mais tempo não ia aumentar...

No fundo, pelo que eu percebo a sua autonomia podia equiparar-se muito à autonomia de cada um dos elementos da equipa...

Nós éramos três elementos que nos completávamos, íamos nos ajudando uns aos outros... se bem que eu sempre disse à educadora, "eu estou aqui a estagiar e sei qual é o meu papel de estagiário"...

E qual é?

Eu acho que o meu papel de estagiário... para já eu acho que o estagiário não deve ser... primeiro tem que tentar não ser um intruso mas tem que tentar não ser intrometido (risos) ... como é que eu vou explicar? Não pode ser continuamente uma pessoa estranha dentro da sala, as crianças eu tenho essa consciência desde o segundo estágio do 2º ano, se bem que foi em creche, mas eu acho que as crianças tinham essa percepção elas sabiam perfeitamente quem mandava e que eu não ia estar lá sempre, tive ainda agora mais essa percepção com crianças bem mais velhas, elas sabiam perfeitamente.... Eu até fiz uma observação que está no meu dossier de estágio, em que houve uma criança que me disse e que eu nunca mais me vou esquecer "eu sei que tu não mandas nada, mas eu gosto muito de ti" ela disse-me isto e eu a partir daí ainda tive mais certezas porque elas sabem

perfeitamente qual é o nosso papel dentro da sala e sabem perfeitamente que nós não vamos estar lá sempre, estamos de passagem, então eu acho que o estagiário não deve ser um intruso porque, mesmo tendo esta consciência que as crianças sabem o nosso papel, o estagiário tem que se dar a conhecer e saber integrar-se na sala ... e na instituição... e na equipa... e não pode ser intrometido, quando eu digo isto é porque eu acho que o estagiário nunca deve ir longe demais, ou seja há limites, há sempre coisas que um estagiário nunca deve fazer... (risos).

Como? Tente dar um exemplo.

Como? Por exemplo o desrespeito de que eu falava à pouco, eu acho que o estagiário nunca deve desrespeitar nem o trabalho da educadora, nem da auxiliar, nem sequer de outro estagiário de outra escola que esteja naquela sala, eu acho que o estagiário não tem o direito de desrespeitar um ao outro, podem conversar e trocar ideias e dizer "eu acho que tu fizeste isto mas acho que não devias ter feito assim", mas acho que nunca, mas mesmo nunca se devem desrespeitar...

Já percebi que o Filipe foi intervindo muito na sala... como é que reflectia sobre a sua acção? Vocês reflectiam sobre o seu estágio? Tinha momentos de reflexão com a educadora cooperante? Como é que isso acontecia?

Nós tirávamos, todos os dias, tentávamos todos os dias conversar nem que fosse só um pouquinho, no fim do estágio falhámos alguns dias, mas no âmbito geral conversámos muito, se o estágio decorreu hipoteticamente em 30 dias, nós conversámos 25. Nós conversávamos sobre o estágio e as coisas aconteciam como? Para já as nossas conversas nunca serviam para pensarmos o que vamos fazer no dia a seguir, como já disse há bocado, nunca serviam para isso, nunca planeávamos o dia seguinte. Serviam para, em primeiro lugar, eu exprimir aquilo que estava a sentir e as minhas dificuldades depois tinha o feedback da Sara, mediante o que eu dizia e mediante o que ela via, ela ia-me dizendo eu acho que neste campo tens estado a trabalhar assim, demonstras algumas dificuldades aqui ou ali, às vezes concordávamos um com o outro, outras vezes nem por isso e era nessas conversas muito informais, porque nunca foram conversas por exemplo baseadas nas fichas de estágio, nunca foram conversas baseadas em pontos pré-estabelecidos, sentávamo-nos e ... quase nunca nos sentava-mos e começávamos a falar logo de coisas sobre o estágio. Começávamos por falar de coisas que nos tinham acontecido, viste ontem o telejornal? Viste o que aconteceu? Ou Sara falava do que tinha feito no dia anterior, haviam sempre muitas conversas paralelas que nos mantínhamos frequentemente e que não tinham propriamente a ver com o contexto da sala. À medida que o tempo foi avançando, nós deixámos de ser, pelo menos é o que eu sinto, espero que ela também, nós deixámos de ser ... passámos pela fase do estagiário e educadora cooperante, nunca deixámos de o ser, não é?, tivemos uma fase de conhecidos e no fim já éramos amigos, bem amigo é muito complicado, acho que éramos uns conhecidos mas mais fortes, Conhecidos com letra grande, nós estabelecemos uma relação muito forte e eu acho sempre que um dos factores responsáveis por isso era a nossa proximidade de idades...acho sempre. Eu tenho um relacionamento muito bom com a Ana, mas não o tenho como tenho com a Sara por exemplo.

Quando refere que falavam muito e que às vezes iam buscar situações específicas... as vossas reflexões eram essencialmente sobre os seus desempenhos enquanto estagiário, enquanto formando ou também reflectiam sobre os desempenhos da educadora?

Nós não falávamos só sobre aquilo que eu fazia, falávamos algumas vezes não tínhamos estipulado essa estratégia, mas era assim que acontecia. Obviamente que falávamos do meu desempenho, a educadora falava, perguntava ... houve até um dia em que ela me disse eu hoje tenho a sensação de ter feito uma coisa que não devia, não reparaste em nada? Às vezes havia situações que me passavam completamente ao lado, passavam-me ao lado porque não tinha visto, ou porque provavelmente eu teria feito da mesma maneira então achava que estava bem ... e falávamos às vezes... esta é uma coisa que eu tenho pena de não ter acontecido no estágio é eu ter reflectido não só com a educadora, mas também com a auxiliar, às vezes tinha necessidade de falar...

Porque é que isso não acontecia?

Não sei, se calhar ... eu tenho consciência de que a Ana nunca me iria procurar para falar, não sei se é verdade, mas é isto que eu sinto...

Na dinâmica da instituição, a educadora e a auxiliar nunca reflectem em conjunto?

As reuniões de equipa, no verdadeiro sentido da palavra, na sala, não acontecem, elas falam, elas conversam mas não é no..., ou se é, é poucas vezes, mas aquilo que eu me apercebi não é formalmente, nem têm estipulado nenhum dia para o fazerem, quer por semana, quer por mês, acho que isso não acontece, penso que isso não acontece, são conversas mais de tipo informal e eu às vezes sentia necessidade de falar com a auxiliar, o problema foi que eu tinha consciência que ela nunca me iria procurar da mesma maneira que eu procurava a educadora ou a educadora me procurava a mim, eu tenho consciência que a Ana não conseguia fazer isso comigo e eu nunca tive coragem de o fazer, não era falta de vontade, porque vontade eu tinha muita, eu nunca tive coragem de o fazer e eu acho que era uma coisa que teria sido muito boa para mim, principalmente para mim, acho que teria sido! Porque as conversas que eu tinha com a educadora sobre alguns comportamentos menos adequados dentro da sala eram quase sempre comportamentos da Ana... e teria sido muito bom...

De qualquer dos modos, desculpe interrompe-lo, nunca solicitou isso à sua educadora?

Não.

Apercebe-se hoje que teria sido importante, ou foi-se apercebendo durante o estágio e não teve essa coragem que diz que lhe faltou?

Nunca tive coragem de ... durante o estágio tinha curiosidade em falar com a Ana, quando terminei o estágio e comecei a fazer alguns trabalhos senti que teria ganho muito mais se tivesse falado realmente com ela.

Já agora que falou nos trabalhos... considera que foram úteis os trabalhos que teve que desenvolver? Eles interferiram na sua prática? Como é que os articulou com a sua prática? Que ganhos, ou não, teve ao realiza-los?

Todos os trabalhos que eu tive de fazer durante o tempo de estágio eu tento sempre, quando estou a fazer uma coisa e estou por dentro dela, tento não a abafar com outra, então o que é que aconteceu? Eu estive sempre muito empenhado neste estágio, este estágio foi um estágio que me deu muito gosto fazer este ano, não foi sacrifício, mas senti-me, às vezes até me sentia sozinho durante o tempo em que estive na semana das trocas, não sei se me estou a fazer compreender, eu tinha uma dinâmica no C.S.N.S.P. que nunca tive na rede pública.

Esteve numa instituição da rede pública.

Sim estive numa instituição rede pública. Nunca tive ... não é que não me fosse concedida essa liberdade e essa autonomia, mas como... o primeiro pensamento que eu acho que o que os estagiários levam para as trocas e eu acho logo... para já eu acho logo que pequei aí, eu acho que peço aí, porque...porque quando se está a gostar muito de um estágio a pessoa pensa nas trocas como "é só uma semana e o tempo passa depressa" (risos) e quando não se está a gostar nada do estágio é "ainda bem que vem esta semana e que o tempo leve muito a passar", ahm...e o meu comportamento não foi "Deus queira que passe depressa!", não! Porque queria muito saber como é que funcionava a rede pública e queria muito estar ali para saber como é que as coisas funcionavam ... eu gostava de ter ficado pelo menos mais uma semana na rede pública, mas o tempo que estive lá às vezes estava a pensar no C.S.N.S.P., eu queria muito estar no C.S.N.S.P.... e então os trabalhos, os trabalhos nunca me afectaram o estágio, o estágio é que me afectou os trabalhos ... eu vou explicar... eu estava tão bem no meu estágio que não me apetecia fazer outra coisa que não o estágio, então deixei os trabalhos todos para o fim e entrei numa ... depois tive facilidades e dificuldades, as facilidades que tive foi que temáticas comuns a trabalhos eu consegui fazer num instante, por exemplo a caracterização da instituição, da sala, trabalho realizado, currículo e tudo mais isso foi facilitado porque eu ao fazer um, fiz logo para todos. Agora quanto aos outros trabalhos mais particulares, sei que posso ter sido prejudicado em algum trabalho porque não tive tempo para escrever tudo o que tinha para escrever, por ter deixado para o fim. Porque eu pensava "ainda tenho mais duas semanas, então posso estar mais uma semana em estágio e depois logo vejo" e as coisas aconteceram assim. Isto é uma política que eu tenho, que eu tenho desde o primeiro ano que tem dado bons resultados mas que poderia dar outros completamente diferentes, mas que eu conversei muito com as minhas colegas "eu não tenho emenda, eu ainda vou acabar o curso assim" (risos) ...

Mas acha que os trabalhos que lhe foram propostos foram úteis para si, enquanto seu percurso de formação...

Foram, foram por exemplo o trabalho de Gestão da Instituição Educativa, para já existem aspectos que eu soube da instituição que se calhar não sabia se não tivesse feito o trabalho...

Como é que fez?... Esse trabalho é um trabalho que exige muito conhecimento da instituição. Como é que obteve essa informação?

Primeiro e como tinha mais facilidade em falar com a educadora, todas as informações de dentro da sala foram fornecidas por ela, algumas informações de jardim de infância, como não tinha muito à vontade com pessoas de fora da sala também consegui com ela e depois falei com as coordenadoras – uma que é coordenadora de jardim de infância e ATL e a outra que é coordenadora da creche familiar e da creche e foi com elas que eu consegui as informações todas. Elas dispuseram-se sempre a dar, elas diziam-me “diz-me o que é que precisas” e eu ia ao gabinete delas, apresentava-lhes um tipo de uma lista das informações que eu precisava, nós sentávamo-nos e elas davam-me toda a informação. Muitas vezes diziam o que é que tinham, outras vezes diziam que não conseguiam arranjar aquele tipo de informação mas arranjavam outro tipo de informação que substituiu aquela.

Foi negociando os seus trabalhos com as pessoas...

Todas as informações que eu podia conseguir de todas as pessoas da instituição eu conseguia, eu tentava obter ao máximo as informações para depois me ser mais fácil fazer os trabalhos...

Há pouco faltou-me só fazer-lhe uma pergunta... é uma pergunta breve... disse que todos os dias conversava com a educadora. Em que espaços é que se reuniam?

Geralmente numa sala que pertence ao ATL, muitas poucas vezes dentro da sala, da própria sala. Porquê? Porque nós falávamos ... o estágio começou com meios dias, ou seja, só no período da manhã e nós falávamos a seguir ao almoço e as crianças iam para a rua a seguir ao almoço e regressavam ainda eu lá estava na instituição...

Ainda no seu horário normal de estágio?

Não, já fora. O meu horário acabava ainda antes de almoço, eu ainda ficava para almoçar, ainda ficava para falar com a educadora e ainda ficava um bocadinho dentro ...

Quando diz que ficava lá para almoçar, era para o Filipe almoçar ou para apolar nos almoços das crianças?

Não dava o almoço às crianças no meu horário, depois ia almoçar com a educadora e ficava a conversar com ela e depois da conversa, às vezes ainda ficava mais um bocadinho na sala Porque é que conversávamos muito poucas vezes dentro da própria sala. Porque acontecia muitas vezes nós estarmos a conversar e as crianças chegarem do exterior e então para evitar estes encontros íamos para outras salas.

E individualmente? Sentiu necessidade de reflectir individualmente ou não? Reflectia só com a educadora ou algumas vezes também reflectia sozinho?

Tudo o que eu achava que devia ser partilhado fazia questão de partilhar e nunca tive situações do tipo “Sara vamos falar?” e ela responder “desculpa lá mas agora não posso por qualquer motivo”, nunca tive situações assim. Onde eu reflecti mais individualmente e se calhar, esta é outra pedra no sapato do meu estágio, que eu acho que poderia ter feito de outra maneira ... eu tenho alguma dificuldade em escrever, em pôr por escrito aquilo que penso, tenho alguma dificuldade em texto narrativo e por isso uma das minhas dificuldades no estágio foram sempre aquelas fichas, as professoras diziam que, desde que negociado com as docentes e com a educadora cooperante nós podemos mudar a estrutura das fichas, eu sempre tive dificuldade em lidar com aquelas fichas e tive a sorte de ter tido, no 2º ano, duas cooperantes que não tinham dificuldade em lidar com aquelas fichas e tive a sorte ou o azar de encontrar neste 3º ano uma educadora com as mesmas dificuldades que eu e que é a Sara. Então aquelas fichas sempre foram uma coisa que nos passou muito ao lado durante todo o estágio, por exemplo na rede pública eu fiz, salvo erro três fichas, obriguei-me a escrever algumas coisas, depois fiquei a saber que aquelas fichas não tinham que ser feitas nas trocas mas ... (risos), bem não interessa, só ganhei com isso. Então essas fichas foram feitas como... tudo o que foi escrito nas fichas nós conversámos, foi sempre conversado, mas não foi nada que nós tivéssemos a conversar e um de nós tivesse um papel e uma caneta e estivesse a apontar, por exemplo, os tópicos da conversa. Isso não acontecia nas nossas conversas, então

como é que as fichas foram feitas? Eu reflectia, eram coisas que eu reflectia sozinho, depois de ter reflectido com a educadora, ou seja, não era uma reflexão original, era uma reflexão daquilo que já tinha sido conversado, eu reflectia sozinho, tentava pôr da melhor maneira nas fichas e depois levei todo o conjunto para a educadora. Ela leu comigo, não levou para casa, nós lemos em conjunto, ela alterou aquilo que achou que não estava muito bem eu dava a minha opinião sobre o que ela queria alterar, então houve alterações que vigoraram outras que não e no fim, só no fim, é que nós assinámos.

Por isso a minha reflexão individual passava muito por aí, era uma reflexão da reflexão. Às vezes acontecia que quando estava em casa a reflectir sobre o reflectido lembrava-me de qualquer coisa que gostava de ter dito mas que não disse, por exemplo, coisas que eu me esquecia, e aconteceu algumas vezes, coisas que eu queria dizer à educadora mas não tinha surgido na altura, eu pensava em casa, fazia a minha reflexão, não a punha por escrito e na conversa do dia seguinte eu colocava a questão e discutíamos sobre ela. Mas as reflexões individuais foram essencialmente uma reflexão do que tínhamos conversado. Era uma forma de eu ajustar o meu saber ao meu fazer, ou seja, eu reflectia sobre o que tinha feito e depois reflectia sobre a reflexão do que tinha feito e era deste modo que eu ia construindo e reconstruindo a minha acção naquela sala, naquele grupo, naquela equipa... eu tinha que ser eu mesmo, mas para isso necessitava de perceber em que é que aquela equipa acreditava e em que é que eu acreditava. Era uma forma de eu pensar sobre o já pensado.

Pelo seu testemunho, já percebi que a vossa relação ... em termos de relacionamento interpessoal na sala já percebi que manteve uma boa relação com todos os elementos.

Com todos, todos...

E fora da sala? Com os adultos? Com quem é que se relacionou? Ao longo do seu estágio quais foram os intervenientes com quem mais se relacionou.

Os adultos que estiveram quase sempre presentes, bem presentes esteve sempre a equipa da sala, estiveram quase sempre presentes durante o estágio, as duas coordenadoras, mantive também contactos com uma senhora que eu acho que é auxiliar do ATL, estávamos muitas vezes juntos, no refeitório quando ela dava apoio ao ATL e nós dávamos apoio ao jardim de infância e quase todos os dias almoçávamos juntos, era tipo mesa redonda era eu, a Sara, essa senhora e as coordenadoras. Essas são as pessoas que quase sempre estiveram presentes durante o meu estágio. As outras pessoas eram encontros muito casuais, mas sempre pessoas que me reconheciam, que sabiam o que eu estava lá a fazer, não havia, ou havia muito poucos adultos que não soubessem quem eu era e o que estava lá a fazer...

Sentiu que o facto de ser homem teve influência nessa integração?

Eu acho sempre, em todos os estágios que já realizei achei sempre isso, achei que pelo facto de ser homem, a minha integração e a inclusão que me proporcionaram foi facilitada por esse factor. Só por ser homem, o C.S.N.S.P. não foi excepção, mas acho que são tão poucos, os únicos homens que existiam na instituição era eu e o director e eu acho que por sermos tão poucos, que eu já era visto como... não era visto como mulher mas... já passava despercebido, ao princípio foi novidade, mas depois as pessoas assimilaram a minha presença e eu passei a fazer parte da vida delas, mas acho que sim que a minha condição de homem tem facilitado, em todos os estágios, a minha integração.

E com outros membros? Com pais. Contactou com pais?

Muito poucos.

Porquê? Por opção? Por não lhe terem sido facilitados esses contactos? Porquê?

Não! Não! Eu disse uma vez à educadora que tinha muita pena de não conseguir falar com os pais da nossa sala e ela sempre me disse que às vezes até ela tinha dificuldade em falar, porque eles ... quando eu chegava à sala a maior parte das crianças já lá estava e eu entrava cedo, e as que não estavam às vezes nem a educadora via os pais dessas crianças, porque eles deixam as crianças à porta da instituição e ainda tem que se percorrer um corredor para chegar à sala, então a grande maioria deixava os filhos à porta, via a criança a percorrer o corredor e a entrar para a sala, portanto à sala só chegava a criança eram muito poucos os pais que lá iam. Havia uma mãe que ia todos os dias à sala e eu nunca conversei com essa senhora, quer dizer nunca conversei... sem ser o bom dia, como está? Como é que a sua filha passou? E tudo mais, nunca foi uma conversa muito... Muito informal (formal).

Acha que se não fosse estagiário, que se fosse o educador da sala que teria outra relação com essa mãe.

Acho! Muitos pais não se deixavam ver (entre aspas), nas saídas quando eu estava lá, eu às vezes não estava porque o meu horário de saída, nunca era antes de uma determinada hora, mas depois dessa hora podia ser qualquer hora, por causa das pessoas que me davam boleia, às vezes estava mais meia hora, outras vezes estava mais uma hora, outras vezes estava o tempo todo das saídas e mesmo nas saídas os pais não ... eu acho que... eu não sei como é que eles vêm ... eu não consegui perceber como é que os pais vêm a equipa da sala, mas eu acho que eles têm muito pouca tendência a procurar e acho que também é pouca procura por parte da equipa, por exemplo a educadora nunca está nas saídas, quem está é a auxiliar e às vezes a auxiliar sai, porque termina o seu horário, e há crianças que ainda lá ficam com outras auxiliares e a auxiliar não procura o dialogo com os pais, limita-se a entregar as crianças, então é tirar do cabide a roupa e a mala e até amanhã, acaba muito por ser assim. Por isso este é um relacionamento que eu nunca consegui ter naquela instituição.

Considera que para si teria sido importante existir, nalgumas instituições existe mais do que um estagiário do mesmo ano, portanto da mesma turma. Acha que teria sido importante ter mais uma colega a estagiar na sua instituição? Ou acha que...

Uma das coisas que eu ainda gostava de experimentar antes de terminar o curso, era ter uma colega minha, não na mesma instituição, mas na mesma sala, gostava porque acho que deve ser uma experiência muito interessante, acho é que nesta perspectiva e por exemplo, às vezes eu conversava com uma colega minha a Maria e achava que algumas dificuldades que ela tinha era devido ao excesso de adultos dentro da sala, porque a sala onde ela está a estagiar é uma sala com características muito específicas, e acho que ... nunca pensei e obviamente nunca iria pensar que o trabalho de dois estagiários na mesma sala seja um trabalho competitivo, eu não penso isso e se algum dia estagiar com outra colega espero que isso não aconteça, o que eu penso é que se houver mais do que um estagiário se pode aprender mais ... eu poderia ter aprendido, trocado mais se eu me tivesse disponibilizado a saber o que andavam a fazer as colegas de creche do 2º ano, até porque como já estagiei em creche podia ter sido uma ajuda, nós podíamos ter feito um trabalho de parceria em que todos tinham saído a ganhar... mas isso nunca aconteceu, acho que é bom, acho que é saudável e bom que existam dois estagiários na mesma instituição e gostava muito de experimentar dois na mesma sala, eu com outra colega... mas acho que neste estágio o relacionamento Não quero com isto vangloriar-me, não quero mesmo, mas acho que ... não é esse o meu objectivo... mas acho que o relacionamento que eu tive com as crianças e com os adultos da sala não seria tão forte se houvessem duas pessoas dentro da sala, não haveria qualquer tipo de interferência, penso eu, se houvessem duas pessoas na mesma instituição...

E acha que poderia tirar benefícios se houvesse mais uma colega na mesma instituição...

Sim, na mesma instituição penso que sim, por troca de... eu vejo pelos trabalhos... por troca de ... de informação ... como complemento um do outro na partilha e no confronto da informação recolhida ... porque conversando e partilhando as nossas experiências nós aprendemos muito mais... eu nunca tive meio de comparação, o que a educadora me dizia, para mim era um dado adquirido, nunca tive ninguém para me dizer se calhar não é bem assim, nunca tive ninguém que me ajudasse a pensar de outra forma, por isso penso que teria ganho, teria ganho mesmo muito.

Lembra-se se existiram, ao longo do estágio, algum conflito com a educadora cooperante?

Não, não...

De qualquer forma referiu uma coisa que eu considero que é muito importante, nem sempre concordava com ela, ou com as atitudes dela ou da auxiliar, nas vossas reflexões nem sempre tinham a mesma opinião....

Sim, sim...

Como é que vocês resolviam essas questões? Não é propriamente um conflito, mas é um conflito de ideias....

Por exemplo, onde nós "chocávamos" era no desrespeito ou não de umas pessoas por outras...

Aquele exemplo de que falou à pouco...

Exacto, eu estava sempre a dizer à educadora, por muito ... e esta é a minha opinião e eu dizia isso sempre à Sara e esta é a minha opinião muito sincera "eu acho que nunca vais conseguir mudar as atitudes da Ana se continuares a trabalhar assim" e continuo a achar ... se a Sara um dia não desrespeitar a auxiliar dizendo "não! A criança não vai dormir" eu acho que a Ana vai sempre pôr a criança a dormir e eu dizia-lhe isto e ela dizia que não que as coisas tinham que... que fazia parte do relacionamento delas e do trabalho em equipa não se desrespeitarem e eu acho muito bem que isso assim seja, mas não concordo porque existem as tais excepções à regra que eu falava e esta é uma delas, porque... porque por muita amizade que exista, por muito bom trabalho de equipa que exista, as pessoas têm que saber respeitar o lugar que ocupam, eu acho que funciona muito assim, e a Sara tem que ter consciência que é a educadora da sala e a Ana tem que ter consciência que é a auxiliar. Eu acho que se a educadora não concorda com as atitudes da auxiliar, se lhe justificar o porquê, eu acho que tem que desdizer o que ela disse e isso faz falta que aconteça naquela equipa e eu disse à educadora se tu não mudares, se não o fizeres eu acho que a auxiliar nunca vai mudar...

De qualquer forma, o facto de não ser da mesma opinião da educadora e de discordar das suas convicções, o facto de isso poder ser discutido, tentaram sempre, quer um quer outro ultrapassar....

Sim, nunca foi uma coisa que

Foi-lhe sempre dada essa oportunidade de discussão e de discordar...

Sim, nós falávamos tantas vezes sobre isso que às vezes eu tinha medo de estar a insistir demasiado, de ser chato... mas nunca foi um assunto que desse para nós nos aborrecermos. Mas esta discórdia nunca impediu em nada, nunca interferiu no nosso relacionamento...

Tem falado muito do seu envolvimento na equipa, na sala... desenvolveu o seu estágio, só naquela sala ou teve oportunidade de intervir, com aquele grupo de crianças, com aquela educadora, noutros espaços da instituição?

Por exemplo?

Não sei se existia outro espaço... as actividades eram só no espaço sala ou vocês tinham ...

Não, não já estou a perceber a questão... as actividades naquela sala passam, não só pela sala, por sessões de movimento que são feitas fora da sala e que se desenvolvem na sala polivalente e há as actividades de exterior...

Enquanto estagiário teve a oportunidade de...

Sim participei em actividades em todos os espaços que eram utilizados pelo grupo... ahm... as actividades de sala, nós já falamos sobre isso, são muito feitas pelo que a crianças sugerem, pelo que o adulto sugere, não há uma planificação... as actividades das sessões de movimento que aconteciam na sala polivalente são as actividades que, se calhar, são as actividades feitas com as crianças que são mais pensadas, mas não é uma coisa que implique uma proposta no papel, não existe um planeamento sobre isso mas aconteciam sempre à quinta-feira e a Sara dizia-me se calhar vamos fazer ..., eu vou trazer um determinado material e vamos fazer isto ou aquilo, tens alguma ideia? Se quiseres trazer alguma coisa, se tiveres alguma ideia... às vezes eu dizia que sim e discutia a minha ideia com ela ... as actividades de exterior... eu acho que é um mal geral de todas as instituições, é a minha opinião... eu acho que por muita vontade que um estagiário tenha, e isso eu falo por mim, de mudar ... eu acho que não vai conseguir porque é uma coisa que já está tão enraizada que ... aquilo que eu acho que os profissionais de educação de infância pensam do tempo de exterior é que as crianças têm que se "soltar" e eu também acho, acho muito bem que eles o façam, mas também acho que é... para já é uma excelente oportunidade de realizar um trabalho inter-salas, inter-valências e tudo mais ... e é uma oportunidade para fazer actividades que se calhar não há oportunidade de fazer em tempo de trabalho, ou que as crianças não aderem e se for apresentado em tempo de exterior provavelmente já aderem, e já querem fazer e depois até gostam de fazer...

Quando estava no exterior, estava com a educadora ou a educadora não participa neste tempo?

Participa, ela vai, nós começávamos a almoçar quando as crianças iam para o exterior, ou seja, quando eu fiz só manhãs de estágio, raramente estava com elas no exterior, no período em que fiz

dias inteiros estava com elas no exterior sempre no período da tarde. A educadora só estava aos bocadinhos porque saía para vir para as aulas na ESE, para o complemento de formação. Mas nos períodos de exterior, sempre que ela estava na instituição também ia, aliás fomos todos... e aquilo que eu vi foi... que é a ideia de as deixar "soltar" e fazer aquilo que lhes apetece, as brincadeiras que elas faziam eram as brincadeiras que elas organizavam entre elas, nunca havia nada pensado que pudesse fazer ou com as crianças da sala, ou por exemplo, naqueles dias em que estiveram as crianças do ATL Porque... o espaço, eu acho bem que isso aconteça, o espaço está desenhado por valências, há o parque com equipamento de creche, há o parque com equipamento de jardim de infância e o parque do ATL ainda não está concluído mas está lá o espaço e, portanto, o exterior acaba por estar separado e as actividades programadas de exterior podem ser uma boa oportunidade de juntar as crianças e até pode promover o trabalho entre equipas e são estas coisas que eu acho que se podem fazer, devem fazer e que é bom fazer, não vi naquela instituição, mas também não vi em lado nenhum...

Há pouco referiu que, em determinado momento esteve no exterior com as crianças do ATL.

Exacto e acho que foi a primeira opor... foi ... de um momento para o outro decidiu-se, as auxiliares decidiram que... ou seja, a auxiliar do ATL, a Ana e eu estávamos a conversar e achámos que não tinha sentido nenhum as crianças estarem assim, ou seja, uma na sala polivalente com muito calor, porque começava a fazer muito calor e as outras no exterior, então por nossa opção tivemos juntos no exterior, acabou por acontecer, mas é como se não estivessem, porque estavam umas crianças numa ponta do exterior e as outras na outra e as crianças acabavam por brincar separadas à mesma e é por aí que eu acho que o trabalho de exterior peca muitas vezes, mas peca em todo o lado porque não há, poderia existir uma organização que eu nunca encontrei e que gostava ainda de encontrar...

Penso que ainda não lhe perguntei e se já perguntei, peço desculpa. O Filipe tem referido várias vezes que não planeou com a educadora porque ela não planeia e portanto nunca o realizaram. Alguma vez reflectiram em conjunto sobre esse assunto? Entre vocês esse tema foi ponto de discussão, de reflexão?

Houve duas coisas que eu me apercebi logo nos primeiros dias e que eu perguntei à Sara logo nas primeiras reflexões e que eram "Porque é que não havia planificação?" e "Porque é que não se registava?" e ela respondeu-me "nunca tive o hábito, desde que trabalho, de fazer registos e acho que os registos, por vezes, podem dificultar o nosso trabalho". A educadora não planeava nem registava mas deu-me liberdade, se eu quisesse planejar e fazer registos podia fazer, não fiz tantos como aqueles que queria, mas fiz alguns e os únicos registos que acabaram por acontecer e que partiram da equipa da sala eram quando as crianças começavam a contar uma história e elas tentavam logo registar, por exemplo no recordar como não se registava era muito complicado o adulto lembrar-se do que as crianças tinham planeado para poder ajudar as crianças a recordar, o processo do planejar e recordar, o objectivo que se pretende atingir nunca foi nem nunca será atingido dentro daquela sala e eu dizia isso à educadora, dizia que sentia falta dos registos, nem que fosse do planejar e ela dizia que era um hábito que nunca tinha tido, que tinha dificuldade em fazer-los e que não o fazia por isso, também nunca me deu uma justificação muito forte para esta opção. Quanto ao planeamento, a razão que me foi apresentado era ... como o trabalho é feito com base... uma grande percentagem do trabalho é realizado com base na espontaneidade, nas coisas do momento, de datas festivas, se bem que esse aspecto é muito suave naquela sala, mas é uma coisa que como é muito espontânea não há o hábito de...

Mas o facto de ela não planejar é pensado?

Sim...

E portanto é uma opção?

Sim, ela até tem uma explicação plausível para não por no papel as actividades...

Mas acha que ela mesmo não pondo no papel ela tem objectivos para a sua acção, ou as coisas acontecem um pouco, essa espontaneidade acontece também no...

Estou a perceber... tem, tem! Eu digo isto porquê? Eu tive oportunidade de, para alguns trabalhos perguntar à educadora se tinha Projecto Educativo e ela disse que sim e eu pedi-lho e pela primeira vez eu vi um projecto que não tinha um tema, ou seja, este projecto não girava todo à volta de um tema. Este projecto estabelecia objectivos a atingir, do tipo, a criança a nível do pensamento lógico-

matemático deve, ou terá, deve, sim deve e depois tinha uma série de coisas, depois fazia a comparação das características da criança com 5 anos e depois tinha os objectivos, mediante as características que as crianças têm havia os objectivos que se pretendem... foi a primeira vez que eu vi um projecto assim, porque os projectos que eu já tinha visto eram do género havia o Inverno, os contos de fadas e tudo gira em torno disso... e o projecto da Sara faz muito mais sentido, porque acho que trabalhar os contos de fadas só para pôr num projecto, não faz sentido, os contos de fadas devem ser trabalhados com o objectivo de atingir qualquer coisa, agora estar um ano inteiro para atingir um ou mesmo vários objectivos apenas através dos contos de fadas, para mim não tem sentido... faz sentido, trabalhar, por exemplo, os contos de fadas se estivermos a não estou a falar de um ano lectivo, estou a falar de um período de tempo, se percebermos que essa é a vontade das crianças, agora eu como educador chegar e dizer "meus amigos, vamos trabalhar os contos de fadas", agora vamos fazer ... como eu encontrei no ACM...o projecto era os contos de fadas e então as crianças faziam coisas para pendurar no tecto que eram as figuras dos contos, as histórias que contavam eram histórias de fadas e eu acho que não tem sentido trabalhar sempre à volta de um núcleo central, o trabalho tem que fazer sentido, mas tem que fazer sentido mediante objectivos e é isso que a minha educadora cooperante faz e na minha opinião faz bem e mesmo não planeando, não fazendo a programação diariamente ela procura, às vezes, se calhar sem pensar nisso, ela vai sempre de encontro aos objectivos que tinha definido, mesmo definindo os objectivos para um ano, o que não quer dizer que não fosse importante definir objectivos para tempos mais curtos, mas ela funciona muito bem.

Mudando agora de tema, quer fazer uma apreciação global da metodologia proposta pela ESE, ou seja, a proposta que é feita aos educadores cooperantes de convosco planearem, as reflexões.... Falar um pouco da organização do estágio, no fundo, toda a proposta da ESE em termos da organização do estágio.

Começando pelo planeamento, acho que é bom que se mostre... que os estagiários tenham resultados para mostrar em termos de planeamento... também é bom, é muito bom que a ESE, neste caso, seja flexível ao ponto de, pelo menos os professores responsáveis pelos estágios, sejam flexíveis ao ponto de o aluno não ser prejudicado, de se não houver planeamentos para mostrar que as pessoas não sejam lesadas, eu não tinha nada para mostrar e tentei justificar da melhor maneira e de forma que me ajudaram a justificar porque é que não os tinha e houve sempre compreensão ...

Considera que há respeito pela equipa, como está a dizer...

Acho que sim.

Que há respeito pelo trabalho do educador, ou seja, não há a imposição de um modelo há respeito pelo trabalho...

Eu... eu... pelo menos é assim que eu vejo, eu acho que os professores que coordenam os estágios respeitam a forma de trabalho das educadoras cooperantes e acho que o contrário também é válido e acho que isso é bom, porque há um modelo proposto mas não é rígido e as coisas que têm que ser transformadas, são transformadas mediante a realidade de cada um e existindo respeito de parte a parte nesse campo. Este ano a grande dificuldade que eu senti ... para já há uma coisa nos estágios que eu não compreendo ... se calhar nunca me souberam explicar ou eu nunca entendi como deve ser e que é acho que não faz... nunca compreendi porque é que... eu acho que faz sentido nós estagiarmos a primeira semana, só manhãs, acho que sim, porque é uma semana de integração e nós ainda nos estamos a conhecer de parte a parte, a equipa e as crianças estão a conhecer e nós estamos a conhecer a equipa e as crianças, acho que faz falta, uma ou duas semanas sim, compreendo que isso exista, depois seguindo uma ordem lógica passamos para o estágio de dia inteiro, não compreendo é porque é que voltamos atrás...

Quando diz voltar atrás...

É voltar a fazer novamente só manhãs, só meio dia ... para mim não faz sentido e eu perguntei à professora que me acompanhou no estágio e aquilo que ela me disse... não houve uma explicação muito forte e o que disse é que as coisas são programadas assim porque não há tempo para o fazer de outra maneira, foi mais ou menos isto... e eu continuo sem compreender porque é que se volta atrás, porque é que ...

Acha que era preferível, com certeza que o que a professora lhe disse é que existe uma carga horária que tem que ser respeitada. Acha que era preferível, por exemplo, no primeiro

semestre o estágio ser só de manhã e depois no segundo semestre passar a dias completos...

Exactamente, acho que não vale a pena voltar atrás, acho que faz sentido o meio dia durante o tempo de integração na sala e conhecimento do local, aí faz sentido, na minha opinião, não faz sentido é depois desse trabalho feito, de existir já uma continuidade, voltar atrás, não faz sentido, as crianças uma das coisas que me perguntavam era "hoje ficas cá o dia todo?" e eu dizia "esta semana, até passar estes dias, fico! Mas depois já não!" e elas nunca sabiam quando é que eu estava e quando é que eu não estava. Acho que faz sentido este tempo de integração, mas um semestre acho que é muito tempo, duas semanas chegam perfeitamente e a partir daí sempre dias inteiros, agora se há cargas horárias para respeitar não se pode fazer nada, também não sei até que ponto é que se pode diminuir o tempo de estágio para poder ser sempre dia inteiro, encurtar as semanas...

Acha que isso era solução possível?

Acho, quer dizer acho que é uma solução que os alunos podiam não concordar muito, mas para mim era uma solução, ou é a solução! Em vez de oito semanas, por exemplo serem sete e não haver aqueles meios dias... outra dificuldade que eu não encontrei no segundo ano ou encontrei menos e este ano foi constante é que existiram muitas interrupções no estágio para vir para aulas.

Está a falar do sistema de alternância, ter estágio, depois ter aulas, voltar ao estágio...

Sim estou a falar disso, também não sei se é ... é como o estágio, voltar atrás, passar do dia inteiro para meio dia, não faz sentido ... é como as semanas de interrupção, eu sei que a ESE, nós apanhámos uma semana de interrupção no meio do estágio, eu sei que todos os alunos da ESE estão em semana de interrupção mas não faz sentido, para mim, nós que estamos a estagiar fazemos essa semana de interrupção, na minha opinião não faz sentido, acho que devia haver uma maior continuidade falo como aluno, é muito mais rico para os estagiários se for mais continuado...

O facto de existirem aulas, o Filipe refere a alternância entre aulas e prática, não sentiu que era mais um complemento? Sentiu que o prejudicava que não o beneficiava

Não senti que me prejudicava, mas senti que não me beneficiava totalmente, ou seja, se há qualquer coisa a ser discutida, nem que fosse necessário, isto já não é muito boa ideia, haver dois dias de reflexão por semana, nem que isso fosse necessário para não existirem tantas quebras, mas que tudo o que houvesse para resolver ou tudo o que houvesse a aprender fosse aí e não que eu interrompa o estágio para aprender x conteúdos para depois voltar mais ...

Acha que era isso que acontecia? Que vinha à ESE aprender x conteúdos para depois levar para a prática?

Se calhar era esse o objectivo... mas se calhar não foi isso que aconteceu... (risos) não sei se me estou a fazer compreender... eu acho que o objectivo foi nós termos determinados conhecimentos até determinado ponto, eu vejo as coisas assim, nós temos estes conhecimentos até determinado ponto e a partir daqui já temos que ter mais, era bom que nós tivéssemos outros conhecimentos a partir de determinado momento do estágio e então vamos interromper o estágio para lhes darmos esses conhecimentos e eles voltam lá de novo e acho que isso, pelo menos para mim, não faz sentido e acho que poderia ter ganho muito mais do que aquilo que ganhei no estágio se fosse bem mais continuado, porque houve muitas quebras, muitas mesmo até a tal semana de interrupção que normalmente é uma coisa que devia ser agradável, eu acho que neste...neste... não devia, poderia existir para os alunos em estágio, mas não nesta altura, ou então seria para todos noutra altura, se é que é política da escola terem todos aos mesmo tempo... mas acho que não faz sentido haver aquela quebra, por exemplo as férias é diferente porque é uma coisa que tem que ser igual para todos os alunos, as férias da... da...Páscoa, é igual para todos os alunos bem como as férias de semestre, mas a semana de interrupção é uma coisa que é nossa, que é interna da nossa ESE e agora não sei se é política de escola que todos a gozem ao mesmo tempo, mas penso que poderá prejudicar, prejudicar não, não beneficiar totalmente os alunos.

E as trocas de instituição?

As trocas institucionais são ... eu tenho dois pontos de vista, já falei nisso à pouco, ou a pessoa está ... gosta tanto do estágio que está a fazer e sente-se tão bem no estágio onde está que a semana

das trocas é só... "afinal de contas é só uma semana e vai passar depressa" e vamos voltar ao sítio onde estamos bem, ou a semana das trocas é uma tábua de salvação, as coisas estão a correr tão mal e não estou a gostar nada que vou ter uma semana para descansar...

O Filipe diz que este ano aquilo que sentiu foi que nessa semana estava sempre a pensar...

Não estava sempre, mas... muitas vezes dei comigo a pensar no C.S.N.S.P....

Acha que teve ganhos? Ou, reflectindo agora sobre isso, acha que teria ganho mais se não existisse a semana das trocas institucionais?

Acho que a semana de trocas foi ... é importante existir a semana de trocas, acho que ganhei muito nesta semana pelo sítio para onde fui, porque passei de uma IPSS para a Rede Pública e aprendi outras coisas e vi outras formas de trabalhar, acho também que a semana de trocas é uma semana que pode ser feita no fim do estágio... acho que é uma semana que não tem que decorrer obrigatoriamente a meio do período de estágio...

Essa sua proposta surge na continuidade do pensamento anterior? Numa lógica de não existirem tantas paragens?

Exacto, eu acho que o estágio...

Apercebeu-se das diferenças, mas ...

Exacto, aquilo que eu chamo estágio de base deve ser o mais contínuo possível e se há trocas para fazer e se há quebras para fazer devem ser... as quebras devem ser mínimas e as trocas é uma coisa que funciona de igual forma se for feita sem ser a meio, penso eu... nós acabamos por... se o objectivo é nós termos um contacto, ver outra realidade e voltar à realidade inicial eu acho que tenho exactamente a mesma percepção, falo por mim, se tiver uma coisa e depois no fim tenho outra para comparar, é igual... pelo menos eu não vejo onde é que está a diferença, ela se calhar existe e é que eu não a estou a ver...

Considera que..., há pouco dizia que quando vem cá, que o facto de vir às aulas, quebra! Considera que efectivamente, com o modelo que a ESE propõe, existe esta articulação teórico-prática, ou acha que enquanto actor interveniente desse processo acha que existe falhas nesse âmbito?

Não, não... acho que a metodologia de estágio da nossa escola, da ESE, que é uma metodologia que eu considero muito boa, tenta pelo menos fazer a articulação teórico-prática, a única coisa que eu acho é que o estágio e a articulação existente não foi conseguida da melhor forma.

E as sessões de reflexão na escola? Essas sessões são também a tentativa de os docentes reflectirem convosco, articulando a teoria com a prática. Como é que?... Qual é o sentido que essas sessões têm no seu percurso?

Eu acho que essas sessões, da mesma forma que sugeri que poderiam existir dois dias de reflexão, pelos motivos que vou dizer, porque a reflexão... o sentido das reflexões semanais, penso eu, é discutir o que se passa nos estágios e o que aconteceu em algumas sessões foi que não se discutiu o que se passava nos estágios e foi "dada matéria", foram transmitidos conhecimentos, o que aconteceu foi que se perderam trocas de experiências, o que começou a haver... começou-se a perder essa troca porque havia outras coisas para falar, o que se passou foi que se começou a sentir necessidade de abordar determinados conteúdos mais...mais...teóricos... houve sempre a tentativa de esses conteúdos serem articulados com as experiências dos estágios, mas penso que se perdeu muita coisa e eu acho que este ano, principalmente este ano, todas as pessoas da nossa turma podiam ter aprendido muito com as dificuldades uns dos outros, é a sensação que eu tenho depois de ter terminado o estágio, acho que todos tínhamos ganho nas trocas de experiência e é por aí, acho que as sessões de reflexão são muito viáveis, acho é que o objectivo primeiro que elas têm, às vezes é desvirtuado com outros assuntos que são também muito importantes, e daí aquela proposta, mas se calhar eu quando estivesse no estágio, eu também não ia achar muita piada em estar em vez de quatro dias no estágio, estar lá só três dias, mas ... havendo um contínuo nós acabamos por nos esquecer que estamos lá só três dias porque estamos lá muito tempo seguido e temos tempo para fazer tudo, para reflectir sobre as experiências de estágio e para conteúdos que sejam necessários...

Relativamente à docente que o acompanhou no estágio. Como é que descreve esse acompanhamento?

A única coisa que tenho pena é a professora responsável pelo estágio não vá lá mais vezes, eu sei que o tempo é pouco, que os professores têm outras tarefas para desempenhar e que este ano tiveram um trabalho para o...para o...

Para o INAFOP.

Sim, eu sei que há muito trabalho a ser desenvolvido mas acho que duas vezes é pouco tempo, acho que ...

Ao longo do seu estágio a docente esteve duas vezes convosco?

Sim duas vezes, estive uma vez no primeiro momento, no primeiro semestre e outra no segundo momento... acho que, pelo menos, dobrar as presenças da docente era ótimo, porquê? Para já aquilo que se troca na conversa que se tem é muito bom, porque nós acabamos por reflectir... aquilo que é reflectido com a cooperante é depois reflectido outra vez com a docente ... foi o que acabou por se fazer, nós estivemos ...eu e a educadora percorremos um caminho até à chegada da professora e depois quando ela lá esteve nós fizemos... nós voltámos atrás e contamos tudo aquilo que se passou e como é que as coisas estavam a correr, acho que dobrar as presenças da docente, pelo menos dobrar era importante, acho que é importante o docente observar o comportamento do estagiário logo no início, acho que é importante no fim do primeiro momento e depois não precisava de ser logo no início do segundo momento, porque já lá tinha estado, mas voltar a dobrar as visitas no segundo momento, acho que é muito importante, pelo menos estas duas no primeiro semestre acho que são muito importantes, no início da segunda semana acho importante que o professor lá esteja logo e depois no fim, para já porque se tiverem que surgir dificuldades eu acho que é nas primeiras semanas, depois há o caminho que o estagiário faz até ao fim desse momento e que devia ser acompanhado pelo docente e depois há tudo o resto que decorre durante todo o período de estágio.

Como é que se processou esse acompanhamento, ou seja, quando recebeu a visita da docente como é que foi?

A professora entrava na sala, nunca estive muito tempo na sala, nunca estive muito tempo, ahm... não era... não era do tipo... a professora encostar-se a canto a ver, a observar-me... participava sempre, tanto quanto possível na vida da sala, no que estava a acontecer naquele momento e no momento oportuno eu, o estagiário, a docente e a cooperante íamos para fazer a nossa reflexão, sublinho só no momento oportuno porque nunca aconteceu nós interrompermos... nunca foi interrompido nada para irmos reflectir... a vida da sala continuava e depois procurávamos um espaço para reunir...

Como é que sentiu o apoio da docente?

Nunca... ahm... nunca tive nenhuma situação durante o estágio onde a palavra apoio fosse tomava no verdadeiro sentido da palavra ahm... vamos lá ver se eu me consigo explicar... ahm... a professora que acompanhou a minha prática nunca estive na minha prática para resolver aquilo que fosse, porque não existiam coisas para resolver, o que havia era coisas a partilhar e a reflectir e isso foi muito bom, porque o relacionamento que a docente tinha com a minha cooperante é muito próximo e as conversas nunca foram tidas com grande rigidez, os assuntos fluíam naturalmente...falávamos das dificuldades, sei lá aquilo que nós já tínhamos conversado, voltávamos a falar com a docente e a pedir a sua opinião...ahm... eu expressava as minhas dificuldades e voltava a ter a opinião da docente... eram conversas acima de tudo muito abertas e pouco rígidas e havia um à vontade muito grande para falar sobre tudo e quando eu sinto que estou à vontade para falar daquilo que me corre bem ou daquilo em que sinto dificuldades é ótimo!...

Gostaria que me falasse agora, olhando para trás, para esta experiência de estágio, como é que ela contribuiu, ou em que é que ela contribuiu para o seu percurso pessoal e profissional...

Profissional.... Ahm... para já porque foi o primeiro contacto com uma valência diferente, nós temos o contacto teórico com o jardim de infância no início do ano, no início do semestre e depois vamos para o terreno, o que é ótimo ... ahm... aquilo que eu já pensava do jardim de infância em termos profissionais superou... eu nunca me imaginei a trabalhar como educador de infância, por exemplo,

na creche, acho que não tenho perfil para trabalhar na creche e sempre que me imagino como educador de infância imagino-me a trabalhar em jardim de infância, ATL, principalmente em ATL e depois deste estágio, fiquei ainda mais com essa certeza porque eu comparo o meu trabalho de... quando eu estive em creche estive, com um grupo de 2-3 anos, tive com os mais velhinhos, um grupo muito próximo do jardim de infância e mesmo comparando o meu desempenho nesse estágio e agora, tenho mais a certeza que o meu perfil é para crianças mais velhas, para ATL, para crianças mais velhas ahm... em termos pessoais eu à medida que sinto o curso a avançar e este ano não foi excepção eu cada vez tenho mais a certeza daquilo que quero ser e cada vez tenho mais vontade de ser educador de infância e cada vez me sinto mais ansioso para acabar o curso... Uma das funções que nós podemos ter depois de acabar o curso é desempenhar funções administrativas, essa matéria foi abordada nas aulas de gestão, da mesma maneira que eu acho que não tenho perfil para ... se tiver que desempenhar funções em creche, eu faço todo o esforço e... e... farei todo o meu melhor para trabalhar com creche obviamente, mas acho que não tenho perfil para trabalhar em creche ahm... da mesma maneira que nunca me imaginei... não tenho qualquer tipo de jeito para fazer trabalhos administrativos e no dia que me vir obrigado, como educador de infância, a fazer trabalhos administrativos para mim vai ser uma frustração enorme, não ... acho que...por exemplo toda a gente diz que quer abrir uma instituição. Eu não quero! (gargalhadas) ... porque não quero ser director de nenhuma instituição, não quero ser administrador de coisa nenhuma eu quero é trabalhar com as crianças.

Foi referindo que sentiu dificuldades ao longo do estágio. Consegue identificar algumas?

Consigo (risos).

Não sei se existe alguma que sentisse com mais frequência e que me consiga dizer, esta é aquela que eu sinto como sendo a minha maior dificuldade.

Claro que consigo! A minha maior dificuldade é gerir o tempo de grande grupo. Porquê? Porque ...

Com as crianças?

Sim com as crianças, são os tempo de grande grupo... eu em todos os tempos de grande grupo que foram geridos por mim neste estágio, tive sempre a sensação que o meu discurso não era o mais adequado para as crianças, ou seja, eu tive sempre a sensação que as crianças não percebiam aquilo que eu estava a dizer (risos), mas quando estava a falar com elas não tinha essa percepção, só depois... quem me chamou a atenção para isso foi a Sara, eu sempre tive muita dificuldade, e ainda tenho, em me expor, tenho muita dificuldade em me expor a adultos, tenho alguma dificuldade em me expor às crianças porque quero muito que elas me percebam e quero ... e às vezes sei que não o faço da melhor maneira e a educadora chamou-me a atenção para isso para ... porque ela disse "tu pensas muito naquilo que estás a dizer e eu já reparei que não é só com as crianças, mesmo quando tu estás a falar comigo, tu pensas tanto nas palavras que vais dizer que às vezes paras para pensar e no momento que tu paras para pensar elas olham para o lado e já estão a fazer outra coisa" e a minha grande dificuldade foi gerir os tempos, ser eu a gerir os tempos de grande grupo. Tenho consciência de que faço de facto muitas pausas quando estou a falar e isso, pelo menos com aquelas crianças resultava, entre outras coisas, resultava num carrinho que saia da prateleira, uma criança que saia do círculo e a outra que a acompanhava...e aquilo que estávamos a fazer começava-se a perder... eu acho que nunca geri nenhum tempo de círculo sem que a Sara tivesse que intervir.

E a sua principal conquista ou conquistas deste estágio?

A educadora disse-me uma vez no estágio, numa das nossas conversas, que aquilo que eu tinha conseguido fazer, desde o primeiro dia em que cheguei à sala foi apanhar as crianças com o coração... eu sou mesmo assim, quando estou a falar com as crianças, com alguns adultos também o faço, mas principalmente com as crianças trato-as com muito carinho, ou seja, estou constantemente a chamar-lhes queridas, amores, coisas assim desse género, sou uma pessoa que me aproximo muito delas, dou-lhes muitas festinhas, estou sempre a agarra-las e a educadora disse-me que desde o primeiro dia que eu tinha conseguido apanhar aquelas crianças com o coração, logo desde o início do estágio, e eu não tinha essa sensação porque ... porque é uma coisa que faz parte de mim, com as crianças eu actuo muito assim, é a minha maneira de agir... e a educadora com a sua maneira de ser e de estar também teve muita influencia, porque, mesmo sem eu querer eu estava a agir como ela e a valorizar a relação tanto quanto ela a valoriza, é verdade que eu tenho esta característica, mas a presença da educadora e a sua postura ajudou-me muito a valorizar a relação e a agir não só com o coração, mas a ouvir muito o coração.

Acha que ter estagiado naquela instituição e com aquela cooperante teve influência no percurso que realizou?

Teve, eu não tinha aprendido, se calhar metade daquilo que aprendi se a minha cooperante, na mesma sala não fosse a Sara, por tudo aquilo que nós partilhámos, pela cumplicidade que estabelecemos um com o outro, por exemplo se a minha... bastava que a educadora fosse a mesma educadora mas mais velha para eu não ter aprendido aquilo que aprendi neste estágio porque a proximidade de idade entre nós abriu outras portas e nós tornamo-nos muito próximos durante o estágio. Acho que na mesma instituição, com outra educadora, na mesma sala, com as mesmas crianças, não tinha aprendido metade...

Se eu lhe pedisse para identificar alguns saberes que adquiriu ao longo deste ano, acha que é capaz? Ao longo deste ano e nesta experiência de estágio, enquanto formando, enquanto estagiário...

Que saberes?

Os saberes profissionais e pessoais.

Aprendi sobretudo a saber ser mais educador, eu nos estágios que fiz anteriormente era mais o estagiário, era mais Filipe do que futuro profissional, ou seja, actuava, agia muito pelo aquilo que eu sou como pessoa, neste estágio aprendi a, mesmo não só no estágio, mas pela articulação das coisas que fui aprendendo nas aulas, aprendi a saber ser mais educador pondo algumas particularidades que o Filipe tem de parte, ou seja eu quando fui mais Filipe do que estagiário sofria muito com coisas que se provavelmente tivesse visto com outros olhos não tinha sofrido, penso que já referi que o estágio que fiz no ACM foi um estágio muito difícil, mas que eu fiz sempre questão de o levar até ao fim e agora neste estágio, pelas crianças que eram, por alguns comportamentos que eu via da equipa...aprendi a ser mais eu, aprendi a dar importância ao saber ser acima de tudo, mas nunca ignorando o saber fazer, ou seja, aprendi que para ser educador não podemos esquecer o ser, o saber e o saber fazer.

Antes de lhe agradecer gostaria que me dissesse se existe alguma informação, alguma coisa que o Filipe queira dizer...

Não. Não...

Muito obrigada pela sua colaboração...

3ª Entrevista (tempo aproximado 45 minutos)
15 de Julho de 2002
Local: Escola Superior de Educação de Setúbal
Entrevistada: Marta

A conversa que vamos ter é confidencial, pode mencionar o seu nome que depois eu altero, mantendo o sigilo. Gostava que começasse por falar um pouco do seu percurso pessoal e profissional até entrar para a escola...

Para aqui para esta escola?

Sim para a ESE.

Eu vim de Angola e estou cá à 4 anos, fiz cá o 12º ano, repeti, porque chumbei lá a duas disciplinas, a Português e a Psicologia, então vim cá fazer o 12º ano, fiz cá o 12º, fiz melhorias das outras disciplinas e entrei logo para cá... é isso...

Concorreu para este curso como primeira opção?

Não, não foi a primeira opção, por acaso até foi a última, mas ...

Qual era a sua primeira opção?

Não tinha nada a ver, era arquitectura. Porque eu estava em artes e como gosto de crianças pus também este curso, mas não foi... o facto de pôr em último não significou nada, foi por acaso, porque eu pensei, já agora também vou pôr este curso... não! Também achava porque também era uma coisa muito gira e engraçada e então fiquei curiosa e depois pronto, o exame da específica correu-me mal, deu-me uma branca no exame, mas completamente então a média veio por aí a baixo, então foi assim que vim para aqui...

Quando pensou no curso, já referiu que gosta de crianças, mas já alguma vez tinha pensado como é que iria ser o curso. Falou com alguém? Tentou informar-se?

Não, não falei com ninguém, quando vim para cá não conhecia ninguém, mas mesmo ninguém e foi no primeiro dia, logo nas praxes que eu comecei a conhecer as colegas e a Joana foi a primeira pessoa que eu conheci porque ela também vive na mesma zona que eu e entretanto ela começou a vir comigo sempre... o que é que eu pensava do curso... eu pensava que era ... eu achava que era... que começávamos logo... que era mais prático mesmo, desde o principio, não pensava que tinha assim muita teoria... às vezes tínhamos disciplinas que eu pensava para mim... para quê?... Pronto é mesmo assim...

Eu esqueci-me de perguntar a sua idade...

Tenho 23 anos.

No seu percurso escolar chumbou só no 12º ano...

Não, no 9º, no 9º ano porque lá em Angola houve a guerra e eu fiz cá o 8º ano, houve a guerra e eu tive que ficar cá obrigatoriamente a fazer o 8º ano e depois quando fui, fui para o 9º não é? E a minha mãe..., puseram-nos na escola Portuguesa, lá em Angola, só que eu como detestava aquela escola, então ... não... andava só por andar... então...

Falando agora um pouco da sua experiência de estágio. Esteve a estagiar numa instituição de que tipo? Descreva um pouco a sua instituição, o suporte jurídico...

Sim... eu estive a estagiar num jardim de infância que pertence à rede pública... mais...

É uma instituição grande, pequena?

É uma sala É uma sala...

Portanto é um jardim de infância de lugar único.

Sim, sim, está dentro de uma escola do 1º ciclo ... aquilo é uma sala, pronto a instituição é mesmo só uma sala.

Como é constituída a equipa?

Existe uma educadora e uma auxiliar e uma vez por semana, às quartas-feiras vai a educadora de apoio...

O grupo era constituído por quantas crianças?

Vinte e cinco crianças mas nem ... às vezes faltavam muitas...

E as idades?

Quatro, cinco, mas tinha lá duas crianças com 3 anos, mas quase a fazer os quatro anos, mas era essencialmente um grupo de quatro, cinco anos.

Tente falar um pouco da sua experiência. Como é que viveu este estágio? Esta experiência de supervisão, ou seja, tinha uma educadora que apoiava o seu estágio, que a orientava... que tipo de apoio é que ela lhe dava? Como é que organizavam o vosso trabalho? Fale-me um pouco dessa experiência.

Quando fui para jardim de infância, para aquele jardim de infância, foi completamente diferente, falava-se tanto do jardim de infância, que as crianças são tão irrequietas, tão activas, são tão isto, tão aquilo... bem não quer dizer que não as haja assim, eu por acaso tive sorte, calhei num sitio mesmo...mesmo bom... as crianças eram tão... tinham lá as suas ... às vezes estavam mais agitadas outras vezes... mas eram sempre muito calmas, da parte da educadora não havia gritos para elas ficarem quietas, não havia... ela não precisava de ralar, de bater... não havia nada disso, eu cheguei ali completamente à espera de uma grande balbúrdia, mas afinal... e no fim ... não foi nada disso que eu encontrei...

Mas acha que isso se deve a alguma especificidade, existe alguma particularidade naquele contexto que deva ser referida?

Eu acho que é a maneira de ser da educadora, a forma como ela lida com as crianças, depois elas ficam assim mais calmas... se fosse uma educadora que está sempre a gritar e a falar as coisas assim... acho que as crianças eram mais nervosas, mais agitadas... a minha educadora cooperante não era nada disso, nada mesmo, não era nada do que eu estava à espera. Quanto ao apoio que ela me deu... ela deixou-me sempre muito à vontade, se bem que eu às vezes ia para lá às vezes, mesmo estando lá há já alguma tempo, tinha sempre um receiozinho, sei lá! Eu pensava assim "Bem vou falar e depois não me ouvem, ninguém me liga", ficava assim com aquela sensação

Mas esse receio era em relação à educadora ou às crianças?

Em relação às crianças, e às vezes o meu problema é não conseguir falar, eu falava muito com a educadora, por acaso e ela sempre que fazia as coisas explicava-me porque é que fazia, o objectivo disto é isto, dizia-me sempre e eu às vezes...

Vocês planeavam em conjunto?

Sim, mal chegávamos sentávamo-nos logo no tapete...

Com as crianças?

Sim com as crianças...

E vocês as duas?

Não, por acaso não...

Como é que organizavam o vosso trabalho?

Era mais, ahm ... nós reuníamos uma vez por semana, praticamente fazíamos uma por semana, basicamente para preencher aquelas fichas do dossiê de estágio e ela ia-me dizendo o que é que fomos fazer para a próxima semana, pronto fomo-nos organizando dessa maneira

E quando planeava com ela tinha autonomia para... sentia-se à vontade para dar sugestões?... Como é que isso acontecia, era só ela que decidia o que planeavam ou...

Ela, por exemplo, ela dizia assim, bem para a semana vamos fazer isto... e às vezes ficávamos a conversar sobre o tema, discutíamos eu dava ideias, ela falava comigo, pronto ela definia mais ou menos o que queria fazer, é isso mas nunca... sei lá ... acho que era basicamente assim.

E ao nível da intervenção? Como é que intervinha na sala?

Eu não parava, mas não era porque ela me dissesse que eu tinha que estar ali em cada área com as crianças...

Esse espaço foi negociado por si com a educadora, ou foi ganhando esse espaço?

A educadora, como eu já disse, pôs-me à vontade e disse-me que ali eu era como ela, não era... ela não estava ali para me avaliar... eu tinha que me sentir à vontade para fazer aquilo que queria ... eu podia fazer o que quisesse respeitando o trabalho dela, sempre tive à vontade estava sempre tudo bem.

Em termos da rotina, intervinha em todos os tempos da rotina ou a educadora cingiu-lhe alguns momentos em que podia intervir?

Como assim?

Tinha autonomia para durante o dia intervir sempre, ou a educadora definiu, por exemplo que no tempo de trabalho intervinha ela...

Não, não! Tinha autonomia para agir sempre que fosse preciso.

Consegue identificar quais eram as suas funções durante o estágio?

Funções?

Na sua parceria com a educadora que funções é que assumiu?

Eu ... eu...

Não consegue?

Não sei! ...

Já percebi que a educadora a apoiava, mas que tipo de apoio é que ela lhe dava? Tente explicar-me.

Por exemplo, se eu ficasse a fazer... por exemplo... eu fazia determinada actividade, um jogo ou mesmo numa brincadeira ela, às vezes não estava na ... não estava mesmo ali na sala a ver, estava no gabinete, ele é mesmo ali só que é mais escondido, então às vezes fazia um jogo quando estava mau tempo e não podiam ir lá fora e ela às vezes vinha espreitar e depois quando achava que eu não estava assim... que não estava a correr muito bem, ela chegava-se ao pé de mim e dizia "olha tenta fazer assim, vais ver que dá melhor resultado" e eu realmente fazia como ela tinha dito e por acaso dava resultado. Era assim, quando eu estava a fazer alguma coisa, ela observava e depois dizia "olha tenta fazer assim" e eu depois corrigia, corrigia... sim pronto...

Sentiu-se sempre à vontade para intervir...

Sim, se bem que eu sempre fui muito fechada e às vezes ficava na minha e não perguntava, algumas coisas não perguntava, mas outras estava sempre a perguntar...

Acha que isso a prejudicou?

Sim, talvez... um bocadinho...

Porquê?

Sei lá às vezes podia ter perguntado mais coisas e ... não saíam pronto... também era assim eu estava ali com as crianças e eu ... sei lá ... eu parecia que me esquecia de tudo... nem dava conta que estava a ser avaliada... a educadora não estava ali mesmo a avaliar-me, mas pronto ela ia-me observando... eu nem dava conta, esquecia-me completamente de tudo o que estava à minha volta... às vezes mesmo a professora chegava lá e eu não a via, não reparava mesmo, depois é que a via, pronto lá ia eu cumprimentar a stora e era assim, era mesmo...

Envolvia-se com as crianças que...

... De tal maneira que ... tanto que a educadora falou comigo que eu envolvia-me de tal maneira que eu esquecia-me que eu é que estava ali... não era a mandar, era, como é que se diz?... A coordenar as actividades que ... eu era mais um elemento, era mais um elemento que acabavam todas por ... como é que se diz? ... Elas é que pareciam que mandavam e eu ... mas o meu problema... a minha preocupação era ver aquilo que elas gostavam e tentar fazer o que elas gostavam, sei lá às vezes a tentar fazer isso, parecia que elas é que mandavam ...

Já referiu que durante, pelo menos uma vez por semana, se sentava com a educadora e falavam um pouco. Reflectia sobre o seu estágio com a educadora cooperante?

Uhhm... nem sempre, foram raras as vezes...

Então nem todas as semanas conseguiu...

Falar mesmo do estágio, não! Quer dizer, falávamos do que é que tinha acontecido... e ela às vezes, foi o que eu disse, algumas actividades que ela tinha dado dicas, falávamos, voltávamos a falar do assunto, pronto! Ela explicava-me...

Mas sentiu, pelo que eu estou a perceber, ainda que tivesse todas as semanas esse tempo para estarem juntas, sentiu que sobre o seu estágio reflectiram pouco.

Sim!... Talvez porque nos preocupámos apenas em preencher as fichas do dossiê de estágio, depois não havia tempo e não sei quê e aquilo era uma confusão... então preocupávamo-nos em preencher as fichas e conforme íamos preenchendo falávamos assim algumas coisas, ...

Acabou de referir que reflectiram pouco, durante o período em que decorreu o estágio, teve consciência disso, ou só posteriormente é que se apercebeu que...

Foi só mais no fim...

Falou sobre isso com a educadora ou não?

Não!

Porquê?

Nunca deu... (risos)

Acha que tem um pouco a ver com a sua maneira de ser ou...

Acho que é mesmo meu... acho que sou eu

Acha que teve a ver com o tipo de relacionamento que vocês estabeleceram?...

Não, não é a minha maneira de ser...

Como não fez essa reflexão com a educadora cooperante, sentiu necessidade de a fazer individualmente?

Não, eu fazia a reflexão individualmente...

Como é que a fazia?

Sei lá... eu mal chegava a casa era como se fosse um diário, pegava nos papeis e começava a escrever... o que é que fiz... o que é que senti... o que é que... pronto era assim isso que eu fazia...

No fundo foi escrevendo sozinha e partilhou com a educadora...

Foi, mas não foi porque a educadora não me deixava à vontade, é que eu sou mesmo assim...

Quando conversava com a educadora, as vossas reflexões... discussões... conversas eram essencialmente sobre o estágio, os seus desempenhos, portanto como é que fazia...em que, como já referiu a educadora lhe dava alguns conselhos, algumas dicas para a sua intervenção, ou as conversas eram também sobre os desempenhos da educadora?

Quando ela falava comigo, quando ela dizia as coisas para eu poder fazer melhor, ela também dizia... falava das experiências dela, eu também fazia assim, mas depois também ... sei lá falava das dificuldades dela...

Também, no fundo, para a ajudar...

Pois ela também falava disso...

Mas quando a Marta diz que a educadora dava os exemplos, ela referia-se a exemplos da vida profissional dela anterior, ou aproveitava para falar de exemplos em que tivesse participado?

Não, era mais tempos passados em que ela também era estagiária e quando começou a trabalhar...

Como é que foi planeado o trabalho com o grupo de crianças? A Marta diz que no final da semana conversavam sobre o que iriam fazer na semana seguinte. Como é que era gerido o trabalho com as crianças e como é que ele era planeado?

Planeávamos sempre o trabalho com as crianças, primeiro perguntávamos o que é que elas queriam fazer ... quando havia assim uma actividade ... em dias especiais como a Páscoa nós propúnhamos um trabalho...

Como é que planeava esse tipo de trabalho com a educadora?

Como nós já tínhamos falado anteriormente, já tínhamos combinado, a educadora dizia, falávamos às crianças o que estávamos a pensar fazer, mas eu por acaso não falava, ela é que falava com as crianças, pronto e depois dividíamos as tarefas

Mas na Páscoa devem ter feito algum..., lembra-se do que é que fizeram na Páscoa?

Sim fizemos ovinhos, ovinhos de papel, depois pintaram, decoraram...

Quando propuseram essa actividade às crianças, como é que fizeram?

Isso fui eu, falei eu e a educadora e combinei com ela, pronto eu perguntei e ela disse que íamos fazer o mesmo de sempre, uns ovinhos, umas galinhas.

Quando ela lhe disse que era isso que iriam fazer, decidiram como é que iam fazer? Qual era o seu papel e o papel dela ou?

Não isso surgia no dia a dia. Era assim, sempre que havia actividades desse género, tínhamos que dividi-los em... pelas mesas, enquanto uns ajudavam a decorar a galinha, outros faziam os ovinhos, então eu ficava com uns, a auxiliar com outros e a educadora com outros

Mas não planeavam os objectivos da actividade, isso nunca foi feito....

Não, isso... às vezes... ou seja planeavam, mas sem objectivos.... Nós planeávamos as actividades e depois eu ia intervindo na sala...

Portanto, tinha autonomia para gerir o grupo na sala, interagindo com as crianças

Sim! Sim!

Teve momentos de avaliação com a educadora?

Não... não...

Como é que era o trabalho de equipa naquela sala?

Era muito bom, porque o ano passado na creche onde estagiei, eu notava que existiam rivalidades, que era a auxiliar que queria mandar mais que a educadora e a educadora chateava-se, depois cheguei ali e fiquei completamente ... fiquei mesmo... parecia que era família, parecia que era duas irmãs a tomar conta dos primos (risos) ... é verdade... parecia mesmo

Porquê?

A auxiliar estava sempre ali, estava sempre presente e a educadora sempre que dizia alguma coisa, ou sempre que estava a pensar alguma coisa dizia sempre, sempre mesmo, perguntava sempre a opinião da auxiliar, se ela concordava, a auxiliar estava sempre envolvida em tudo, nunca houve assim...

Como é que se integrou nesta equipa ou como é que elas a integraram nessa equipa?

Não sei, eu integrei-me com facilidade, não sei se pela minha maneira de ser que é ..., não sei....

Não teve dificuldade?

Não, por acaso não tive.

Ao longo do tempo de estágio, com quem é que estabeleceu relações interpessoais, para além da equipa?

Pausa longa (silêncio).

Disse-me que o Jardim de Infância está integrado no espaço de uma escola do 1º ciclo. Estabeleceu relação com outros profissionais?

Interagi com as crianças todas da escola, elas vinham todas ter comigo, com as professoras nem sempre. Com os adultos era só bom dia, boa tarde, só nos cumprimentávamos.

Porquê? Não existiam espaços comuns ou porque...

Não, eu só estava com as professoras, só as via quando era o tempo de recreio, elas ficavam todas reunidas... estavam lá... juntavam-se todas e ficavam lá todas, perto da instituição, na sala de reuniões, a conversar... e viram uma pessoa nova e perguntaram à educadora quem era e o que estava lá a fazer e isso e a educadora é que explicava, mas nunca falei com nenhuma, nunca...

Nunca se dirigiram a si, nem a Marta teve essa necessidade... não sentiu necessidade de conversar com outras pessoas, nomeadamente com os professores do primeiro ciclo sobre o trabalho que desenvolviam?

Não, por acaso nunca....

E com outro pessoal da instituição? Porque ainda que o Jardim de Infância fosse de lugar único, provavelmente existiam mais auxiliares na escola...

Sim, sim era com a senhora que às vezes me abria a porta e que por acaso era muito simpática e eu ficava um bocadinho a conversar ali, ela falava das crianças, quando estávamos a falar, porque existem lá meninos integrados surdos e mudos e ela falava aquela menina quando entrou para aqui não falava nada e agora... pronto explicava-me assim algumas coisinhas, mas com...

E com os pais?

Com os pais era muito difícil...

Porquê?

Porque ali ... os únicos pais com quem eu tive assim mais contacto, mas também não foi falar muito, era muito rara, porque ali eram mais os avós que as iam buscar e quando chegavam à instituição diziam "anda lá! Anda lá! Tens que ir almoçar..." as crianças, eu quase nem via... eles chegavam lá pegavam e iam-se embora, às vezes quando ficava de manhã, entrava às nove horas e saía ao

meio-dia, ou nove e meia, meio-dia e meia, então era mesmo muito difícil com os pais, era mesmo muito difícil, havia um ou outro que ficavam ... à tarde havia um ou outro que entrava na instituição para saber como é que os filhos estavam, mas outros não ... eram quase todos assim, era muito difícil...mas alguns entravam para ver os trabalhos dos filhos...

E com esses pais, estabeleceu relação com eles?

Sim, falava um bocadinho do estilo... ela fez assim... mas foi só com duas mães, sim foram só duas ...

E a educadora, como era a relação dela com os pais ou avós? Acha que se dirigiam à educadora como se dirigiam a si ou...

Mais à educadora... claro

Sim, mas o que estou a querer perguntar é se a dinâmica costuma ser essa ou se a educadora bloqueou a sua relação com os pais, se era ela que dominava essa relação intencionalmente....

Não, não, por caso não, isso era mesmo dos pais, os pais chegavam... deixavam lá os filhos e iam-se logo embora... então ... é a própria dinâmica da instituição ...

Como é que... se eu lhe pedisse para descrever a sua relação com as crianças.... Ou seja, o que lhe peço é que tente descrever a sua relação com as crianças.

Logo no primeiro dia elas já se dirigiam a mim como se eu já estivesse ali há muito tempo mesmo! Eu sempre... sei lá eu sempre consegui chamar a atenção das crianças ... logo, logo assim no ... elas às vezes são desconfiadas mas ali naquela sala todas começaram a falar comigo, todinhas ... por exemplo nas trocas... nas trocas...

Nas trocas esteve em que instituição?

Eu estive numa IPSS em Setúbal... eu quando cheguei lá ... algumas crianças afastaram-se como quem diz, primeiro é uma agora é outra, então...houve uma criança que só falou comigo dois dias antes de eu me vir embora (risos) ... é foi mesmo isso... mas ali onde eu estagiei não! Começaram logo a fazer perguntas, como é que te chamas? De onde é que és? O que estás aqui a fazer? E tens namorado? E não sei quê! Até os rapazes foram logo mais ...

Manteve, portanto, uma boa relação com as crianças?

Sim, sim...

E com a educadora?

Eu com a educadora?

Como é que era a sua relação com ela?

Eu quando vi (risos) quando cheguei vi a educadora... aí eu pensei, bem ela tem uma cara muito séria e eu fiquei assim naquela é uma senhora muito... mas foi só a primeira impressão, a partir dali pensei, bem vamos lá ver o que é que isto vai dar, como é que vai ser... mas de repente, logo nesse dia ela foi falar comigo, foi falar com as crianças, eu vi a maneira dela falar com as crianças e de brincar e de falar comigo e pensei "afinal não é nada daquilo que eu estava a pensar", ainda hoje digo, não tem nada a ver mesmo, o aspecto físico com o que ela é... a primeira impressão fiquei naquela... mas depois...

Acha que era importante para si ter estagiado numa instituição com outro colega, no seu caso esteve sozinha na mesma instituição. Acha que era importante ter estagiado numa instituição onde existissem mais colegas a estagiar?

Se calhar... não sei se era mais importante... mas se calhar estava mais à vontade... falava mais sobre o estágio... sei lá falava mais com outras pessoas. Sozinha... eu já sou muito reservada, sozinha então numa instituição é mesmo... (risos) ... pausa... no estágio do ano passado e nas

trocas fiquei com outras colegas, então sabia que tinha alguém para estar e para conversar, para discutir, para trocar ideias, já era assim mais... era melhor...

Acha que se estivesse estado noutra instituição com outras colegas... acha que tinha reflectido mais... acha que isso tinha influência?

Talvez, talvez.... (pausa)

Acha que isso a teria ajudado?

Acho.

Sentiu essa necessidade de reflectir? Ou...

Sim!

Procurou outros colegas? Como estava sozinha e com já referiu considera-se um bocado reservada, procurou outros colegas para reflectir?

Eu falava sempre com outros colegas, a Vanda como vinha sempre comigo para a escola e era sempre com ela que eu falava... falamos sempre

Mas aí era uma vez por semana quando vinham para as aulas de reflexão...

Ah! Mesmo em casa?

Durante o tempo de estágio, em casa ou não... procurou outros colegas?

Sim, às vezes falávamos eu telefonava, ou os colegas telefonavam, outras vezes por e-mail... falávamos do estágio e como é que está a correr. Eu sentia necessidade de falar sobre as minhas experiências, os meus medos, as minhas conquistas e como não tinha nenhum colega na instituição a estagiar comigo eu saía e esperava que eles chegassem a casa e então eu tinha a minha oportunidade de partilhar de reflectir de conversar sobre tudo... sim falava ...

Recorda-se se existiram alguns conflitos durante o estágio? ... Com a educadora, a auxiliar ou...

Não ... correu sempre tudo muito bem...

Como é que foi a sua inserção? Ainda que a instituição, como já referiu era muito pequena, como é que foi a sua inserção naquele espaço? Era um espaço dentro de uma escola do primeiro ciclo... como é que viveu essa inserção?

No geral? ... Dentro de? ...Da?

Naquele espaço! ...

Como é que eu me senti?

Como é que foi?

Não sei... sei lá nunca houve conflitos entre ninguém... nunca houve... sei lá.

Como é que se apercebeu da dinâmica daquele espaço? Teve que desenvolver alguns trabalhos em que teve que descrever a dinâmica da instituição...

Sim.

Como é que os fez? A quem é que recorreu?

Fui observando e às vezes a educadora também ajudava...

Nunca teve necessidade de falar com colegas do 1º ciclo para obter algumas informações?

Informações não, às vezes fomos lá buscar material ...

Deram-lhe espaço... ou seja, durante o estágio teve autonomia para se movimentar por todo o espaço institucional?

Sim, sim ..., mas sempre que ia, ia com a auxiliar, quando era para ir buscar material eu ia e a auxiliar também... todos me conheciam e eu podia andar por todo o lado... eu explico... por exemplo, o jardim de infância fica nas traseiras do edifício da escola e para irmos para lá podemos dar a volta ou entrar e passar por dentro para irmos para o jardim de infância elas diziam "passe por aqui!", "ah, deixe estar..." dizia eu e ia dar a volta, elas deixavam-me à vontade, desde que eu não perturbasse, não podia andar por dentro das salas, n'é?

E qual foi o seu papel, enquanto adulto, no espaço exterior?

Sim?...

Há pouco disse-me que contactava com as crianças todas daquela escola...

Ah, sim, sim, no exterior as crianças todas queriam sempre jogos novos... mesmo as do 1º ciclo.

A educadora estava consigo?

Ela estava sempre lá fora, só quando tinha que tratar de alguma coisa e tinha que sair... outras vezes ia um bocadinho ao café, mas eu estava sempre no exterior, e como arranjava sempre jogos novos, estava com as mais pequeninas, as outras começavam a ver, chegavam para ver, viam e depois... depois pediam se também podiam brincar e começaram a vir todos os dias, às tantas já não eram só os pequeninos, era uma confusão, estavam todas juntas e como todos os dias eu trazia jogos novos, todos os dias era a mesma coisa

A educadora alguma vez participou nesses jogos?

Não, a educadora nunca participou assim mesmo nos jogos do recreio...

Porquê?

Porque se calhar não ... quando as crianças saíam cada uma ia brincar para o seu lado e ela ficava ali sozinha a vê-las, agora os jogos ela nunca...

Nunca planeou com ela como iria dinamizar o exterior?

Não, por acaso até não! ...

Mas, então explique-me como é que fazia... planeava em casa?

Eram jogos que eu fazia quando era pequena, então chegava lá e perguntava quem é que queria aprender um jogo novo e se elas queriam aprender eu explicava, se gostassem eu jogava, se não... eu ensinava outro...

E com a comunidade, contactou com a comunidade?

Tive, logo na primeira semana fui ao teatro, ao TIL (Teatro Infantil de Lisboa) ...

Mas não foi na comunidade circundante!...

Não, foi mesmo só a saída... mas depois quando elas foram passear já não foi durante o tempo de estágio...

Não teve praticamente nenhuns contactos com a comunidade....

Não, não!

E a educadora, existem saídas com regularidade? São apenas passeios? Ou existe algum trabalho com a comunidade?

Sim, há trabalho com a comunidade...

Vamos falar um pouco sobre a metodologia que a ESE propõe? Gostaria que fizesse uma apreciação global da metodologia de estágio proposta pela ESE.

Pausa longa (silêncio).
A metodologia?...

Sim a forma como o estágio está organizado, os trabalhos que lhe são pedidos...

Sei lá, nós estamos sempre a falar que não temos tempo, que o tempo é curto, sei lá acho que o estágio devia ser um pouco mais prolongado... sei lá, eu pelo menos falo por mim, quando eu começo a ficar a conhecer mesmo a instituição, o grupo, a educadora... é tempo de me vir embora... o tempo é mesmo muito curto.

Quando diz que acha que é pouco tempo, o estágio, este ano decorreu em três momentos... quando diz que é pouco tempo, refere-se à globalidade, aos tempos parciais? Quer explicar melhor?

Eu acho que como fiquei numa instituição da rede pública, saí sempre mais cedo... não sei... parecia que não aproveitava nada... o meu horário de saída era Às 15.30 horas e a maioria das minhas colegas só saía às 17.00/17.30 horas.

E aquilo que vos é pedido enquanto estagiárias? Não só os trabalhos mas também a vossa intervenção... fale-me um pouco sobre isso.

Eu tenho sempre em conta aquilo que nos pedem... (pausa)

Quanto à organização ... o facto de vir uma vez por semana à ESE, as paragens...

Isso às vezes achava que... não sei... às vezes achava que não valia a pena vir para as reflexões semanais... sei lá deixamos o estágio, vimos para a escola... mudamos o ritmo, mas depois ... é melhor porque chegamos à escola e pelo menos vamos falar daquilo que fizemos... mas para mim que é difícil, porque eu prefiro escrever a falar, essas reflexões até foi bom, fizeram-me a falar, até foi muito bom...

Relativamente à alternância proposta... vocês tiveram um tempo de estágio, depois tiveram um tempo de aulas, voltaram para o estágio, voltaram a ter aulas...

Ao princípio foi um bocado confuso

Porquê?

Porque... mesmo em conversa com os colegas, nós dizíamos "porque é que não é tudo seguido?". Uma pessoa parece que faz uma paragem e depois para retomar é mais difícil... nós quando fomos para as trocas ... sei lá... uma semana eu não acho que podemos fazer muito coisa mas também podemos não fazer nada ... parecia que era assim tudo?!...

E as trocas foram importantes para si?

Nem por isso! (pausa)

Porquê?

Não sei, se calhar a semana de trocas foi importante porque eu fui conhecer outra realidade, outras crianças, outra educadora... por acaso a educadora era uma excelente educadora, não tive assim nada para apontar, as crianças é que eram mais... mais... mais... irrequietas... só encontrei mesmo diferenças nas crianças.

O seu estágio decorreu numa instituição da rede pública e a semana de troca decorreu numa IPSS, não encontrou diferenças?

Na semana de trocas a grande diferença que eu encontrei foi o horário...

Pausa (silêncio).

O facto de ter aulas... existe uma tentativa de alternância, de articular a teoria com a prática... considera que se consegue essa alternância? Ou não?

Às vezes dá a impressão que sim, que realmente a teoria e a prática têm que estar... só que às vezes nas práticas, nem sempre ... mesmo muitas educadoras dizem... "isso da teoria, vocês vão ver quando chegarem à prática ... ou seguem mesmo aquilo que dão na escola, ou esquecem e fazem à vossa maneira".

Mas a tentativa de terem aulas, ou seja de trabalharem ao nível de um enquadramento teórico para a prática. Considera que esta alternância a ajudou, ou teria sido melhor o estágio ter decorrido todo de uma só vez e ter as aulas posteriormente?

Eu acho que é importante termos a teoria, porque nós vamos ver na prática coisas que aprendemos... vamos utilizar alguns dos conhecimentos na prática... é como se houvessem uma confirmação das coisas que aprendemos na teoria, mas há muitas coisas que nós perdemos... mas eu acho que é importante... agora que penso nisso acho que aprendemos melhor assim, só que durante o tempo de estágio nós só queremos é estar com as crianças e as aulas roubam-nos esses tempos.

Como é que desenvolveu os seus trabalhos? Quer os que lhe eram pedidos pelo seminário de estágio, quer por outras disciplinas e que eram articulados com a prática?

Pausa (silêncio).

Durante o tempo de estágio, como é que fez os seus trabalhos?

Não tive muitas dificuldades, pelo menos este ano, porque eu saía cedo, então chegava a casa e fazia logo algumas coisas...

Mas teve que recolher muita informação no contexto de estágio...

Sim...

Negociou os trabalhos com a educadora, a recolha...

Sim, sim, a educadora deu-me documentos, papeis e isso, eu perguntava-lhe sobre certas coisas, por exemplo, ela deu-me o projecto da instituição, deu-me muita coisa e eu lia aquilo e às vezes não percebia e perguntava... sempre me ajudou...

Achou os trabalhos pertinentes para a sua formação?

Sim...

Acha que aprendeu? Considera que eles foram importantes?

A informação que tive que recolher ajudou-me muito... fiquei a conhecer melhor a instituição, mesmo quando era para reflectir sobre alguma coisa... nos dias em que reflectíamos... em que estávamos na escola... a informação que eu tinha ajudava-me...

E o dossiê de estágio?

O dossiê foi assim um bocado!... Sei lá... o dossiê?!...

Correu mal?

Um bocado!...

Porquê?

Foi um processo complicado porque eu ia fazendo, mas às vezes ia deixando... Como não partilhava com a educadora, não falava com ela sobre o dossiê, tornou-se complicado ela participar e depois ela também não me pedia para trazer o dossiê e eu fui-me desleixando.

Não o ia fazendo com a educadora?

Eu tinha dito à educadora que tínhamos que fazer o dossiê, que íamos fazer o dossiê... só que o tempo foi passando e, por desleixo meu ela não participou, não me ajudou, talvez por isso no final do ano a professora me tenha referido que o dossiê não reflectia muito a minha prática pedagógica.

Há pouco quando falámos das reflexões, referiu que, por fim, as considerou interessantes... Lembra-se dos temas abordados? Das metodologias utilizadas? Fale-me um pouco sobre isso.

Pausa (silêncio).

As reflexões na escola eram sempre sobre o que nós fazíamos, as reflexões eram principalmente sobre o que os colegas diziam... e dava para ficar a pensar "se isto me acontecesse!", sei lá acho que era interessante. Podíamos falar sobre tudo, claro que muitas vezes os temas que nos eram propostos não eram aqueles que eu tinha mais necessidade, mas também nunca fui capaz de falar sobre isso. Depois eu também faltei a algumas sessões e eu sinto que isso me pode ter prejudicado...

Portanto, acha que as reflexões partiam das experiências...

Sim, para mim foi, foi muito, muito bom... quando algum colega falava de coisas que tinham corrido mal, discutíamos sobre o assunto e aprendíamos sempre algo de novo.

Considera que ganham em ouvir a experiência uns dos outros?

Sim, acho que se ganha muito...

Consegue encontrar vantagens e desvantagens do seu estágio, ou melhor, consegue identificar vantagens e desvantagens desta experiência de supervisão em que participou ao longo deste ano lectivo com aquela educadora?

Pausa (silêncio).

Não...

Considera que o seu estágio contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal e profissional?

Sim... sim... pelo menos, apesar de ter sido já no fim, eu comecei a soltar-me mais... eu ...

Acha que a ajudou? Qual foi o papel da educadora?

Teve, a educadora além de me ajudar e de me dizer para tentar fazer as coisas da maneira que ela achava que era a melhor, não é? Ela ajudou-me a perceber a importância de definir os objectivos para as actividades, por exemplo na última reflexão ela teve-me a falar dos objectivos das actividades, porque eu nem sempre pensava em objectivos quando fazia uma actividade... pensava o que é que eu vou fazer? E ela dizia-me tu tens que definir objectivos... quando estás a fazer uma actividade, tens que saber porque é que a estás a fazer. Eu no fim é que comecei a perceber....

Acha que ela a ajudou a crescer?

Sem duvida!

Enquanto pessoa ou enquanto profissional?

Eu cresci muito enquanto pessoa e enquanto profissional neste estágio. A forma de lidar com as crianças e com os adultos... tudo... eu aprendi muito... só de a ver já se está a aprender...

Teve dificuldades ao longo do estágio?

Pausa (silêncio).

Quais foram as suas maiores dificuldades?

A minha grande dificuldade sou eu... eu sou mesmo muito reservada e é às vezes tentar dizer... eu vou no caminho a pensar chego lá e vou dizer isto ou aquilo e vamos fazer uma actividade... só que

chegava lá e bloqueava completamente... acho que essa é a minha maior dificuldades, tenho outras mas...

Tentou ultrapassá-la?

Não sei... acho que não!

Nunca falou sobre essa dificuldade com a educadora cooperante?

Eu nunca me tinha apercebido que esta dificuldade podia dificultar o meu trabalho como educadora de infância, eu falava com a minha cooperante e dizia-lhe que era muito calada e ela dizia-me sempre "para seres uma boa profissional, tens que falar mais, tens que te abrir, porque depois vais ter que falar com pais". Eu sei que isso é verdade e a partir daí eu comecei a tentar ter uma relação melhor com as pessoas, mesmo com os pais que iam levar as crianças, eles falavam comigo e eu tentava ter um contacto mais... mas estava sempre com medo, estava sempre com um pé atrás... nunca consegui muito bem partilhar o que queria, ficava sempre algo por dizer ou por fazer.

Mudando um pouco de assunto, como é que foi o acompanhamento da docente que acompanhou o seu estágio?

A professora só lá foi duas vezes! Ela ia lá e nós reflectimos, estava eu, a educadora e a professora... sei lá também me dava conselhos "tens que te soltar mais, tens que aproveitar o trabalho desta educadora e o que ela tem para te ensinar", ela gostava muito da minha educadora, eu sentia isso... ela dizia-me para eu aproveitar bem o estágio porque para o ano poderei estar numa situação em que não me sinta tão bem e em que o meu relacionamento com a educadora não seja tão bom...

Considera que o número de vezes que a docente a visitou foi suficiente?

Não sei, eu acho que... se calhar se eu tivesse tido problemas, se calhar ia sentir mais a falta das visitas da professora, se calhar tinha precisado que ela fosse mais vezes, sei lá para ver alguma coisa que eu não conseguisse fazer, mas não... mas acho que não foi assim muito necessário, pelo menos eu não senti essa necessidade.

Há pouco referiu que acha que reflectiu pouco, considera que se ela tivesse ido mais vezes que a poderia ter ajudado a perceber a necessidade da reflexão?

Talvez, talvez... eu gostei muito do acompanhamento da professora, ela não ia lá só para nos ver... quer dizer não nos ia só observar... ela ia e brincava com as crianças, estava na sala a interagir com todos e só depois é que nós íamos reflectir, quer dizer só quando nós podíamos é que íamos reflectir, ela esperava sempre pela melhor oportunidade.

Considera que existiram limitações no seu estágio?

Pausa (silêncio).

Limitações? Não nunca senti que existissem!

E identifica alguns problemas?

Não.

Acha que ter sido estagiária naquela instituição foi relevante para o seu percurso pessoal e profissional?

Este estágio foi muito relevante para o meu percurso pessoal e profissional. A maneira de ser da educadora, a maneira de trabalhar... sei lá ... acho que aprendi muita coisa....

Existe alguma coisa que eu não lhe tenha perguntado e que gostasse de falar?

Não... falámos de tanta coisa... acho que não

Muito obrigada pelo tempo que dispensou para esta nossa conversa.

4ª Entrevista (tempo aproximado 2h 30min)**16 de Julho de 2002****Local: Escola Superior de Educação de Setúbal****Entrevistadas: Focus group (Estudante Maria, Educadora de Infância Cooperante Laura; Estudante Inês, Educadora de Infância Cooperante Alice)**

A conversa que iremos manter é confidencial, podem mencionar os vossos nomes que depois eu posteriormente altero, mantendo o sigilo. Gostaria que começassem por se identificar e que cada uma fale um pouco sobre o seu percurso pessoal e profissional. Esta identificação servir-me-á para caracterizar todos os intervenientes nesta conversa. Podem apresentar-se como quiserem ...

María – As alunas primeiro?

É indiferente, identifiquem-se. O nome, a idade e depois cada uma fale um pouco do seu percurso até à chegada à ESE e as educadoras até este ano lectivo.

María – Posso começar eu... chamo-me Maria, tenho 20 anos... portanto sou de Almada. Quando decidi... ou seja, a minha primeira escolha, quando decidi entrar para a faculdade foi enfermagem, mas não consegui e acabei por vir para este curso de educação de infância... ahm... mais...

Tente caracterizar muito sumariamente a instituição em que desenvolveu o estágio.

María – Portanto estive a estagiar numa instituição da Câmara ... funciona como uma IPSS, mais ou menos...

Laura – No fundo é uma instituição autárquica e é para servir os trabalhadores da autarquia, portanto as trabalhadoras recebem como funcionárias públicas, o que em termos monetários não tem as mesmas características das IPSS's, as trabalhadoras têm outras regalias, pelo contrário, o horário de trabalho é o horário normal de uma trabalhadora da função pública.

María – O estágio correu bem... o balanço final foi bom... ahm...

É uma instituição grande, pequena, tente caracterizá-la.

María – Tem uma sala, com trinta crianças.

É uma sala com algumas particularidades ou não?

María – Na minha opinião é uma sala com características diferentes das outras salas, porque é uma sala que está dividida em quatro e cada "salinha", na minha opinião, parecia que tinha um tema... uma tinha o projecto da sala de teatro, na outra tinha a casinha, a trapalhada... ou seja... as áreas de faz de conta estavam todas juntas, a área dos escrita e da plástica estava noutra parte....

Portanto é uma sala, ou seja uma instituição, com características próprias...

María – Não sei, eu considerei assim... não sei...

Se quiser intervir pode.... (dirigindo-me à educadora cooperante da estudante)

Laura – Não... só para complementar... no fundo as áreas de trabalho estão divididas em quatro salas, ou seja todas as áreas se agrupam em quatro salas distintas. É como se fosse uma sala grande dividida em quatro, uma vez que são divididas por janelas grandes envidraçadas, por portas envidraçadas e portanto optámos em vez de termos duas salas de crianças, ter apenas uma sala com áreas divididas, portanto todas as crianças rodam por todas as áreas...

São quantas crianças?

María – Trinta crianças de jardim de infância e algumas de ATL.

Laura – A sala, portanto, o espaço está organizado daquela forma porque tínhamos crianças de ATL e como não temos refeitório, nem temos sala para deitar as crianças mais pequenas, portanto, tínhamos que aproveitar o mais possível aquele espaço, o único que é menos utilizado é a zona do refeitório, mas também é utilizado porque é a sala polivalente, portanto, sempre que é necessário,

também se pode utilizar, tanto para dar apoio à casinha das bonecas para fazer a culinária, como para pinturas se for necessário, ou jogos ou sempre que nós alteramos os espaços, um dos espaços que é o que a Maria diz a sala do teatro há necessidade de alterar os materiais que estavam nessa sala para outro sitio e aí o refeitório serve para dar apoio, neste caso era a área da escrita e da biblioteca que tem que ser alterada, portanto, andamos sempre de casa às costas sempre que queremos alterar aquela sala, essa sala foi a sala do gelo, foi a sala do teatro, foi a sala do medo... sempre que surge um novo projecto, aquele material passa para o refeitório que é a tal sala polivalente.

E em termos de equipa de pessoal?

Maria – Eu por mim, durante o estágio, é assim, não foi... não foi uma grande dificuldade, mas se calhar tornou-se um bocadinho difícil gerir, conseguir integrar, por exemplo, integrar nas actividades... por exemplo, no projecto não consegui integrar as pessoas todas da instituição, porque eram muitas, eram... seis... sete...

Laura – São oito pessoas ligadas às crianças, entre educadoras e auxiliares

É uma equipa de luxo!

(Risos)

Laura – Já nos tiraram duas pessoas, aliás não nos tiraram, nós achámos por bem que quando precisámos, enquanto estivemos aqui na ESE a tirar a Licenciatura, pedimos uma pessoa, depois outra foi-nos entregue de mão beijada, já não tínhamos pedido, portanto este ano achámos por bem sermos nós a reunir a equipa e dizer às chefias que se necessitassem de pessoal noutro lado agradecíamos portanto que fosse dali que se retirasse, neste momento já nos retiraram duas pessoas, o que eu acho que é vantajoso, porque também não é sinónimo de se trabalhar bem quando se tem pessoal a mais, eu senti que isso era a grande dificuldade e portanto eu penso que vamos melhorar significativamente o nosso trabalho com menos duas pessoas, porque os grupos à partida os grupos são divididos em dois e depois as pessoas estão duas educadoras pelas quatro áreas e auxiliares, claro que temos o horário da manhã e da tarde, como é lógico, quem entra muito cedo e quem sai muito tarde, mas há ali uma altura do dia em que não é necessário tanta gente, isto também acontecia porque tínhamos um grupo de ATL que era preciso ir levar e buscar à escola e este ano vamos deixar de ter, portanto, este ano mais se justificava que não tivéssemos tanta gente, por outro lado elas trabalham no sentido do ponteiro do relógio, portanto as auxiliares rodavam de área todas as semanas, toda a gente passava por uma área diferente, nós educadoras também, estamos nas áreas que consideramos mais importantes ou onde haja menos pessoal, para a Maria eu entendo que isto fosse muito confuso porque como nem sempre a assiduidade do pessoal, portanto há faltas de pessoal, o ponteiro do relógio não é tão certo, principalmente para quem está de fora ...

Maria – Exacto

Laura – Que era uma grandessíssima confusão... (risos) por isso às vezes eu digo que é mais fácil, penso que é um trabalho mais engraçado, mas para uma estagiária é de certo mais fácil, pode não ser tão enriquecedor, mas trabalhar numa salinha fechada com uma auxiliar e a educadora, no seu espaço... penso que será mais seguro, quer dizer que dará mais segurança... para mim que sou ...

Um espaço assim daria mais estabilidade?...

Laura – Mais estabilidade, no nosso espaço parece tudo mais desarrumado, parece ser tudo mais... parece não ser tão programado mas, para mim que sou um bocadinho... (risos) prefiro, acho que é um trabalho que é mais engraçado, se a pessoa consegue entrar no ritmo... mas isso só se consegue ao fim de um tempo, porque ao principio aquilo dá uma instabilidade, é tudo uma grande confusão... e depois...

Alice – E se calhar ao fim de um tempo de carreira e de prática.

Laura – Sim, sim... o facto de ter muita gente também não ajudou, se calhar se houvesse menos gente e não houvesse muitas pessoas de baixa... até para ela (aluna) teria sido mais fácil.

Na vossa instituição existia mais alunas a estagiar?

Maria – Havia uma aluna, uma aluna do quarto ano...

Quer falar um pouco sobre isso? Como é que viveu essa experiência? Acha que é positivo?

Maria – Ter uma pessoa? Ter outra colega na mesma instituição? É assim, eu não senti quase a presença da colega do 4º ano, porque eram mais as vezes que não a via do que aquelas que a via.

Mas tem a ver com a organização do estágio, do 3º e do 4º ano? Ou tem a ver com a dinâmica que se estabeleceu entre vocês ou com a dinâmica da instituição?

Maria – Acho que um bocadinho de tudo, se calhar pela dinâmica da instituição porque o grupo era dividido em dois e eu ficava com o grupo da Laura e ela ficava com a outra educadora cooperante.

Laura – Era ela que a apoiava ...

Maria – Por isso não estávamos muito juntas, depois na hora das crianças andarem pelas áreas, era raro estarmos juntas.

Mas por opção vossa?

Maria – Eu acho que não era de propósito, calhava ser assim, não sei!

Laura – Não era pela nossa organização, porque elas podiam estar juntas, dependia do trabalho que tínhamos decidido fazer naquela área, naquele dia, não é? A Maria podia estar mais motivada ou tínhamos combinado ela acompanhar mais o grupo numa determinada área que nesse dia por acaso a outra aluna até não acompanharia ou até não queria ir para ali e escolhia outra área, portanto podia até não existir um trabalho específico noutra área, mas ser uma escolha dela, escolher uma outra área, se calhar também isto... sem querer isto levou a que elas não estivessem juntas, se calhar isto levou a fazer-las sentirem-se melhor sozinhas, separadas, portanto não havia nada... nada...

Não havia nada em termos institucionais, nada imposto...

Laura – Não! Nada! A única coisa imposta foi..., porque se calhar nós (as educadoras) considerámos que assim era melhor, que era mais equilibrado, uma estar num grupo, até para poder começar a gerir o grupo e a outra estar noutro, não é? Para elas serem mais autónomas, para nós podermos desviarmo-nos um bocadinho e serem elas a “tomar” o grupo, portanto para isso era importante que cada uma estivesse num grupo. Só nalgumas actividades, como o dia do pai, é que estavam juntas.

Maria – Mas nessa já não participei muito porque tínhamos chegado das trocas e eu já não apanhei muito aquela organização do do

Laura – Exacto, exacto... não estiveste na programação do trabalho para o dia do pai, foi mais assistir, quer dizer não estiveste na programação, aí foi a Sónia que esteve mais na frente do grupo.

Maria – Foi ela que programou e que dinamizou a actividade.

Laura quer falar um pouco do seu percurso pessoal e profissional?

Laura – Sim, é fácil, eu digo isto muito rapidamente! O meu percurso profissional acho que foi interessante, acho que foi uma coisa que me marcou bastante por uma razão. Eu trabalhava de facto com crianças, trabalhava como auxiliar e achava que gostava muito de trabalhar com crianças e que não tinha que ser educadora, de maneira nenhuma, para gostar de trabalhar com elas, mas tive a sorte de, realmente penso que foi sorte, ter uma amiga, que se tornou minha amiga depois de trabalhar comigo, que era educadora e que me dizia “Não desculpe, tem que ir tirar o curso” e eu dizia “Mas para quê? E eu gosto de trabalhar com crianças porque é que eu tenho que tirar o curso?”, “Tem, tem, porque há muita coisa que uma educadora faz, deve fazer e deve exigir que se faça se for educadora e se for auxiliar nunca vai conseguir e portanto, para impor as suas ideias e as suas opiniões e poder seguir para a frente tem que ter o curso, sim!” Eu achei que aquilo não tinha muito cabimento porque achava que para trabalhar com crianças não precisava e as educadoras com quem tinha trabalhado até eram pessoas com que eu me dava bem e ouviam-me e gostavam das minhas opiniões, porque é que eu tinha que tirar o curso? Mas ela de facto não foi de modas, desculpe lá a expressão, foi-me buscar os documentos todos a casa e inscreveu-me na

Escola Superior de Educação em Lisboa, e portanto ela inscreveu-me, nessa altura ela inscreveu-me em Lisboa mas depois tivemos uma dependência em Almada para poder tirar o curso... e foi assim que eu tirei o curso, ela entretanto foi minha madrinha de curso, tive a M.M. como minha professora de estágio, que gostei muito e que me marcou bastante na minha vida profissional e portanto foi assim...

Há quantos anos é que é educadora?

Laura – Há 14 anos, portanto... depois tive na AIPICA, portanto numa IPSS, puseram-me logo numa creche, numa mini creche, como educadora coordenadora, foi horrível, portanto eu era auxiliar como as minhas colegas e puseram-me imediatamente à frente de uma creche que tinha mais oito elementos, ou dez que tinham sido minhas colegas, em que eu tentei alterar aquilo que estava mal, achei um desafio, acho que ao fim e ao cabo, acho que nos entendíamos muito bem, acho que ao fim de um ano ou dois estava óptimo e estávamos todas muito de acordo com aquilo que defendíamos. Entretanto, eu gostava de coisas novas, não queria estar sempre muito tempo no mesmo lugar, comecei a cansar-me não das colegas, dos dirigentes, da associação e achava que tinha que dar o salto e inscrevi-me para fazer uma baixa de parto na Câmara Municipal de Almada, tinha-me inscrito para a rede pública, fiquei em ... o meu número era o trezentos e tal e fui para a Câmara e lá estou.

Em termos de formação, ficou apenas com o bacharelato?

Laura – Não, em termos de formação, eu sou uma pessoa que nunca gostei de estar muito no meu cantinho, portanto, fiz muitas acções de formação, quando apareciam algumas acções em Lisboa, mesmo a pagar 25 contos, 30 contos, eu normalmente arranjava maneira de poder sempre ir a essas acções de formação e entretanto surgiu aqui na escola de Setúbal a licenciatura e vim o ano passado e o outro ano, durante estes dois anos fiz a licenciatura aqui na ESE de Setúbal.

Em que área?

Laura – Na área da primeira infância.

Que funções exerce agora no seu local de trabalho?

Laura – Neste momento sou coordenadora, fui coordenadora durante este ano lectivo e também vou ser durante o próximo, porque vamos ter alteração de colegas, de educadoras e não está correcto uma colega que venha de novo ter que agarrar logo a coordenação, portanto estive este ano que passou e vou estar o próximo.

Há quantos anos trabalha com a ESE, enquanto cooperante?

Laura – Desde que fui para a mini creche, portanto desde que sou educadora.

Portanto, há 13,14 anos.

Laura – Sim, sim.

Há pouco a Maria dizia que existia mais uma aluna a estagiar na vossa instituição. Era a única estagiária ou tinham estagiárias de outras escolas?

Laura – Não, há uns anos atrás também recebíamos alunos do Piaget, mas durante este ano, ou seja, já há alguns anos atrás que recebemos só alunos da ESE de Setúbal.

Penso que agora poderíamos ouvir as outras pessoas.

Alice – Sim! Podes começar.

Inês – Sou a Inês, tenho 22 anos, no primeiro que me candidatei ao ensino superior não entrei, entrei só no segundo ano e ainda bem que entrei só no segundo ano. Acho eu! Porque acho que o percurso que tenho feito até agora e as pessoas que eu tenho encontrado, têm sido pessoas muito significativas e por isso acho que ainda bem que não entrei no primeiro ano.

A sua opção foi o curso de educadores de infância?

Inês – Sim, era... o estágio... A avaliação que eu faço do estágio e que tenho feito, é que foi muito positivo, sobretudo por ter conseguido... (acho eu!), por ter conseguido lidar com algumas dificuldades que eu fui encontrando e alguns conflitos e acho que isso também me enriqueceu e me ajudou a descobrir em mim novas coisas e não foi fácil, ao princípio, mas o resultado eu avalio como muito positivo para mim.

Fez estágio em que tipo de instituição?

Inês – É IPSS, só com valência de jardim de infância, eu considero a instituição como familiar, porque todas as pessoas se conhecem muito bem, as crianças trocam de sala em sala, conhecem as crianças e os adultos da sala ao lado, por isso eu caracterizo-a como familiar.

Na sua instituição existiam mais colegas a estagiar?

Inês – Sim, existia mais uma colega a estagiar que era da ESE também, do mesmo ano e do mesmo curso, portanto, da mesma turma.

Como é que avalia o acto de ter estado a estagiar na mesma instituição com mais uma colega? Para si foi importante? Fale-me um pouco sobre isso.

Inês – Para mim pessoalmente foi muito importante e não só pelo facto de a colega ser da mesma zona onde eu moro, já nos conhecemos desde o primeiro ano e temos um contacto muito directo e muito próximo, mas foi importante porque partilhávamos as nossas vitórias, mas também partilhávamos aquilo que não tínhamos conquistado naquele dia e no carro até a casa e mesmo lá na instituição e isso foi super importante, porque as nossas conversas davam-nos força para acreditar no dia seguinte e acho que isso foi muito importante e o trabalho... acho que sim, acho que ... sinto que se calhar poderíamos ter feito muito mais, mas considero que iniciámos uma primeira etapa do trabalho em equipa e no nosso caso acho que sim, acho que resultou.

Durante o tempo de estágio desenvolveu actividades com a colega ou limitavam-se a essa relação que tinham, mais ao nível da reflexão.

Inês – Nós inicialmente tínhamos programado desenvolver actividades que não desenvolvemos, mas que não ficámos tristes por não as desenvolver, porque aquilo que se fazia, sobretudo no período da tarde, que era quando nós nos encontrávamos diariamente, que era no grupo dos finalistas...

Trabalhavam em conjunto?

Inês – Sim...

Portanto, as educadoras trabalhavam em conjunto e vocês também participavam ...

Inês – Sim, diariamente encontrávamo-nos para trabalhar com o grupo da tarde, numa única sala e desenvolvíamos as actividades em conjunto. E mesmo no exterior quando nos encontrávamos, também procurávamos estar sempre juntas e por isso considero que trabalhamos em cooperação e com algum sucesso, pelo menos eu sinto isso.

Agora só falta a Alice identificar-se.

Alice – Eu sou a Alice, tenho 29 anos, fui aluna da ESE de Setúbal. Vim parar ao curso (e eu acho que isso é importante também para me definir até como profissional) muito por acaso porque a minha área não tinha nada a ver com... tinha a ver com a arte! Não tinha a ver com crianças, pouco mais ou menos, e nunca sequer me passou pela cabeça ser educadora de infância. E depois, por várias peripécias no meu percurso escolar, num dado ano acabei por só fazer uma prova específica e depois fui ver qual era o curso que só pedia aquela prova específica e havia dois, um em Lisboa e outro em Setúbal e nem sequer liguei muito quais eram os cursos, mas como não gosto de ir para Lisboa, pensei: "Então vou para Setúbal". Em Setúbal, por acaso, era o curso de educadores de infância e foi assim que vim parar à ESE, sem muita vontade e principalmente sem muita convicção... Mas depois comecei o curso, comecei a apaixonar-me pelo curso isto é quase um lugar comum, mas é o mais verdadeiro possível e ainda bem que eu não gostava de Lisboa e que foi esta a minha opção, senão agora estaria em Linguística ou qualquer coisa parecida (acho que era esse o curso). E depois de o ter começado já não conseguia deixar o curso a meio, porque de facto achei o curso muito apaixonante. A teoria porque não tinha assim tanta a certeza de que a prática fosse...

Tinha muito medo de que quando começasse a trabalhar me desapaixonasse e isso se calhar tem a ver com facto de não ter sido uma escolha inicial, um sonho antigo... nunca chegou a ser sonho, começou logo a ser realidade comecei logo a ser estudante de educação de infância e tal, nunca sonhei... mas comecei a trabalhar e apaixonei-me outra vez, foi muito bom! Ainda bem que eu tirei este curso, estou... sinto-me muito realizada, gosto do que faço.

Há quantos anos é educadora de infância?

Alice – Há três anos, conclui a licenciatura aqui na ESE e depois comecei logo a trabalhar.

Quando terminou os seus estudos foi como licenciada?

Alice – Sim, o meu curso foi uma licenciatura, eu saí logo licenciada sem ter que fazer o complemento como a maioria das minhas colegas. Comecei logo a trabalhar no centro onde estou, é uma IPSS e pronto estou lá há três anos.

Que funções é que exerce nesta instituição?

Alice – Sou só educadora, portanto sou educadora de infância sem acumulação de funções, sou responsável pelo meu grupo.

Há quantos anos é educadora cooperante?

Alice – Há dois. Este é meu segundo ano como educadora cooperante da ESE de Setúbal.

A Inês já referiu, na sua instituição existia mais uma colega a estagiar, portanto, mais uma aluna da ESE. Eram as únicas alunas estagiárias ou existiam outras estagiárias na instituição?

Alice – Não, elas eram as únicas e tanto quanto eu sei, já há algum tempo, pelo menos desde que eu sou cooperante há dois anos, não são recebidos estagiários de outras instituições e já há algum tempo que assim é.

Quer falar um pouco sobre esta experiência? O facto de existir mais uma aluna a estagiar acha que influencia a forma como o estágio é gerido?

Alice – Outra aluna, para além da Inês?

Exacto, exacto.

Alice – Eu penso que sim, porque havendo outra colega educadora que recebe outra estagiária permite-nos... da mesma forma que entre elas existia aquele diálogo e ainda bem, mas nem sempre é assim, também entre nós havia diálogo e nós conversávamos um pouco sobre o percurso que elas iam fazendo, até porque nós assistíamos de perto a isso, nós estávamos presentes e conversávamos sobretudo sobre ideias que nós tínhamos e a forma como a relação ia sendo estabelecida. Por vezes tínhamos dúvidas: “Será que devíamos ajudar mais?”, “Será que devíamos questionar mais?” e íamos debatendo entre nós essas questões, entre nós as educadoras cooperantes da instituição.

Laura, há pouco penso que estas questões não foram bem abordadas. Esta dinâmica que a Alice está a falar que existia na instituição onde trabalha, vocês tinham alunas de anos diferentes mas dentro da mesma instituição, na mesma sala, com o mesmo grupo de crianças. Esta dinâmica também acontecia na vossa instituição, em termos de equipa? Discutiam o percurso das alunas, ou pelo facto de serem de anos diferentes tem influência na dinâmica das equipas? Concretamente na vossa instituição como é que aconteceu?

Laura – Não sei bem se teria sido só por serem alunas de anos diferentes, de serem alunas diferentes ou se terá sido também a nossa forma de organização. Havia também alguma ausência da parte da aluna do 4º ano que não conseguíamos encontrar na aluna do 3º ano, até porque os dias de reflexão na ESE eram diferentes, o facto de serem de anos diferentes tinha esse aspecto, depois também como era a outra educadora que falava mais com a aluna do 4º ano, portanto houve alguma dinâmica, talvez alguns encontros mas mais na hora do almoço, portanto na prática trocávamos opiniões, quando foi na escolha do projecto da aluna do 4º ano fizemos algumas trocas de opiniões e portanto a aluna do 3º ano deu alguma sugestão...

Maria – Isso aconteceu mais na parte final do estágio....

Laura – Sim, mais nesse aspecto, porque noutras questões não houve muito... portanto não houve muito diálogo, troca, partilha talvez porque também a aluna do 4º ano ficava mais no seu cantinho com a educadora que acompanhava o seu estágio e eu cingia-me mais à aluna que eu apoiava. Depois as reuniões de ..., quando queríamos fazer as reuniões de equipa também havia umas em que estava mais a Maria, outras em que estava mais a outra aluna, portanto nesse contexto não havia muita intercâmbio entre as duas alunas e entre as duas educadoras. Isto devido a um pouco de tudo, talvez a nossa organização, pelo tempo disponível, também este ano a aluna do 4º ano teve alguns problemas de saúde e portanto houve algumas faltas também, houve algumas ausências ao longo deste estágio, penso que tudo isso contribuiu um pouco e se calhar nós também como educadoras não nos organizamos muito nesse sentido, se calhar devíamos ter tido um maior cuidado para ver se as juntávamos mas não... neste momento não tenho muito presente o porquê desta situação.

Também não sei se deveriam ter tido, o facto de serem de anos diferentes tem influencia.

Inês – Eu acho que a grande proximidade e cumplicidade no trabalho que eu e a minha colega desenvolvemos deve-se essencialmente à relação que existe entre mim e a colega que estagiou comigo na mesma instituição.

Laura – Eu penso também que sim, porque não existia muita relação entre elas, eu lembro-me que um dia a aluna do 4º ano perguntou à Maria... eu não sei contar muito bem, a Maria até pode dizer melhor...

Maria – Já sei, já me lembro...

Laura – Que eu até disse, devíamos ter aproveitado...

Maria – Não sei se é isto, mas deve ser... a Sónia... eu sempre tive a liberdade, falo por mim... eu acho que tomei a liberdade de expor tudo à minha educadora, de falar sobre tudo...

Laura – Não existiram êntraves nenhuns na nossa relação, falávamos de tudo.

Maria – E a Sónia acho que não tinha muito esta liberdade de expressão com a educadora e então ela às vezes vinha-me perguntar se eu falava de certas coisas com a minha educadora.

Laura – Eu penso que isto tinha a ver um pouco com a Sónia, mas eu dizia-lhe “se tiveres algum problemas tu fala, tu diz...” e um dia estávamos a falar e ela “Oh Ana, mas tu colocas essas questões à tua educadora?”

Maria – Acho que era por causa da questão de haver muita gente na sala e contradição de opiniões entre o pessoal...

Laura – Eram algumas coisas com as quais a aluna não concordava...

Maria – E eu falava de tudo.

Laura – É importante que digam que não concordam para nós podermos melhorar, porque há coisas que sabemos que não é possível modificar, mas há coisas que nós sabemos que aos poucos podemos... e ela dizia, “mas tu vais dizer isso? Tu colocas essas questões?” e a Maria respondia “Colocol”, portanto, mais uma vez fomos ao encontro do facto de que a Sónia não colocava as questões e que é importante colocar muitas questões, se calhar é importante reflectirmos sobre isto, sobre o nosso papel e o papel das alunas. Há uma outra coisa que eu omiti na entrevista, mas não foi por mal, eu juro e que é a minha idade

Risos ...

Laura – Portanto sou a Laura, tenho 45 anos e tenho dois filhos já muito crescidos, um rapaz com 26 anos e uma rapariga com 20. Falo neles porque são um bom contributo nas discussões do dia a dia e é engraçado que tanto o marido como os filhos adoram que eu conte as peripécias que acontecem no jardim de infância.

Risos ...

Laura – É muito interessante.

Falando agora sobre esta experiência de supervisão em que estiveram envolvidas, assumindo diferentes papéis. Gostava que me falassem agora um pouco sobre essa experiência. Como é que viveram esta experiência de supervisão do estágio? Por um lado enquanto estagiárias, por outro lado as educadoras enquanto supervisoras?

Alice – Posso começar eu ... (risos) ... eu acho... ser educadora cooperante... assumir o papel de supervisora é sempre um pouco assustador, se calhar porque tenho pouco tempo de trabalho, eu própria... É o meu terceiro ano de trabalho, tenho também pouco tempo de experiência como educadora cooperante, então isso assusta um bocadinho... a responsabilidade de... ainda agora eu me recuperei da responsabilidade de ter uma sala inteira a meu cargo, de repente tenho mais uma "criança" a meu cargo, ainda por cima crescida e que faz muitas perguntas e então logo para começar a minha primeira reacção foi "Mas porque é que havia de me ter metido nisto? Será que eu vou estar à altura?". Mas principalmente, "Será que eu vou conseguir ajudar?", porque eu encaro esta função como uma grande responsabilidade. Tenho a responsabilidade de ajudar as pessoas que estão ali comigo e de me deixar ajudar, o que às vezes não é tão fácil, deixar que nos ajudem. Eu tenho esse problema e então a minha primeira reacção é "mas porque é que eu me meti nisto!?", mas depois à medida que as coisas vão acontecendo e à medida que o tempo vai passando o balanço não deixa de ser positivo e se deixasse de ser, então deixaria de receber estagiárias certamente, porque ... a presença delas nos ajuda... obriga-me a falar. Obriga principalmente a dizer em voz alta aquelas coisas que nós só pensamos para nós e que às vezes porque já as fazemos mecanicamente já nem pensamos para nós e então somos "obrigadas" a dizer-las. Eu lembro-me, por exemplo de um caso, que a Inês... depois nós reflectimos em conjunto sobre isso ... de uma criança que se tinha magoado e que estava a chorar e que depois eu fui consolá-la e dei-lhe o almoço. Eu nem tão pouco pensei naquilo e depois quando a aluna falou no assunto fiquei muito espantada "mas... o quê?... eu fiz isso assim?". Foi a aluna que me chamou a atenção e que quis reflectir sobre a minha atitude. Isso ajudou-me a perceber que de facto a minha atitude foi importante e que reflecte muitos dos meus princípios pedagógicos... então, basicamente é uma experiência muito positiva. Assustadora, positiva, porque... porque... (deve ser o que toda a gente diz) mas porque nos obriga muitas vezes a falar de coisas que nós já não falamos connosco próprias e isso é muito, muito, muito importante e às vezes há coisas que tento não falar ou tento não fazer, ou faço menos do que queria... ou penso menos sobre elas... porque surgem outras coisas... E é sempre bom ter quem partilhe connosco e nos ajude a crescer e a crescer em conjunto. É muito positivo, as alunas ajudam-nos ... e muito... elas às vezes não se apercebem disso.

Laura – É assim, embora já seja cooperante há muitos anos, eu acho que o ser cooperante é sempre uma experiência muito boa e eu penso que é uma forma de não nos deixar "adormecer", ou seja, há sempre coisas novas para aprender, há sempre partilha com outras colegas, embora eu pense que este ano a Ana, neste caso, teve um pouquinho de azar... por uma razão, porque eu acho que este ano foi um bocadinho, desculpem lá este termo, a ressaca dos dois anos anteriores, ou seja, a nossa instituição tinha uma dinâmica bem diferente da que teve este ano e talvez porque nós tínhamos uma educadora mais na abertura outra mais no fecho, foi assim que nós decidimos para que houvesse um maior acompanhamento e a dinâmica com as famílias era bastante grande. O empenhamento de toda a equipa também o era, acontece que os dois anos em que viemos para a ESE, para o complemento de formação, foi de facto ... e com muita pena... só aqui é que eu me apercebi como é importante ter uma educadora mais perto dos pais, mais em cima dos momentos importantes, das decisões, da partilha com eles, dos recados, do dizer, do estar, da presença e apercebi-me porque penso que as coisas começaram a fugir-nos por entre os dedos naqueles dois anos que viemos para Setúbal, eu senti isso e este ano foi extremamente difícil voltar tudo... arrumar a casa como ela estava e de facto ... como isto é verdadeiro!... Eu penso que mesmo as atitudes das auxiliares, a atitude da equipa em geral modificou-se pela ausência naqueles dois anos, na nossa ausência não, porque nós não faltávamos muito, mas de facto perdemos terreno, deixamos fugir por entre os dedos alguma coisa que estava já conquistada, de tal maneira que para nós aquilo era tão normal que achávamos que aquilo era uma coisa que já estava conquistada e que estava adquirido e de facto eu começo-me a aperceber que não estava, estava adquirido mas que as coisas que são adquiridas podem fugir novamente, porque os pais são novos, são outros, aqueles pais que estavam muito envolvidos foram aqueles que foram saindo e há pais novos que têm que ser conquistados, quando eu digo isto não quer dizer que o trabalho com os pais não se consiga fazer, mas a implicação da equipa naquele trabalho é que outra, portanto a equipa precisa sempre de um grande suporte ali, portanto, nós temos que estar ali lado a lado e isso fez com que o trabalho se tivesse alterado e estamos a pagar uma factura bem cara, neste momento, pelos dois anos que nos ausentámos mais.

Acha que isso teve influência na vossa função, enquanto educadora cooperante, enquanto supervisora do estágio desta aluna?

Laura – Teve, teve influência, porque eu dizia assim “mas porque é que as coisas são diferentes este ano?” e fui procurar bem, bem fundo e de facto começa a ter influência, porque teve influência no resto da equipa e estando a equipa diferente, agindo de forma diferente, mesmo a nível de atitudes, portanto nós começámos a procurar porque é que as coisas estavam a ser diferentes e nem é preciso estarem as alunas porque acontece ... neste momento que as alunas saíram, passou o estágio... o estágio teve de facto algumas nuances, algumas quebras, algumas ondas ali, uma mais altas outras mais baixas que eu senti que as coisas não estavam tão bem e agora venho-me a aperceber, por outras razões, que já não estão as alunas, aliás quando as alunas estão às vezes há algumas coisas que se perdem um pouco porque nós para lhes darmos mais atenção não estamos tão ... não é que não se faça o trabalho, mas alguma coisa fica para trás em relação à equipa porque estamos mais tempo com a aluna, há que dar mais atenção e há coisas que as equipas sentem que também nos fogem, que se não tivéssemos com as alunas não seria assim, mas eu não sinto tanto isso, eu senti agora por exemplo, numa reunião de pais o que se estava a passar e é interessante quando eu digo “como é que é possível existirem menos pais nas reuniões”, que eu não estava habituada e uma mãe me chama a atenção e diz “se calhar alguma coisa se está a perder” e aquilo fez-me pensar, fez-se luz e eu disse “está-se a perder como? Temos de reflectir sobre isso”, fazer uma reunião só para isso, para perceber o que é que os pais estão a sentir, se está a fugir, nós também porque só assim é que o conseguimos apanhar novamente e a mãe disse “um dia falamos” e de facto a reunião era para outras coisas não dava para falarmos naquele momento sobre isso e vem de seguida uma atitude de uma auxiliar que vem abrir o leque em relação a esta situação, portanto, o que a mãe me estava a querer dizer era, é atenção à pouca atenção que é dada aos pais na ponta da tarde. Aquilo mexeu comigo e de facto agora há uma atitude de uma auxiliar que vai desvendar o que me estava a fugir por entre os dedos porque não é fácil nos percebermos, por vezes, o que está a acontecer, para mais agora estávamos em tempo de praia em que uma educadora saía às quatro e outra às cinco e de facto a ponta da tarde é de extremamente importante e começamos a perceber que muita coisa se perde... mas voltando à questão, penso que é sempre muito importante ter estagiárias, embora eu, um pouquinho zangada tivesse dito, um dia destes, às auxiliares, temos que fazer uma reunião bastante urgente em relação às atitudes não só de adulto para adulto como com as crianças, portanto, é urgente e depois não sei o que é que uma colega disse “sim não sei o quê das estagiárias...” e eu disse “não sei se vai haver estagiárias, a ver vamos”, porque eu recuso-me a ter estagiárias se nós não podemos confrontar e debater e falar e reflectir sobre as atitudes que nós adultos temos neste equipamento, ficou tudo calado e depois a conversa terminou assim.

Considera que o facto de ter uma estagiária na Instituição implica uma maior coerência de atitudes?

Laura – É assim, eu achava que não, eu achava que as atitudes tinham que ser coerentes, tivesse ou não uma estagiária presente, foi sempre por isso que eu lutei, não há, aliás até houve menos reuniões este ano com as estagiárias do que havia quando não tínhamos estagiárias, porque também há momentos em que temos que ter um bocadinho para elas e portanto ... neste aspecto eu sou muito persistente em reflectir com as alunas sobre as atitudes que tomamos, mas eu acho que não devia haver mais coerência de atitudes, até pelo contrário, mas neste momento tem que ser avaliado e reavaliado a questão de termos estagiários, mas eu ... as estagiárias a mim servem-me não para eu ter coerência de atitudes, mas para poder exigir mais coerência de atitudes, eu exijo à mesma quando elas não estão, mas é ainda mais importante porque é assim, a nossa instituição é um espelho lá fora, eu nunca me preocupei com isto antes, nunca tinha dito isto antes e neste momento eu digo, neste momento eu acho que é importante para mim lá ter estagiárias para que as pessoas tenham um bocadinho mais de coerência, agora é assim, eu não me quero servir das estagiárias, ou melhor eu acho que não tem que ser necessário ter estagiárias para isto, eu tenho que continuar a ser teimosa e a exigir, agora a presença delas abana um bocadinho, no entanto eu acho que as auxiliares este ano nunca tiveram isso minimamente em pensamento, terem estagiárias ou não foi exactamente a mesma coisa.

Sentiu isso Maria?

Laura – Ela não sabe como é que funcionávamos...

Maria – Não, no que me diz respeito a mim não, mas observei muita incoerência de atitudes, havia muita mesmo. Havia ali... especialmente havia atitudes que uma pessoa ficava... O.K. e agora?... Mas depois eu acabava por falar...

Tinha essa capacidade de depois reflectir com a educadora sobre...

Maria – Falava, reflectia com a educadora cooperante sempre que via assim alguma coisa.

Laura – Mas há uma coisa que me contentou, ou seja, as atitudes eram tomadas mais não na nossa presença, ou seja, quando a educadora estava, pelo menos alguns casos...

Maria – Já não me recordo, mas... houve pelo menos dois casos que eu assisti, até fazia o registo de todos os diálogos e depois acabei por falar e depois aproveitei para as observações que nos foram pedidas, porque achei que eram mesmo assim coisas que se devia pensar antes de dizer a uma criança. Mas... não sei... é a tal coisa eu acho que... acabo por... o papel de estagiária é um papel um bocadinho ingrato, não sei se este é o termo, porque quem somos nós para chegar ali e dizer a uma pessoa que já tem não sei quantos anos de experiência, "olhe isso não é assim, está a errar!", pronto não sei, acho que há que ter a capacidade de saber dizer as coisas, dizer na hora certa, não sei... acaba por tomar o nosso papel um bocadinho difícil...

Mas a Maria refere que tinha a capacidade de discutir depois com a educadora as suas observações...

Maria – Com a educadora, nunca fui capaz de chegar directamente ao pé de uma auxiliar e dizer-lhe que se calhar aquela não era a atitude que ...

Mas se calhar o seu papel...

Laura – O teu papel não era esse, esse era o meu papel, depois de discutir com a aluna podia discutir com as auxiliares aquilo que tinha acontecido.

Maria – Eu às vezes acabava por... quando via assim alguma coisa não dizia ou falava com a educadora ... quando tinha oportunidade de ser eu a dirigir uma actividade, uma situação... então fazia à minha maneira, da maneira que eu achava mais correcta, mesmo que as auxiliares não gostassem ou não concordassem. Depois falava com a educadora sobre a forma como tinha gerido as situações.

Laura – Dava o exemplo que achava mais correcto.

Maria – Pronto, porque eu achava que...

Laura – E mesmo eu tive o cuidado de não expor essas situações enquanto elas estavam nas reuniões. Portanto ao aperceber-me de determinadas situações que a aluna discutia comigo, eu aproveitei-as para colocar nas discussões das nossas reuniões e outras eu colocava-as como se fosse eu a ter-me apercebido delas, nunca coloquei a aluna como pessoa que estivesse estado a observar a situação e estivesse a questioná-las.

Está a comentar com a sua colega... não se sente bem com esta situação?

Marla – Não, não foi por isso. Mas ao ouvir a Laura... agora é que me apercebi que durante o estágio "dei" informações à educadora.

Sente que enquanto estagiária pode ter dado, digamos que um contributo importante naquela instituição, ou sentia-se de facto como o bode expiatório "deixa-me contar"...

Maria – Era um bocadinho assim, não, não era expiar por me pedirem ou por me obrigarem, mas pronto, era a tal coisa eu andava sempre com um bloco de notas e registava tudo e às vezes quando me pediam o bloco para alguma coisa até me sentia mal (risos). Houve uma vez que registei umas coisas, já não sei, acho que foi do dia do pai ou do Carnaval, registei no bloco e depois tinha que dar a uma auxiliar para ela passar, para pôr no placar e eu senti-me mal, porque eu tinha lá o que eu achava tudo registado, tinha lá os diálogos todos... e eu pensei assim "Oh meu Deus se me lêem aquilo!", mas depois pronto... mas não... não sei se expiei ou não, sei que tentava perceber tudo e discutir tudo com a educadora e por isso registava tudo... acho que não fiz mal ...

Laura – Mas eu acho que isso não foi assim visto, nem sentido pelas auxiliares porque se isso tivesse acontecido elas teriam tido mais cuidado (risos) ...

Maria – Eu também acho que não, acho que elas não ligaram a isso, não foi essa a minha intenção....

Laura – Não até porque elas gostaram muito de ti...

Maria – Houve situações em que elas estavam a trabalhar numa mesa e eu estava noutra e ouvia os diálogos e escrevia e elas viam que eu estava a escrever e nunca... acho que nunca...

Laura – Nem em relação a mim, nunca me colocaram alguma questão, portanto ...

Maria – Acho que elas não se importaram, é a tal coisa, talvez elas não tivessem mesmo cuidado, não ligavam... continuavam a fazer o trabalho delas, abstraíam de mim...

Inês, não sei se quer acrescentar algo...

Inês – Eu gostava de falar um bocadinho daquilo que eu senti enquanto aluna em formação e este ano a primeira semana para mim foi muito difícil, a primeira semana de estágio senti-me muito na corda bamba, até porque eu vinha de um experiência de estágio, no segundo momento de estágio não muito positiva, a nível do trabalho de equipa, de relações com as crianças e estava com medo de voltar a ter um estágio assim e não conseguir saber gerir ... esse trabalho e ter as atitudes que na minha opinião podiam não ser as mais correctas e era esse o meu maior medo, ao não me querer acomodar às situações, também não conseguir encontrar estratégias que fossem as mais adequadas e acho que o problema passou por eu ter demorado, porque eu sou uma pessoa reservada e falar sobre mim é difícil, para mim e demorei um bocado de tempo a conseguir transmitir isso à educadora e à minha orientadora de estágio, depois quando o transmiti, em conjunto conseguimos, não sei se se aperceberam mas eu depois consegui encontrar repostas e agir com mais segurança e... mas pronto a primeira semana foi isso, a primeira semana foi muito na corda bamba, eu considero o papel da estagiária difícil e sobretudo quando nós não conseguimos conciliar o nosso papel com a nossa personalidade, ou temos dificuldade em saber gerir isso e eu tive essa dificuldade na primeira semana, mas creio que depois foi ultrapassado e consegui, conseguimos um bom resultado...

Concretamente como é que ultrapassou essa dificuldade?

Inês – Eu ultrapassei as minhas dificuldades muito, muito conversando com a Alice e conversando também com as pessoas que me são mais próximas e em quem eu confio e pensando muito no dia e nas situações e que se voltassem a acontecer como é que eu podia fazer, ultrapassei muito conversando e falando sobre essas situações...

Quais eram os seus maiores receios?

Inês – O meu maior receio era falhar, falhar e sobretudo ferir... ferir a criança e ferir o trabalho da equipa da sala, porque por mais que eu não concordasse e provavelmente isso iria acontecer eu não teria que julgar, que pensar mal e pronto não tinha que fazer isso, dizer está mal! Não tinha que fazer isso, tinha que saber conjugar esse mesmo trabalho, o meu maior receio era esse era o saber gerir também o meu papel, eu não sou a educadora da sala, sou a estagiária, mas também sou a estagiária! Então tive dificuldade em gerir esses dois pólos, mas foi conversando e conversando sobre o que estava a sentir e as minhas preocupações que consegui desenvolver o meu trabalho e desenvolver-me a mim enquanto pessoa e enquanto profissional.

Como é que ao longo do estágio vocês foram organizando o vosso trabalho? As educadoras convosco, vocês com as educadoras... como é que este processo foi gerido?

Inês – No nosso caso, nós reuníamos todos os dias. Para mim foi muito importante! Constatei que com o resto das colegas isso nem sempre acontecia então percebi que era algo de muito positivo que eu tinha no estágio, até porque era um momento que eu tinha todos os dias em que eu podia conversar, podíamos falar sobre as coisas, eu acho que sobretudo termos diariamente um momento para conversar foi fundamental e depois a relação que se estabeleceu, não era apenas de educadora-estagiária, era também de uma pessoa para uma pessoa e mais tarde de uma amiga para uma amiga, porque as conversas surgiam na rua, no café e isso a mim deu-me bastante confiança e segurança, para a minha personalidade, para a minha maneira de ser foi fundamental. Nós reuníamos diariamente as duas, depois tínhamos reuniões semanais com a equipa da sala....

Planeavam o trabalho em conjunto ou nem por isso?

Inês – Nós reflectíamos muito sobre aquilo que acontecia, mas a nível do trabalho de alguma actividade, isso por exemplo era discutido na reunião com a equipa da sala, eu acho que o meu papel nesse sentido foi... não estou a dizer que foi passivo, mas foi muito o de tentar perceber o trabalho da própria equipa da sala e da educadora, eu não chegava e dizia "Eu quero desenvolver esta actividade", ou "Eu posso desenvolver esta actividade?", quer dizer eu sabia que podia fazer isso, mas sobretudo nas primeiras semanas eu não o fiz, eu fiquei muito naquela de tentar observar, tentar perceber, tentar estabilizar, tentar encontrar segurança no terreno que eu agora pisava.

Sentia que fazia parte da equipa ou?...

Inês – Sim, muito e foi isso que me fez depois conseguir ultrapassar todos esses obstáculos, todas essas barreiras e eu sentir que fazia parte do trabalho de equipa foi fundamental mesmo. Para mim foi muito importante, não sei se eu consegui fazer ou demonstrar à equipa que era mas sentia que era....

Alice – Posso?

Claro a intenção de estarmos em grupo é podermos partilhar as nossas ideias...

Alice – É que quando estava a ouvir a Inês, estava a lembrar-me perfeitamente desse percurso e estava a pensar que encarei este meu papel de educadora cooperante um bocadinho como... como encaro o meu papel de educadora de infância ... porque a minha postura para com ela não era muito diferente, em termos genéricos, evidentemente, da minha postura para com as crianças. As crianças são diferentes entre si e eu não vou usar as mesmas estratégias que uso com A, com B. A Inês tem a maneira de estar dela e a maneira de ser dela e eu não ia agir com ela da mesma maneira que agi com a outra estagiária do ano anterior, como não o faço com as crianças, portanto, apercebi-me de alguma forma dessa... dessa... característica ... dessa timidez, essa reserva da Inês e tentei ser... não invadir demasiado o espaço, ou dar-lhe tempo, porque eu recordo-me quando era estagiária ter essa experiência, porque me lembrei disso, porque se calhar ela precisava de mais tempo para poder dar uns passos mais seguros. Tentei falar com ela, tentei explicar-lhe como é que eu fazia quando, por exemplo, havia alguma coisa na atitude da auxiliar e com a qual eu não concordava... sei lá, expliquei como é que eu agia com a auxiliar, quais eram os meus "métodos" e, por um lado era uma forma de ela perceber como é que as coisas funcionavam, por outro era também uma pista que se ela quisesse poderia seguir. Não era chegar e, sei lá, dizer "está a fazer isso completamente errado". Mas é só para dizer que em certos momentos não é assim tão diferente ser educadora de infância e ser educadora cooperante, é perceber as características daquela pessoa que temos à nossa frente, que partilha o nosso espaço e tentar o comportamento que à partida é padrão, que é o cooperar e tentar adaptar-nos aquela pessoa. Porque há pessoas que são mais faladoras e mais interventivas, se calhar é deixá-las extravasar essa apetência para intervir. Se não são tão exuberantes, ou se são mais tímidas, tentar não ser demasiado "violenta" na minha ajuda e às vezes o meu receio com a Inês era esse. O meu papel foi essencialmente dar-lhe tempo, ao mesmo tempo ia-lhe mostrando que estava aberta a novas propostas, dando-lhe espaço para que se sentisse segura para poder avançar.

Na organização do trabalho, o facto de ter uma estagiária implica uma outra organização do trabalho?

Alice – Não mudou praticamente nada, porque nos já fazíamos as reuniões semanais, já fazia o planeamento semanal, já o estruturava da mesma forma... não ... a presença da aluna não implicou uma outra organização... houve talvez uma adaptação do trabalho, mas não um reestruturação... de todo.

Alguém quer falar um pouco sobre este assunto?

Maria – Há pouco a Inês falava das reuniões, inicialmente reuníamos quase todos os dias, havia sempre um bocadinho, nem que fosse só para eu dar uma palavrinha, nós reunimo-nos sempre, muitas vezes foi no café e eu acho que isso facilitou que se estabelecesse uma relação para além da relação estagiária-cooperante, acho que nós construímos uma outra relação. No fim do estágio, por uma ou outra razão, talvez por falta de tempo, eram mais as vezes que não reunimos do que as que reunimos, mas acabava sempre por haver um bocadinho, às vezes era mesmo durante as actividades das crianças, arranjavamos sempre um bocadinho para falar.

Laura – Houve alguns dias que falhou mais, eu já comentei isto cá na escola quando vim à reunião de avaliação, porque de facto aqueles trabalhos todos na ponta final do estágio, não ajuda muito

para a disponibilidade também da parte das alunas, porque embora ela, coitada, tentasse sempre, porque é muito organizada, mas havia dias que não dava mesmo e depois da nossa parte também penso que houve algumas falhas também por reuniões que nós tínhamos, também o facto de ser coordenadora e ter que tratar de algumas burocracias, portanto também houve alguns dias que era falta de disponibilidade da minha parte, depois houve muitas faltas de pessoal, portanto, houve ali uma altura que não existia de facto disponibilidade... talvez por este problema, é que eu não sou educadora só de uma salinha, portanto é um contexto completamente diferente e isso reflecte-se na intervenção quer da aluna, quer no apoio que eu lhe consigo dar. Estar sempre presente é muito difícil devido à organização da nossa instituição.

Maria – Quanto ao planeamento, ao princípio fazia-se o planeamento quase sempre nas reuniões, eu participava nas reuniões e por isso também participava no planeamento e mais para o final, como a Laura já referiu, houve pouca disponibilidade, marcávamos um dia e depois acabava por não ser feita, porque não havia tempo, ou porque... porque não dava mesmo... portanto, mais para o fim já não participava tanto...

Foi-lhe dada a possibilidade de intervir ou mesmo no planeamento de dar a sua opinião, de fazer um planeamento em conjunto ou teve que se adaptar aos planeamentos feitos pela educadora?

Maria – Não, desde o principio que houve abertura para eu expor aquilo que pensava e que gostava de fazer, se calhar no principio eu não o fazia porque eu não ... tinha receio de estar a interferir no trabalho das pessoas que já lá estavam, porque ... ao principio eu era mais passiva, não me metia tanto, deixava as coisas andarem assim ... acho que a partir... ah! Acho que eu mudei com as trocas, acho que as trocas foi... não sei acho que me abriram um bocadinho os olhos... é que me abriram mesmo os olhos e a partir daí já comecei a participar mais no trabalho... penso eu!

Laura – É importante, era importante que elas participassem, penso que houve algum contributo, mesmo para o dia do pai, ela deu algumas opiniões, fez-se um placar de fotografias de quando os pais eram bebés, foi uma opinião dada por ela, portanto nós apostámos nela e gostávamos imenso que fosse ela também a dar sugestões, é evidente que se está um bocadinho atrapalhada e não sai da iniciativa dela, tem que se avançar... mas penso que ela está a ser modesta... houve algumas sugestões da Ana, o fazer o bolo, no final levar a boneca para oferecer às crianças...

Maria – Ah! Sim!

Laura – Portanto houve muita coisa que foi planeada com a equipa e com a ajuda da aluna e com opiniões que ela tinha dada o que é extremamente importante.

O facto de não existir diariamente, e não é obrigatório que aconteçam diariamente esses momentos, portanto houve sempre uma participação da aluna nos momentos de avaliação, nos planeamentos... aliás há pouco referiu a reflexão de situações que a aluna detectou enquanto a educadora não estava presente... Isso também é uma forma de a aluna estar implicada na equipa...

Laura – Claro, claro, situações que eram extremamente importantes, que ela via porque estava presente em determinados momentos em que eu não estava, eu penso que isto é muito importante, porque o facto de eu não estar sempre na sala, primeiro porque a organização do grupo... o grupo é dividido... portanto, quando é numa sala só nós estamos mais atentas a tudo... ali não é só uma sala, não é? São várias áreas distintas, em espaços distintos é como se fossem quatro salinhas, embora a gente ande de um lado para o outro, mas há coisas que nos escapam e houve observações bastante interessantes que a Maria não perdeu e que eu não apanhei e houve outras que eu apanhei e que quando conversava com ela, ela por acaso já tinha apanhado, até deu para nós depois podermos trocar e ... reflectimos sobre essas atitudes e portanto isto é muito importante, porque a pessoa estar ali presente é completamente diferente de andar de um lado para o outro... o ir fazer um telefonema, o ir... e... é completamente diferente e nisso a Maria ajudou-me muito....

Sente que tanto de uma parte como de outra... pelo que percebi, às alunas foi-lhes dadas oportunidades de estarem nas salas e de agirem e interagirem com as crianças ... tinham alguma estratégia de trabalho na sala? Como é que isso era definido entre vós? O espaço de trabalho foi sendo conquistado? Como? Como é que era o vosso estar na sala? Como era a vossa relação dentro da sala?

Laura – Inicialmente, com a Maria, porque num primeiro momento foi-lhe exigido essencialmente que observasse, portanto não teria de intervir tanto, embora eu pense que a observação é sempre um espaço de intervenção e ela acabou por intervir, mas não havia aquela obrigatoriedade de fazer o tal projectinho, quando surgiu a necessidade de realizar o projecto de investigação o que coincidiu com o segundo momento de estágio a sua intervenção foi muito mais directa, interviu sempre. Outro aspecto importante e que nós tínhamos conversado é que ela podia, e devia, passar pelas várias áreas, até estar mais segura... nos tempos de grande grupo tentámos que agisse mais, com o intuito de aprender a gerir os tempos e as situações de maior euforia e maior “confusão”..., depois na sala era importante que ela passasse pelas varias áreas, tanto na área da plástica, como da casinha que é extremamente importante, como nos jogos... como... portanto, passar pelas várias áreas ... e eu penso que sim que ela até acabou por passar, mais por umas do que por outras, não é? E depois mais para o fim, como já tinha o projecto que foi desenvolvido na área da biblioteca, portanto houve algumas situações que estavam mais direccionadas para essa área, por exemplo propôs às crianças fazerem um bolo, nesse dia estive mais na área da culinária e depois a questão da biblioteca que foi o tema que ela tratou, portanto foi o tema que ela decidiu abordar no seu projecto de investigação, portanto, acabou por estar mais naquela área, mas estava... penso que ela se sentia à vontade para estar em qualquer área

Pelo que percebo isso era discutido entre vós....

Laura – Sim, sim...

Quando decidiu abordar, dentro do projecto de investigação a biblioteca discutiu isso com a educadora? ou?...

Maria – Não, foi assim primeiro... o primeiro projecto era a sala de Teatro, isto logo em Janeiro, porque comecei a pensar... é a tal coisa, começa a pensar cedo, mas começa a fazer tarde (risos) ... comecei logo a falar isso com a Laura porque a sala de teatro era o projecto do ano e então estava definido qual ia ser o meu projecto, mas depois meteram-se as férias de semestre, as aulas em Fevereiro ...

Laura – Pois foi

Maria – Meteram-se as trocas e quando regresssei o projecto já estava um bocadinho adiantado ...

Laura – E ela ia perder muito...

Maria – E eu pronto...a fase da negociação com as crianças, já tinha sido feito muita coisa e eu já tinha perdido muita coisa, então decidi optar por outra área, depois falei com a educadora e...

Laura – Como era uma área que, por acaso, bem precisava de ser animada, achei que...

Achou que foi importante intervir nessa área?...

Laura – Foi, o projecto de investigação da Maria foi importante é um trabalho para continuar... foi um trabalho que herdámos da sua permanência na instituição e que eu vou continuar, estamos a fazer os cartões, já falei numa reunião aos pais sobre este projecto, portanto ficou em aberto o projecto de dinamização da biblioteca para os meninos requisitarem os livros e levarem os livros para casa, tal como já levavam outras coisas mas nunca tínhamos feito isso, levam os livros emprestados mas não com o intuito da escolha, dos pais participaram na leitura de... e a Maria deixou uma fichas, umas coisas escritas aos pais, uma carta, uma carta para os meninos e nós estamos a trabalhar sobre isso, portanto, não deixámos morrer o seu trabalho... aliás a Maria ainda tem muito que fazer naquela escola, apesar de ter saído...

Maria – (risos)

Laura – Ainda lá há muito trabalho, tem que terminar o trabalho... agora no final do ano há muito que fazer, ainda para a despedida das crianças que são finalistas a Maria vai lá com o cavaquinho dela porque as crianças vão cantar “a mulher gorda” e a Maria tem que dar ali... e vai dar... portanto o trabalho dela não ficou perdido, não ficou esquecido... não nem a instituição a esquece... nem ela pense que se livrava já, tem que ir até ao fim...

Não sei se alguma de vós gostava de ...

Alice – Acho mais interessante ser a Inês a começar...

Inês – É sobre o que nos sentimos ao nível da intervenção.

Sobre isso, ou se quiser falar sobre outras coisas também o pode fazer

Inês – Na sala eu acho que... como já disse, fui conquistando espaço e, portanto, fui tendo mais segurança e confiança e aconteceu o mesmo que com a Ana, depois das trocas essa confiança estava mais presente, era mais uma confiança interior, eu acho que era confiar mais na minha intervenção, naquilo que eu fazia, até porque eu sentia que tinha o apoio da própria equipa da sala e da educadora cooperante e ... na sala comecei por ser uma mera observadora, depois passei a observadora participante e depois intervir, observar, intervir, agir, mas o processo foi muito complicado, onde eu encontrei muita dificuldade foi em saber agir perante os conflitos das crianças e ao mesmo tempo registar com rigor essas observações, para não perder a veracidade da situação em si e isto foi... esta etapa eu acho que foi conquistada, devido também aos trabalhos propostos no âmbito da prática pedagógica, mas voltando questão inicial, a minha intervenção foi possível porque eu falava, pensava sobre o que tinha feito e depois falava sobre a minha intervenção com a educadora cooperante e depois pensava sobre aquilo que tínhamos falado e eu acho que foi por isso... falar com a educadora é bom... é como falar alto e isso faz bem, ter quem nos oiça é bom, ouvir conselhos, pedir opiniões, a relação com a educadora cooperante, é saber que fazemos coisas bem e coisas menos bem... é... é...

Alice – Eu devo dizer que este discurso da Inês está certíssimo, a grande dificuldade dela foi esta que ela acabou de referir, mas a minha grande dificuldade foi que ela percebesse que isto era perfeitamente natural e que o que não seria natural era ela começar logo na primeira semana perfeitamente confiante e a saber resolver tudo, que aí é que eu acho que haveria qualquer coisa de errado. Porque é normal ela sentir-se insegura e eu estava a pensar ainda há pouco quando se falava da organização do trabalho e planeamento, que apesar da Inês ter achado sempre, (eu também achei quando era estagiária, e enquanto estagiárias achamos sempre!) Que fazia poucas “coisas” (e estou a falar do Fazer). Nós próprias enquanto educadoras também o sentimos às vezes! A Inês teve a sensação que fez pouco, que se calhar poderia ter feito mais, mas... a dada altura tentei passar-lhe a mensagem de que, até pelas características do próprio currículo que nos seguimos na “ARTE”, (é uma aplicação livre do COC - Currículo de Orientação Cognitivista), o importante e a base de todo o trabalho, é a relação com a criança, a interacção do adulto com a crianças e que, portanto não estivesse preocupada em planear actividades e em planear coisas para fazer com elas, porque não era essa a coisa mais importante de todas, não era para mim sequer, enquanto educadora! É evidente que temos que planear actividades até para fazermos os pequenos grupos, e sendo actividades propostas há coisas que vão sendo lançadas pelo adulto, mas até nessas o importante não é a actividade em si é a forma como as coisas vão sendo feitas e isso é importante quando é uma actividade proposta ou quando é uma actividade espontânea. Então tive essa preocupação de a tentar acalmar, acho que conseguimos trabalhar este pequeno problema da Inês, mas fica sempre a sensação de que “eu devia ter feito mais alguma coisa e não planeei e tal...” mas...penso que dentro do percurso normal e a Inês teve, na minha opinião o percurso normal de uma estagiária empenhada, eu estava aqui a pensar nós não combinámos o nosso trabalho... Não combinámos o que é que farias na sala pois não? Para onde é que ias...

Inês – Não porque isso foi muito natural...

Alice – Pois...

Inês – Não foi nada de muito...

Alice – ... de muito preocupante... não foi como elas...

Laura – Nós sentimos essa necessidade muito pela organização da sala...

Alice – Exactamente...

Laura – Não se esqueçam que funcionamos em quatro salinhas.

Alice – Eu não estava a ver, o nosso espaço é completamente diferente e foi acontecendo naturalmente. A Inês foi assumindo cada vez mais um maior protagonismo nos diferentes momentos da rotina. No grande grupo, enfim lançava-lhe alguns reptos “então, não queres agora cantar tu uma canção?”, mas não era uma coisa que...

Uma das coisas que eu vos queria perguntar é se existiam momentos específicos da rotina em que alunas tivessem que ou pudessem Intervir mais?

Laura – Havia, no nosso caso que teve imensa graça porque, normalmente eu acho que onde as pessoas sentem mais dificuldade, e aqui a Maria não foi excepção porque ficava olhando para o grande grupo....

Maria – Pois foi....

Laura – Mas por fim, passamos a bola e de facto e foi engraçado, sem graça, mas porque houve lá uma falta de pessoal e isto é engraçado, como é que temos tanto pessoal e de um momento para o outro há tanta falta... e isto é uma característica... o absentismo é fulcral... mas... penso que tem um pouco a ver com a função pública, mas... e eu não estava habituada a isto, porque eu acho que não deveria haver tanta ausência, mas o facto é que nós temos que lidar com esta situação com alguma frequência e então foi óptimo porque foi uma maneira bestial da Maria assumir o grupo sozinha e então houve ali duas ou três manhãs que ela ficou... uma delas foi uma actividade de pintura em papel grande.

Maria – Pois foi!... Foi no dia da árvore!

Laura – ... Em que ela geriu o grupo, eu fui lá espreitar duas ou três vezes e fui-me retirando e ela geriu perfeitamente o grupo, teve um bocadinho aflita...

(risos)

Laura – Quando alguns meninos...

(risos)

Laura – Aliás, se eu tivesse percebido que ela estava muito atrapalhada teria ido buscar pessoas a outra área para a apoiar porque havia falta de pessoal, mas não era uma falta tão significativa que não pudesse ir buscar uma auxiliar...

Maria – Não, pois não...

Laura – Quando ela me disse que se tinha sentido muito aflita, eu disse-lhe “Oh Ana, mas podias ter dito que eu tinha ido buscar outra pessoal” mas eu achava que aquilo era fundamental e importante... ela não era uma pessoa com características de estar muito aflita....

Maria – Pois não...

Laura – Porque se ela tivesse exteriorizado essa aflição eu nunca a teria deixado sozinha, decerto que eu teria deixado tudo e teria ido para o pé dela ou tinha ido buscar outra pessoa, mas eu pensei que como era um confronto com a realidade que lhe fazia muito bem e fez! Eu acho que a partir dali ela assumiu o grupo de uma forma completamente diferente. Não achas isso?

Maria – Foi... foi um dia mesmo.... Às tantas eu estava a ficar aflita porque já não as conseguia controlar ... (risos) porque imaginem aquilo era uma folha de papel cenário, desenhámos a árvore e já havia tintas ...

Laura – As crianças escolhiam o que queria fazer, umas pintavam, outras colavam, outras brincavam, portanto, é assim que costuma ser, cada uma para seu lado e ela achou que aquilo era muita solicitação ...

Alice – Era responder a muitos lados.

Laura - É isso eram muitos lados.

Maria – No final tivemos que cortar a árvore e colá-la noutra papel porque o papel de fora estava... (risos) ...

Mas acha que esta situação a ajudou a crescer?

Maria – Acho que sim, porque eu nunca tinha estado assim mesmo sozinha com elas e foi... acho que foi...

Laura – Porque o pessoal era tanto que ... isto é diferente de estar numa IPSS em que se está muito tempo sozinha, como eu estive muito tempo sozinha e em que nós tínhamos que... aqui não havia esse confronto é raro haver, não há... porque nunca está uma pessoa sozinha e portanto eu acho que é importante ela perceber esta realidade mas confrontar-se com o que irá ser a realidade quando for trabalhar e até porque volto a dizer se ela estivesse muito atrapalhada automaticamente aparecia alguém para a ajudar.

Maria – E eu cheguei a vir cá fora pedir qualquer coisa a alguém, já não sei o quê. Quer dizer não foi assim tão aflitivo, mas para primeira experiência...

Laura - Mas na altura parecia ...

(risos)

Maria – Agora até me rio, mas na altura!...

Laura – Claro... claro. E depois como são alunas do terceiro ano eu acho este um bom exercício para o quarto ano... eu acho que estas situações as ajudam muito... ainda por cima porque elas são apanhadas de surpresa e experimentam com uma menor carga de ansiedade do que se tivessem tudo preparado, tudo planeado... elas experimentam uma característica fundamental do educador de infância – a capacidade de improvisar...

Alice – Eu tenho uma opinião sobre isso, nas crianças falamos do erro construtivo, aqui é o susto construtivo...

(gargalhas)

Alice – Claro que há que dosear o susto mediante o próprio estagiário... aliás dosear... nós estamos a rir mas não deixa de ser assim, eu lembro-me uma vez, já para o final do estágio, estávamos em grande grupo e não sei bem porquê propus à Inês que fizesse um jogo, lembraste? Eu lembrei-me daquilo na altura e até fui buscar o dossiê ... mas aí eu acho que exagerei... porque ela ficou... coitada ela ficou!...

Inês – Não até foi bom...

Alice – Não, não é porque...

Eu ia exactamente perguntar-lhe, Inês, existiu assim alguma situação idêntica? E que a tenha marcado mais que outras? Que diga foi um ponto de viragem, ou eu senti-me mesmo mal, não foi positiva...

Inês – Mais do que esta do jogo, foi a realmente a resolução de um conflito em que, eu sinceramente, eu na altura agi naturalmente mas fiquei muito indecisa... ainda hoje não tenho certezas se agi bem ou se agi mal e essa resolução de conflitos com as crianças é o que me assusta mais, é saber como intervir, quando intervir, por duas vezes fi-lo, mas quando o fiz... quer dizer das duas vezes que fiz e que me marcaram foi esta vez e foi no último dia, até a Alice não estava presente e eu estava na sala com a auxiliar e esse dia para mim foi muito marcante porque a minha intervenção mostrou-me que não tenho medo de intervir, eu tenho que intervir e pronto e o resultado que for, vou reflectir sobre aquilo que fiz mas não tenho medo de avançar, tanto que eu depois pus nas minhas observações que esse último dia para mim foi muito importante e foi com uma das crianças que quando eu fui lá posteriormente ela ... eu percebi que a relação que tenho ela é uma relação diferente, não é uma relação melhor ou pior é diferente, percebi que a criança compreendeu e isso para mim é muito importante. Não sei se está explicito o porquê do significado desta situação. Prende-se sobretudo, pela descoberta que fui fazendo: que a relação, o estar e ser para com o outro – a criança, é uma das chaves para o sentido em educação, variando sim, as metodologias em função das singularidades (disponibilidade).

A Laura queria dizer qualquer coisa?...

Maria – Eu... posso?...

Pode.

Maria – Em relação a estes confrontos que a Laura falava há pouco, eu acho que se têm acontecido mais cedo eu acho que se calhar não teria conseguido geri-los tão bem, porque já foi em Março, não sei já tinha algum conhecimento das crianças, sinto que já estava ... estava melhor preparada para aquela situação, se calhar se tivesse sido em Janeiro não tinha conseguido geri-los tão bem. Foi importante o tempo que eu tive para aprender a gerir as situações, eu fui crescendo e aprendendo a ser educadora de infância. No início sentia-me essencialmente estagiária, mas no final já me sentia um pouco educadora e já tinha adquirido capacidade para me confrontar com situações difíceis ... sim porque gerir um grupo de crianças numa actividade sozinha não é fácil ...

Laura – Nem nós queremos que vocês fracassem, por vós, mas principalmente pelas crianças ... mas nós percebemos "já é altura de tomarem conta do grupo.... Já é altura de haver confronto" e isto é extremamente importante, eu não sei se eu penso assim porque eu às vezes tenho a necessidade de "picar" as estagiárias ... se eu me mantenho sempre perto de vocês, há sempre a tentação de dizer uma palavrinha, de dar uma ajuda e havia alturas em que eu saía da sala de propósito e deixava-a sozinha a ler uma história, porque sentia que isso era importante. Mas sabem porque é que eu penso assim? Eu acho que fui muito privilegiada nesse aspecto, se calhar não fui tão privilegiada como vocês que tiraram um curso de dia, portanto eu fiz em horário pós-laboral, mas fui muito privilegiada nesse aspecto, ganhei muito em tudo, porque é assim, eu já trabalhava com meninos, mas eu não sabia nada de teoria, e eu ia para as aulas e espelhava o que o professor me ia dizendo teoricamente com o que me ia acontecendo no dia a dia, eu tinha a grande... ou melhor, eu tinha uma oportunidade enorme de sair da sala e discutir uma coisa com o professor de psicologia e no outro dia chegar lá e tinha de presente as questões que eu podia pôr ali na prática, ouvi e agora eu posso agir na prática e isso é muito bom. Estava eu aqui a ouvi-las e realmente é aquele conflito muito grande que nós temos e como adultos temos sempre, no trabalho em equipa, no trabalho com o outro, no trabalho com a criança, na resposta à criança, ainda hoje nós temos estes confrontos, não são só vocês que são estagiárias, nós somos estagiários no dia a dia com as novas situações, claro que temos uma outra segurança porque já passámos pelos primeiros medos, por essas primeiras aflições, mas nas situações novas somos sempre estagiários e temos sempre que pensar duas vezes se eu estou a fazer bem ou não e às vezes agimos de momento e pensamos a seguir, temos que reflectir... e ainda bem que reflectimos, mal é da educadora que faz e não pensa mais naquilo que fez, porque todas as situações de conflito, e eu penso que são as mais problemáticas, mas todas as situações da nossa vida que se passam no jardim de infância, com um adulto, numa reunião, com uma chefe, ainda eu andei doente a semana passada, mas ainda bem que eu saio e reflecto no que disse e no que fiz e ainda bem que eu fui assim e para a próxima ainda hei-de ser um bocadinho mais arisca e reflecti, se calhar foi bom ter feito aquilo, mas também fiz mal e é esta capacidade de reflectir que é muito importante na vossa vida, aliás na nossa vida, porque esse medo dos conflitos todas nós temos. Estou a lembrar-me de uma situação que tive na minha vida como aluna, portanto auxiliar e aluna que foi um conflito muito grande que surgiu com uma criança e estava uma educadora que por acaso está a tirar o complemento este ano aqui na ESE, comigo na sala, nós dávamo-nos muito bem, trabalhávamos muito bem, portanto aquilo havia ali, portanto uma grande... uma grande cumplicidade e bastava ela olhar para mim que eu sabia que ela estava aflita e ela sendo uma pessoa com mais medos, muito meiga, muito calma ... havia conflitos que ela não era suficiente para resolver, olhava para mim e eu ajudava-a a resolver, eu não estava ainda a tirar o curso mas já havia esta cumplicidade e no momento em que eu por acaso já era estagiária estava com um professor, e isto ajudou-me muito, houve um conflito que era preciso resolver e eu fiquei muito mal, porque resolvi-o da pior maneira, mas foi a maneira possível no momento e eu cheguei perante trinta e cinco alunas, que éramos trinta e cinco alunas e eu disse "professor eu preciso de resolver uma questão. Comigo agora! Porque com o menino já está, já está, já não há nada a fazer. Mas agora é comigo, estou muito mal porque eu hoje dei uma palmada a um menino" e eu nunca tinha batido a um menino e naquele dia eu dei uma palmada a aquele menino, mas eu tive a oportunidade de chegar à escola, tinha lá o meu professor de psicologia que me poderia ajudar! As minhas colegas ficaram todas assim de boca aberta como quem diz, esta é louca, maluca porque chega aqui e põe-se a dizer perante uma turma de trinta e cinco futuras educadoras, mais o professor que deu uma palmada no menino e eu expus toda a situação, eu estava muito mal nesse dia, mas a mãe já tinha falado comigo, aliás eu já a tinha chamado, já tínhamos resolvido toda a situação e o professor disse nesse momento, da forma como a questão foi colocada "é assim Laura, há momentos, há situações em que a melhor pedagogia poderá ser uma palmada e eu acho que nesse momento se calhar foi a melhor pedagogia, nem tem que se culpar, mas também é uma pessoa que chegou aqui e que...", portanto, ou seja, isto para dizer a questão não estava na palmada tinha a ver com todo o outro contexto anterior que não podemos estar agora aqui a contar mas que um dia podemos falar nisso, mas de facto é assim é o podemos reflectir...

Alice – Tem a ver com o que se faz com a palmada depois de ser dada...

Laura – Exactamente. E não é por isso que eu dou palmadas aos meninos... Atenção! Nem que eu defenda que se devem dar palmadas, portanto eu estou aqui a dar um exemplo do que é uma aflição de resolução de um conflito e de um problema. Esse menino quando eu o vi ele já estava no liceu, ele adora-me, adora-me. Era dos meninos que mais me tocava, portanto, passa por isto muitas vezes. Mas isto para dizer que medos todos nós temos, eu posso ter mais segurança mas não deixo de ir reflectir cada dia que vou para casa, vou no carro, vou aqui, vou acolá, vou a pensar na escola, nas crianças, naquilo que eu fiz e que elas fizeram e então quando são atitudes de adultos e eu penso que essas é que me preocupam mais, essas dão-nos volta à cabeça e o nosso trabalho é esse, é reflectirmos permanentemente nas coisas que fazemos e que vimos fazer e como é que vamos digerir isto, como é que vamos resolver e dar a volta por cima, portanto há muito... O confronto da Ana com uma nova situação e com os pequenos conflitos que ela teve que gerir, eu considero que foi extremamente importante para ela crescer, como pessoa e como profissional. Se ela nunca tivesse estado aflita ela não teria recorrido, nas nossas reflexões a questionar determinados medos, ou ansiedades e isso é importantíssimo. É uma coisa que eu acho que existe nas alunas de 4º ano é não se atirarem para a frente, num 4º ano é como se já tivessem a responsabilidade da sala e isso é já para o ano, não falta muito e se não houverem estes confrontos no 3º ano, eu senti isso este ano com a aluna do 4º ano e eu dizia-lhe "tu vais para uma sala e tu não te podes pôr do lado de cá, porque tens quatro ou cinco ou seis ou sete auxiliares que estão à espera do que vem daquela educadora e isso é muito importante, que nós como educadoras tenhamos alguma coisa, que sintamos alguma segurança perante as auxiliares que trabalham à muito anos, que estão ali há muitos anos, que dominam completamente e nós como educadoras, mesmo novinhas que sejamos, temos que dar alguma contributo àquelas auxiliares e aquela equipa, porque temos que sentir alguma segurança e isto tem que ser passado, não podemos andar constantemente "ai que medo!", portanto alguma coisa nós temos que fazer e, portanto, o 4º ano, mesmo no 3º que se comece e no 4º ano que enfrentemos a realidade e que nos deixemos ser desafiadas, mesmo pensando "ui que medo e agora o que é que eu faço?", vou tentar e depois temos a educadora para reflectir, porque é muito bom nesse 4º ano vocês terem uma educadora para reflectir sobre o que se fez, porque antigamente, após o 3º ano acabava o curso e iam trabalhar e já não tinham o apoio da educadora cooperante, tinham a auxiliar a criticar, a pedir, a cobrar porque a educadora somos nós e elas são auxiliares e não têm obrigação, portanto, é muito importante isto, que haja este confronto, eu acho!

Pegando na sua reflexão, vocês disseram que nem sempre tiveram oportunidade para reflectir, mas foram sempre reflectindo, ou seja, pelo que percebi a reflexão foi uma constante no vosso relacionamento, deixou foi de ser diária, mas foi uma constante no estágio.

Laura – Sim, sim...

Maria – Quase sempre...

Quando reflectiam sobre o estágio, que temas é que abordavam? Tentem recordar-se, se conseguirem, que temas eram mais abordados ao longo das reflexões e tentem recordar-se se as reflexões incidiam mais sobre os desempenhos das alunas ou também se reflectia sobre os desempenhos das educadoras? Era essencialmente centrado na actividade da aluna enquanto estagiária ou também se reflectia sobre a atitude da educadora?

Laura – A Maria pode falar primeiro...

Maria – Eu acho que nós reflectíamos sobre tudo, eu acho que não havia o reflectir só sobre a minha prestação ou discutir só a prestação da Laura, ou desta ou daquela auxiliar, ou desta ou daquela criança, nós falávamos de tudo, reflectíamos sobre tudo...

Laura – E até porque na reflexão da aluna sobre a atitude da auxiliar estava implicada imediatamente a prestação da educadora e a atitude da educadora, portanto, automaticamente as coisas eram discutidas em conjunto, porque não havia outra forma de o fazer. Se uma auxiliar faz ou tem uma determinada atitude, vamos perceber os porquês, portanto era tudo muito interligado, eu não posso desligar as atitudes da equipa com que trabalho da minha intervenção enquanto educadora, nem posso desligar a atitude da estagiária da minha função de educadora de infância e muito menos da minha função de cooperante, de supervisora do estágio que ela está a desenvolver, eu e ela somos, temos que ser autónomas, mas não conseguimos ser independentes.

Inês – Acho que no nosso caso também era ... falávamos sobre tudo, mais sobre as experiências pessoais, as coisas que a Alice me contou enquanto aluna, enquanto estagiária, enquanto educadora, os exemplos que me deu, os medos que teve, as inseguranças que teve, para mim foram importantes porque eu percebi que eram processos naturais e depois...

Alice – Eu senti necessidade de lhe explicar isso...

Inês – Nas primeiras semanas eu vinha para a ESE e nenhum colega me falava sobre esse processo natural, então eu... era sempre tudo maravilhoso, eu é que tinha medo, eu é que era insegura e nas reflexões com a Alice esta partilha foi muito importante para eu perceber que era um processo natural, que não era só comigo que as coisas aconteciam assim, não era só eu que tinha estes sentimentos, estes medos, eu percebi que são processos naturais, têm é que ser ultrapassados que se não forem ultrapassados é que poderá ser grave mas são processos naturais e acho que para além de tudo, para além do estágio, falarmos sobre experiências pessoais, foi... exemplos reais e pessoais acho que foi muito bom... para mim foi muito importante, foi mesmo muito produtivo, porque me ajudou a aceitar a minha pessoa tal como ela é e perceber que afinal não é assim tão diferente da dos outros, eu talvez reflecta é um pouco mais... não, talvez eu tenha tido a capacidade de expressar os meus sentimentos, porque a atitude da educadora facilitou a reflexão, o empenhamento foi muito grande, eu senti que me dava mas que ela também se dava muito como pessoa e como profissional...

Alice – Porque às vezes nem se centrava o tema sobre nenhuma de nós duas. Podíamos reflectir sobre um caso específico de uma criança, podíamos sentir necessidade de falar sobre isso, podíamos decidir, ou ela ou eu, falar sobre isso, tentar encontrar estratégias de intervenção, outras vezes, mais para o final, por causa do projecto, nós falámos muito sobre o projecto, quase que já não falávamos sobre o que as crianças fizeram ou ... nem dava tempo... estávamos absorvidas pelo projecto, era um bocadinho... Reflectíamos sobre aquilo que sentíssemos necessidade falar naquele dia, podia ser ou sobre uma atitude que eu tinha tido que não tinha a certeza da Inês ter compreendido e eu achava pertinente reflectir sobre isso ou ela questionava-me sobre a minha intervenção, enfim não consigo definir um ou dois temas, falávamos um pouco sobre tudo nas reflexões até mesmo em termos pessoais, coisas que não tinham a ver com o estágio ou com o facto de se ser estagiária e cooperante. Até reflexões sobre a maneira de se estar na vida de uma maneira geral, claro que no fundo tem sempre a ver com o estágio mas não se falava propriamente sobre os nossos desempenhos naquele dia...

E em relação às relações interpessoais? Com quem é que estabeleceram relações interpessoais durante o tempo de estágio? Estou a pensar em pais, comunidade, dentro da instituição, ou seja, confinámo-nos só ao espaço sala, portanto a minha relação é só com esta educadora e é com ela que eu tenho que E com as auxiliares, obviamente porque estão no mesmo espaço, a Maria tinha um leque grande de auxiliares... (risos) como é que estabeleceu essas relações interpessoais?

Maria – Eu, pronto... no meu caso eu acho que não foi muito difícil estabelecer as ligações, talvez também porque ajuda se calhar um bocadinho a maneira de ser das pessoas e eu como não tive muita dificuldade é lógico que se calhar tinha mais abertura com certas pessoas do que com outras, não tive nem com os pais nem... porque os pais eu via-os assim de relance, alguns entravam, outros deixavam os filhos à porta e iam embora, mas aqueles com quem falava e aqueles com quem mantive contacto não tive grandes dificuldades, até porque acho que eles nem, não sei se eles comentavam a presença de ... às tantas nem fui apresentada assim... (risos) ... pronto... eu chegava lá abria a porta, "bom dia e ..." falava-se um bocadinho, não disse "sou a estagiária da ESE", só uma ou duas vezes é que ...

Laura – Mas quase todos sabiam, porque para além das crianças dizerem "temos cá a Ana", os pais diziam "Então!? Têm cá uma menina nova?", "Então!? Tem cá mais uma colega?", os pais comentavam connosco, à Maria é que não perguntavam...

Sentiu-se bem recebida na instituição e ... em termos dos espaços institucionais, a instituição tem um espaço muito reduzido, mas teve acesso a todos os espaços?

Maria – Fui muito bem recebida, andava por todo o lado, nunca senti que não pudesse ir a algum espaço, nunca senti isso. Tive sempre abertura para ir onde quisesse, para estar onde quisesse, senti-me sempre muito à vontade nesse aspecto, gostava só de dizer mais uma coisa em relação a este acolher, fui bem acolhida, não tenho quaisquer problemas mas era a tal coisa de se calhar olharem para mim como estagiária e ver tanta gente a olhar para mim e às vezes dava comigo a

pensar “tanta gente a olhar, mas o que é isto?” (risos) “estão-me a ver, estão-me a observar!”, pronto era mais ou menos isso... mas penso que isto era natural, ao principio foi mais difícil, mas depois acabou por passar...

Laura – Não foram as pessoas que deixaram de te observar tu é que deixaste de te sentir observada!

Maria – Exacto....

Laura – Como a Inês há pouco dizia, isso faz parte de um processo natural.

Alice – É um processo de adaptação ao espaço, às crianças, à equipa....

Inês – No meu caso acho que também estabeleci relações com todas as pessoas desde a educadora, à coordenadora que também é educadora, ao pessoal da cozinha, auxiliares, a senhora dos serviços administrativos, tinha relação com toda a gente, cumprimentava toda a gente e falava com toda a gente todos os dias, com os pais acho que o processo foi mais...ahm... mais complicado ou mais difícil ou então era eu que tinha receio de chegar aos pais, depois fui chegando mas não foi assim, não foi assim um trabalho muito, ... muito aprofundado, mas fui-me chegando, fui cumprimentando, procurando saber se estava tudo bem naquele dia, mas não foi ... não desenvolvi um trabalho que um dia como educadora gostaria de fazer, não foi, foi muito superficial se calhar, acho eu ...

Alice – Eu penso que neste caso concreto pode ter tido a ver com o meu trabalho com as famílias que também não é o que eu queria fazer quando fosse educadora (risos), mas eu tenho consciência disso e nós falámos sobre isso varias vezes, porque eu considero que é um dos meus pontos fracos, que pode ter a ver com muitas coisas, isto é, não está de todo... ahm... da forma como eu gostaria, então talvez, por reflexo, por arrastamento ... ela, enquanto estagiária, não apostou no trabalho com as famílias, o que é natural... eu vejo como natural, porque eu própria não apostei pelas mais variadas razões e se calhar isso reflectiu-se na intervenção dela, se calhar não, reflectiu-se mesmo, penso que isso é perfeitamente natural, mas a relação estabelecida pela Inês com toda a equipa da instituição foi ótima

Laura – A Maria, por exemplo, onde eu acho que falhou e falhou porque este ano, pelas mais diversas razões, a integração dela não foi feita como nos anos anteriores em que elas participam na reunião de pais e são apresentadas aos pais, participam com as auxiliares em reuniões e são logo apresentadas, eu recordo-me que os pais a viam como nossa colega ali, portanto, para eles a presença dela era normalíssima e ela esteve implicada connosco naquele projecto de irmos às visitas e ao trabalho dos pais e portanto era vista como uma outra de nós que estava a desenvolver aquele trabalho e portanto ...

Eu recordo-me que nos vossos registos uma coisa que eu achei muito interessante e vocês agora não estavam a referir é que ambas as alunas e vocês enquanto educadoras referem o contacto, por exemplo com... lembro-me com a chefia, lembro-me com a chefe da divisão social, a Inês refere algumas reuniões com a educadora cooperante e com a educadora de apoio, onde discutem os casos relevantes, fazem visitas à escola do 1º ciclo e vocês referem saídas ao exterior, portanto dá ... quando nós lemos os vossos registos percebemos que vocês não se cingiram ao espaço sala mas há uma amplitude muito maior. Não sei se querem falar um pouco sobre isso? Este procedimento aconteceu por acaso ou foi uma intenção de integrar as alunas ou elas tiveram que “imporem” a sua participação?

Laura – No nosso caso estava programado já a longo prazo, não tínhamos exactamente o mês certo em que iríamos fazer isto ou aquilo e depois da Maria já ter saído continuámos com as nossas saídas, fomos com as crianças, com algumas, principalmente com as que vão embora, visitar as zonas onde moram para aprenderem onde vivem, para saberem o número da porta, o botão em que tocam para o elevador, o andar e a rua por onde vão, portanto uma carrinha vai lá, a Maria já não participou, mas é uma coisa que nós vamos sempre fazendo com as crianças que saem, quase todos os anos fazemos, a questão das profissões dos pais calhou ser numa altura em que a Maria estava mas não foi propositadamente por ela estar, no entanto se estas actividades não estivessem planeadas teríamos que ter planeado alguma coisa para que a Maria tivesse acesso ao exterior e a outras coisas, ela foi também... Não foste à visita ao padeiro?

Maria – Fui.

Laura – Portanto, as saídas e os contactos já estavam agendados, mas se não estivessem com certeza que teríamos o cuidado de podermos planejar algumas actividades em que ela não estivesse apenas só na sala, não foi preciso planejar propositadamente mas eu penso que há sempre que ter esse cuidado, não é? Penso que é importante para elas o trabalho delas não se cingir apenas à sala, mas também acho que é importante para elas perceberem que não é difícil, que se pode fazer e que é fácil de fazer e que é importante o exterior e que é importante conhecer a comunidade, por acaso este ano aconteceu, no ano em que estávamos na ESE a tirar o complemento, fizemos aquele trabalho de reconhecimento dos cafés, dos cabeleireiros, de tudo o que havia ali na nossa zona e fizemos a planta, este ano não aconteceu...

Alice – No nosso caso foi..., é como a Laura diz, não se planeou de propósito nada para... por a Inês lá estar... apesar de eu ter ... ahm... não aconteceu nenhuma reunião de pais, mas eu até queria que isso tivesse acontecido, mas depois não deu para acontecer, se tivesse acontecido teria sido a actividade programada em função da presença da estagiária, ou seja, para que ela pudesse ter participado numa reunião. No entanto, apesar de nada ter sido planeado especialmente para ela, a sua participação foi o mais intencional possível. A maior parte das coisas que eu faço enquanto educadora cooperante tem a ver com a minha experiência como estagiária. Então, porque eu não tive essas experiências e sentia a falta delas, quando me colocaram a questão de ser educadora cooperante foi logo um pensamento que me surgiu: a estagiária teria que participar em tudo! Assim, e porque o trabalho do educador não passa só por estar na sala, nem é relacionado só com a auxiliar, há todo um trabalho paralelo a isso, eu sempre que tinha um trabalho para realizar fora da sala "arrastava-a" comigo. Ela assistiu a todas as reuniões porque considerei importante que ela participasse em toda a vida da instituição, que ela percebesse que ser educadora de infância é mais do que ter um grupo de crianças é desenvolver um trabalho muito interessante no exterior das nossas quatro paredes, é falar com os técnicos de apoio a crianças que estão integradas, é reunir com o pessoal, é programar, é avaliar, é repensar a nossa acção, é partilhar, é inovar... sei lá é tudo isto e ela só poderia perceber toda esta dinâmica se estivesse ao meu lado, se partilhasse comigo estas "tarefas", não no sentido de me desresponsabilizar e ser ela a responsável, não era para ela estar a par de tudo, estar por dentro de todo o trabalho... Eu quando fui estagiária não fazia ideia de todo este mundo em que depois me inseri, há relatórios que têm que ser enviados para os médicos, há terapêutas que necessitam do nosso apoio, há auxiliares que precisam de mim ali ao lado... por isso achei que a Inês tinha que participar. Claro que nalgumas situações tive que falar com os pais, quando por exemplo, era com os pais e explicava-lhes a importância dela estar presente e se eles não viam problemas (porque estavam no direito de não permitirem que ela participasse). A participação da aluna na instituição foi muito intencional, foi muito pensada.

Lembram-se de ter existido algum conflito ao longo do estágio? Ao nível das relações interpessoais.

Laura – Penso que numa reunião...

Inês – Eu tive foi comigo mesma...

(Gargalhada)

Maria – Mas connosco ou?

Laura – Na equipa...

Maria – Essa reunião em si mesma foi um autêntico conflito.... (risos)

Esteve nessa reunião?

Laura – Eu já não me recordo.

Maria – Estive.

Laura – Porque tudo o que ocorria durante as reuniões não era nada evitado pela presença da estagiária, ou seja, o que tínhamos que conversar ou que discutir ou que abordar naquele dia era abordado, o facto de estar a Maria não era impeditivo de alguma coisa que se tratasse e a Maria teve essa experiência... eu lembro-me desta reunião mas não me consigo recordar...

(Risos)

Maria – A reunião em si foi muito confusa...

Laura – Eu ainda há dois dias tive que promover uma reunião que foi um autêntico conflito, mas é muito importante que os conflitos sejam discutidos porque se andam ali e não são discutidos é que é mau... portanto é muito importante...

Maria – Nessa reunião, eu lembro-me que a ordem de trabalhos era uma e não se falou ... só se falou de um ponto, que foi o tal que deu bastante que falar...

Achou que foi importante para si participar nas reuniões e concretamente nessa reunião?

Maria – É assim, eu não... eu estava lá mas ... nem sequer abri a boca... era a tal coisa eram assuntos que já vinham de trás, antes de eu estar...

Mas o facto das pessoas terem abertura para o discutir na sua presença, foi ou não importante?

Maria – Foi, porque no fundo estavam a ver-me como mais uma pessoa ali na sala ...

Inês, há pouco dizia que só teve um conflito e que foi consigo mesma. Isso tem sido uma constante no seu discurso, de qualquer das formas como é que o foi resolvendo ... já falou um pouco sobre isso, mas foi sempre recorrendo à reflexão com a educadora ou foi encontrando outros modos, outras formas de o resolver durante o estágio?

Inês – O conflito interno que me assolou durante um grande período do estágio, eu “resolvi-o” com uma constante reflexão com a Alice, foi conversando sobretudo com a minha mãe e com alguns amigos e foi experimentando, não ter medo de experimentar porque o meu maior receio era experimentar e falhar e depois que esse erro não desse para voltar atrás, fosse prejudicial em função da crianças ou do trabalho de equipa, só que eu pus na minha cabeça que não tinha que ter medo de avançar, eu tinha que fazer, tinha que aceitar e acho que realmente foi o aceitar e quando ao principio a Alice falou em nos deixarmos ajudar, isso também foi importante e eu descobri que é possível deixar-me ajudar também, além disso acho que foi também tudo uma descoberta muito, muito pessoal e foi o reflectir, foi o pensar, foi o ir fazendo durante o estágio e de facto ser-se aceite pela equipa da sala e pelo próprio grupo de crianças que eu acho que também me ajudaram muito a conquistar cada etapa, eu acho que isso foi... eu não fiquei só pelo reflectir, eu pensei, mas eu também agi, se calhar fui agindo lentamente, mas esse era o meu ritmo...

Alice – No essencial foi um processo mais difícil ou mais demorado porque passou, pelo menos do meu ponto de vista, não foi só um amadurecimento académico ou profissional, não só em termos de trabalho, de estágio, mas foi um amadurecimento pessoal, mesmo, em termos da pessoa que a Inês é ... lá está o Saber que claro é impossível separar dos outros saberes e se calhar aí este processo foi mais doloroso para ela porque era paralelo, havia um crescimento da Inês enquanto estagiária e da Inês enquanto pessoa, era o crescimento do Saber e do Ser e conseguir conjugar estes saberes não é fácil, mas ela não desistiu.

Inês – Eu referi isso também no dossiê de estágio, na avaliação e na reflexão final, eu sinto que foi um processo muito pessoal, um crescimento muito pessoal, não foi só académico, ainda que este também tenha acontecido.

Mudando um pouco de temática, eu gostava que falassem um pouco sobre a metodologia proposta pela ESE. A organização do estágio, as trocas, ainda que já tenham falado um pouco sobre isso, a distribuição no tempo. As características que estão inerente ao modelo que a ESE propõe enquanto modelo de supervisão.

Inês – Sinceramente eu gosto muito da forma como a ESE está connosco e acho que não é a ESE são os professores, tem muito a ver com a forma de estar dos professores que estão connosco, dos orientadores, tem a ver com a forma de ser professor dos professores que estão connosco, fui clara? Eu acho que estão muito presentes e isso é fundamental, se calhar o que eu... e é muito pessoal, o que me faltou um bocadinho mais a mim foi mais tempo para conversarmos nos dias da reflexão na ESE, o tempo parecia que voava não dava tempo para conversarmos tudo, havia tanta coisas para dizer, mas eu pensava e os outros? Nós somos vinte e tal e o que os outros têm para dizer? Pronto, eu acho que os tempo de reflexão são poucos, eu acho, ou então terão que ser, eu não tenho ideia nenhuma, mas se calhar terão que ser estruturados de forma diferente, de maneira

que se fale especificamente de determinado assunto, mas que se fale, que se fale mesmo sobre ele que não fiquem questões a pairar no ar, porque havia momentos em que eu senti, eu não percebi...

Quando diz que falta aprofundar mais um determinado assunto, sente que nestas reflexões aquilo que falta é mais um suporte teórico ou um espaço para vocês...

Inês – Eu acho que o que falta é um espaço para nós falarmos, para partilharmos as nossas experiências, isso e incentivar também as pessoas a partilhar, eu acho que existe muito receio de falar das experiências que correram bem e das que não correram tão bem e acho que isso é importante porque só nos ajuda, também como nunca se fez ... não sei de quem é a culpa, não sei se fomos nós que não aproveitamos os espaços que nos deram ou se esses espaços não nos foram mesmo dados... eu hoje acho que foram, mas na altura!...

Maria – Eu acho que a Inês já disse tudo... sei lá ... é a tal coisa, eu acho que há muito medo de expormos as coisas, não as que correm bem, porque se calhar as que correm bem nem ligamos tanto, é mais falar das que correm menos bem, porque é aquele medo "ai eu vou dizer isto e depois vão pensar que o estágio não...", porque se tem um bocadinho a ideia que se as coisas não nos correm bem já não vamos ser boas educadoras, ou já ... ou se calhar não ficamos muito bem vistas...

Alice – A culpa é sempre da estagiária....

Maria – É...

Quando diz, tem-se um bocadinho a ideia... está a referir-se a quem? Quem é que acha que tem essa ideia?

Maria – Eu acho que fica... pronto, eu na turma não ... eu pessoalmente não sinto isso, não sinto que a turma possa pensar "ah aquela correu-lhe mal porque ela não sabe fazer" ou qualquer coisa assim, pronto estes pensamentos assim, mas eu não posso falar pelos outros, mas se calhar pode ficar esse pensamento de as pessoas não exporem quando não lhes corre bem...

Ou acha que é também, como estão lá as docentes, se eu vou dizer que não correu bem, então...

Maria – Sim, se calhar também tem um bocadinho de peso, porque por exemplo, eu vou... quando vínhamos para a ESE nós somos cinco no meu carro e no carro expomos muitas ideias, muita coisa, fala-se de muita coisa, mais as que correm mal do que as que correm bem e no entanto na sala quando se falava eu não as ouvia dizer o que vinham a dizer no carro, pronto, se calhar porque têm medo de expor o que não correu bem ... eu falo por mim... eu também não falei, ou se falei foi muito pouco.

E as trocas?

Maria – As trocas, bem já falei há pouco, as trocas... as trocas foi o que me abriu os olhos (risos) ... fez-se luz.... (risos)

Mas porquê?

Maria – Não sei, eu nas trocas, estive num contexto que para mim é o oposto daquele em que eu desenvolvi o meu estágio, fui para um jardim de infância da rede pública e aquilo para mim foi um choque, contra aquilo a que eu estava habituada, porque ali era tudo muito certinho, era aquela... como é que eu hei-de explicar? Era a educadora que propunha a actividade, não eram as crianças que diziam o que queriam fazer, ou para que área queria ir, era a educadora que propunha a actividade e a actividade era totalmente dirigida, era como ela queria, ela pintava aquilo... sei lá de... por exemplo, uma estrela de encarnado, como eu assisti, ela dizer, mas onde é que já viste estrelas encarnadas? Era desse género, era tudo muito certinho, ela preocupava-se muito com o estético e com o bonito e com o belo e tem que estar tudo muito bonitinho para os pais verem.

Foi aí que se apercebeu das características do local onde estava a estagiar?

Maria – Foi, acho que sim, foi mesmo o choque ... assim que cheguei, se calhar no primeiro dia não senti tanto, mas depois comecei a aperceber-me e já estava desejosa de voltar (risos) ... mas acho que aqueles dias que passei na rede pública deram-me confiança, segurança, não sei... tinha

vontade de chegar lá e fazer as coisas diferentes do que tinha estado a fazer até ali, não sei... eu acho que foi o ver diferente...

Laura – São dois espaços que dá para ela ter ficado com uma experiência muito interessante, porque é assim, é outra segurança, embora ela possa ter esta opinião de poder contrapor a forma de estar, mas por outro lado, tenho quase a certeza de que quando ela lá chegou pensou "isto é que é sossego! Não é aquela confusão!", porque...

Maria – Foi um bocado essa ideia, porque aquilo estava tudo muito bem organizado, era tudo muito organizado...

Laura – E de facto, por um lado, alguma coisa de bom tu deves ter encontrado...

Maria – Sim, essencialmente deu para me confrontar com duas metodologias de trabalho completamente diferentes... pronto... em termos de termos de rotina... também porque era rede pública, tinha a hora do lanche em que as crianças iam para o exterior e não se fazia... da parte da manhã o tempo ... ou seja o tempo ali voava... às tantas quando elas começavam uma actividade, parecia que cinco minutos depois já estavam a acabar e eu ficava assim sem saber o que fazer... mas era a hora do lanche e àquela hora tinha que se acabar porque era a hora do lanche tinha que se ir para a rua e as crianças não podiam ficar dentro da sala, se ficava alguma lá vinha a educadora "vá tudo lá para fora, não quero aqui ninguém" e fechava-se a porta, mesmo que elas não quisessem tinham que ir, pronto. Às vezes acabavam por ficar sentadas a um canto porque não lhes apetecia brincar, mas ... era tudo muito imposto, tudo muito rotinizado, não sei...

Acha que as trocas a ajudaram a crescer?

Maria – Sem dúvida, pelo menos ajudaram-me a ter uma visão mais ampla do que se pode fazer em jardim de infância e como se pode fazer.

Inês – As trocas para mim foram importantes porque me deram oportunidade de conhecer aquilo que eu não via na "ARTE" e que era o trabalho com as famílias, porque onde eu estive nas trocas o trabalho com as famílias é muito interessante, é muito rico, mas ao mesmo tempo deu-me para perceber a importância da relação, dos afectos, da espontaneidade, da liberdade, da naturalidade, não da disciplina, faz isto, faz aquilo, portanto deu-me para valorizar as diferentes vertentes na área da educação, como elas são importantes, acho que foi essencialmente isso, e também deu para perceber o trabalho em equipa, o que é trabalhar em equipa, onde eu estive as auxiliares nem sempre desempenhavam o papel delas, era a educadora e a estagiária, mas isso era um trabalho que a educadora estava consciente e que estava a tentar melhorar, mas deu para perceber, não é que eu não soubesse que isso não existia mas deu para valorizar mais o que eu estava a viver no meu local de estágio, deu para perceber realmente o quão importante é trabalhar em equipa.

Não sei se querem falar um pouco sobre a metodologia de trabalho, a organização do estágio, houve um aspecto que vocês não falaram, não têm que falar, mas e que se prende com a tentativa de ... ou seja, esta organização do estágio pretende alternar a teoria com a prática, ou seja, está na sua base um modelo de alternância, como é que encaram esta metodologia? Acha que é importante na vossa experiência? Era preferível terem o estágio continuado? Ou?...

Inês – Eu acho que esta metodologia é importante, as paragens para obter informação, para reflectir sobre... para procurar livros, materiais... são importantes, mas houve momentos em que eu achei que haviam muitas quebras, mas se calhar também tem a ver com o facto de termos muitos trabalhos para desenvolver durante o estágio, porque tivemos mesmo, ou então fui eu que não... também passa por mim (risos) ... por não saber gerir o meu tempo, mas acho que tivemos muitos trabalhos que tinham a ver com o estágio em si e com o fazer, é a tal pressão, não há um trabalho que eu digo, que eu não me preocupei, um trabalho que fosse apenas um produto académico, porque por exemplo, no projecto de investigação eu não me preocupei apenas com o produto académico, eu preocupei-me realmente que resultasse com aquele grupo de crianças, ao nível educacional e digo isso no trabalho, mas acho que houve uma altura no estágio em que houve muitas quebras, mas ... eu acho que a articulação entre a teoria e a prática é importante, pelo menos este ano a organização foi um bocadinho melhor que o ano passado em creche, o ano passado eu entrei sem saber nada, acho eu e saí sem perceber nada ... se calhar não é bem assim, se calhar estou a ser um bocado radical, mas foi difícil perceber algumas coisas que depois só vieram a fazer sentido no 2º semestre quando demos alguma teoria e eu pensei bem isto é que era importante eu saber antes de ir para o estágio, pensei eu na altura, também é porque se calhar a

imaturidade, ser só o 2º ano, acho que sim, acho que é muito importante termos um suporte teórico para a nossa acção e eu penso que isso foi conseguido, as aulas articularam muito bem as questões teóricas com as questões práticas, mas volto a referir que teria sido muito importante termos mais tempo para reflectirmos, não sei bem como é que teríamos tempo para tudo, mas que teria sido muito importante, aí isso não tenho a menor dúvida.

Laura – Posso falar um bocadinho agora?

Claro....

Laura – O que eu senti foi que houve uma altura, senti isso nas estagiárias, mas também acho que foi sentido por nós e aliás eu reflecti sobre isso na outra reunião, é pena que o estágio não possa continuar por mais tempo, mas isso já se percebeu que é muito difícil, para não dizer impossível, por outro lado as trocas são extremamente importantes, eu acho que todas nós aprendemos porque temos... não é para termos comparação no bom ou no mau sentido é porque somos confrontadas com realidades diferentes, isto é um pouco como aquele exemplo, como é que a gente diz que o grupo dos nossos meninos é um grupo muito excitado, é um grupo muito difícil porque não temos mais nenhum para comparar, portanto é um pouco isto, nós às vezes fazemos castelos no ar ou fazemos uma leitura das coisas que é muito importante confrontarmos com outras realidades para poder perceber as coisas, para o bem e para o mal, não se está aqui a discutir se é bem ou mal, se é melhor ou pior, são realidades diferentes, formas diferentes de fazer, pessoas diferentes a pensar e que por muito mau ou por pior que seja do que aquilo que a gente viu ou que depois vamos ver melhor do que aquilo que vimos, tanto de um lado como do outro há sempre coisas importantes a reter, mas de uma forma outras de outra, mas eu acho que o importante das trocas é as pessoas poderem confrontar diferentes formas de fazer, de pensar e mesmo de ser e de se ser educadora de infância, eu acho que é fundamental e por isso é que eu acho que o trabalharmos com colegas diferentes, o discutir, o termos reuniões com outras colegas é aqui que se ganha, porque são formas de fazer e de olhar as coisas de modos diferentes, que vai ser um contributo para a minha maneira de ser, por muito que eu ache que esteja certa, ou errada, há um contributo do outro lado que ajuda a melhorar, sempre de uma forma ou de outra. Depois em relação à organização... ainda sobre a organização houve de facto a paragem temporal, mas que penso não foi muito positiva mas depois há outra paragem a seguir que foi muito longa, quando regressam há coisas que nós vamos fazendo que elas perderam e portanto há ali uma... uma... uma ruptura a dada altura quando elas vêm de casa de fazerem os trabalhos e depois voltam, foi um pena não ter havido continuidade, por um lado aquela paragem talvez não fosse tão má se não fosse tão prolongada, não sei muito bem! Na altura sei que sentimos isso e depois veio...

Foram os quinze dias das férias da Páscoa.

Laura – E parece que alguma coisa tinha...

Maria – E foi o mês de Fevereiro antes... notei mais nesse mês...

Laura – Foi o mês inteiro e depois as férias... e depois as coisas...

Maria – É que foi um mês de estágio, depois um mês de paragem, que são as férias de semestre, depois foram duas semanas, mais quinze dias de paragem e depois é que foram as duas últimas semanas....

Laura – Depois as duas últimas parece que vêm desgarradas, que vem soltas e depois essas duas últimas é numa fase em que elas vêm aflitíssimas e portanto quando a gente pensa agora há que reflectir mais, portanto aquilo que a gente idealiza que agora que já as conhecemos mais, vamos dar hipótese de elas ficarem sozinhas, é numa altura em que vêm muito atrapalhadas para o trabalho... por isso eu digo é logo no período mais pequeno que elas vêm mais aflitas...

Maria – Por isso é que eu digo que naquelas duas semanas foi assim... não sei... queria fazer tudo e não tinha tempo para nada (risos) porque era o projecto, era isto, era aquilo...

Sentem que foram muitos trabalhos...

Maria – Se calhar não são muitos trabalhos... é a forma de...

Inês – É o tempo...

Qual é a pertinência desses trabalhos para vocês? Foram pertinentes ou foi mais um trabalho académico que tinham que fazer e portanto tinham que gerir o tempo, tinham que se organizar...

Inês – Todos os trabalhos que eu realizei achei pertinentes. Não sei. Eu acho que todos eles foram importantes. Eu consegui aprofundar mais o facto de saber observar, como registar, as observações que eu fiz fizeram-me pensar sobre elas e está escrito e hoje eu concordo com isto e vamos ver se amanhã se calhar se modifica, foi importante nesse sentido, não cair nos tais vícios, por exemplo o projecto de investigação que foi o que me deu mais trabalho, o meu projecto eu considero-o pertinente achei-o importante, eu gostei de o fazer, demorei a entregar (risos) mas não foi por não o ter feito, é que estava farta de ler aquilo, mas gostei... gostei de fazer aquele trabalho. Farta, não no sentido de ser algo que não tivesse significado para mim, até pelo contrário, mas devido a um cansaço mental, que por vezes, (quase) não permitia o fluir das ideias, das intenções.

Como é que foram gerindo, durante o decorrer do estágio, a elaboração dos trabalhos? Foram partilhando com as educadoras o que tinham que fazer e foram solicitando e foram tendo apoio ou realizaram-nos “fora” do estágio, sem o apoio da educadora...

Inês – Durante o estágio, os trabalhos que eu fui realizando, fui sempre mostrando e partilhando com a Alice aquilo que pensava fazer e a Alice dava sugestões, umas eu aceitava, outras não... o dossiê foi uma partilha mútua, o projecto de investigação também, todas as questões que eu lhe colocava ... eu acho que foram trabalhos muito realizados em comum e acho que o resultado está à vista, é um resultado das duas, as aprendizagens foram muitas, eu consegui aprender muito com a realização destes trabalhos e com a partilha da educadora que me ajudou muito ...

Alice – A nota é minha também (risos)

Inês – É verdade...

Maria – Com os meus também foi basicamente assim, porque eu acho que cheguei lá na primeira semana e disse logo eu tenho que fazer isto

(Gargalhadas)

Laura – Mas ela não solicitava muito!

Maria – O que eu achava que precisava eu solicitava, eu acho que sempre expus.

Laura – Era e um dia chegou lá por causa daquela actividade organizada, do dia que elas tinham que planear e pôr em prática...

Maria – Um dia como educadora.

Laura – Tenho que fazer um dia, meu Deus, mas...desempenhou lindamente muito bem, não teve dificuldades, claro que levou e falou comigo “eu estava a pensar fazer isto e tal, o que é que acha?”, “Ah, sim!” víamos e ela levava para casa e no outro dia já trazia as coisas planeadas de outra forma, já as tinha reformulado em função das nossas conversas.

Alice – Eu concordo com o que tem estado a dizer, as paragens, as trocas acho que são muito importantes, mais para elas do que para nós, mas é sempre bom ter caras novas...

Laura – Achas? Eu gostava de trocar com as minhas colegas educadoras, ver como é que os outros fazem. Verdade! Por isso é que eu acho que isto é riquíssimo. Eu gostava!

Alice – E em relação aos trabalhos estava-me a ocorrer que na altura... vocês ainda não sabem... eu na altura não sabia também, mas a questão dos vários trabalhos para fazer enquanto se estagia, evidentemente que difícil, é uma dupla dificuldade, mas é também um treino para a vida profissional, porque nós quando começamos a trabalhar temos “n” áreas de intervenção a que temos que atender, a que temos que dar resposta, as famílias, a equipa, as crianças e afinal às vezes as crianças nem são o que nos preocupa mais na altura, porque há um conflito para gerir, ainda a Inês falou nisso há pouco, porque há o projecto pedagógico parado para pôr no papel, porque há o planeamento semanal, enfim...valem também... é evidente que valem pelos ganhos que nos trazem e pela reflexão a que nos obrigam os trabalhos, uma reflexão em que estamos ambas implicadas, mas valem também e eu só percebi isto agora, pela ginástica que nos obrigam a

fazer, nós estamos constantemente a pensar o que é que eu vou fazer quando sair daqui? “Tenho que ir fazer os trabalhos”, mas ao mesmo tempo ter que dar atenção às crianças, ter que registar e observar e não dispersar, então é bom também por isso.

Como é que viveram o acompanhamento que as docentes fizeram ao estágio? Falem um pouco do acompanhamento do estágio, por parte da docente que vos acompanhou, mas também tendo em conta a metodologia que a ESE propõe.

Allce – Eu penso que há uma coisa muito importante na forma como as docentes fazem o acompanhamento das práticas, é que primeiro não se avisa quando é que vão... que vão lá no dia tal... podem dizer para a semana... o que diminui um bocadinho a ansiedade, nem que seja um bocadinho só e depois a atitude não é a de fiscalizar, de ver elas estão a fazer bem ou estão a fazer mal e isso é muito importante, até para nós, porque quer queiramos quer não, somos uma personagem daquele quadro e também sentimos, “está a olhar para o que eu estou a fazer e para a minha sala!”, eu acho que isso é muito importante para as alunas se sentirem mais à vontade. Toda a postura é de diálogo, não é acusatória nem ver as falhas, nem isso fazia muito sentido! A ideia é dialogar e tentar perceber como é que o processo se está a desenrolar e ajudar na tal reflexão, a aposta é feita na reflexão e isso faz todo o sentido mesmo, portanto acho que a metodologia está ótima. Agora a velha história, se calhar se fossem feitas mais visitas seria melhor, mas isso é só para ficar registado (risos) ...nós já percebemos que é difícil e cada vez mais difícil, mas da minha parte eu penso que sim, que a “receita” está bem conseguida.

Maria – Eu para ser sincera, acho que tenho isto registado no dossiê, eu quando soube quem era a docente que me ia acompanhar no estágio fiquei com muito medo (risos). Fiquei mesmo, primeiro era outra professora que ia, mas depois por razões que as professoras nos explicaram mudaram e eu quando soube fiquei mesmo com muito medo. Mas depois da professora lá estar, nem senti a professora entrar, não senti a presença da professora, mas é verdade a professora tem um poder de observação muito grande (risos) porque as coisinhas que ela achou... pronto que ...e que no fundo depois reflectimos e que se calhar tinham razão de ser, ela depois quando nos juntávamos ao fim para reflectir, ela tinha lá tudo registado! Eu não a via a olhar assim para mim com olhos de... pronto me estar sempre a ver, mas tinha lá tudo registado. Acho que é como a Alice diz, se fossem lá mais vezes se calhar ajudavam-nos mais, se calhar... não sei... de resto se a professora lá tivesse ido mais vezes, se calhar depois já não sentia nada...

Inês – Ahmm...

Maria – Quer dizer há sempre aquela coisa, a professora hoje está aí, pronto... não por ser aquela professora, mas porque no fundo estamos a ser avaliados.

Sente-se a ser avaliada enquanto lá está a docente?

Maria – É a tal coisa eu não me sinto avaliada porque não vejo a professora ali em cima de mim a ver tudo o que eu estou a fazer, mas sei que no fundo o papel dela é esse e convém que nós tenhamos o cuidado redobrado daquilo que costumamos fazer.

Inês – Eu não me senti avaliada, nem observada quando a professora... ela foi lá duas vezes e eu não dei por a professora entrar, quando olhei para trás já ela lá estava...

(Gargalhadas)

Inês – ... e para mim foi importante a disponibilidade e a abertura da professora, isso para mim foi fundamental, parece que dizia as palavras certas no momento certo, ajudou-me muito e a abertura também ao facto de ... pelo facto de nós termos solicitado no final o ano lectivo nos darem um feedback do percurso e falarem um pouco sobre isso e terem aceite essa proposta e terem-no feito, que era uma coisa que eu sentia do ano passado, do segundo ano, que não havia ou que não houve tempo, acho que isso também foi muito importante porque nota-se a tal abertura dos orientadores, dos professores que nos acompanham, nota-se uma grande proximidade, uma grande cumplicidade, uma grande intimidade com o trabalho que nós desenvolvemos. Mesmo tendo realizado poucas visitas às nossas práticas nós constatávamos uma grande intimidade com o nosso modo de sermos educadoras, sei lá, mesmo não indo lá, elas sabiam de tudo, ou quase tudo. As educadoras referiam-nos que tinham uma grande proximidade com as professoras, mas nós nem sempre “acreditávamos”, mas na realidade sempre que surgiam alguns problemas as professoras estavam a par e perguntavam-nos como é que estavam as práticas a decorrer e se sentíamos necessidade de uma visita extra. A equipa de professoras do 3º ano é muito coesa, nós sentíamo-

nos bem com elas... as vezes sentíamos que nem tudo estava bem, mas elas tentavam não deixar transparecer e para nós isso é muito importante... sim porque também aprendemos a trabalhar em equipa com as professoras.

Alguém quer dar um contributo?

Alice – Eu concordo.

Laura – Eu penso que as situações foram interessantes eu tinha a ideia e sempre defendi isso, que as visitas eram poucas, mas ... pronto, fiquei um bocadinho mais descansada quando percebi que se houvessem algumas questões que iriam lá sempre que fosse necessário e isso aconteceu tanto a Maria como a colega das trocas, teve imensa piada porque a professora nem lá ia para a ver, ia ver a aluna do 4º ano, mas acabou por estar no contexto de avaliação e de observação e foi giro porque quando reflectimos, reflectimos todas juntas [as alunas do 3º e do 4º ano] e isso foi muito interessante porque de facto deu algum confronto de ideias e de opiniões interessantes, entre as duas alunas, o que é que uma e outra achavam. Isto foi interessante.

Laura, desculpe interrompe-la, isto porque a professora que acompanhava o estágio da aluna do 4º ano se cruzou no mesmo espaço e tempo com a aluna do 3º ano.

Laura – Exacto.

Portanto foi ver a aluna do 4º ano e...

Laura – Mesmo com a Maria isso aconteceu, houve dias que não ia para ver a Maria, mas que...

Maria – Houve um dia que...

Laura – E nós acabámos por ficar todas juntas, porque depois nós conversávamos todas juntas, fomos para o café todas juntas e conversávamos sobre o que se passava com todas e isso foi interessante tanto no estágio da Maria como no estágio da aluna das trocas porque ... pronto foi interessante ... porque havia algumas perspectivas da aluna e foi contrapor... foi... houve contraproposta, no fundo o que é que esta aluna pensa e porquê, o que é que esta pensa, porque é que uma tem uma visão e a outra tem outra, é interessante, são duas pessoas diferentes, o contexto era o mesmo, isto é que é interessante, porque o contexto era o mesmo, as pessoas que estavam em questão eram as mesmas, portanto as pessoas da equipa eram as mesmas, a única coisa que diferenciava era a forma de olhar das alunas, o que é muito interessante, foi um contexto de reflexão muito, mas mesmo muito interessante, pronto, eu penso que isso colmatou alguma falha pelo facto de irem lá sempre que necessário, porque senão poderia ser um bocadinho grave, não é? Eram poucas vezes e as alunas, principalmente as de 4º ano, eu acho que precisam de um acompanhamento especial. É que no 3º ano nós pensamos "ainda há mais um ano", agora no 4º já não há.

(risos)

Laura – É verdade, há sempre mais um ano, isto também com as crianças, as crianças não aprendem a falar, têm algumas dificuldades e nós dizemos "Oh meu Deus, será que ...? Ah, mas ainda são pequenas, ainda têm mais um ano!" e aqui há alguns cuidados a ter, eu acho importante que se tenham no 3º, mas no 4º ano há lacunas que não podemos deixar passar e portanto eu acho que é fundamental este acompanhamento.

Deixem-me só pegar numa coisa que a Laura agora disse e que eu gostava que vocês explicitassem. Penso que também no caso da Alice são referidas nos vossos registos muitas saídas para o café, ou seja, muitos momentos de reflexão são realizados no café. Porquê esta opção? Por falta de espaço na instituição? Foi uma opção intencional?

Alice – Nós íamos para o café mas não era, mas não eram as nossas reuniões....

Inês – Não era para reflectir

Alice – Talvez fosse no caso da outra educadora que ela fazia as reflexões no café.

Laura – O que eu penso que se passa é o seguinte, aproveita-se o momento de ir tomar café e às vezes as coisas são desmistificadas de forma diferente também, pode não haver um propósito mas por exemplo, houve duas situações que não foi de propósito, mas foi quase, eu não comentei isto

com a Ana, por acaso o que se passava não era com ela era com a aluna do 4º ano e portanto a aluna, não era eu que supervisionava o estágio dela, era a outra colega educadora, mas que lá não se sentia à vontade para vir ter comigo, ultimamente vinha portanto, vinha mais para me expor algumas coisas, se fosse num clima diferente, num ambiente de conversa se calhar as coisas eram abertas e um dia que a Maria falou, a aluna do 4º ano perguntou-me “A Laura tem um bocadinho para mim?” e eu respondi “tenho” e portanto fomos até ao café e falámos de uma questão sobre o tema projecto, ou seja ela não sabia qual era o tema que iria abordar no projecto e a Maria... portanto todas nós nos sentimos envolvidas na conversa e dissemos o que é que achávamos, o que é que faria se fosse eu, lembras-te? Portanto eu penso que há momentos em que estar num café é mais propício, porque é mais informal, a questão do café, porque às vezes há coisas que nós conseguimos apanhar e que não apanhamos se estivermos no equipamento, porque eu não me ia sentar por exemplo com a aluna, havia dias que não vinha com o propósito nenhum e não era nada propositado, fomos ao café, bebíamos uma água e falávamos, mas de facto, o café eu continuo a achar que é um sítio propício para a discussão de algumas situações...

Mas é também uma forma de rentabilização do tempo, ou não? Como referem que não tinham muito tempo...

Laura – Sim, sim, era uma forma de aproveitamento do tempo, nós fomos ao café e podíamos falar das coisas mais diversas, dos nossos filhos, do cinema, de outra coisa qualquer, mas aproveitávamos essencialmente para falar do estágio, até porque como temos pouco tempo é um sítio onde as pessoas estão descontraídas, estão à vontade, começamos por falar de coisas nossas, pessoais e em pouco tempo, mesmo sem nos apercebermos, já estamos a conversar sobre o nosso trabalho, o jardim de infância, as crianças ... já é um círculo vicioso, não saímos dali, um círculo do qual nós não conseguimos fugir mas que às vezes é muito importante e há coisas que se calhar eu não iria falar com a aluna do 4º ano e se estivermos no café, se for uma conversa que vem “à baila” como se costuma dizer, pois as coisas são discutidas e estas conversas ajudam-nos a regular a nossa intervenção, ou seja, com as conversas que eu tenho com as alunas em contexto informal, eu ... nós conseguimos informações que nos facilitam a intervenção, portanto, às vezes, ou na maior parte das vezes ajuda e nós fazíamos isso, se calhar muito vezes não foi com intenção, mas o que é facto é que havia uma auto... uma ...auto e hetero regulação das práticas e a presença das alunas, ou seja a partilha de conhecimentos das alunas connosco e nós com elas é muito importante e volto a dizer que o café, o contexto mais informal ajuda muito...

Estamos quase a terminar e eu ainda gostava de vos fazer pelo menos mais uma pergunta. Consideram que esta experiência que tiveram, enquanto orientadoras de estágio, enquanto supervisoras e vocês enquanto estagiárias, consideram que esta experiência contribuiu para o vosso desenvolvimento pessoal e profissional? Como?

Inês – Quanto a mim acho que foi ... acho que até foi o lado mais... foi a descoberta mais importante que eu fiz ao longo do estágio e ... sobretudo porque acho que fiquei a conhecer-me um pouquinho melhor, a aceitar as tais fragilidades, os tais medos, os meus limites também, as nossas competências, as expectativas, os elogios... foi em todo esse processo que eu Foi com todo esse processo que eu aprendi a olhar um pouco mais para mim e a aceitar todas essas qualidades e defeitos que fazem parte de mim e que fazem de mim pessoa e fui fazendo do tal medo um trampolim e não um obstáculo ou um muro, uma barragem que não nos deixa avançar e acho que essa foi a parte mais importante do estágio, por isso é que eu acredito que... ainda bem que não entrei no primeiro ano que concorri... porque senão nada disto teria acontecido...

(risos)

Inês – A sério! Nada disto aconteceu por acaso! Para mim foi fundamental e eu acho que o contexto facilita muito, a educadora, a equipa, os professores, a turma... tudo tem influência no nosso percurso... estes elementos foram pedras basilares do meu percurso... ainda estão a ser!...

Acha que ter sido estagiária desta educadora teve influência?

Inês – Eu acho que teve muita influência...

E nesta instituição...

Inês – Teve muita influência, mas sobretudo pela atitude da própria educadora que eu acho que tem muito a ver com a sua personalidade e também com a profissão... eu acho que foi muito importante, eu só espero é não fazer de todas estas experiências para o ano, algo que me vá bloquear, ou seja,

eu estive num contexto que não foi problemático e as coisas até acabaram por correr bem eu se calhar é que estava a querer complicar...

Alice – É verdade!

Inês – Mas o meu maior receio é esse é como lidar depois com um contexto em que as coisas são mais difíceis e se estou preparada para esse contexto, essa é uma preocupação que eu tenho para o ano, mas agora estou de férias!

(gargalhada)

Maria – Posso? Em relação a uma pergunta que a professora fez à Inês, eu tinha qualquer coisa para dizer, mas agora não me recordo...

Eu tinha pedido para conversarmos um pouco sobre como é que esta experiência contribuiu para o vosso desenvolvimento pessoal e profissional...

Maria – Ah! Sim! Pronto, eu... a Inês estava a falar e eu acho que os estágios que nós já fizemos ao longo do curso acho que este estágio foi aquele em que eu, para já cresci mais, aprendi a ver as coisas como elas realmente são, a reflectir mais ... a aceitá-las... a aceitar, principalmente a aceitar as coisas que faço mal, bem ... mas acho que sobre estas não é preciso discutir muito (risos) o pior são as que correm mal ... eu acho que este estágio, principalmente a partir de Março, até Março nem por isso, se calhar aquela paragem até fez bem... para reflectir sobre o que é que estava a correr e o que não estava a correr assim tão bem, mas acho que a partir de Março, não sei... é a minha opinião! Na minha opinião acho que me ajudou bastante talvez por estar no sítio onde estava, por ter a relação que depois estabeleci com a educadora, acho que cresci, não digo bastante, mas cresci bastante em relação aos estágios do ano passado, em relação à minha pessoa, acho que este ano está avaliado pela positiva, ao contrário, pronto não digo que o ano passado não tenha crescido, também porque o ano passado...

Acha que cresceu só como pessoa ou também cresceu como...

Maria – Cresci como pessoa e profissional! Pronto, porque em relação, por exemplo ao estágio do ano passado, correu... o segundo período de estágio da creche, talvez por o primeiro ter corrido maravilhosamente bem, depois em Março foi mais difícil, mas não havia espaço para a reflexão, eu não tinha a abertura como tenho agora se alguma coisa corresse mal, chegar ao pé da educadora e falar com ela, expor logo tudo e se calhar por não haver esse espaço para a reflexão, por ter que ser eu própria em casa a ver as coisas, mas ter que ficar com elas para mim ...

Quando diz que não havia esse espaço, acha que foi a Maria que não criou esse espaço ou é a própria dinâmica do estágio do segundo ano que não implica esse espaço de reflexão?

Maria – Para começar, se calhar se eu tivesse investido mais na relação com a educadora, se calhar as coisas tinham sido um bocadinho diferentes, mas também não sei... às vezes nós quando olhamos para uma pessoa sentimos uma empatia, uma cumplicidade e uma abertura "olha com esta educadora vou-me dar bem, vai correr tudo bem... ela está a tentar...", foi o que eu senti este ano... em que não tive qualquer tipo de problema, não vou dizer que tive problemas porque não os tive, o ano passado não! Eu olhava para a educadora e ela não mostrava uma grande abertura, não sei, não se expunha ou... não sei, eu sentia que faltava ali qualquer coisa e a talvez por ter que reflectir só para mim e tinha que ficar com tudo para mim, não lhe podia dizer a ela, não cresci tanto como cresci este ano, acho que foi basicamente isto....

Laura – Em relação à Ana, eu acho que ela escrevia muito, registava muito e então eu tinha sempre, é um cuidado que eu costumo ter com todas as pessoas que vão para lá "então, não queres reflectir sobre nada? Não queres falar sobre nada? Atitudes dos adultos, das crianças, de alguma coisa que tenhas visto, que concordes, que não concordes? Independentemente de eu concordar ou não, mas que se fosses tu, fazias assim e já que ela escrevia tanto ela tinha que ter coisas para dizer (risos), portanto isso é extremamente importante, porque a pessoa até pensa mas possivelmente tem algum receio, ao principio eu senti que de facto a Maria dizia, ela nunca deixou de dizer, mas talvez não se abrisse tanto, porque eu como educadora cooperante, pronto também já são alguns anos e a gente percebe quando até quando é que a aluna diz tudo ou não diz, concorda ou tem alguma coisa que tem receio de passar e que pronto, porque é complicado falar das colegas ou estar-me a dizer que não concorda e eu dizia isto muitas vezes, mas digo isto a todas, "podes falar das coisas que não concordes, mesmo das coisas que eu faço! Não é só das auxiliares,

portanto coisas que não concordes! Que se fosses tu não fazias!” e de facto a Ana, bem mais próximo do fim, ela abriu muito mais, falava naturalmente das coisas, primeiro com algum receio, porque ia dizendo mas... “Havia uma situação, um registo que eu tenho que até... pronto... não sei... o que é que a Laura acha! Mas eu não concordo muito!”, mas para o fim já era “Laura, vi realmente uma coisa com que eu não concordei!...” e conversávamos sobre esse assunto, portanto já de colega para colega, com uma abertura completamente diferente sem estar à espera se eu realmente dizia “está mal ou não está mal”, se calhar ela também já me estava a conhecer suficientemente bem para saber que se eu soubesse que aquilo tinha sido feito, eu não gostaria, porque não estava correcto! Portanto houve ali uma cumplicidade muito grande, já foi uma abertura completamente diferente do primeiro semestre e depois... É assim eu acho que aprendi muito com a Ana, eu dizia isto à professora, porque achava graça, “Ai meu Deus, eu gostava de ser como ela (risos) ... porque ela é muito organizadinha e acho que ela não deixa para fazer amanhã o que pode fazer hoje”, portanto eu às vezes já...

Maria – Nem tudo (gargalhada), nem tudo...

Laura – Mas é muito cuidadosa, muito organizada e vinha logo com as coisas e... mas depois também tinha uma... e eu achava muita graça... porque, ela ia-se vestir e então pronto, então vou-me olhava para o relógio e ia-se vestir e tal... lá a via eu vir com os saquinhos, com tudo, lá vinha a Maria e ia-se despedir a todos os cantinhos onde estivessem pessoas! E eu achava muito graça àquilo, porque eu digo “adeus meninos, adeus, até amanhã!”, eu e depois ainda volto e depois já não digo ou vou e depois falta-me uma coisa e depois ainda e depois já não digo porque já disse, ela não! Era aquele ritual!

Alice – Ela era organizada até nas despedidas!...

(Gargalhas)

Laura – Ia, vinha, até amanhã!... Até amanhã! ... Até amanhã... ai meus Deus pensava eu, eu tenho que aprender isto! Eu achava imensa piada e depois reflecti sobre a atitude dela, realmente não custa nada a gente dar dois passos e ir lá dentro, porque umas ouvem, mas as outras não ouvem. E pronto era muito organizada, muito ... às vezes eu estava atarefada e “ai meu Deus, já não registei uma coisa. Oh Ana, tu registas-te?”... “registre, registre!”, ela ajudava-me muito, nós completávamo-nos.

Alice – Agora posso!?... No início da entrevista já tínhamos falado das vantagens de se ter estagiárias, eu só me ocorre agora dizer que eu senti-me um bocadinho como quando estagiava, os dias de reflexão na ESE, nós estávamos sempre desejosas que esse dia chegasse porque tínhamos tanta coisa para dizer e enfim, depois o tempo não dava! Nada mudou, os sentimentos são os mesmos! E eu quando a Inês não estava apetecia-me ter aquele bocadinho diário de ir reflectir porque fazia falta e a dada altura já ... já púnhamos as coisas de forma “o que é que tu achas sobre isto ou se fizemos assim?”, a relação não era já de “eu sou a cooperante, a minha sabedoria é esta” e “a estagiária”, aliás nunca foi mas... a dada altura deixou mesmo de haver hipótese de isso alguma vez vir a acontecer porque estabeleceu-se de facto uma relação recíproca de troca e isto ajudou muito, isto é muito importante a presença da estagiária “obriga-nos” a parar a reflectir, porque se ela não está reflectimos apenas com a auxiliar, que é muito importante, mas também é muito diferente, a troca de saberes que se faz entre educadora e estagiária é recíproca e é muito rica, ajuda-nos a crescer mutuamente. É neste sentido que o estágio mudou o rumo do meu percurso profissional, ou seja, é neste sentido que o meu percurso é enriquecido com a presença das estagiárias... a nível profissional ajudou-me a evoluir bastante! ...

Laura – A presença delas obriga-nos mais a falar das coisas que nós às vezes... mas há uma coisa importante, desculpem lá mas eu tenho que dizer isto, que eu achei giro à bocado uma coisa que a Inês dizia e que era que nas reflexões aqui das aulas que havia de haver mais tempo para a conversação e para a reflexão, não era?

Inês – Sim...

Laura – Eu tenho a impressão, não sei se isto é verdadeiro porque sou eu a pensar já sobre as palavras da Inês, mas... eu penso que isto tem um bocadinho a ver com as respostas que a gente quer obter e não obtém! Portanto, a gente quer aprofundar uma coisa e não temos ninguém que nos dê uma resposta ... ninguém nos dá uma resposta definitiva, como é lógico, ou seja, não há respostas para muitas perguntas que nós fazemos e tem que ser descoberto e temos que as descobrir, mas de facto às vezes algumas dicas da parte do outro ajudam-nos e já ficamos

satisfeitas com meia resposta ou com quase resposta e quando as coisas são só colocadas e depois não temos a outra parte parece que vamos assim um bocadinho vazias, realmente ficou muito por dizer, ficou muito por reflectir e isto passa-se exactamente nas reflexões de estágio quando vai a professora e neste aspecto eu tenho que tirar o chapéu à professora que acompanhou a Ana, porque isto ajuda muito e tenho crescido muito e aprendido muito com ela, mas é assim eu penso que se calhar haviam estágios que nunca poderíamos avançar em termos positivos. É muito importante poder abordar as questões e discutir os problemas, porque eu penso que nós não temos que fazer redundância aos problemas, confrontar as alunas e a nós próprias e discutir e perceber onde é que se pode melhorar, o que é que se pode fazer e como é que se pode dar uma viragem que eu comparo exactamente com essas reflexões, ou seja, se nós vamos reflectir, mas vamos com ... importante também às vezes, desculpem o termo, com paninhos quentes, é importante respeitar, irmos devagarinho, fazermos uma abordagem que não fere a opinião da pessoa mas também penso que temos de ser frontais, por um lado e chamar as coisas pelos seus nomes, porque isso ajuda-nos a crescer nunca... eu penso que nós não crescemos se passarmos a vida a contornar os problemas e a ter muito cuidado, não é? E é nesse aspecto que eu acho que foram muito importantes as reflexões conjuntas entre o 3º e o 4º ano porque é uma forma de ter uma maior abertura e percebermos o que está mal e de facto há coisas que estão mal na instituição e que a educadora podia ter feito de outra maneira, mas também há coisas que as alunas podiam... e é este confronto e isso é importante, a professora teve oportunidade de dizer às alunas, vocês podem ser frontais e conversar porque as educadoras não vão de forma nenhuma ter outra forma de proceder e outra forma de actuar convosco mesmo que vocês digam todas as verdades! E isto é verdadeiro! Portanto há que abrir o jogo, porque só assim é que a gente cresce e só assim é que podemos ajudar, tanto nós as alunas como as alunas a nós, porque é nestas reflexões que podemos... porque às vezes há coisas que ficam no ar, que não estão esclarecidas, não é? E que se houver esta hipótese... se a aluna não nos diz, nós não... não é defendemo-nos não, atenção! Não é que a gente tenha um espaço a defender, é um espaço para reflectir e se a estagiária diz "olhe eu até vi isto e não concordei", nós podemos dizer, eu concordo ou discordo, independentemente disso, "mas olhe, tomou-se esta atitude por esta ou por aquela razão!". O estágio é uma aprendizagem absoluta num contexto de trabalho que a estagiária antes não conhece, portanto se nós poderemos explicar o porquê até... independentemente da estagiária depois dizer "desculpe mas não concordo, porque mesmo neste contexto eu fazia doutra maneira". Ora não podemos fazer juízos, portanto, fazer avaliações sem perceber o porquê e para perceber o porquê temos que abrir, temos que confrontar, temos que explicar, temos que dizer o que é que não gostamos e aí é que pode haver defesa pessoal, um explicar, uma troca, uma partilha e conseqüentemente uma aprendizagem porque se não for assim não há! E eu liguei isto exactamente a esta, pronto o não termos a explicação toda, se calhar às vezes vamos ... devia ter dito isto para ouvir o resto, mas também é muito importante o papel do professor que acompanha, porque se fosse um professor com uma moderação diferente se calhar haviam coisas que não tinham sido discutidas, debatidas e aprofundadas como foram! Independentemente da questão de poder jogar com a sensibilidade de cada um e ter que haver algum cuidado, pronto, depois são os feitos, mas isso já é outra questão.

Só para terminar conseguem identificar alguns saberes adquiridos ao longo desta experiência?

Alice – Eu sendo muito possessiva e gostando de controlar absolutamente tudo à minha volta (risos) eu tenho que aprender forçosamente, e então tendo outra pessoa na sala, tenho que aprender a partilhar. Isto parece muito banal, mas para mim não é porque são os meus meninos, é a minha sala e ainda por cima... é tudo meu há muito pouco tempo... e eu sou muito mãe galinha. Sou assim com tudo e o ter ali outra pessoa, claro que é evidente que os meninos são sempre meus, mas são também então um bocadinho daquela pessoa que está ali e principalmente quando há actividades, por exemplo, naquele dia "um dia como educadora" eu ... eu tentei ficar por detrás da câmara e não intervir, mas é uma aprendizagem o saber partilhar, saber partilhar o grupo, partilhar o poder que é uma aprendizagem que tive que fazer também com as crianças e todos os dias, o saber aceitar, como eu dizia no principio, o saber aceitar a ajuda também me é um bocadinho difícil. Na vida de uma educadora de infância existem estas duas características são muito importante o partilhar e o aceitar, saber aceitar a ajuda, a opinião, enfim mais a ajuda do outro e faze-lo com naturalidade, foram estas duas aprendizagens que eu fiz, quer dizer as que eu considero mais importantes; outras haverão que...

Laura – Eu estou completamente de acordo com isso, é importante saber partilhar, saber aceitar, saber respeitar o ponto de vista do outro, porque quer a gente queira ou não vai estar sempre a pensar, realmente "ela tem razão quando disse aquilo, talvez seja possível, mas por outro lado é capaz de não ter, claro amanhã vamos conversar!". Mas aqui também realço a importância de saber

partilhar o que está à nossa volta, o dar espaço, que é uma coisa que eu às vezes tenho dificuldade... de dar espaço ao outro, não tanto no trabalho, mas na palavra... nota-se?

(Gargalhada)

Laura – É às vezes tenho que me controlar porque o bichinho está a mexer e eu tenho que meter a colherada e isso acontece às vezes, eu sinto, no grande grupo, portanto, ahm. E por isso é que eu às vezes levanto-me e dou meia volta para haver um espaço, quando não há outra forma de fazer, às vezes tento conter-me para não falar para serem os outros, mas pronto... por um lado também acho que é um contributo, portanto é o saber... e isto é que é uma grande aprendizagem, é o saber controlar o tempo e o espaço, porque às vezes também é importante nós não nos levantarmos e não sairmos e darmos uma palavrinha no momento certo e na altura certa até para ajudar e tal, não é o afastar para... mas é o conseguirmos estar ao pé conseguindo respeitar o espaço do outro e o nosso espaço em termos de tempo, em termos de intervenção, em termos de espaço físico e depois eu penso que a partilha é uma grande aprendizagem sempre e estarmos atentas a algumas mensagens que as estagiárias nos deixam e elas também estão numa aprendizagem constante e tudo o que elas nos levam é muito bem aceite porque nós já vamos ficando um bocadinho velhotas se não tivermos estas reciclagens e no fundo estes contactos, não é? Vamos perdendo bastante, não ganhamos nada com isso...

Alice – É precisamente isso, o facto da aprendizagem que elas estão a fazer ser consciente ... As alunas estão conscientes de que estão a aprender e nós já não estamos assim tão conscientes ou pelo menos as aprendizagens diluem-se mais no dia a dia e nós estamos concentradas noutras coisas...

Laura – Mas o que é importante...

Alice – E trazem-nos essa consciência de que de novo estamos a aprender e sempre, e então...

Laura – De facto por se ser educadora não se sabe tudo, não se sabe nada, não se sabe quase nada ...

(Gargalhada)

Alice – É verdade....

Laura – De facto por sermos educadores não podemos pensar que sabemos tudo, que somos detentores do saber, que já aprendemos tudo, que também já aprendemos isso, não é nada disso, não é absolutamente nada disso...

Inês – No meu caso para além do saber partilhar e sobretudo o deixar que me ajudem e também ser mais paciente porque eu sou muito impaciente e... mas acho que desde o ano passado eu sou mais paciente, mas ao mesmo tempo não quero correr o risco de ser paciente e acomodar-me a ser paciente e de esperar, ser paciente no sentido de compreender e não julgar...

Maria – Eu acho que já está tudo dito, mas agora que falaste na ... no ser paciente, eu acho que para mim foi mais a ansiedade, aprendi a saber controlar a minha ansiedade porque eu antes de ir para o estágio eu era uma pessoa (risos) eu era uma confusão cá dentro... e agora?... E agora como é que vai ser? ...

Laura – Como é que pode ser?

Maria – Eu acho que sou muito ansiosa a fazer certas coisas.

Laura – A ansiedade é inimiga da segurança. Tu começas a ficar mais segura, estás menos ansiosa...

Maria – Se calhar é mesmo isso, é mesmo assim.

Laura – Sempre que nos sentimos mais seguras... eu lembro-me das minhas primeiras reuniões de pais em que eu tinha dores de barriga...porque é uma aprendizagem que se vai fazendo... é os anos... é a maneira de fazer, é pais que conhecemos e as coisas ...

Maria – Eu agora sinto, mesmo agora para o fim com os trabalhos e tudo já andava nas calmas, já não andava naquele estado de ansiedade e agora? Já estava mais calma, não sei...

Laura – E tem a ver com a continuidade, se fizermos as coisas muitas vezes, as coisas vão...

Maria – Se calhar foi isso...

Alice – Em relação ao que a Inês referiu, eu só queria dizer, que pelo facto de nós estarmos mais pacientes, não quer dizer que deixemos de nos inquietar, não é? Se formos pacientes, mas inquietos, então, óptimo!

Muito obrigada pela vossa colaboração e pela vossa disponibilidade.

Anexo 11

(Grelha de análise de conteúdo da informação recolhida)

Tema: Práticas de supervisão

Categorias	Sub-categorias	Unidades de sentido
A. Intervenção no acto educativo	1. Planeamento da acção educativa	<i>... Nós planeávamos as actividades e depois eu ia intervindo na sala... (Entrevista Estudante Marta)</i>
	2. Organização da intervenção	<i>... quando tinha oportunidade de ser eu a dirigir uma actividade, uma situação... então fazia à minha maneira, da maneira que eu achava mais correcta, mesmo que as auxiliares não gostassem ou não concordassem. Depois falava com a educadora sobre a forma como tinha gerido as situações (Entrevista Estudante Maria)</i>
	3. Autonomia na intervenção	<i>... ela geriu o grupo, eu fui lá espreitar duas ou três vezes e fui-me retirando e ela geriu perfeitamente o grupo, teve um bocadinho aflita... se eu tivesse percebido que ela estava muito atrapalhada teria ido buscar pessoas a outra área para a apoiar ... se ela tivesse exteriorizado essa aflição eu nunca a teria deixado sozinha, decerto que eu teria deixado tudo e teria ido para o pé dela ou tinha ido buscar outra pessoa, mas eu pensei que como era um confronto com a realidade que lhe faria muito bem e fez! Eu acho que a partir dali ela assumiu o grupo de uma forma completamente diferente. (Entrevista Educadora Laura)</i>
	4. Funções atribuídas aos estudantes	<i>... trabalhávamos muito em conjunto e... a Ana [ajudante de acção educativa] ensinou-me muitas coisas que eu não sabia, coisas do fazer, materiais, ensinou-me muitas coisas, conversávamos muito sobre perspectivas de fazer ... a Ana apoiava-me mais no fazer, a Sara [educadora de infância cooperante] apoiava-me mais no ser... (Entrevista Estudante Filipe)</i>
	5. Papel dos estudantes	<i>... eu considero o papel da estagiária difícil e sobretudo quando nós não conseguimos conciliar o nosso papel com a nossa personalidade, ou temos dificuldade em saber gerir isso e eu tive essa dificuldade na primeira semana, mas creio que depois foi ultrapassado e consegui, conseguimos um bom resultado... (Entrevista Estudante Inês)</i>

(cont. Tema: Práticas de supervisão)

B. Relação com os diferentes intervenientes no acto educativo	1. Adulto-Adulto	<i>... estabeleceu-se de facto uma relação recíproca de troca e isto ajudou muito, isto é muito importante a presença da estagiária "obriga-nos" a parar a reflectir, porque se ela não está reflectimos apenas com a auxiliar, que é muito importante, mas também é muito diferente, a troca de saberes que se faz entre educadora e estagiária é recíproca e é muito rica, ajuda-nos a crescer mutuamente. (Entrevista Educadora Alice)</i>
	2. Adulto-Criança	<i>... a possibilidade de ter gerido o grande grupo foi para mim um momento desafiador, onde pus à prova a dinâmica, o imprevisto e a segurança. Contudo, o grupo de crianças também teve uma atitude muito favorável, pois quando eu não sabia (...) ensinavam-me e explicavam-me todos os passos. Tentei ser mais um elemento do grupo, onde aprendi muito. Este foi um momento muito importante no meu estágio. Senti a dimensão da coesão interna que é necessário assumir. (Reg. P. P. Estudante Dulce)</i>
	2. Equipa de sala	<i>... eu sentir que fazia parte do trabalho de equipa foi fundamental mesmo. Para mim foi muito importante, não sei se eu consegui fazer ou demonstrar à equipa ... (Entrevista Estudante Inês)</i>
	3. Equipa institucional	<i>... durante o estágio ... tornou-se um bocadinho difícil gerir, conseguir integrar, por exemplo, integrar nas actividades ... não consegui integrar as pessoas todas da instituição, porque eram muitas (Entrevista Estudante Maria) ...</i>
	4. Pais	<i>...foi importante para a minha formação ter tido oportunidade de observar a interacção das famílias na rotina da sala de jardim de infância. (Reg. P. P. Estudante Dulce)</i>
	5. Comunidade	<i>... as saídas e os contactos já estavam agendados, mas se não estivessem com certeza que teríamos o cuidado de podermos planear algumas actividades em que ela não estivesse apenas só na sala, não foi preciso planear propositadamente mas eu penso que há sempre que ter esse cuidado, não é? Penso que é importante para elas o trabalho delas não se cingir apenas à sala, mas também acho que é importante para elas perceberem que não é difícil, que se pode fazer e que é fácil de fazer e que é importante o exterior e que é importante conhecer a comunidade ... (Educadora Laura)</i>
6. Outros estudantes	<i>... tentei dar o máximo apoio à minha colega, tentei que esta tivesse espaço e oportunidade de intervir com o grupo.... Sem dúvida que o trabalho de equipa é uma das bases para a funcionalidade da educação. (Reg. P. P. Estudante Dulce)</i>	

(cont. Tema: Práticas de supervisão)

<p>C. Avaliação do acto educativo</p>	<p>1. Auto-reflexão</p> <p>2. Hetero-reflexão</p> <p>3. Meta-reflexão</p>	<p><i>Sinto algum desinteresse na Marta, depois de todo este tempo ainda deixa as coisas correrem sem agir. A nossa "magia de ser Educadoras" tem que despertar no estágio e crescer ao longo da vida. Tenho que reflectir como transmitir este meu sentir à Marta. (Reg. P. P. Educ. Lúcia)</i></p> <p><i>... termos diariamente um momento para conversar foi fundamental e depois a relação que se estabeleceu, não era apenas de educadora-estagiária, era também de uma pessoa para uma pessoa e mais tarde de uma amiga para uma amiga, porque as conversas surgiam na rua, no café e isso a mim deu-me bastante confiança e segurança, para a minha personalidade, para a minha maneira de ser foi fundamental. Nós reuníamos diariamente as duas, depois tínhamos reuniões semanais com a equipa da sala.... (Entrevista Estudante Inês)</i></p> <p><i>a minha reflexão individual ... era uma reflexão da reflexão. Às vezes acontecia que quando estava em casa a reflectir sobre o reflectido lembrava-me de qualquer coisa que gostava de ter dito mas que não disse (...) eu pensava em casa, fazia a minha reflexão, não a punha por escrito e na conversa do dia seguinte eu colocava a questão e discutíamos sobre ela. Mas as reflexões individuais foram essencialmente uma reflexão do que tínhamos conversado. Era uma forma de eu ajustar o meu saber ao meu fazer, ou seja, eu reflectia sobre o que tinha feito e depois reflectia sobre a reflexão do que tinha feito e era deste modo que eu ia construindo e reconstruindo a minha acção naquela sala, naquele grupo, naquela equipa... eu tinha que ser eu mesmo, mas para isso necessitava de perceber em que é que aquela equipa acreditava e em que é que eu acreditava. Era uma forma de eu pensar sobre o já pensado (Entrevista Estudante Filipe)</i></p>
---------------------------------------	---	--

Tema: Espaço Institucional

Categorias	Sub-categorias	Unidades de sentido
A. Dinâmica institucional	<p>1. Inserção na vida da instituição</p> <p>2. Organização espacial das práticas</p> <p>3. Organização temporal das práticas</p>	<p>... o trabalho do educador não passa só por estar na sala, nem é relacionado só com a auxiliar, há todo um trabalho paralelo a isso, eu sempre que tinha um trabalho para realizar fora da sala "arrastava-a" comigo. Ela assistiu a todas as reuniões porque considerei importante que ela participasse em toda a vida da instituição, que ela percebesse que ser educadora de infância é mais do que ter um grupo de crianças é desenvolver um trabalho muito interessante no exterior das nossas quatro paredes, é falar com os técnicos de apoio a crianças que estão integradas, é reunir com o pessoal, é programar, é avaliar, é repensar a nossa acção, é partilhar, é inovar... sei lá é tudo isto e ela só poderia perceber toda esta dinâmica se estivesse ao meu lado, se partilhasse comigo estas "tarefas", não no sentido de me desresponsabilizar e ser ela a responsável,...era para ela estar a par de tudo, estar por dentro de todo o trabalho (Entrevista Educadora Alice)</p> <p>... participei em actividades em todos os espaços que eram utilizados pelo grupo... (Entrevista Estudante Filipe)</p> <p>... era uma forma de aproveitamento do tempo, nós íamos ao café e podíamos falar das coisas mais diversas, dos nossos filhos, do cinema, de outra coisa qualquer, mas aproveitávamos essencialmente para falar do estágio, até porque como temos pouco tempo é um sitio onde as pessoas estão descontraídas, estão à vontade, começamos por falar de coisas nossas, pessoais e em pouco tempo, mesmo sem nos apercebermos, já estamos a conversar sobre o nosso trabalho, o jardim de infância, as crianças... (Educadora Laura)</p>

Tema: Metodologia de supervisão

Categories	Sub-categories	Unidades de sentido
A. Modelo de supervisão	1. Características	<i>Acho que a metodologia proposta é muito diversificada, ou seja, acho que foi pensada da melhor maneira possível, porque da forma como as práticas estão estruturadas ajudam-me a transmitir o que realizamos na prática, temos tempos para agir e tempos para reflectir, temos algumas "obrigações" para com os estudantes que eu acho que nos ajudam muito que é o termos que escrever, colocar no papel as nossas acções, mas também as nossas dúvidas e as nossas certezas... por isso eu acho que a metodologia proposta assenta muito no nosso desempenho e na forma como os estudantes se apropriam da forma como trabalhamos, depois a equipa de docentes que os acompanha também nos dá algum apoio. Agora eu tive dificuldade em fazer isso... em pôr no papel e ele também, não vou dizer que não tive, não pelo que foi proposto que eu acho que está correcto, é o mais correcto possível... mas eu não consegui... (Entrevista Educadora Sara)</i>
	2. Organização das práticas pedagógicas	<i>... o tempo é curto, sei lá acho que o estágio devia ser um pouco mais prolongado... quando eu começo a ficar a conhecer mesmo a instituição, o grupo, a educadora... é tempo de me vir embora... o tempo é mesmo muito curto. (Entrevista Estudante Marta)</i>
	3. Trocas institucionais	<i>... é importante existir a semana de trocas, acho que ganhei muito nesta semana ... porque passei de uma IPSS para a Rede Pública e aprendi outras coisas e vi outras formas de trabalhar ... (Entrevista Estudante Filipe)</i>
	4. Trabalhos académicos	<i>Durante o estágio, os trabalhos que eu fui realizando, fui sempre mostrando e partilhando com a Alice aquilo que pensava fazer e a Alice dava sugestões, umas eu aceitava, outras não... o dossier foi uma partilha mútua, o projecto de investigação também, ... eu acho que foram trabalhos muito realizados em comum e acho que o resultado está à vista, é um resultado das duas, as aprendizagens foram muitas, eu consegui aprender muito com a realização destes trabalhos e com a partilha da educadora que me ajudou muito ... (Entrevista Estudante Inês)</i>
	5. Alternância teoria-prática	<i>... acho que é importante termos a teoria, porque nós vamos ver na prática coisas que aprendemos... vamos utilizar alguns dos conhecimentos na prática... é como se houvessem uma confirmação das coisas que aprendemos na teoria, mas há muitas coisas que nós perdemos... mas eu acho que é importante... agora que penso nisso acho que aprendemos melhor assim, só que durante o tempo de estágio nós só queremos é estar com as crianças e as aulas roubam-nos esses tempos. (Entrevista Estudante Marta)</i>

(cont. Tema: Metodologia de supervisão)

<p>(cont.) A. Modelo de supervisão</p>	<p>6. Sessões de reflexão das práticas pedagógicas</p>	<p><i>As reflexões na escola eram sempre sobre o que nós fazíamos, as reflexões eram principalmente sobre o que os colegas diziam... e dava para ficar a pensar "se isto me acontecesse!", sei lá acho que era interessante. Podíamos falar sobre tudo, claro que muitas vezes os temas que nos eram propostos não eram aqueles que eu tinha mais necessidade, mas também nunca fui capaz de falar sobre isso....(Entrevista Estudante Marta)</i></p>
<p>B. Supervisores</p>	<p>1. Características do acompanhamento das práticas pedagógicas</p> <p>2. Funções das educadoras de infância cooperantes</p> <p>3. Papel desempenhado pelas educadoras de infância cooperantes</p>	<p><i>A professora entrava na sala, nunca esteve muito tempo na sala, ... participava sempre, tanto quanto possível na vida da sala, no que estava a acontecer naquele momento e no momento oportuno eu, o estagiário, a docente e a cooperante íamos para fazer a nossa reflexão, sublinho só no momento oportuno porque nunca aconteceu nós interrompermos... nunca foi interrompido nada para irmos reflectir... a vida da sala continuava e depois procurávamos um espaço para reunir... (Entrevista Estudante Filipe)</i></p> <p><i>... ser educadora cooperante, é perceber as características daquela pessoa que temos à nossa frente, que partilha o nosso espaço e tentar o comportamento que à partida é padrão, que é o cooperar e tentar adaptar-nos aquela pessoa. ... O meu papel foi essencialmente dar-lhe tempo, ao mesmo tempo ia-lhe mostrando que estava aberta a novas propostas, dando-lhe espaço para que se sentisse segura para poder avançar. (Entrevista Educadora Alice)</i></p> <p><i>... encaro esta função como uma grande responsabilidade. Tenho a responsabilidade de ajudar as pessoas que estão ali comigo e de me deixar ajudar, o que às vezes não é tão fácil, deixar que nos ajudem. (Entrevista Educadora Alice)</i></p>

Tema: Saberes profissionais

Categorias	Unidades de sentido
A. Potencialidades	<i>O conflito interno que me assolou durante um grande período do estágio, eu “resolvi-o” com uma constante reflexão com a Alice (...) eu descobri que é possível deixar-me ajudar também, além disso acho que foi também tudo uma descoberta muito, muito pessoal e foi o reflectir, foi o pensar, foi o ir fazendo durante o estágio e de facto ser-se aceite pela equipa da sala e pelo próprio grupo de crianças que eu acho que também me ajudaram muito a conquistar cada etapa (Entrevista Estudante Inês).</i>
B. Dificuldades	<i>... em todos os tempos de grande grupo que foram geridos por mim neste estágio, tive sempre a sensação que o meu discurso não era o mais adequado para as crianças, ... eu sempre tive muita dificuldade, e ainda tenho, em me expor, tenho muita dificuldade em me expor a adultos, tenho alguma dificuldade em me expor às crianças porque quero muito que elas me percebam ... e às vezes sei que não o faço da melhor maneira e a educadora chamou-me a atenção para isso para ... a minha grande dificuldade foi gerir os tempos, ser eu a gerir os tempos de grande grupo. Tenho consciência de que faço de facto muitas pausas quando estou a falar e isso, ... eu acho que nunca geri nenhum tempo de círculo sem que a Sara tivesse que intervir (Entrevista Estudante Filipe).</i>
C. Saberes adquiridos	<i>Este estágio foi muito relevante para o meu percurso pessoal e profissional. A maneira de ser da educadora, a maneira de trabalhar... sei lá ... acho que aprendi muita coisa (...) Eu cresci muito enquanto pessoa e enquanto profissional neste estágio. A forma de lidar com as crianças e com os adultos... tudo... eu aprendi muito (Entrevista Estudante Marta).</i>

Anexo 12

(Síntese dos conteúdos dos dossiês de estágio dos estudantes)

Dossiê de estágio da estudante Maria

- "A prática no Jardim de Infância da Beira": Caracterização da instituição; "Fichas": Presenças, avaliação/planificação das práticas, reflexão cooperada sobre as práticas; "Dias" (reflexão sobre alguns dias especiais); planificação de um dia no jardim de infância da beira (planificação, avaliação e registos das crianças); Canções; Poesias; Desenhos oferecidos pelas crianças; Para mais tarde recordar (registos fotográficos);
- "A prática no jardim de infância do Corvo" : Breve caracterização da instituição; "Fichas": Presenças; avaliação/planificação das práticas; reflexão cooperada sobre as práticas; "Dias" (reflexão a semana de Trocas institucionais); Canções; Desenhos oferecidos pelas crianças; Para mais tarde recordar (registos fotográficos);
- Reflexões: Modelo curricular; O trabalho de equipa; As atitudes dos adultos na sala; Trabalho com as famílias; Trabalho com a comunidade; A importância da literatura; A semana de trocas – a rotina; A sala de teatro/espectáculos;
- Observações;
- Avaliação: auto-avaliação e hetero-avaliação;
- Anexos:
 1. Programa da disciplina de Prática Pedagógica e Seminário de acompanhamento II;
 2. Documento orientador da prática pedagógica em jardim de infância;
 3. Colocações na prática de jardim de infância;
 4. Colocações na semana das trocas;
 5. - 12. Artigos de revistas sobre diferentes temáticas;
 13. Caracterização do grupo de crianças (trabalho realizado pelas crianças);
 14. Prenda oferecida pelo grupo de crianças (caderno com mensagens e desenhos produzidos pelas crianças)

Dossiê de estágio da estudante Dulce

- Um pouco de mim (breve descrição da vida da estudante até entrar para a ESE Set. e os dois primeiros anos do curso);
- Prática Pedagógica: reflexões cooperadas com a educadora (com ilustração fotográfica); o planeamento semanal;
- Um dia como educadora (planeamento e auto e hetero avaliação);
- Trocas institucionais (inclui o projecto pedagógico de sala; desenhos e canções);
- Autoavaliação;
- Registo de presenças;
- A disciplina de PPSA II: programa; documento orientador da prática pedagógica; Documento com as Linhas orientadoras para a caracterização do espaço educativo de uma sala de jardim de infância; trocas institucionais; dossiê de estágio; auto-avaliação;
- Artigos de revistas.

Dossiê de estágio do estudante Filipe

- Documentos de estágio: Registos de presenças; avaliação/planificação das práticas; reflexão cooperada sobre as práticas; reflexão cooperada das visitas à prática (estagiário, educadora cooperante e docente);
- "As estrelinhas" (caracterização do grupo de crianças);
- Um dia como educador (planificação, avaliação e registos das crianças)
- "Fomos notícia" (recortes de jornais sobre a instituição);
- "Festival da canção" (registos de canções);
- "Façam-se ouvir" (registos escritos das crianças);
- "Por amor à arte" (desenhos produzidos pelas crianças);
- "Para mais tarde recordar" (registos fotográficos);
- Trocas institucionais: Registo de presenças; avaliação/planificação das práticas; reflexão cooperada sobre as práticas; caderno de recordações (oferecido pelo grupo de crianças); fotografias;
- Observações;
- Avaliação: autoavaliação e hetero-avaliação.

Dossiê de estágio da estudante Marta

- Antes de começar o estágio;
- Caracterização do jardim de infância nº 1;
- "Os «meus» meninos" (apresentação do grupo de crianças);
- "Fichas": Presenças, avaliação/planificação das práticas, reflexão cooperada sobre as práticas;
- 1º Momento de estágio: os dias no jardim de infância (diário do estágio);
- 2º Momento de estágio: os dias no jardim de infância (diário do estágio) inclui o relatório das trocas institucionais, desenhos produzidos pelas crianças e registos fotográficos;
- Planeamento de um dia;
- Situações observadas;
- Reflexões: Opções pedagógicas; Breve história sobre a educação em Portugal; Trabalho com a família; Trabalho com a comunidade; O teatro e a criança; A música e a criança; As histórias e a criança; Reflexão sobre a importância da disciplina de infância e literatura; Como os adultos se relacionam com as crianças?; Como é feito o trabalho de equipa (relação adulto-adulto)?; Como se relacionam as crianças entre si?;
- Algumas recordações (registos fotográficos; registos escritos produzidos pelas crianças; autorizações dos pais para os registos fotográficos);
- Músicas que aprendi (registos de canções);
- "Histórias contadas" (registos de histórias),
- Desenhos oferecidos pelas crianças;
- Artigos de revistas sobre diferentes temáticas;
- Artigos fornecidos pela educadora: Projecto educativo de estabelecimento; regulamento da instituição;
- Considerações finais;
- Bibliografia.

Dossiê de estágio da estudante Inês

- Ficha de caracterização da ARTE: registos de presenças, planeamento semanal e grelhas de reflexão cooperada: estudante – educadora;
- Trocas institucionais: registos de presenças, planeamento semanal; grelha de reflexão cooperada: estudante – educadora; breve olhar pelas trocas institucionais;
- Reflexões individuais: reflexões semanais e diárias; “Ser educadora por um dia...”; “Tempo de recordar /rever”; “Hetero-avaliação – apresentação de “Ser educadora por um dia...”; “O findar do princípio de uma longa caminhada”; Representação gráfico infantil”; Literacia emergente; Articulação com o 1º ciclo do ensino básico; Relação educadora cooperante – estudante em formação inicial”; Auto-avaliação; Considerações finais e perspectivas futuras”;
- Grelhas de registo: Processo “planear-fazer-rever”; grelha de observação; interacção adulto-criança; interacção criança-criança; interacção adulto-adulto; interacção estudante em formação-criança; interacção educadora cooperante-estudante em formação; ficha de apoio ao educador;
- Documentos: artigos de revistas; puzzle (ilustrado pelas crianças); histórias contadas pelas crianças; poesia; entrevistas às educadoras;
- Artigos cedidos pela educadora e seus comentários;
- Bibliografia;
- Anexos:
 1. Fotografias;
 2. Representações gráficas das crianças;
 3. Músicas da sala;
 4. Jogos para rir e divertir;
 5. Actividade: pano pintado – trocas institucionais.

Faculdade de Psicologia
e Ciências da Educação
Universidade de Lisboa
BIBLIOTECA